

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

DANIELLE MATOS CORREIA RIBEIRO

**ORDEM DE CONSTITUINTES NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UM
ESTUDO DA SINALIZAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS EM ESTÁGIOS DE
AQUISIÇÃO, FILHOS OUVINTES DE PAIS SURDOS (FOPAS) E SURDOS
ADULTOS**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2023

DANIELLE MATOS CORREIA RIBEIRO

**ORDEM DE CONSTITUINTES NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UM
ESTUDO DA SINALIZAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS EM ESTÁGIOS DE
AQUISIÇÃO, FILHOS OUVINTES DE PAIS SURDOS (FOPAS) E SURDOS
ADULTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem Típica e Atípica

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2023

R37o	Ribeiro, Danielle Matos Correia. Ordem de constituintes na Língua Brasileira de Sinais: um estudo da sinalização de crianças surdas em estágios de aquisição, filhos e ouvintes de pais surdos (FOPAS) e surdos adultos. / Danielle Matos Correia Ribeiro; orientador: Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira. – Vitória da Conquista, 2023. 228f. Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023. Inclui referência F. 217 – 227x. 1. Língua Brasileira de Sinais – Sintaxe da Libras. 2. Aquisição da linguagem. 3. Sentenças lineares e simultâneas. 4. Ordem de constituintes. 5. Surdos e ouvintes. I. Lessa-de-Oliveira, Adriana Stella Cardoso (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III CDD: 371.912
------	---

Catálogo na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção — CRB 5/1890*
UESB – *Campus* Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Order of constituents in brazilian sign language: a study of the signaling of deaf children in stages of acquisition, hearing children of deaf parents (FOPAS) and deaf adults.

Palavras-chave em inglês: Language acquisition. Libras syntax. Linear and simultaneous sentences. Constituent order. Deaf and hearing.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira (presidente – orientadora); Profa. Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia (UESB), Profa. Dra. Heloisa Maria M. Lima de A. Salles (UnB) – Membros Titulares

Data da defesa: 18 de dezembro de 2023.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/4711180496472141>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-9689-1404>

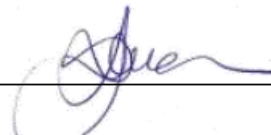
DANIELLE MATOS CORREIA RIBEIRO

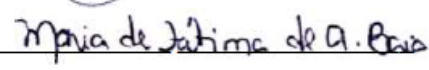
**ORDEM DE CONSTITUINTES NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UM
ESTUDO DA SINALIZAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS EM ESTÁGIOS DE
AQUISIÇÃO, FILHOS OUVINTES DE PAIS SURDOS (FOPAS) E SURDOS
ADULTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 18 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira Ass.: 
Instituição: UESB – Presidente-Orientadora

Profa. Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia Ass.: 
Instituição: UESB – Membro Titular

Profa. Dra. Heloisa Maria Moreira Lima Salles Ass.: 
Instituição: UnB – Membro Titular

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter me dado a oportunidade de realizar esta pesquisa, que foi um presente vindo do alto. Meu coração transborda gratidão a Ele porque, entre tantas coisas que essa pesquisa me proporcionou, pude reencontrar pessoas queridas que não via há muito tempo, fazer novas amizades, estreitar laços que já existiam. Pude conhecer a história de pessoas lindas, guerreiras, lutadoras, que conquistaram um lugar todo especial em minha vida e me tocaram profundamente com suas vivências. Compreendi melhor os surdos, suas particularidades e formas tão distintas e incríveis de ver e compreender o mundo. Aprendi mais sobre a Libras, essa língua tão encantadora, repleta de riqueza e singularidade, que me arrebatou desde nosso primeiro encontro. Gratidão, Pai, pela minha existência e por poder compartilhar Sua graça e vida.

Agradeço a todos que estiveram envolvidos nesta pesquisa, desde a sua idealização, enquanto escrevia o projeto, até o presente momento, enquanto escrevo essas linhas que expressam minha gratidão. Essa pesquisa me fez amar ainda mais os surdos, a Libras e as línguas de sinais. Ela me fez levantar questionamentos, me instigou a buscar respostas, me fez vibrar a cada descoberta, despertando em mim mais admiração e desejo de saber mais sobre essas línguas que se manifestam através das mãos com tanta beleza, tanta força e singeleza, movendo-se no espaço e sendo percebidas pela visualização. Por meio dessa pesquisa tive a oportunidade de conhecer um pouco sobre outras línguas de sinais, enquanto buscava fontes que tinham o mesmo objeto de estudo. Pude me reconectar com a língua de sinais uruguaia (LSU) e com sinalizantes dessa língua, que tive a oportunidade de conhecer em um período maravilhoso da minha vida.

À minha família, me faltam palavras para expressar o quanto os amo e o quanto sou grata a Deus pela vida de cada um deles. Ao meu companheiro de vida, que compartilhou comigo cada passo dado nesta pesquisa, me apoiando em todo o tempo na produção de materiais (gravação de vídeos, fotografias), na coleta das amostras, sendo minha escuta e contribuindo com seus conhecimentos em momentos tão relevantes. Gratidão! Às minhas filhas, pedras preciosas, Aiana e Amaya, que sentiram tanto minha ausência, quando precisei estar mergulhada nos estudos e em tudo que a pesquisa envolveu, mas souberam me compreender, me apoiar e estar ao meu lado. Obrigada! Meu amor por vocês é incondicional! Ao meu irmão mais novo, que torceu por mim e me estimulou, trazendo palavras de afirmação e confiança. Obrigada! À minha mãe, que não se encontra mais nesse plano, mas sei que, se ainda estivesse aqui, permaneceria ao meu lado, me apoiando em todo o tempo. Trago em mim muitas marcas

dos seus ensinamentos, do seu amor e entrega a nós, sua família. Sinto sua presença ao meu lado, mesmo não estando fisicamente comigo. Ao meu pai, agradeço pela herança que se manifesta em um dom tão lindo, que me cativa tanto, que é a facilidade e o desejo de adquirir línguas. Gratidão, pai, por esse presente que me foi dado por Deus através de você e por todo esforço e abdicação de tantas coisas em prol dos meus estudos e da minha formação.

Aos informantes que participaram desta pesquisa, aos meus amigos surdos de tantos anos, outros que pude conhecer enquanto realizava a coleta de amostras; aos filhos ouvintes de pais surdos, que contribuíram doando seu tempo e sua disposição; a cada criança surda que me encantou e me encheu de alegria, colocando o “fôfurômetro” do meu coração lá nas alturas, toda minha gratidão. Sem a presença de vocês esta pesquisa não seria possível. Foi um presente sagrado, divino, poder estar com vocês, conhecer suas histórias e suas experiências, que me fizeram sorrir, em outros momentos chorar, em cada partilha. Vocês e suas lutas me trouxeram mais engajamento com a comunidade surda, fortaleceram o meu amor pelo povo Surdo, por sua cultura e sua língua. Finalizo esta pesquisa ainda mais apaixonada pelos surdos, pela Libras e pelas línguas de sinais. Nunca se esqueçam do quanto vocês são especiais e capazes de qualquer coisa que desejarem. Sonhem sempre, sonhem alto, com fé e força, em liberdade, e sigam lutando por novas conquistas. Desejo que estejamos sempre juntos, enquanto existirmos, enquanto houver fôlego de vida em nós.

À minha orientadora, a querida professora Adriana Lessa-de-Oliveira, não conseguiria expressar com palavras, nem por elas definir o quanto sou grata a Deus por tê-la colocado em meu caminho. Foi um lindo e desejado presente do Pai ter a professora Adriana como orientadora. Não creio que haveria outra pessoa, tão especial quanto ela, para ocupar esse lugar em minha vida. Acredito que esse encontro estava marcado. Meu coração sempre será grato, pró, por toda partilha de conhecimentos, todo apoio, cuidado, carinho e paciência. Gratidão por sua disposição e disponibilidade em me orientar, por me ouvir com tanta atenção e refletir comigo quando compartilhei descobertas, por ser alento nos momentos de dúvidas e incertezas, por acreditar que tudo daria certo. A senhora é uma gigante, pró, dona de uma linda inteligência. Sua humildade, seu jeito de ser e ensinar, sua forma de acolher seus alunos me ensinam muito. Estou super feliz porque, como dizem alguns colegas do programa, agora tenho uma ‘mãe acadêmica’ (risos).

Às minhas queridas amigas Carine, Ione, Émile, Sátilla, Dulci, agradeço demais por todo incentivo e apoio, por cada momento compartilhado. Aprendi e sigo aprendendo muito com vocês. Aos demais colegas, aqueles que conheci durante as aulas e os outros que já conhecia e pude estreitar os laços fraternos, muito obrigada por todo acolhimento e carinho. A todos aqueles que

contribuíram com essa pesquisa, aos pais e mães das crianças surdas, aos que não me conheciam e mesmo assim abriram o coração para contribuir com este trabalho, me receberam e acolheram com tanto carinho e respeito: gratidão!

Aos membros da banca de qualificação, Profa. Desirée Begrow e Profa. Maria de Fátima, meu coração é todo gratidão a vocês, pelo carinho e respeito que demonstraram por este trabalho. Obrigada por cada palavra de incentivo, por me mostrarem novas possibilidades e caminhos, pelo olhar atento e cuidadoso na leitura. Com toda certeza este trabalho se tornou melhor após as contribuições de vocês.

Aos membros da banca de defesa, professoras Maria de Fátima e Heloisa Salles, agradeço imensamente a vocês por todas as provocações e contribuições que fizeram para este trabalho. Obrigada pela leitura cuidadosa, por trazer pontos e questões importantes que precisavam ser revistos e que me levaram a novas reflexões.

Agradeço à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela maravilhosa oportunidade que tive de ser parte deste programa, que me fez amar ainda mais as línguas, suas histórias e tudo que as envolve.

Aos professores do PPGLin, muito obrigada! Ao professor Jorge Viana, meu carinho e gratidão por me fazer compreender tantas questões com as quais me deparei anteriormente e não consegui entender com profundidade. Sua forma de ensinar despertou em mim muita curiosidade e desejo de saber mais. À professora Vera Pacheco, agradeço de coração por me fazer sentir tão acolhida no programa. Suas aulas foram maravilhosas, pró, divertidas e cheias de conhecimento. À professora Carla, muito obrigada por partilhar seus conhecimentos conosco, pela mansidão e sabedoria em nos explicar cada conteúdo da sua disciplina.

Gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB. Aos funcionários do PPGLin, Vanêide, Luciana e demais, gratidão por sempre me manterem informada, apoiando em tudo aquilo que era importante e que estava acontecendo no programa.

Não sei

Não sei se a vida é curta ou longa para nós,
mas sei que nada do que vivemos tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas.
Muitas vezes basta ser: colo que acolhe,
braço que envolve, palavra que conforta,
silêncio que respeita, alegria que contagia,
lágrima que corre, olhar que acaricia,
desejo que sacia, amor que promove.
E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela não seja
nem curta, nem longa demais,
mas que seja intensa, verdadeira,
pura enquanto durar.
Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina.

Cora Coralina

RESUMO

A sintaxe espacial da língua brasileira de sinais (Libras) possibilita que relações gramaticais sejam estabelecidas no espaço de sinalização de diferentes maneiras. Nesse sentido, encontramos sentenças lineares, nas quais os constituintes se organizam sequencialmente; e construções simultâneas, nas quais os constituintes se organizam ao mesmo tempo. Os estudos de Felipe (1989), Ferreira-Brito (1995), Quadros (1999), Quadros e Karnopp (2004), Pizzio (2006), Quadros (2019), Royer (2019), e outros, assumem que SVO (Sujeito-Verbo-Objeto) é a ordem de constituintes básica nas sentenças da Libras. Lira (2014) verificou que, em verbos com concordância e sem concordância, essa ordem é a mais frequente na Libras. A ordem SVO apresenta certa flexibilidade, podendo ser alterada por elementos e/ou mecanismos gramaticais presentes na sentença, como tipo de verbo, concordância e marcas não manuais, topicalização, foco, entre outros. Esta pesquisa, de caráter transversal e abordagem qualitativa e quantitativa, buscou investigar o fenômeno da ordem de constituintes nas sentenças da Libras, a partir da descrição tanto do sistema adulto quanto da aquisição, fundamentando-se na teoria gerativa e hipótese inatista de Chomsky (1995). Ademais, buscou ampliar a base de dados e avançar nas discussões, trazendo um procedimento experimental com controle de certas variáveis – período e estágio de aquisição, oralização e perfil dos pais dos informantes –, no intuito de verificar se elas poderiam determinar diferenças nas ordens de constituintes, e na frequência com que as ordens ocorrem. Dessa maneira, elaboradas a partir de estudos previamente estabelecidos e verificados, assumimos as seguintes hipóteses: (I) As ordens de constituintes nas sentenças da Libras, bem como a frequência com que elas ocorrem, tendem a ser diversificadas, a depender de variáveis e fatores específicos como período e estágio de aquisição, oralização e perfil dos pais (surdos ou ouvintes); e de elementos e/ou mecanismos gramaticais como contextos sintáticos envolvendo tipos de verbos, concordância, presença ou não de topicalização e foco, entre outros; (II) Em determinadas construções na Libras, como aquelas que envolvem simultaneidade com presença ou não de simetria e sincronismo nos articuladores manuais, é possível existir um mecanismo sintático de estruturação para além da ordem. Por meio de uma metodologia naturalística e experimental, a coleta de amostras foi realizada em *corpus* constituído de falas em Libras, gravadas em vídeo e por meio do recurso de gravação da plataforma virtual Zoom. Os sujeitos informantes da pesquisa foram crianças surdas em estágios de aquisição, filhos ouvintes de pais surdos, e surdos adultos. Os dados foram tratados e anotados, inicialmente, por meio do ELAN (*EUDICO Linguistic Annotator*) e, posteriormente, de forma manual. Utilizamos o sistema de escrita de Libras (Sel), desenvolvido

por Lessa-de-Oliveira (2012, 2023), para realizar a transcrição dos dados. Considerando as possibilidades de combinação de constituintes indicadas por Greenberg (1963), os resultados alcançados nos indicam que a ordem de constituintes nas sentenças da Libras é flexível, sendo SVO a ordem básica, e a mais frequente em nossos dados. As ordens SOV, OSV, VSO e VOS também foram identificadas, além de ordens com argumentos nulos, entre outras. Constatamos que as variáveis ‘período de aquisição’ e ‘perfil dos pais’ dos informantes parecem exercer influência na ordenação dos constituintes e na frequência com que as ordens ocorreram. Por outro lado, analisando o ‘estágio de aquisição’ e a ‘oralização’, percebemos distinção na frequência com que as ordens ocorreram. Nossos dados também parecem indicar que há elementos e mecanismos sintáticos como tipos de verbo, concordância, construções de tópico e foco, entre outros, que podem levar à flexibilidade ou não da ordem de constituintes nas sentenças da Libras. No tocante à determinadas construções, como aquelas envolvendo linearidade e simultaneidade coocorrendo no espaço de sinalização, aquelas nas quais se verifica a presença ou não simetria e sincronismo nos articuladores manuais, entre outras; nossos dados apontam para a existência de diferentes mecanismos sintáticos de estruturação, conforme discutiremos posteriormente, para além da ordem. Salientamos que, devido à complexidade e amplitude dos nossos objetivos, fazem-se necessárias outras investigações que possam aprofundar as questões discutidas.

PALAVRAS-CHAVE

Aquisição da linguagem; Sintaxe da Libras; Ordem de constituintes; Sentenças lineares e simultâneas; Surdos e ouvintes.

ABSTRACT

The spatial syntax of Brazilian Sign Language (Libras) allows grammatical relationships to be established in the sign space in different ways. In this sense, we find linear sentences, in which the constituents are organized sequentially; and simultaneous constructions, in which the constituents are organized at the same time. The studies by Felipe (1989), Ferreira-Brito (1995), Quadros (1999), Quadros and Karnopp (2004), Pizzio (2006), Quadros (2019), Royer (2019), and others, assume that SVO (Subject-Verb-Object) is the basic constituent order in Libras sentences. Lira (2014) found that, in verbs with and without agreement, this order is the most frequent in Libras. The SVO order has a certain flexibility and can be altered by grammatical elements and/or mechanisms present in the sentence, such as verb type, agreement and non-manual marks, topicalization, and focus, among others. This cross-sectional study, with a qualitative and quantitative approach, sought to investigate the phenomenon of constituent order in Libras sentences, from the description of both the adult system and acquisition, based on Chomsky's (1995) generative theory and innatist hypothesis. In addition, it sought to expand the database and advance discussions by introducing an experimental procedure with control of certain variables - period and stage of acquisition, organization, and the profile of the informants' parents - to see if they could determine differences in constituent orders and the frequency with which the orders occur. Thus, based on previously established and verified studies, we assumed the following hypotheses: (I) The orders of constituents in Libras sentences, as well as the frequency with which they occur, tend to be diverse, depending on specific variables and factors such as the period and stage of acquisition, realization and the profile of the parents (deaf or hearing); and grammatical elements and/or mechanisms such as syntactic contexts involving verb types, agreement, the presence or absence of topicalization and focus, among others; (II) In certain constructions in Libras, such as those involving simultaneity with or without the presence of symmetry and synchronism in the manual articulators, it is possible to have a syntactic structuring mechanism that goes beyond order. Using a naturalistic and experimental methodology, samples were collected from a corpus made up of speech in Libras, recorded on video, and using the Zoom virtual platform recording feature. The research subjects were deaf children in stages of acquisition, hearing children of deaf parents, and deaf adults. The data was initially processed and annotated using ELAN (EUDICO Linguistic Annotator) and then manually. We used the Libras writing system (Sel), developed by Lessa-de-Oliveira (2012, 2023), to transcribe the data. Considering the possibilities for combining constituents indicated by Greenberg (1963), the results show that

the order of constituents in Libras sentences is flexible, with SVO being the basic order and the most frequent in our data. SOV, OSV, VSO, and VOS orders were also identified, as well as orders with null arguments, among others. We found that the variables 'period of acquisition' and 'parental profile' of the informants seemed to influence the ordering of constituents and the frequency with which orders occurred. On the other hand, when we analyzed the 'stage of acquisition' and 'realization', we noticed a distinction in the frequency with which orders occurred. Our data also seems to indicate that there are syntactic elements and mechanisms such as verb types, agreement, topic, and focus constructions, among others, which can lead to flexibility or not in the order of constituents in Libras sentences. About certain constructions, such as those involving linearity and simultaneity co-occurring in the signaling space, those in which there is or is not symmetry and synchronism in the manual articulators, among others; our data points to the existence of different syntactic structuring mechanisms, as we will discuss later, including order. We would like to point out that, due to the complexity and breadth of our objectives, further research is needed to delve deeper into the issues discussed.

KEYWORDS

Language acquisition; Syntax of Libras; Order of constituents; Linear and simultaneous sentences; Deaf and hearing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Ordenação linear de constituintes frasais dentre as línguas do mundo</i>	43
Figura 2 – Espaço de realização dos sinais na Libras	76
Figura 3 – Formas pronominais usadas com referentes presentes	77
Figura 4 – <i>Formas pronominais usadas com referentes ausentes</i>	78
Figura 5 – Conflation – movimento de N para V	91
Figura 6 – ESEL - Editor do Sistema de Escrita de Libras	125
Figura 7 – Estrutura articulatória do sinal	126
Figura 8 – Escrita do sinal CAVALO em Sel	127
Figura 9 – Sinal PADRASTO	128
Figura 10 – Letras minúsculas e maiúsculas correspondentes às 52 CM das mãos esquerda e direita.....	129
Figura 11 – Eixos de posição da mão em relação ao corpo.....	130
Figura 12 – Os traços eixo da mão EM e orientação de palma OP	130
Figura 13 – Diacríticos de eixo da mão e orientação da palma EM - OP 	131
Figura 14 – Diacríticos de <i>toque/proximidade</i> T/PM ou T/PPC (diac.G2).....	133
Figura 15 – Indicação de uso de diac.G2 em referência às mãos.....	133
Figura 16 – Diacríticos toque/proximidade (diac.G2) em dedos e braços	134
Figura 17 – Posicionamento das mãos com e sem diacríticos de posição das duas mãos PDM 	134
Figura 18 – Letras de partes do corpo PC	135
Figura 19 – Diacríticos de expressão facial ExpF 	136
Figura 20 – Planos de movimento	137
Figura 21 – Caracteres de movimentos de mão.....	138
Figura 22 – Movimentos retilíneos	139
Figura 23 – Movimentos que não ocorrem em planos	139
Figura 24 – Caracteres de dedos.....	140
Figura 25 – Combinação dos caracteres cinco dedos.....	140
Figura 26 – Letras de dedos e formas combinadas da mão direita.....	141
Figura 27 – Diacríticos de movimentos de dedos	141
Figura 28 – Sinal ROJO (LSU).....	142
Figura 29 – Sinal PERDÓN (LSC).....	142
Figura 30 – Sinal FAMILIA (LSA)	142

Figura 31 – Sinal MOTHER (ASL)	142
Figura 32 – Sinal topicalizado PASSE ar/io 	182
Figura 33 – Imagem 1 da sequência apresentada para construção da narrativa	196

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ocorrência de ordens de constituintes encontradas.....	157
Gráfico 2 – Ocorrência das ordens de constituintes por tipo de verbo.....	159
Gráfico 3 – Ordens de constituintes em sentenças da Libras por grupo de informantes.....	202
Gráfico 4 – Ordens de constituintes encontradas nas produções das crianças surdas em estágios de aquisição em percentuais	204
Gráfico 5 – Ordens de constituintes identificadas em sentenças produzidas por informantes com aquisição da Libras em condições ideais e não ideais	205
Gráfico 6 – Ordens de constituintes identificadas em sentenças produzidas por crianças surdas em estágios de aquisição e informantes adultos fluentes	206
Gráfico 7 – Ordens de constituintes em sentenças produzidas por informantes oralizados e não oralizados.....	208
Gráfico 8 – Ordens de constituintes nas sentenças produzidas por informantes filhos de pais surdos e filhos de pais ouvintes	209

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Subclasse dos verbos (DUARTE, 2003).....	62
Quadro 2 – Subclasses dos verbos principais (DUARTE, 2003).....	63
Quadro 3 – Lista de papéis temáticos.....	66
Quadro 4 – Distribuição das línguas (GREENBERG, 1963)	70
Quadro 5 – Estratégias de construção de tópico (ORSINI; VASCO, 2007).....	99
Quadro 6 – Grupos de Informantes	145
Quadro 7 – Perfil dos informantes da pesquisa.....	146
Quadro 8 – Verbos utilizados no teste 1	150
Quadro 9 – Ordens de constituintes por tipo de verbo	158

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

2MA	Mãos 1 e 2 ativas
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AC	Ação construída
ACr	Aquisição Crítica
ASL	American Sign Language (língua de sinais americana)
AT	Aquisição Tardia
CL	Classificadores
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CS	Construções simultâneas
ELAN	EUDICO Linguistic Annotator
E-Sel	Editor de Escrita Sel
FOPAS	Filhos ouvintes de pais surdos
GT	Gramática Tradicional
GU	Gramática Universal
INF	Informante
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LF	Forma Lógica
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LO	Línguas Orais
LP	Língua Portuguesa
LS	Língua(s) de Sinais
LSA	Língua de Sinais Argentina
LSP	Língua de Sinais Persa
LSQ	Língua de Sinais do Quebec
LSU	Língua de Sinais Uruguaia
MA	Mão ativa
MA1	Mão ativa 1
MA2	Mão ativa 2
MP	Mão passiva
NOR	Não oralizado
O	Ouvinte

OR	Oralizado
PF	Forma Fonética
PJM	Língua de Sinais Polonesa
PM	Programa Minimalista
PPGLin	Pós-Graduação em Linguística
S	Surdo
Sel	Sistema de escrita de Libras
TPP	Teoria de Princípios e Parâmetros
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
2 A TEORIA GERATIVA E OS ESTUDOS SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	28
2.1 Língua(gem)	28
2.2 Teorias da aquisição da linguagem	35
2.2.1 A Teoria Gerativa	38
2.2.1.1 O Modelo de Princípios e Parâmetros	42
2.2.1.2 O Programa Minimalista	44
2.3 Aquisição da linguagem por crianças surdas e ouvintes.....	47
2.3.1 Estágios de aquisição da linguagem	49
3 SINTAXE E ORDEM DE CONSTITUINTES.....	55
3.1 A sintaxe segundo a Teoria Gerativa.....	55
3.1.1 Estrutura argumental	61
3.1.2 Teoria Temática e Teoria do Caso	65
3.1.3 Ordem de constituintes em línguas naturais	69
3.2 A sintaxe espacial e a tridimensionalidade nas LS e na Libras.....	74
3.2.1 Ordem de constituintes nas LS e na Libras	92
3.2.1.1 Mecanismos gramaticais e variabilidade da ordem de constituintes	96
3.2.1.2 Construções simultâneas	112
4 O SISTEMA DE ESCRITA DE LIBRAS (Sel).....	125
4.1 O macrossegmento Mão /M/.....	128
4.2 O macrossegmento Locação (L)	135
4.3 O macrossegmento Movimento (Mov).....	137
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	144
5.1 Informantes e <i>corpus</i> da pesquisa	145
5.2 Variáveis da pesquisa	148
5.3 Teste piloto	148
5.4 Coleta de amostras	149
5.5 Ferramentas de anotação	151
5.5.1 Elaboração de glosas.....	151
5.5.2 A ferramenta de anotação ELAN	154
5.6 Apresentação dos dados	154
6 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS.....	156

6.1 Etapa 1.....	160
6.2 Etapa 2.....	180
6.2.1 <i>Teste experimental 1</i>.....	180
6.2.1.1 <i>Sentenças com verbos simples</i>	180
6.2.1.2 <i>Sentenças com verbos com concordância</i>	185
6.2.1.3 <i>Sentenças com verbos manuais e verbos espaciais</i>	188
6.2.2 <i>Teste experimental 2</i>.....	196
6.3 Análise comparativa.....	201
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	212
REFERÊNCIAS	217
ANEXO.....	228
ANEXO A - Sequência de imagens utilizada para a realização do teste 2 (Produção de narrativa).....	228

1 INTRODUÇÃO

A língua brasileira de sinais (Libras) é uma língua natural, pois ela surgiu espontaneamente, pela necessidade dos surdos de se comunicar e interagir. Reconhecida como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil (BRASIL, 2002), a Libras possui universais linguísticos e uma gramática singular, que se estrutura como sistema gesto-visual de maneira tão complexa quanto as gramáticas das línguas orais (LO). Ela é uma língua completa, plena em suas particularidades; repleta de riqueza, beleza e complexidade em toda sua constituição, reveladas nas diferentes possibilidades de formas e orientações das mãos; na execução dos sinais junto/próximo ao corpo ou no espaço; nos movimentos das mãos, que se deslocam em diferentes sentidos e direções; nas expressões faciais e corporais capazes de externalizar todo tipo de sentimento e emoção.

Os primeiros estudos das línguas de sinais (LS) realizados no Brasil surgiram na década de 80 e foram desenvolvidos pela linguista Lucinda Ferreira Brito. Rosa (2020) explica que, por volta de 1984, Ferreira-Brito publicou o artigo *Similarities & Differences in Two Brazilian Sign Languages* na revista criada por Stokoe¹ chamada *Sign Language Studies*. Em seu artigo, Ferreira-Brito fala da existência de duas línguas de sinais no território brasileiro: a língua de sinais Urubu-Kaapor² e a língua de sinais utilizada em São Paulo. A autora explica que a mesma LS era utilizada também no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e em Santa Catarina, mas que não poderia confirmar, naquele momento, se era a mesma falada nos demais estados onde se falava o português (ROSA, 2020). Segundo Ramos (2002), Ferreira-Brito apresentou estudos realizados no Brasil na área da educação e da linguística em 1993. Rosa (2020, p.60) comenta que “é com Lucinda Ferreira (...) que se unem a pesquisa linguística brasileira e o envolvimento na luta da comunidade surda pelo reconhecimento de LIBRAS³ como língua natural”. Entre as diversas contribuições de Ferreira-Brito, temos a obra ‘Por uma gramática da língua de sinais’, que se tornou um clássico dos estudos linguísticos.

¹ William Stokoe foi um linguista americano que apresentou uma análise descritiva da Língua de Sinais Americana (ASL), no nível morfológico e fonológico, por volta de 1960, e revolucionou o campo da linguística naquela época. Até então, os estudos linguísticos estavam voltados para análises de línguas oroaditivas. Por meio dos estudos de Stokoe, as línguas de sinais se tornaram objeto de estudo linguístico, conquistaram status e foram sendo reconhecidas, de fato, como línguas.

² Conforme explica Rosa (2020), Ferreira-Brito trabalhou entre os Kaapor, termo de autodenominação do povo indígena que vive no norte do Maranhão. A palavra 'Urubu' está ligada à forma como outros brasileiros se referiam aos Kaapor. Daí o nome Urubu-Kaapor.

³ Segundo Rosa (2020), esse nome surgiu na década de 1980 como autodenominação, fruto da luta do movimento surdo “Queremos que prevaleça o nome que escolhemos porque representa nossos direitos e conquistas”.

Os estudos linguísticos realizados por Ferreira-Brito despertaram o interesse de pesquisadores de distintas áreas do conhecimento da Libras, em várias partes do nosso país. Pesquisas começaram a ser desenvolvidas, entre outras áreas, no campo da fonologia, no intuito de compreender a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos dos sinais; na área da morfologia, que se propõe a estudar a estrutura interna e os processos de formação dos sinais; nos domínios da sintaxe, área de concentração desta pesquisa, que se interessa por investigar os processos que envolvem a formação de sentenças, considerando as combinações de constituintes e, nas LS, a organização espacial e a tridimensionalidade dessas línguas.

Segundo a Teoria Gerativa e, em específico, a hipótese inatista de aquisição da linguagem desenvolvida por Chomsky (1995), na qual esta pesquisa está fundamentada, os seres humanos possuem uma capacidade inata para produzir e compreender sentenças. Há princípios universais que regem a formação de sentenças em todas as línguas naturais e parâmetros que se modificam entre línguas. Sendo a Libras uma língua natural, nela encontramos princípios presentes na construção de sentenças em LO, como o princípio da subordinação, o princípio da dependência estrutural, entre outros; e também parâmetros que exprimem suas diferenças e especificidades.

Nas línguas de modalidade oroauditiva⁴, como o português, as sentenças podem se estruturar linearmente, nas quais os constituintes se organizam um após o outro. Por outro lado, também é possível identificar nessas línguas a não-linearidade ou simultaneidade — propriedade muito marcante nas línguas sinalizadas, como discutiremos posteriormente —, percebida em propriedades morfofonológicas e suprasegmentais que estão presentes nas LO. É o caso, por exemplo, da crase, das elipses e dos apagamentos, da correlativização, entre outras. Ademais, na cadeia sonora, na própria construção das unidades sintagmáticas e das expressões linguísticas, há mecanismos capazes de produzir simultaneidade. Lessa-de-Oliveira (2012) explica que, nas LO, há uma configuração tridimensional no âmbito da realização acústica do significante. A autora esclarece que “os órgãos dos aparelhos fonador e auditivo e a própria propagação do som se colocam no espaço físico, que é tridimensional; e os traços distintivos que formam o fonema realizam-se simultaneamente” (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012, p. 155). Nesse sentido, como exemplifica a autora, se pensarmos na realização do fonema /a /, o que vem primeiro? A vibração das pregas vocais, o arredondamento dos lábios ou o abaixamento da língua? Dessa maneira, Lessa-de-Oliveira conclui, por meio da observação

⁴ Modalidade de língua que utiliza sons articulados percebidos pelos ouvidos para acessar informações e a boca para transmiti-las.

dessas questões, que o fonema é o menor elemento que se organiza em cadeia linear nas línguas oroauditivas e que, abaixo dele, há um nível tridimensional, o nível dos traços que formam o fonema (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2023, p.40).

Na Libras, língua de modalidade gesto-visual⁵, a sintaxe espacial e a tridimensionalidade possibilitam que relações gramaticais se estabeleçam no espaço de sinalização de diferentes maneiras. Isso quer dizer que os sinais podem ser executados sequencialmente, um após o outro, e nesse caso as sentenças serão estruturadas linearmente; ou podem ser realizados ao mesmo tempo, no espaço e/ou junto ao corpo do sinalizante, e as sentenças serão construídas simultaneamente. Isso é possível porque há dois articuladores, as mãos, responsáveis pela produção de sentenças nas LS. Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014) explicam que, nas LS, um sinal pode corresponder a uma palavra, mas também a uma sentença inteira, ocorrendo, simultaneamente, a raiz verbal e os seus argumentos (complementos) em um único sinal. Esse fenômeno será apresentado posteriormente. Há outras estratégias já identificadas na literatura, como construções que envolvem a realização de um sinal pela mão passiva, que permanece preservada no espaço de sinalização, enquanto outros sinais são executados pela mão ativa; e, ainda, estratégias e processos morfológicos/morfossintáticos que podem ser investigados, diante das amplas possibilidades que o uso do espaço tridimensional e dos recursos manuais e não manuais viabilizam.

A formação de sentenças envolve diferentes possibilidades de combinações entre constituintes, que podem resultar em distintas ordens. Em suas investigações sobre universais da gramática, observando a ordem de constituintes, Greenberg (1963) constatou que a grande maioria das línguas possui várias ordens variantes, mas uma única predominante, e que há seis combinações possíveis de sujeito (S), objeto (O) e verbo (V). Ele percebeu que algumas ordens são mais comuns do que outras, e concluiu que, das seis ordens possíveis, apenas três ocorreram normalmente como predominantes: SVO, SOV e VSO.

Considerando as questões discutidas por Greenberg, estudos sobre a ordem de constituintes nas LS foram desenvolvidos, como os de Friedman (1976), Quinto (1999), Massone e Curiel (2004), e outros. Tais estudos têm demonstrado que há certa flexibilidade na ordem encontrada nas sentenças das LS. Felipe (1989), Ferreira-Brito (1995), Quadros (1999), Quadros e Karnopp (2004), Royer (2019), entre outros pesquisadores, observando as diferentes combinações de constituintes possíveis, defendem que também existe certa flexibilidade nas ordens de constituintes nas sentenças da Libras. Logo, é possível encontrar

⁵ Modalidade na qual as informações são percebidas pelos olhos e produzidas pelas mãos.

nessa língua ordens SVO, SOV, OSV, VOS, ordens com argumentos nulos, entre outras. Apesar dessa flexibilidade, Quadros (1999, 2019), Quadros e Karnopp (2004), Pizzio (2006), Araújo (2013), Royer (2019), e outros, concluíram que a ordem SVO seria mais básica que as demais.

A ordem básica, segundo Quadros (2019, p.83), “é aquela na qual identificamos a presença de um sujeito, de um verbo e de um objeto realizados, sem marcações não manuais específicas, e/ou sem outras informações sintáticas sendo operadas”. Nessa perspectiva, considera-se de que forma as línguas posicionam o sujeito (S), o verbo (V) e o objeto (O) na estrutura das sentenças. Por outro lado, informações podem ser distribuídas na sentença de acordo com um critério que diferencia a informação dada e a informação nova, e essa distribuição pode afetar a posição dos constituintes. Nesse sentido, a ordem é determinada por fatores discursivos.

Quadros (1999) observou a ordem básica na Libras por meio da interação de elementos estruturais, como advérbios, modais, auxiliares e negação. A partir dos dados obtidos em sua investigação, ela concluiu que, apesar da possibilidade de mudanças na ordem dos constituintes, a Libras é uma língua de núcleo inicial, ou seja, o verbo é posicionado antes do seu complemento. Royer (2019), em sua pesquisa realizada no Corpus da Grande Florianópolis, verificou que, em sentenças com argumentos pronunciados⁶, a ordem básica dos constituintes na Libras é a SVO. Araújo, Sousa e Silva (2022) observaram que a ordem sintática da oração por meio da construção sujeito (S) e verbo (V) é a mais recorrente na Libras usada pelos surdos de Rio Branco.

Segundo Felipe (1989), Ferreira-Brito (1995), Quadros (1999), Quadros e Karnopp (2004), a variabilidade da ordem de constituintes na Libras é resultado do movimento de determinados elementos que são licenciados em contextos linguísticos específicos, como certos tipos de verbo, advérbios, modais, etc.; e de mecanismos gramaticais, como presença de concordância e marcas não manuais, topicalização, construções com foco, que licenciam ou não determinadas ordens. Nesse sentido, buscamos analisar os elementos e mecanismos presentes em nossos dados, no intuito de compreender melhor como eles se relacionam com a flexibilidade ou não da ordem de constituintes em sentenças dessa língua.

Em relação às diferentes ordenações possíveis na Libras, tendo em vista o Parâmetro da Ordem, Pizzio (2006) coloca que, no estágio das primeiras combinações, as crianças surdas estabelecem relações gramaticais usando as ordens de constituintes SV, VO ou SVO. Em sua pesquisa com uma criança surda adquirindo a Libras, a autora identificou sentenças com as seis

⁶ São os argumentos que foram realizados, sinalizados.

possibilidades de ordem de constituintes propostas por Greenberg (1963), além de sentenças com argumentos nulos, como S(V)O, (S)VO, O(S)V, SV, VO, entre outras. Dessa maneira, nos interessou comparar produções de crianças surdas em estágios de aquisição, surdos adultos fluentes e também filhos ouvintes de pais surdos (FOPAS⁷), para verificar as ordens produzidas por eles e a frequência de cada uma delas, observando as variações e diferenças.

As sentenças envolvendo simultaneidade, que constituem outra possibilidade de produção na sintaxe espacial, foram tema de discussão em diversas LS: língua de sinais americana (ASL), por meio de estudos realizados por Friedman (1975); língua de sinais do Quebec (LSQ), através das pesquisas de Miller (1994); língua de sinais persa (LSP), pelos estudos de Syavoshi (2009), entre outras. Tais autores consideraram essas sentenças como construções simultâneas (CS), que serão detalhadas posteriormente, nas quais é possível ocorrer a codificação simultânea de diferentes informações lexicais, a partir do uso dos dois articuladores manuais ao mesmo tempo. Nessas construções, há casos nos quais as duas mãos produzem sinais diferentes ao mesmo tempo; em outros, ocorre a preservação de um sinal em uma mão, por um lado; enquanto outros sinais são executados pela outra mão. Pode ocorrer também a realização do mesmo sinal por ambas as mãos, nas quais se observa simetria e sincronismo pela correspondência de parâmetros fonológicos (mesma configuração de mão, locação e movimento), como observa Miller (1994) na LSQ; entre outras situações que serão discutidas adiante.

A presença de articuladores não manuais, como direção do olhar, padrões de boca, movimentos de cabeça e sobrancelha, etc., também foram consideradas parte da simultaneidade existente nas LS (MILLER, 1994). Em uma mesma construção, pode ocorrer linearidade e simultaneidade, na execução de um sinal combinado à uma marca não manual gramatical, por exemplo. É o caso de construções envolvendo negação, nas quais se observa a linearidade na execução da ação verbal combinada ao movimento de cabeça (marca não manual gramatical)

⁷ O termo ‘FOPAS’ foi escolhido pelas autoras para denominar os filhos ouvintes de pais surdos participantes desta pesquisa. Esse termo se aplica tanto a filhos ouvintes que possuem pai e mãe surdos, como também àqueles que possuem apenas a mãe ou o pai surdo. Tal ideia surgiu a partir da participação em discussões realizadas no I Encuentro Nacional de Sordos (Encontro Nacional de Surdos) que aconteceu virtualmente, em novembro de 2021. Esse encontro, organizado pela Asociación de Sordos de Uruguay (Associação de Surdos do Uruguai), reuniu filhos ouvintes de pais surdos de diferentes nacionalidades (Uruguai, Argentina, Paraguai, República Dominicana, Chile e Brasil) no intuito de compartilhar vivências e percepções sobre como é ter pais surdos sendo ouvinte. Entre os temas discutidos, alguns filhos ouvintes de pais surdos falaram sobre a proposta de uma sigla que poderia ser utilizada para identificá-los: HOPAS, que em espanhol significa ‘hijos oyentes de padres sordos’, e em português significa ‘filhos ouvintes de pais surdos’. Dessa forma, surgiu a ideia de chamar de FOPAS os filhos ouvintes de pais surdos (que compõem um grupo de sujeitos informantes desta pesquisa), fazendo uma correlação com a sigla sugerida pelos latinos.

indicando ‘não’. Seria o caso de frases como EU CONHECER-NÃO (‘Eu não conheço’), na qual a negação é marcada com o movimento da cabeça; entre outras.

Em nossos dados, também foram identificadas sentenças envolvendo simultaneidade, bem como construções envolvendo linearidade e simultaneidade. No entanto, não encontramos estudos aprofundados na Libras que expliquem os processos pelos quais elas são formadas. Essas lacunas despertaram em nós o interesse em observar essas sentenças, no intuito de verificar se nelas existe algum mecanismo de ordem.

Considerando resultados encontrados em estudos previamente estabelecidos e verificados, as seguintes questões motivaram a nossa pesquisa:

1. SVO é, decerto, a ordem básica da Libras? Quais ordens podem ser identificadas e com que frequência elas ocorrem, na sinalização de crianças surdas, FOPAS e surdos adultos?
2. Fatores como período de aquisição da Libras – ideal/crítico ou não ideal/tardio –, estágio de aquisição, oralização e o perfil dos pais (surdos ou ouvintes) podem determinar diferenças nas ordens de constituintes?
3. Que elementos e/ou mecanismos sintáticos podem estar relacionados à flexibilidade ou não da ordem de constituintes nas sentenças da Libras?
4. Considerando determinadas construções na Libras, como aquelas que envolvem simultaneidade e linearidade coocorrendo no espaço, outras que apresentam ou não simetria e sincronismo nos articuladores manuais, etc.; haveria algum mecanismo de ordem?

Tendo em vista as questões levantadas, este estudo se propõe a investigar o fenômeno da ordem de constituintes em sentenças da Libras. Especificamente, objetivamos:

- 1) Verificar se a conclusão que SVO é a ordem de constituintes básica nas sentenças da Libras se confirma, tendo em vista resultados encontrados em estudos prévios nos quais se confirma a predominância dessa ordem;
- 2) Identificar as ordens de constituintes e com que frequência elas ocorrem, na sinalização de crianças surdas, FOPAS e surdos adultos;
- 3) Analisar se fatores como período de aquisição da Libras – ideal/crítico ou não ideal/tardio –, estágio de aquisição, oralização e perfil dos pais (surdos ou ouvintes) podem determinar diferenças nas ordens de constituintes;
- 4) Analisar que elementos e/ou mecanismos sintáticos podem estar relacionados à flexibilidade ou não da ordem de constituintes na Libras;
- 5) Verificar se existe algum mecanismo de ordem em determinadas construções da Libras, como aquelas que envolvem simultaneidade e linearidade coocorrendo no espaço, aquelas que apresentam ou não simetria e sincronismo nos articuladores manuais, entre outras.

Com o intuito de responder a tais questões, a partir dos estudos de Felipe (1989), Ferreira-Brito (1995), Quadros (1999, 2019), Quadros e Karnopp (2004), Lira (2014), Royer (2019), Araújo, Sousa e Silva (2022), entre outros, assumimos as seguintes hipóteses:

(I) As ordens de constituintes na Libras, bem como a frequência com que elas ocorrem, tendem a ser diversificadas, a depender de variáveis e fatores específicos, a saber:

- a) Sinalizantes em estágios de aquisição tendem a apresentar, inicialmente, ordens com argumentos nulos como (S)VO, SV(O), O(S)V, (S)V(O), com maior frequência que ordens do tipo SOV e OSV;
- b) Sinalizantes fluentes tendem a apresentar com maior incidência as ordens SVO, SOV e OSV, sendo SVO a mais frequente;
- c) Fatores como o período de aquisição da Libras – ideal/crítico ou não ideal/tardio –, estágio de aquisição, oralização e o perfil dos pais (surdos ou ouvintes) podem determinar diferenças nas ordens de constituintes, bem como na frequência com que elas ocorrem;
- d) Certos contextos sintáticos, envolvendo tipos de verbos, presença ou não de topicalização, de foco, entre outros, podem determinar a flexibilidade ou não da ordem de constituintes na Libras.

(II) Em determinadas construções na Libras, como aquelas que envolvem simultaneidade com presença ou não de simetria e sincronismo nos articuladores manuais, é possível existir um mecanismo sintático de estruturação para além da ordem.

Devido à amplitude dos objetivos propostos, que envolvem questões de grande complexidade, não será possível aprofundar as discussões. Por essa razão, esta pesquisa possui um caráter preliminar, na qual serão considerados alguns aspectos a serem detalhados posteriormente, no intuito de ampliar a base de dados existente, avançando nas discussões acerca da ordem de constituintes nas sentenças da Libras. Ademais, buscamos contribuir com os estudos linguísticos da Libras, apontando caminhos preliminares e possibilidades para futuras investigações. Para tanto, apresentamos resultados de um procedimento experimental com controle de certas variáveis, a saber: período e estágio de aquisição, oralização e perfil dos pais dos informantes (surdos ou ouvintes). Tais variáveis foram estabelecidas a fim de verificarmos se elas poderiam determinar diferenças nas ordens de constituintes, e na

frequência com que as ordens ocorrem na Libras, a partir da análise das produções de usuários dessa língua com distintos perfis e idades.

A metodologia desta pesquisa, de caráter transversal, naturalística e experimental, com abordagem qualitativa e quantitativa, baseou-se em um *corpus* constituído de falas em Libras, gravadas em vídeo e por meio do recurso de gravação da plataforma virtual Zoom. A coleta de amostras foi realizada com informantes surdos (adultos e crianças) e ouvintes (filhos de pais surdos) falantes de Libras. Entendemos que, dessa forma, seria possível investigar o fenômeno da ordem de constituintes e sua relação com questões mais específicas, a exemplo das variáveis citadas anteriormente. Nossos dados foram tratados e anotados, a princípio, por meio do *EUDICO Linguistic Annotator* (ELAN) e posteriormente de maneira manual. Utilizamos o sistema de escrita de Libras (Sel), desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012, 2023), para realizar a transcrição dos dados; e o software E-SEL, para digitar as transcrições desse sistema de escrita sinalizada. A análise dos dados foi realizada a partir da observação da estrutura argumental das sentenças produzidas pelos nossos informantes.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos, além da introdução, considerada como o primeiro capítulo. No segundo capítulo, discutimos sobre a aquisição da linguagem e os pressupostos teóricos gerativistas. Apresentamos as correntes teóricas que se propuseram a explicar como ocorre a aquisição da linguagem no ser humano, bem como conceitos de língua e linguagem. Ademais, discutimos sobre o processo de aquisição da linguagem por crianças surdas e ouvintes. No terceiro capítulo apresentamos a sintaxe, área de concentração da nossa pesquisa, na perspectiva da Teoria Gerativa, discutimos sobre a estruturação das sentenças, trazendo aspectos relevantes sobre a Teoria Temática e a Teoria do Caso. Ademais, abordamos a sintaxe espacial e a tridimensionalidade das línguas de sinais e da Libras, destacando as possibilidades de construção de sentenças nessas línguas e suas especificidades. No quarto capítulo, apresentamos o sistema de escrita de Libras (Sel), utilizado para transcrever os dados desta pesquisa. O quinto capítulo contém os procedimentos metodológicos utilizados. Apresentamos os sujeitos informantes e o *corpus* da pesquisa, as variáveis e a ferramenta de anotação utilizada. Ademais, descrevemos o teste piloto realizado e a nossa coleta de amostras. No sexto e último capítulo, trazemos os resultados encontrados e a análise dos dados. Por fim, apresentamos nossas considerações finais, nas quais retomamos os principais pontos da pesquisa e apontamos outras possibilidades de investigação que envolvem a nossa temática.

2 A TEORIA GERATIVA E OS ESTUDOS SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

2.1 Língua(gem)

A língua(gem) humana é um campo de investigação bastante instigante, repleto de indagações que fascinam pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, como a Sociologia, Filosofia, Biologia, Psicologia, Linguística, entre outras. Dessa forma, conceitos que embasam distintas teorias foram formulados na tentativa de explicar, entre muitas questões, a natureza da língua e da linguagem, como elas se relacionam, como são adquiridas e de que forma funcionam na mente humana. Nesse sentido, situaremos a evolução do pensamento filosófico e científico cronologicamente, no intuito de fazermos uma retrospectiva dos estudos linguísticos, sem a intenção de aprofundar a discussão.

Os estudos da linguagem nasceram de inquietações e curiosidades que sempre estiveram presentes no homem, em diferentes tempos e culturas. Segundo Câmara Jr. (1975), o ser humano percebeu, mais atentamente, as distintas maneiras de falar, bem como o mecanismo da linguagem, a partir da invenção da escrita. O autor explica que, ao tentarem representar os sons da linguagem, de maneira reduzida, na modalidade escrita convencional, perceberam a existência de distintas formas linguísticas. Cria-se, então, “um novo clima na vida social em relação à linguagem e seu estudo pode desenvolver-se através do impacto de fatores sociais e culturais” (CÂMARA JR., 1975, p.9). Portanto, o surgimento da escrita representa um marco na história da linguagem, e impulsionou a observação da língua em uso, com todas as suas variações e especificidades.

A escrita tornou-se um instrumento motivador de novas descobertas, através da qual foi possível perceber a complexidade das línguas em suas múltiplas manifestações. Surgiram diferentes abordagens ao estudo da linguagem, e essa passou a ser investigada a partir de distintos vieses e por diferentes razões. Câmara Jr. (1975) explica que os estudos da linguagem podem ser agrupados em estudos da paralinguística (estudo lógico/filosófico e estudo biológico), da pré-linguística (estudo do certo e errado, estudo filológico e estudo da língua estrangeira), e da linguística propriamente dita (estudo histórico e estudo descritivo).

Na antiguidade, conforme Câmara Jr. (1975), o estudo da linguagem foi desenvolvido, em sua totalidade, na Grécia e na Índia. Na Grécia, a principal abordagem se deu no campo filosófico, onde se desenvolveram os primeiros estudos paralinguísticos, que têm em Platão e Aristóteles seus principais representantes. Após eles, os estóicos também se interessaram pela linguagem e a discutiram profundamente.

Em seu diálogo do Crátilo, Platão afirma que a linguagem é imposta aos indivíduos em virtude de uma necessidade da natureza ou se origina do poder de julgamento dos homens. Na história ocidental, por volta do séc. IV a.C., Platão refletia sobre teoria das ideias e, segundo Sell (2002), idealizou uma versão padrão do inatismo que ficou conhecida como “doutrina da Reminiscência”. Sell (2002) menciona — o que trazemos com uma breve provocação — que, antes mesmo do surgimento da filosofia, as religiões reencarnacionistas já apresentavam, de certa forma, versões elaboradas acerca desse tema.

Na doutrina da Reminiscência, Platão explica que a alma aprende porque ela recebeu informações do mundo sensível nas muitas vezes em que se uniu a um corpo. Quando a alma se encontra separada do corpo, chamado de estado puro, ela contempla as coisas em si no mundo inteligível. Dessa forma, a alma tudo aprendeu (COSTA; FRANCO, 2008, p. 3). Conforme Sell (2002), a teoria da Reminiscência afirma que, de alguma maneira, a criança já nasce com o conhecimento das realidades. Ela só precisa resgatá-lo, recordá-lo. No diálogo intitulado *Mênon*, Platão apresenta sua concepção inatista:

[...] Já que a alma é imortal e já que viveu diversas vidas, e já que viu tudo o que se passa aqui e no Hades, não há nada que não tenha aprendido. Também não é absolutamente surpreendente que sobre a virtude e sobre o resto, ela possa se lembrar do que soube anteriormente. Como tudo se conserva na natureza e como a alma tudo aprendeu, nada impede que ao se lembrar de uma coisa "o que os homens chamam de aprender" ela reencontre em si mesma todas as outras, conquanto que seja corajosa e não se canse de buscar; porque buscar e aprender não é senão relembrar (REZENDE, 1999, p.51 *apud* SELL, 2002, p.8).

Ao refletir sobre a aquisição do conhecimento, Platão demonstrou em sua obra a perplexidade que o envolvia diante da capacidade humana de acumular conhecimentos e habilidades. Para o filósofo grego, era impressionante que os seres humanos pudessem adquirir tanto conhecimento com base em uma experiência de vida tão curta, fragmentada e tumultuada. Platão desejava compreender por que os humanos, em contatos tão breves, pessoais e limitados com o mundo, são capazes de saber tanto. Ele buscava respostas que explicassem de onde vem a capacidade humana de construir conhecimento de forma tão precisa e rápida, se as evidências de exposição ao mundo são tão incompletas e difusas (KENEDY, 2021, p.61).

Conforme explica Câmara Jr. (1975), Aristóteles percebia a língua através da lógica e desenvolveu o estudo lógico da linguagem. Ele afirmou que a linguagem surgiu por convenção ou por um acordo entre os homens, e que ela é que dá ao homem a condição de ser humano. Ademais, acreditava que, se uma pessoa não verbalizasse, ela consequentemente não possuía

linguagem e muito menos pensamento (STROBEL, 2009). Ele afirmava que “...de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdo-mudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão”.

Como filosofia, Aristóteles e os estóicos, explica Câmara Jr. (1975), desenvolveram uma análise mais ampla da linguagem, favorecendo o debate acerca da natureza da gramática e das regras que existem em seu uso. Aristóteles foi responsável pela primeira distinção clara da estrutura da oração (nome como sujeito e verbo como predicado) e das partes do discurso (verbos, substantivos e partículas). Os estóicos estudaram a gramática sistematicamente, a partir dos estudos desenvolvidos por Aristóteles, e introduziram o conceito de casos nominais.

Os sofistas acreditavam que a experiência humana é rica e repleta de evidências, e não rápida e fragmentada; e que o ser humano não possui nenhuma capacidade natural para desenvolver a cognição. Para eles, os humanos, ao nascer, seriam como uma tábula rasa, um organismo desprovido de qualquer pré-programação para determinados tipos de cognição ou comportamento.

Sell (2002, p.9) explica que, além das ideias de Platão, outras filosofias foram formuladas tendo por base ideias inatistas, como aquelas desenvolvidas por Plotino e Santo Agostinho. Para Plotino (séc.III d.C.), existe um intelecto cósmico e dele emana o intelecto humano. A parte racional da alma seria alimentada e iluminada constantemente de cima. Santo Agostinho (séc. IV-V d.C.) atribui a Deus, ser transcendente, o papel desse intelecto cósmico, e afirma que de Deus irradiam os conceitos supremos e as verdades para o espírito.

Platão, Plotino e Santo Agostinho, apesar de discordarem em certos pontos, defendem a ideia de que aquilo que é conhecido é que possui a característica de ser inato (SELL, 2002, p.9). Contrariando essas ideias, Herbert de Cherbury (1624) leva o inatismo para o campo da subjetividade, afirmando que o inato se refere à própria natureza humana, a um conjunto de características que são inerentes ao próprio indivíduo. Dessa maneira, há determinados “princípios ou noções implantadas na mente que levamos aos objetos a partir de nós mesmos... como dom direto da natureza, como mandamento do instinto natural” (CHOMSKY, 1969, p.125 *apud* SELL, 2002, p.9). Para que possam ser ativados, tais princípios necessitam de uma experiência adequada. Essa nova perspectiva filosófica, conforme explica Sell (2002), alcança um especial destaque com Descartes.

Ao abordar o conhecimento humano, Descartes (1641) afirma que o mesmo seria a reprodução de algo na mente humana por meio de uma representação. Cada conhecimento seria uma ideia criada no entendimento, mediante experiências específicas que correspondem às faculdades cognitivas presentes no homem. Descartes classifica as ideias geradas pelos

indivíduos em três grupos: aquelas provenientes da imaginação (ideias factícias), as ideias fornecidas pelos sentidos (adventícias) e as ideias nascidas no indivíduo (ideias inatas), que seriam marcas do criador no ser que ele criou à sua imagem e semelhança.

Ora, destas idéias, umas me parecem ter nascido comigo, outras ser estranhas e vir de fora, e as outras ser feitas e inventadas por mim mesmo. Pois, que eu tenha a faculdade de conceber o que é aquilo que geralmente se chama uma coisa ou uma verdade, ou um pensamento, parece-me que não o obtenho em outra parte senão em minha própria natureza [...] (DESCARTES, 1996, p.281).

As ideias inatas, segundo a concepção de Descartes, são fruto de recordações de coisas que já se sabia, aquelas presentes no espírito, e não resultado de novas aprendizagens. Tais ideias não são inventadas pelo homem, mas representam a verdadeira natureza, a essência, são imutáveis e eternas. Elas permanecem no ser, em algum lugar profundo da mente, e o indivíduo tem a liberdade de pensar ou não nelas.

Da classificação elaborada por Descartes surge uma nova tipologia das ideias, identificada pelos mesmos termos que ele formulou, mas com outra abordagem. Essa nova percepção assume que existe um conjunto de regras inatas que orientam o intelecto humano. Haveria um conjunto de ideias formuladas por meio de sensações; outro no qual as ideias seriam elaboradas pelo próprio indivíduo, por meio da imaginação; e por último um conjunto de ideias originadas a partir das verdades eternas. Estas seriam percebidas pelo indivíduo como princípios ligados às regras do seu intelecto, identificadas por meio do que Descartes chamou de luz natural da razão ou intuição intelectual, uma faculdade de percepção (SELL, 2002, p.14).

O crescente interesse pelos órgãos da fala e sua maneira de produzir os sons também motivou os estudos da linguagem, que foi compreendida como “uma criação social baseada na predisposição biológica” (CÂMARA JR., 1975, p.11). Nesse viés, a linguagem é dependente de aspectos biológicos do corpo humano, ainda que possua relações com a cultura de um povo. Dessa forma, os avanços científicos podem desencadear uma compreensão das características biológicas que possibilitam ao homem fazer uso da linguagem.

Em alguns estudos da pré-linguística, devido à diferenciação de classes, a linguagem foi concebida como uma marca de status social, pois possui a capacidade de refletir o grupo social que a utiliza tão bem quanto suas outras formas de comportamento (CÂMARA JR., 1975). Nessa perspectiva, ela reflete traços socioculturais e linguísticos específicos de uma classe, de um povo, seus hábitos e costumes, sua maneira de ver e compreender o mundo. Esse estudo da linguagem (estudo do certo e errado) surge no intuito de conservar, de geração a geração, os

traços linguísticos das classes superiores, estabelecidos por elas como corretos e através dos quais tais classes se opõem às classes inferiores e às outras formas de falar dessa sociedade.

Do contato de uma determinada sociedade com comunidades estrangeiras que falam outras línguas, no qual busca-se a compreensão linguística, nasce o estudo da língua estrangeira, que surge das condições básicas de intercâmbio linguístico. Na Idade Média⁸, com o surgimento das línguas vernáculas nas distintas nações que constituíram o Império Romano do passado, esse estudo foi motivado por certa curiosidade sobre tais línguas e pela necessidade de transmitir a doutrina cristã aos povos que as falavam. O estudo da língua estrangeira também compreende livros sobre línguas orientais e indígenas americanas.

O desejo por compreender as formas linguísticas escritas do passado e as falas contemporâneas, por meio de comparações, também estimulou os estudos da linguagem. Na Índia, apesar de encontrarmos o estudo do certo e errado e o estudo filosófico da linguagem, o aspecto filológico foi o predominante, motivado por interesses religiosos. A maior preocupação era compreender corretamente os antigos textos dos Vedas⁹, por meio da observação das formas linguísticas neles presentes e das formas de falar contemporâneas (CÂMARA JR., 1975).

Segundo Câmara Jr. (1975, p.12), o estudo descritivo e o estudo histórico da linguagem “constituem o âmago da ciência da linguagem ou linguística”. Em ambos os estudos, a linguagem é considerada como um traço cultural da sociedade, e tenta-se chegar à sua natureza, seja explicando sua origem e desenvolvimento através dos tempos, seja esclarecendo a sua função na comunicação social e o seu meio de funcionamento real na sociedade.

Os fundamentos do estudo da linguagem, na abordagem descritiva, foram inicialmente lançados por Wilhelm Von Humboldt como um aspecto da linguística propriamente dita. Câmara Jr. comenta que Humboldt, partindo de uma abordagem filosófica da linguagem, “coloca-se no cerne dos fenômenos linguísticos e tenta desemaranhar a natureza e o mecanismo da linguagem”. Ao realizar o estudo da língua kawi da ilha de Java, seu trabalho mais importante, Humboldt escreve debates famosos acerca da diversidade das estruturas linguísticas

⁸ Segundo Câmara Jr. (1975), na Idade Média, o estudo da linguagem estava concentrado no latim. Entretanto, com o surgimento das línguas vernáculas, que não eram objeto de estudo normativo nem especulativo, aumentou-se o esforço para manter o latim puro como língua universal de cultura acima das vernáculas.

⁹ Os Vedas são textos ritualísticos, uma compilação de hinos e preces considerada como o primeiro livro sagrado da história. Essa literatura é composta de 4 volumes de texto em versos, que teriam sido organizados por Vyasa, um homem sábio que seria a encarnação de Vishnu. Este, um dos deuses da Índia, teria elaborado as escrituras em 4 livros, durante todos os ciclos de criação e destruição do Universo, para garantir que os cânticos se propagassem e se eternizassem. Nos textos védicos se encontram os principais conceitos e símbolos do hinduísmo, seus deuses, lendas e ensinamentos que formam e unificam essa religião.

e sua influência sobre o desenvolvimento espiritual da humanidade, e também expõe suas ideias básicas acerca da linguagem. Ele percebe a língua como uma atividade incessante, um trabalho mental dos homens, repetido constantemente para manifestar seus pensamentos; e afirma que a língua não é um produto para ser utilizado pelos falantes, ao contrário, ela é uma incessante criação de cada um deles.

Humboldt acreditava que toda língua reflete a psique do povo que a fala, e que ela é o canal natural por meio do qual o povo compreende o universo. Ele concluiu que existe uma profunda influência de uma língua na forma através da qual seus falantes percebem e organizam o mundo dos objetos ao redor deles e de sua vida espiritual. Ademais, defendeu que todas as línguas do mundo poderiam ser analisadas com o propósito de comparar as diferentes formas pelas quais a mesma noção gramatical é expressa em línguas diferentes, tornando-se possível chegar a uma descrição indutiva da língua (CÂMARA JR. 1975). Humboldt realizou uma distinção entre o que chama de forma externa e forma interna da língua. Dessa maneira, os sons da língua seriam a forma externa; e as ideias subjacentes aos grupos de sons, as distinções mentais dominantes na língua, os significados das formas linguísticas e as categorias linguísticas como tempo, gênero, número, entre outras, seriam a forma interna, à qual ele atribuiu o papel principal.

A partir do estudo histórico da linguagem, inicialmente no séc. XVIII, foram lançados os fundamentos da ciência da linguagem, a Linguística propriamente dita, por meio da comparação de línguas vivas e mortas. Nessa perspectiva, a linguagem passou a ser observada através de uma linha histórica de desenvolvimento, na qual uma língua antiga origina uma ou várias línguas novas. Tal concepção está subjacente à linguística histórico-comparativa desenvolvida no séc. XIX. Portanto, a linguagem passou a ser compreendida “como um desenvolvimento, uma mudança, uma evolução através dos tempos” (KRISTEVA, 1969). Rasmus Rask foi o primeiro estudioso a fazer progressos na comparação histórica entre línguas, e o mérito dos seus estudos está nos primeiros passos dados em direção à Gramática Comparativa, podendo ser considerado o grande pioneiro do estudo histórico da linguagem como uma das modalidades da Linguística propriamente dita. Como afirma Câmara Jr. (1975), com ele, e em menor grau com Humboldt, a História da Linguística tem, de fato, seu início.

No domínio da Linguística, área de concentração desta pesquisa, conceitos acerca da língua(gem) foram formulados a partir de distintas concepções. Para Saussure (1913), o estudo da linguagem abarca duas partes: uma essencial, que tem como objeto a língua, social em sua essência e independente do indivíduo; outra secundária, cujo objeto é a fala, parte individual da linguagem. Discorrendo sobre a linguagem, Saussure afirma que, tomada em seu todo, ela é

heterogênea, multiforme e heteróclita, e seu exercício está relacionado a uma faculdade dada aos indivíduos pela Natureza. Sobre a língua, ele afirma que, de natureza concreta e homogênea, ela constitui algo adquirido e convencional, e não pode ser confundida com a linguagem, pois

[...] é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 1913, p.17).

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, Saussure (1913) defende que a capacidade de articular palavras é exercida por meio de um instrumento elaborado e concedido pela coletividade. Assim, a língua é exterior ao indivíduo, que sozinho não pode criá-la nem modificá-la, e existe em função de um acordo estabelecido entre membros de uma determinada comunidade. Ela é um sistema de signos que exprimem ideias onde, de essencial, existe somente a união do sentido e da imagem acústica. Nesse sistema, os signos são distintos e correspondem a ideias distintas (SAUSSURE, 1913, p. 23-24).

Ao discutir sobre a fala, Saussure (1913) a diferencia da língua. Ele defende que a fala é o embrião da linguagem, “um ato individual de vontade e inteligência e dela o indivíduo é sempre senhor”. A língua, por sua vez, se revela pela prática da fala em todos os indivíduos que pertencem a uma mesma comunidade. É um sistema gramatical virtualmente presente nos cérebros de um conjunto de indivíduos, já que ela não está completa em nenhum deles. Nos indivíduos falantes, se formam as marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos eles. Para Saussure, língua e fala estão intimamente relacionadas: a língua é necessária para que a fala seja compreensível e produza seus efeitos; a fala, por sua vez, é necessária para que a língua se estabeleça. Ambas servem para separar o que é social (língua) daquilo que é individual (fala), o que é essencial do que é acessório (SAUSSURE, 1913, p. 21-22).

Compreendida como um sistema, pelo viés do sincronismo, a linguagem tem regras precisas de funcionamento, uma estrutura determinada e transformações que obedecem a leis estritas (KRISTEVA, 1969). Concebida como um fenômeno em grande parte mental, a linguagem pode ser analisada a partir da sua relação com a formação de conceitos, já que muitos destes, ou a maior parte deles, recebe algum tipo de rótulo verbal (LANGACKER, 1980, p. 13).

Com o advento da Psicolinguística, a linguagem foi compreendida como um fenômeno cognitivo, que envolve a produção da fala, por processos de codificação dos pensamentos em fonemas, morfemas, palavras; e a recepção, relacionada à decodificação dos sons da fala de modo a identificar morfemas, palavras, sintagmas e frases através de um trabalho mental

inconsciente. Nessa perspectiva, Chomsky (1957) promove uma enorme e importante mudança no campo da Psicolinguística, ao compreender a língua como um sistema de princípios radicados na mente humana; e apresenta os fundamentos da Teoria Gerativa, sobre a qual discutiremos adiante.

Naves e Lima-Salles (2010, p. 19) discutiram o conceito de língua em uma perspectiva internalista, elaborada com base na filosofia racionalista. Nessa perspectiva, a língua é uma herança genética da espécie humana, que se manifesta a partir da interação das pessoas com o mundo da experiência sensível, impondo-lhe sua especificidade estrutural.

Os pensamentos elaborados acerca da língua(gem), em todo o decorrer da história, nos mostram o imenso interesse em compreender melhor essa faculdade humana. Entre os vários questionamentos que surgiram, havia o desejo de conhecer, com maior profundidade, como a linguagem é adquirida pelos indivíduos. Por esse motivo, emergiram diferentes teorias que buscaram explicar como isso acontece.

2.2 Teorias da aquisição da linguagem

Entre as teorias que tentaram explicar como ocorre a aquisição da linguagem, destacam-se os paradigmas empirismo e racionalismo. Segundo Langacker (1975), o empirismo considera que a aquisição da linguagem acontece a partir de modelos de comportamento que podem ser observados. Nessa concepção, a estrutura psicológica é muito pouco determinada ao nascer, e a linguagem é totalmente aprendida pela experiência, ou seja, nenhuma estrutura linguística é determinada de nascença. A criança adquire a linguagem e a estrutura da língua do grupo no qual está inserida por meio do treinamento que recebe. Ela nasce somente com uma habilidade geral para aprender (LOCKE, 1993), sem possuir qualquer capacidade inata especial para adquirir a linguagem, que nessa concepção, é percebida como uma entidade transmitida culturalmente.

Para os inatistas, a linguagem é quase totalmente determinada de nascença e há uma capacidade especial congênita para sua aquisição. Nessa concepção, a criança possui uma inteligência geral e uma predisposição inata para adquirir a linguagem, sendo necessário somente ser exposta à uma língua para que a aquisição aconteça. O papel da experiência linguística não é moldar a linguagem, mas sim ativar a competência linguística presente nos indivíduos, desde o nascimento. Nesse sentido, além da habilidade natural para formar e manipular conceitos, possuímos uma predisposição inata específica para adquirir um sistema linguístico e suas propriedades. Nessa perspectiva, ocorre a parametrização, a partir da qual a

criança adquire os detalhes que marcam as diferenças entre a língua que é falada ao seu redor das demais línguas humanas que existem. Portanto, o que é mais significativo no processo de aquisição da linguagem é transmitido geneticamente, e somente os detalhes estruturais periféricos que expressam as diferenças e especificidades das línguas é que são adquiridos pelas influências do meio ambiente.

Segundo o racionalismo, a capacidade para a linguagem — e não uma língua específica — é o que a criança recebe por herança genética. Ao nascer, estão presentes na criança propriedades estruturais e de organização comuns a todas as línguas. Tendo por base o sistema linguístico, a criança precisa descobrir os detalhes estruturais do sistema específico utilizado ao seu redor, e a aprendizagem está relacionada a esse processo.

Apesar de certos desacordos, como mostramos anteriormente, Langacker (1975) explica que os empiristas e os inatistas compartilham algumas ideias. Ambos admitem que existem determinadas restrições, impostas pela estrutura do organismo humano, ao tipo de sistema que se pode dominar. Ao refletir sobre os sistemas, por exemplo, entendem que qualquer um deles deve ser finito, assim como é finito o próprio organismo humano. Ademais, defendem que, em alguma medida, as crianças nascem com habilidade inata para aprender, com uma capacidade que lhes é transmitida geneticamente, por meio da qual elas conseguem combinar estruturas simples para formar outras mais complexas. Portanto, o empirismo assume que certas propriedades inatas do organismo, de certo modo, determinam a organização da linguagem. Por outro lado, a concepção racionalista não nega o relevante papel da aprendizagem na aquisição da linguagem (LANGACKER, 1975).

Segundo Baia e Aguiar (2020), no escopo das abordagens emergentistas ou funcionalistas organizadas por Vihman (1996), existem distintas visões, representadas em modelos, sobre o desenvolvimento linguístico inicial da criança. As autoras explicam que tais modelos não atribuem o caráter de inato ao que poderia ser o conhecimento prévio de língua, mas apresentam diferentes explicações sobre como seria a organização linguística inicial no contato com o ambiente.

Ao falarem sobre o modelo biológico, Baia e Aguiar (2020, p.169) citam Locke (1993), e salientam que o autor discute a existência de dois sistemas importantes para a linguagem no ser humano: I) especialização na cognição social, presente na criança desde o nascimento, por meio do qual a criança busca por vozes e faces, além do foco dado à prosódia e à fala que lhe é dirigida; é por causa dela que pode-se observar a criança tentando acomodar sua voz aos padrões do *input*, e posteriormente produz palavras e sentenças; II) módulo linguístico, no qual estaria o sistema interno, composto especificamente por fonologia e morfossintaxe, que não é

compartilhado com outra espécie. As autoras esclarecem ainda que, para Locke, o módulo linguístico não seria dado por natureza, mas emergiria de acordo com a interação com o ambiente.

Crianças não vêm pré-estabelecidas para aprender língua. Em vez disso, elas estudam o movimento das faces e das vozes – o que é observável a partir dos falantes – e gradualmente se acomodam e reproduzem esses comportamentos. (LOCKE, 1993, p. 18 *apud* BAIA; AGUIAR, 2020, p.170).

Além do modelo biológico, Baia e Aguiar (2020) citam outros modelos que representam abordagens emergentistas: os modelos de auto-organização, que complementam a abordagem biológica; e o modelo funcionalista. As autoras discutem que, entre os representantes dos modelos de auto-organização, estão Kent (1984) e Lindblom (1992). Lindblom, assim como Kent, defende que:

[...] a complexidade do sistema linguístico não pode ser compreendida apenas como produto de programação genética ou processos ambientais. Segundo o autor, é por meio da interação dos dois que o sistema linguístico pode emergir (LINDBLOM, 1992 *apud* BAIA; AGUIAR, 2020, p.171).

Sobre o modelo funcionalista, Budwig (1995 *apud* BAIA; AGUIAR, 2020) destaca que qualquer abordagem funcionalista de desenvolvimento linguístico precisa considerar que a língua é adquirida de acordo com as funções comunicativas, ou seja, precisa reconhecer que a língua é organizada conforme as necessidades daqueles que a utilizam.

A partir do empirismo e racionalismo emergiram algumas teorias de aquisição da linguagem. Para o behaviorismo, conforme explica Scarpa (2001), a aprendizagem da linguagem seria proveniente da exposição ao meio e de alguns mecanismos de comportamento verbal como reforço, estímulo e resposta. Nesse sentido, uma língua materna seria aprendida por meio do acúmulo de comportamentos verbais. O connexionismo concebe a linguagem, segundo Finger (2017), como fruto do mecanismo responsável por processar todas as faculdades cognitivas humanas. Nessa perspectiva, o conhecimento linguístico é minimamente determinado pela genética, sendo adquirido por meio de processadores que são inatos e localizados, mas não de domínio específico, pois também podem processar informação de outros domínios (BATES, 1994 *apud* FINGER, 2017, p.135). Nessa concepção, conforme Finger (2017, p.136), “as crianças são sensíveis às regularidades no *input* e extraem padrões probabilísticos com base nessas regularidades”. A autora explica que a aprendizagem da língua

ocorre quando esses padrões são reforçados por meio da ativação repetida, com base em processos associativos, e não através da construção de regras abstratas.

Scarpa (2001) explica que, na visão cognitivista de Vygotsky, a internalização da linguagem é decorrente de uma reconstrução interna de uma operação externa, tendo o ‘outro’ como mediador. Dessa forma, no processo de internalização, uma operação a princípio externa é reconstruída e começa a acontecer internamente. Para o interacionismo social, a aquisição da linguagem acontece a partir da interação social entre a criança e o adulto, inicialmente por meio de rituais comunicativos pré-verbais. Já o sociointeracionismo afirma que a criança é inserida em uma estrutura na qual o outro comparece como um representante da língua a ser adquirida. Assim, a própria criança é compreendida como sujeito falante, que está em contato com a própria língua em seu funcionamento (SCARPA, 2001).

O inatismo é uma teoria de aquisição da linguagem que surgiu na antiguidade e se desenvolveu por meio de diferentes abordagens, inclusive no campo filosófico, com as ideias de Platão, Descartes, entre outros. Após passar por um período de descrédito, a discussão acerca do inatismo ressurge com Chomsky, não embasada em uma perspectiva filosófica, mas alinhada à necessidade de elaborar hipóteses empíricas para desenvolver uma análise científica sobre a aquisição da linguagem e seus mecanismos de uso. Nessa direção, Chomsky busca compreender o que seriam as estruturas inatas, sendo estas submetidas às mesmas leis que regem os fenômenos naturais (SELL, 2002).

Nascido na Filadélfia (EUA), Noam Chomsky é considerado o pai da linguística moderna, além de filósofo, ativista e analista político. Ao debruçar-se sobre os estudos das capacidades cognitivas humanas, Chomsky se interessou por investigar sua origem no indivíduo (ontogênese). Para tanto, o linguista busca compreender uma dessas capacidades: a linguagem. Em sua compreensão acerca do inatismo, Chomsky apresenta uma versão científica na qual a hipótese das ideias inatas pode ser elaborada considerando a teoria linguística e a teoria da GU (Gramática Universal) como uma característica inata da mente humana, que poderia inicialmente ser descrita pela biologia humana (CHOMSKY, 1977, p. 41). Chomsky apresenta suas ideias e concepções por meio da Teoria Gerativa.

2.2.1 A Teoria Gerativa

Segundo Kenedy e Lima (2013), no campo da linguagem, a teoria linguística se ocupa de formular hipóteses e teorias que expliquem como deve ser a natureza do conhecimento linguístico existente na mente humana. Como esse conhecimento é adquirido pelas crianças,

desde os anos iniciais de vida? Como ele se constitui e é produzido pelo cérebro humano? Nas ciências cognitivas, dentro da teoria linguística, há diferentes modelos que buscam elucidar tais questões. Entre eles, a Teoria Gerativa, conhecida como Gerativismo, é a mais influente.

Em 1950, Chomsky elaborou suas ideias iniciais acerca da natureza mental da linguagem humana. Ao publicar seu primeiro livro, *Estruturas Sintáticas*, em 1957, Chomsky afirma que o principal objetivo da linguística é tornar visível o conhecimento linguístico dos falantes a partir de uma descrição com objetividade científica. Inicialmente, ele constrói a hipótese de que existe uma estrutura fundamental que é determinada biologicamente, e a linguagem, específica da espécie humana, é uma dotação genética e não um comportamento verbal. Ele assume que a aquisição da linguagem é resultante do desencadear de um dispositivo inato inscrito na mente, o Dispositivo de Aquisição da Linguagem (DAL).

As ideias de Chomsky revolucionaram a concepção da época, pois até então a linguística estava focada no aspecto social e histórico da linguagem humana. A compreensão chomskyana acerca da linguagem abriu novos caminhos para investigações e, além de descrever as estruturas das línguas, os linguistas começaram a buscar explicações sobre a capacidade da mente humana para adquirir e processar tais estruturas (KENEDY, 2021, p.18).

Para Kato (1995), toda teoria de aquisição traz essencialmente uma concepção do que se compreende por “língua”. A autora explica que Chomsky (1986a) faz uma clara separação de duas concepções possíveis: I) a que define a língua como um objeto externo, um conjunto de enunciados definidos extensionalmente e II) aquela que percebe a língua como algo interno à mente humana, como saber individual, uma visão de conjunto de enunciados intensional. Na primeira concepção, a língua existe fora da mente dos indivíduos, é o léxico, componente da linguagem no qual são depositadas todas as informações sobre som e significado de itens lexicais isolados. Na segunda, ela significa o conhecimento linguístico que um indivíduo possui, por meio do qual ele é capaz de produzir um conjunto infinitamente imenso de sentenças que constitui sua língua (LYONS, 1987).

Para fazer uma distinção entre essas duas concepções de língua, Chomsky (1986) propôs a utilização de dois termos: ‘língua-I’ (*Internal-Language*, Língua-Interna, L-I), para associar a língua à sua concepção cognitiva; e ‘língua-E’ (*External-Language*, Língua-Externa, L-E), para referenciar a língua como fenômeno sociocultural, já que é compartilhada por indivíduos que pertencem a uma mesma sociedade e, portanto, compartilham a mesma cultura. A língua-I se refere à competência linguística do falante de uma determinada língua; enquanto a língua-E se refere aos enunciados produzidos por ele. O uso da competência linguística, de forma concreta e real, denomina-se desempenho linguístico ou performance linguística. A teoria

gerativa se interessa por investigar a competência linguística (língua-I), buscando descrever e explicar o que é o conhecimento de uma língua. Ademais, deseja compreender de onde vem a capacidade humana de adquirir e utilizar uma língua natural, de construir e armazenar conhecimento linguístico.

Refletindo sobre a aquisição do conhecimento linguístico, Chomsky formulou dois argumentos contrários à hipótese da tábula rasa, que discutimos anteriormente: o problema lógico da aquisição da linguagem e o argumento da pobreza de estímulos. Ao discorrer sobre o problema lógico da aquisição da linguagem, Chomsky defende que os estímulos recebidos por uma criança durante a aquisição são finitos, mesmo que sejam diversificados e abundantes. As crianças recebem estímulos de seu ambiente durante dois, três ou quatro anos. Ao final desse período, o conhecimento linguístico parece ter sido plenamente constituído. Findado o processo de aquisição, a competência linguística que a criança adquiriu gera produtos infinitos. Elas podem produzir e compreender frases e discursos infinitamente, compreendem e produzem enunciados inéditos de maneira criativa, não se limitando a reproduzir estímulos finitos que recebeu.

Ao explicar seu argumento da pobreza de estímulos, Chomsky sustenta que o conhecimento formulado e preciso que a criança constrói acerca da estrutura da sua língua não pode ser unicamente deduzido por meio de informações presentes nos estímulos linguísticos do ambiente biossocial, ainda que sejam ricos. Segundo o linguista, os estímulos são pobres por não possuírem todas as informações necessárias para que ocorra a aquisição do conhecimento linguístico. Assim, na mente humana, deve haver algo capaz de extrair informações dos estímulos, interpretá-los e transformá-los em conhecimento.

Chomsky, buscando respostas para o problema de Platão, elaborou a hipótese inatista, na qual embasamos nossa pesquisa. Esta hipótese considera que todos os seres humanos possuem a faculdade da linguagem (FL), uma predisposição para a linguagem que permite aos indivíduos adquirir e usar ao menos uma língua natural.

A faculdade da linguagem é como um órgão, no sentido de que seu caráter básico é uma expressão dos genes. [...] podemos investigar as propriedades desse órgão como representações mentais: podemos imaginar um estado mental inicial, um dispositivo de aquisição de língua, que toma a experiência como dado de entrada e constrói um estado mental estável, isto é, uma língua particular, como dado de saída (CHOMSKY, 1998a *apud* NAVES; LIMA-SALLES, 2010, p. 19).

A faculdade da linguagem é composta por princípios universais altamente restritos, presentes em todas as línguas naturais; e por parâmetros, propriedades que podem ou não ser exibidas por uma língua e que são responsáveis pelas diferenças existentes entre elas (MIOTO; SILVA; LOPES, 2013). Os parâmetros são marcados durante o processo de aquisição de uma língua, com base no *input*¹⁰ recebido pela criança. O estágio inicial (S_0) no qual se encontra uma criança que está adquirindo uma língua é denominado Gramática Universal (GU) (NAVES; LIMA-SALLES, 2010, p.20), que é acionada por meio do DAL, com o qual a criança nasce.

Na marcação paramétrica, os valores são binários e podem ser representados como valores positivo (+) ou negativo (-). No momento em que a criança aciona um parâmetro, ela imprime a ele um dos dois valores, por meio das evidências positivas que recebe no *input*, ou seja, de acordo com a língua que ela ouve, vê ou tateia¹¹ em seu entorno. À medida que os parâmetros vão se fixando, as gramáticas das línguas vão se formando. Quando todos os parâmetros estão marcados, a criança alcança o estágio final (S_s) da aquisição, resultante da interação entre o estado inicial (S_0) e a experiência, que fornece os dados de entrada. Assim, a criança atinge a gramática adulta de sua língua.

Para exemplificar o processo de marcação paramétrica, podemos pensar na ordem de constituintes em uma sentença, que jamais é elaborada de maneira aleatória, seja qual for a língua natural (MIOTO *et al.*, 2018). Assim, determinados elementos que compõem núcleos em uma sentença serão precedidos ou seguidos por outros elementos. Nessa direção, podemos analisar o Parâmetro da Ordem a partir de um exemplo proposto por Mioto *et al.* (2018), observando o verbo como núcleo e sua posição na sentença, se é inicial ou final.

- | | |
|------------------------------|-----------|
| (1) Kato <i>compra</i> doce. | português |
| (2) Kato okashi <i>kau</i> . | japonês |
| ‘Kato doce comprar’ | |

Observando os verbos presentes nas sentenças (1) e (2), e a relação deles com os seus objetos, percebemos que em (1) Kato *compra* doce (sentença em português), logo após o sujeito (Kato) aparece o verbo (*compra*) e depois o objeto (doce). Em (2) Kato okashi *kau* (sentença em japonês) acontece o contrário: o objeto (okashi) aparece antes do verbo (*kau*). Na sentença

¹⁰ De acordo com Mioto *et al.* (2010, p.30), *input* são dados linguísticos de uma determinada língua particular.

¹¹ Mencionamos as possibilidades de marcação paramétrica de acordo com a língua que a criança ouve, vê ou tateia porque estamos incluindo as diversas modalidades de língua. Dessa forma, quando dizemos ‘ouve’ estamos nos referindo às crianças ouvintes usuárias de uma língua de modalidade oroauditiva, ‘vê’ para nos referirmos às crianças surdas e ouvintes usuárias de uma língua de modalidade gesto-visual e ‘tateia’, referindo-nos às crianças surdocegas usuárias de uma língua de modalidade gesto-tátil.

em português o núcleo é inicial, pois o verbo aparece antes do seu complemento, e na sentença em japonês o núcleo é final, pois o verbo aparece depois do seu complemento. Portanto, a marcação paramétrica seria um valor positivo [+] para o parâmetro de núcleo inicial e um valor negativo [-] para o parâmetro de núcleo final. Isso quer dizer que, por meio das evidências do *input*, uma criança adquirindo o português acionará o Parâmetro de Ordem com o valor [+] e adquirindo o japonês, acionará com o valor [-].

A linguística gerativa, no início dos anos 1980, formulou a Teoria de Princípios e Parâmetros (TPP). Essa teoria afirma que a GU deve ser entendida como um conjunto de regularidades gramaticais universais, que são os princípios; e um conjunto limitado de variações linguísticas, que são os parâmetros.

2.2.1.1 O Modelo de Princípios e Parâmetros

De acordo com a TPP, a GU compreende o estágio inicial da aquisição da linguagem, no qual dois conjuntos de elementos formam a linguagem: os Princípios universais, comuns a todas as línguas; e os Parâmetros particulares, ainda não marcados pela experiência do indivíduo com sua língua-E. Na GU, os princípios da linguagem estão ativos desde o início da vida. Os parâmetros, por outro lado, necessitam ser ativados no decorrer do tempo, conforme a língua do ambiente no qual a criança vive (CHOMSKY, 1980).

Chomsky explica que, durante a aquisição da linguagem, a GU retira informações da língua do ambiente da criança para marcar os seus parâmetros. No estágio estável, quando o processo de aquisição termina, os parâmetros de uma determinada língua serão completamente assimilados pela GU, e o conhecimento específico de uma língua estará estabelecido na mente do indivíduo. Dessa forma, o conjunto de princípios universais e o conjunto de parâmetros, marcados pela experiência particular, irão caracterizar a competência linguística do indivíduo, a sua língua-I.

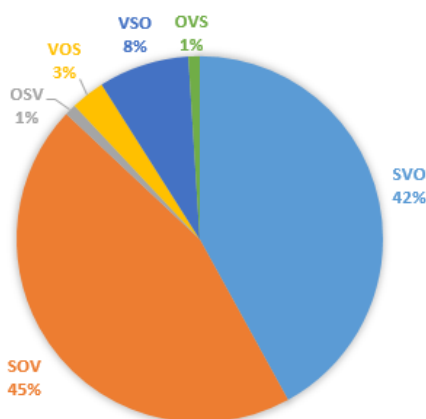
Raposo (1992) explica que a GU possui diferentes princípios, que são especificações gramaticais comuns a todas as línguas humanas, a exemplo do Princípio de Dependência Estrutural, pelo qual as operações sintáticas existentes nas línguas naturais são sensíveis à estrutura na qual os constituintes são inseridos em uma sentença. Tais operações sintáticas podem deslocar constituintes de uma posição para outra dentro da sentença, apagar constituintes por elipse ou substituir constituintes por pronomes que sejam equivalentes, mas o deslocamento não pode ser feito de qualquer forma. Um nome que esteja formando uma estrutura com um pronome, por exemplo, não poderá ser deslocado sozinho para outra posição em uma sentença.

Ambos precisam ser movidos juntos, respeitando a dependência de estrutura, para que não ocorra agramaticalidade nem violação do princípio.

A harmonia estrutural de uma língua é composta pelos padrões linguísticos que surgem das opções paramétricas. Enquanto os parâmetros da GU vão sendo marcados como positivos ou negativos, se constrói uma rede de relações estruturais entrelaçadas que originam a configuração sintática final de uma dada língua-I. Através de uma marcação paramétrica, fenômenos sintáticos diferentes coocorrem sistematicamente e de maneira previsível em uma língua. Podemos tomar, como exemplo, o padrão de organização linear dos principais constituintes de uma sentença, ou seja, o sujeito (S), o verbo (V) e o objeto (O). Essa organização é proveniente de certas propriedades da GU (KENEDY, 2021).

O português, como outras línguas naturais, possui o Parâmetro do Núcleo marcado como [-final]. Isso quer dizer que essa língua coloca o núcleo (verbo) antes do seu complemento, e por isso, geralmente dispõe os constituintes de uma sentença na ordem SUJEITO - VERBO - OBJETO (SVO). As línguas que colocam o núcleo depois do seu complemento, como é o caso do japonês, organizam suas sentenças tipicamente na ordem SUJEITO - OBJETO - VERBO (SOV). A maioria das línguas humanas se divide no padrão SVO *versus* SOV, e as poucas exceções são oriundas de possibilidades reduzidas de posicionamento de S em relação a V e a O. Assim, o padrão de organização de constituintes em sentenças, nas muitas línguas do mundo, se relaciona ao Parâmetro do Núcleo de acordo com sua inscrição na GU dos indivíduos (KENEDY, 2021).

Figura 1 – Ordenação linear de constituintes frasais dentre as línguas do mundo



Fonte: Adaptada de Kenedy (2021).

De acordo com seu Parâmetro do Núcleo [+/- final], as línguas humanas são OV ou VO. As variações que existem ocorrem em relação à posição do sujeito (S), que pode ocorrer antes ou depois de OV (resultando sentenças SOV ou OVS); antes ou depois de VO (resultando sentenças SVO ou VOS); ou entre os dois constituintes OV e VO (resultando sentenças OSV ou VSO). A posição do sujeito (S) não está relacionada ao Parâmetro do Núcleo, mas depende de outros fatores, inclusive do Parâmetro do Sujeito Nulo.

A partir da TPP, no início da década de 90, surge uma nova concepção sobre a faculdade da linguagem: O Programa Minimalista (PM), a versão mais recente da teoria gerativa.

2.2.1.2 O Programa Minimalista

Segundo Lopes (2001), o Programa Minimalista apresenta uma nova concepção acerca da FL e, conseqüentemente, da GU, abrindo novas possibilidades para estudos na área de aquisição da linguagem. Kato (1997, p.4) explica que, no PM, a FL passa a ser compreendida como “o conjunto de módulos, ou sistemas, como ela envolvidos na Linguagem, ou o conjunto de conhecimentos que dão conta da produção e da compreensão”.

O Modelo de Princípios e Parâmetros é assumido pelo Programa Minimalista (Chomsky, 1995, 1999, 2005), que tem como objetivo principal construir uma teoria da gramática fundamentada nos conceitos naturais, tendo como base um conceito de economia. Augusto (2007) explica que o Minimalismo continua adotando as bases da TPP, mas apresenta uma caracterização da FL mais restrita, com princípios que possuem um caráter mais geral e parâmetros que são definidos pelas propriedades do léxico. Segundo Augusto (2007), na visão minimalista não há regras específicas a serem adquiridas. Toda informação paramétrica específica de uma determinada língua está contida no léxico, que deve ser interpretado como o repositório de informações linguísticas que originam as representações π e λ . Tais informações são denominadas ‘traços’.

Para Chomsky (1995), no léxico há três tipos de traços: semânticos, fonológicos e formais (gramaticais). Esses traços podem variar de uma língua para outra, arbitrariamente, originando a diversidade linguística que existe no mundo. Os traços semânticos estão relacionados ao conteúdo dos itens lexicais, ao seu significado, ao passo que os traços fonológicos se referem à pronúncia desses itens. Os traços formais, por sua vez, não se realizam visivelmente em uma palavra isolada. Tais traços codificam informações que serão acessadas e utilizadas pelo sistema computacional no intuito de prover as interfaces linguísticas com sintagmas e sentenças.

Chomsky explica que o sistema computacional, também denominado Sintaxe, é o componente da linguagem humana que tem a função de combinar os traços do léxico e transformá-los em representações sintáticas complexas como sintagmas e frases. Esse sistema é sensível a toda informação paramétrica. Para Borer (1984 *apud* AUGUSTO, 2007, p.274), no léxico da língua, a marcação paramétrica decorre do conjunto de traços que são selecionados pelas gramáticas particulares e sua associação a itens lexicais específicos, ou seja, aos valores de traços formais de categorias funcionais.

Segundo Augusto (2007), existem dois níveis de representação para uma sentença da língua responsáveis pelo pareamento entre som/forma e sentido: os níveis de representação Forma Fonética (π) e Forma Lógica (λ). Tais níveis, segundo a autora, são motivados conceitualmente “por fazerem interface¹² com os sistemas de performance: sensório-motor ou articulatório-perceptual (interface fonético-fonológica) e os sistemas conceituais-intencionais ou sistemas de pensamento (interface semântica)” (AUGUSTO, 2007, p.274).

Chomsky (1999) esclarece que o sistema computacional é sensível à interpretabilidade dos traços formais/gramaticais dos itens lexicais e age sobre eles com a finalidade de enviar, a cada interface linguística (fonético-fonológica e semântica), a informação relevante para os sistemas de desempenho. Tal atuação ocorre no momento da derivação sintática em que há somente traços fonológicos, semânticos ou formais que podem ser interpretados pelos sistemas de pensamento (AUGUSTO, 2007). A interpretabilidade dos traços formais, que constituem informação de natureza gramatical, é definida pela interface semântica. Desse modo, a informação é de origem semântica, e ao passar por um processo de gramaticalização na constituição das línguas, torna-se de natureza formal.

O sistema computacional é orientado por traços formais acerca das relações sintáticas que um determinado item lexical deve estabelecer com outros itens em uma sentença na qual seja inserido. Dessa maneira, são os traços formais que ensinam ao sistema computacional o processamento de certas operações, como por exemplo, atribuir a certo item lexical uma posição linear na sentença, e estabelecer um conjunto de relações sintáticas e semânticas entre esse item e outros com os quais ele precisa ser vinculado em uma expressão linguística (CHOMSKY, 1999).

O sistema computacional é composto por uma série de operações: *Select* (selecionar), *Merge* (concatenar), *Agree* (concordar), *Move* (mover) e *Spell-Out* (separar). Essas operações

¹² Segundo Kenedy (2021, p.115), a interface é uma região de interação entre módulos linguísticos.

atuam sobre um conjunto de itens lexicais selecionados que devem alimentar a derivação¹³ de uma representação linguística específica, uma Numeração, conforme a intenção de fala. Por meio da operação *Select*, os itens lexicais que participarão da derivação são selecionados para o espaço derivacional, tornando-se acessíveis às demais operações do sistema. A operação *Merge* é responsável por criar objetos sintáticos complexos como sintagmas, orações e frases. Através da operação *Agree*, o sistema computacional realiza a eliminação de traços formais não-interpretáveis da sintaxe estrita. Já a operação *Move*, em essência, é o deslocamento de um objeto entre diferentes posições sintáticas em uma frase. A operação *Spell-Out* é responsável por identificar quando uma derivação já se encontra no ponto de ser enviada para os sistemas que lidam diretamente com as interfaces (CHOMSKY, 1995).

A categoria gramatical é um traço formal muito evidente nas unidades lexicais. As informações sobre a classe de uma palavra estão contidas no item do léxico. Isso significa que, se conhecemos um item lexical, sabemos se ele é um verbo, um nome, um adjetivo, etc. O traço categorial de um item determina, por exemplo, sua posição em uma sentença. O verbo ‘ver’, por exemplo, possui traços semânticos que determinam seu significado, traços fonológicos que especificam sua pronúncia e traços formais que estabelecem os fenômenos sintáticos associados a ele. Sabendo que se trata de um verbo, ‘ver’ deve ocupar a posição do núcleo do predicado em uma sentença e precisa ser relacionado, ao menos, a duas outras expressões linguísticas: uma que se refere a quem experiencia o ato de ‘ver’, e outra que é o tema/objeto de ‘ver’. Ademais, o verbo ‘ver’ deve receber uma flexão na sentença, que fornece informações sobre número e pessoa, marcas de tempo, de aspecto, entre outras (KENEDY, 2021).

Em línguas de flexão rica, a expressão morfológica dos traços no verbo decorre de um processo sintático de concordância verbal. No modelo minimalista, essa concordância é formalmente descrita como o pareamento entre os traços de número e pessoa, encontrados no domínio verbal sem valor definido; e aqueles de um nominal, de mesma natureza e valores definidos, com o qual o verbo estabelece uma relação sintática específica do tipo sujeito/verbo (AUGUSTO, 2007). Vejamos as seguintes sentenças.

(3) [Paulo [viu Joana]].

(4) [Paulo [visão Joana]].

¹³ Derivação é o conjunto de operações combinatórias, aplicadas pela Sintaxe, sobre itens lexicais, recursivamente, de tal maneira que o resultado da combinação entre esses itens são representações infinitamente inéditas e novas (KENEDY, 2021, p.130).

Na sentença (3) [Paulo [viu Joana]], cada item lexical foi colocado, pelo sistema computacional, em posições lineares que são compatíveis com seu traço categorial. O item ‘ver’ informa ao sistema computacional que ele é um verbo e que possui o traço categorial ‘V’. Essa informação faz com que o sistema posicione o item ‘ver’ como núcleo do predicado, o núcleo de flexão na sentença. Essa posição que ‘ver’ ocupa só pode ser destinada a itens que carregam o traço ‘V’. Em lugar do item lexical ‘ver’ temos na sentença (4) [Paulo [visão Joana]] o item ‘visão’. Esse item está inscrito no léxico com o traço categorial ‘N’, pois ‘visão’ é um nome. Sendo um nome, ‘visão’ não pode ser colocado na posição de núcleo do predicado. Nesse caso, somente a sentença (3) é gramatical, pois o núcleo do predicado foi ocupado por um item que tem o traço categorial necessário.

As propriedades de seleção de um determinado item constituem outro traço formal presente no léxico. Tais propriedades se referem à capacidade de determinados itens lexicais convocarem outro(s) item(s) com os quais irão compor a estrutura de uma sentença. Portanto, o traço de seleção confere a um item a capacidade de selecionar, de maneira compulsória, outros itens que coocorrerão com ele em uma estrutura sintática (KENEDY, 2021, p.142).

Augusto (2007) explica que o sistema computacional está disponível para a criança desde o início do desenvolvimento linguístico. Durante o processo de aquisição, a criança precisa determinar o conjunto de traços específicos da língua à qual ela está sendo exposta, além de definir a quais itens lexicais cada traço se associa, qual a natureza do traço, se ele é interpretável ou não, para então entrar na sintaxe da língua e realizar a marcação paramétrica.

Para Correa (1999), a aquisição da linguagem apresenta um padrão universal de desenvolvimento, em grande parte, comum a diferentes indivíduos nas diversas línguas. No entanto, para que ocorra a aquisição “é fundamental que o *input* linguístico seja acessível à criança” (LIMA-SALLES; NAVES, 2010, p.27). Em princípio, toda criança é capaz de adquirir ao menos uma língua, tendo acesso aos estímulos linguísticos necessários para que ocorra a aquisição. Considerando crianças surdas e ouvintes, discutiremos a seguir algumas particularidades de ambos os processos de aquisição da linguagem.

2.3 Aquisição da linguagem por crianças surdas e ouvintes

Ao discutirem sobre a aquisição da primeira língua, Grolla e Silva (2014, p.31) explicam que existe uma faixa etária apropriada, um período crítico para que a aquisição aconteça, que dura até o início da puberdade. As autoras defendem que a criança precisa ter contato com

falantes de alguma língua natural até esse momento pois, se assim não ocorrer, não será possível adquirir uma língua com a mesma perfeição.

Para Finger (2017, p.140), tradicionalmente, pressupõe-se que o período crítico provém do fato de que o desenvolvimento humano segue um cronograma rigorosamente maturacional, limitado pelas suas bases biológicas em todos os sentidos. A autora explica que, segundo a hipótese do Período Crítico, discutida por Lenneberg (1967), a aprendizagem rápida e eficiente da língua materna contrasta com prováveis insucessos e limitações em uma possível aprendizagem posterior de uma língua. Isso porque o desenvolvimento neurobiológico natural do ser humano estabelece limites na sua capacidade de aprendizado da língua em virtude da perda de plasticidade no cérebro. Dessa forma, para que a língua seja adquirida normalmente por um falante, deve haver necessariamente uma exposição a instâncias de *input* linguístico até uma determinada idade (FINGER, 2017).

Lenneberg (1967) propôs que o período crítico se inicia por volta dos 2 anos e se encerra por volta da puberdade. Para o autor, esse é o período mais sensível à aquisição, pois, biologicamente, o cérebro humano possui, inicialmente, uma representação bilateral das funções da linguagem. Durante a puberdade, mediante o processo de aquisição, somente um hemisfério se torna mais dominante em relação a tais funções, completando o período de aquisição da linguagem. Assim, a criança precisa adquirir ao menos uma língua durante esse período. Caso isso não aconteça, a capacidade para a aquisição pode ser gravemente comprometida, e se dá de forma imperfeita, ocorrendo em período não ideal, tardiamente. Por outro lado, Seidenberg e Zevin (2006 *apud* FINGER, 2017, p.141) afirmam que a existência de casos de aquisição tardia de uma segunda língua (L2) com níveis de competência quase nativa demonstra que “os limites na aprendizagem da língua que se seguem ao fechamento de um suposto período crítico não são absolutos”.

Para o processo de aquisição da língua ser bem-sucedido, Chomsky (1986) defende que é preciso que a exposição ao *input* da língua materna coincida com o período de maturação da faculdade da linguagem. Nesse sentido, o estágio estável de uma língua-I somente será atingido se a FL, no organismo dos bebês e das crianças, for exposta a uma língua-E durante o período crítico, ou seja, ao longo do intervalo limitado de tempo em que a dotação biológica para a linguagem necessita ser estimulada pelo ambiente, para poder desabrochar (KENEDY, 2021).

Para Pizzio e Quadros (2011), o processo de aquisição das línguas de sinais acontece de maneira análoga ao processo de aquisição das línguas orais. As crianças ouvintes, sejam elas filhas de pais surdos ou ouvintes, podem vivenciar a aquisição em condições ideais, de maneira natural. O *input* acontece precocemente, pois elas recebem os estímulos externos necessários

para a aquisição nas interações com os seus pais, familiares e outras pessoas com as quais convivem. As crianças surdas também reúnem todas as condições necessárias para a aquisição, pois “Não há limitações cognitivas ou afetivas inerentes à surdez, tudo dependendo das possibilidades oferecidas pelo grupo social para seu desenvolvimento, em especial para a consolidação da linguagem” (GÓES, 1996, p.38). No entanto, a maioria das crianças surdas não vive em um ambiente linguístico que lhe permita adquirir a LS de maneira natural.

Cerca de 95% das crianças surdas nascem em famílias ouvintes que desconhecem a língua de sinais (QUADROS; PIZZIO, 2011). Ademais, essas famílias se comunicam por uma língua oroauditiva que não é a língua natural das crianças surdas. Assim, na maioria dos casos, o *input* linguístico necessário à aquisição não acontece precocemente, durante a infância, no convívio diário com os pais. Essas crianças são expostas à LS tardiamente, e a aquisição dessa língua fica comprometida, acontecendo em um período não ideal. No caso de crianças surdas e ouvintes, filhas de pais surdos, a aquisição da LS acontece naturalmente durante a infância, no período ideal, pois esta é a língua de seus pais, sua língua materna.

Segundo Quadros (1997), o percurso do desenvolvimento linguístico parece ser contínuo e universal, e pode ser compreendido a partir da observação de determinados estágios. Nesse sentido, sendo expostas à uma língua de sinais precocemente, as crianças surdas passarão pelos mesmos estágios de aquisição da linguagem das crianças ouvintes.

2.3.1 Estágios de aquisição da linguagem

Ao discutir sobre os estágios de aquisição nas línguas orais, Grolla (2009) explica que o primeiro deles é o do balbucio. Segundo a autora, nos primeiros meses de vida, os bebês choram e começam a emitir sons que não possuem significado, e a partir dos seis meses de idade passam a balbuciar um maior número de sons, produzindo sílabas repetidas como ‘ba ba ba’. Grolla explica que o mesmo tipo de balbucio é observado em crianças adquirindo línguas diferentes, incluindo crianças surdas, ainda que elas não tenham acesso a nenhum *input* linguístico. Ela conclui que tal ocorrência indica que o balbucio não é uma resposta a um estímulo externo, mas sim um comportamento guiado internamente. Boysson-Bardies e Vihman (1991 *apud* BAIA, 2016, p.51), por outro lado, observaram a emergência de diferentes sons consonânticos e vocálicos na análise de dados de balbucio em diferentes línguas (inglês, sueco, francês e japonês). Os autores perceberam que, no balbucio, crianças adquirindo o inglês produziram sons consonânticos e vocálicos diferentes daquelas adquirindo sueco.

Em relação às primeiras produções articulatórias da criança, Baia (2016) explica que elas não começam somente no balbucio, pois antes desse período ocorre a produção de sons descritos como *cooing*¹⁴. A autora esclarece que, nesse tipo de produção, os sons iniciais são produzidos de forma indeterminada em relação à língua e aos demais articuladores, e se tornam, gradualmente, mais parecidos com vogais semelhantes a [i] e [u]. MacNeilage (1999 *apud* BAIA, 2016, p.49) defende que, antes do período do balbucio, as crianças apresentam um estágio de pré-balbucio, quando emergem as categorias naturais dos sons. Em seguida, elas começam a balbuciar em uma alternância rítmica entre abrir e fechar a boca.

Na visão jakobsoniana, segundo Baia (2016), o balbucio é um fenômeno universal amplamente determinado por um programa biológico, e as características específicas da língua que está sendo adquirida começam a surgir somente quando aparecem as primeiras palavras. Tal período é diferente do período das primeiras palavras, no qual a criança reconhece que os sons possuem um valor distintivo e ela não os usa de maneira arbitrária, como ocorre no balbucio. Segundo Jakobson ([1941]1972 *apud* BAIA, 2016, p.45), durante o período do balbucio, a criança produz um conjunto de sons aleatórios que é seguido por um período de silêncio. Após esse período, ela começa a aprender os sons da sua língua materna de maneira sistemática. Em outras concepções, assume-se que no balbucio já existe influência da língua ambiente.

Quando completam um ano de vida, conforme Grolla (2009), as crianças se tornam falantes em potencial de qualquer língua humana, e sua capacidade para a linguagem pode se adaptar a qualquer *input* linguístico. Elas produzem suas primeiras palavras, nomeando objetos em seu entorno. A autora explica que seus enunciados são compostos por apenas uma palavra, que geralmente têm significado de uma sentença completa, e elas podem usar gestos ou combinação de gestos e palavras para se comunicar. Com mais ou menos um ano e meio, as crianças combinam palavras isoladas, mas ainda não há produção de sentença. Na visão de Jakobson ([1941]1972 *apud* BAIA, 2016, p.45), o período das primeiras palavras é governado por leis fonológicas da língua-alvo. Tais leis são responsáveis pelas semelhanças existentes entre a fala infantil emergente e a fala do adulto.

Grolla (2009) relata um fato interessante sobre esse estágio de desenvolvimento linguístico. Ela pontua que, mesmo antes de as crianças iniciarem a combinação de palavras, elas detectam e usam a ordem de palavras para compreender enunciados. Tal conclusão foi

¹⁴ Essa expressão do inglês significa “arrulho”, a emissão de um som gutural proveniente da garganta semelhante ao arrulho dos pombos.

obtida em um estudo realizado por Hirsh-Pasek e Golinkoff (1996). Eles testaram bebês de 17 meses que produziam somente enunciados de uma palavra. O método utilizado foi chamado de “paradigma do olhar preferencial” (do inglês: *preferential looking paradigm*).

Conforme Grolla (2009), as crianças que participaram do estudo estavam adquirindo o inglês como língua materna. No teste, a criança era colocada sentada no colo da mãe e diante dela havia duas TVs coloridas. Os olhos da mãe foram vendados para que não indicasse a direção para onde a criança deveria olhar. No meio das duas TVs foi colocado um alto-falante que dava instruções para a criança. As duas TVs mostravam dois personagens: *Big Bird* e *Cookie Monster*. Em uma tela, *Big Bird* lavava *Cookie Monster* e na outra, *Cookie Monster* lavava *Big Bird*. A criança escutava uma sentença que era emitida do alto-falante: “*Big Bird is washing Cookie Monster*” (*Big Bird* está lavando o *Cookie Monster*). Os resultados do teste demonstraram que as crianças preferiram olhar para a tela que correspondia à sentença que ouviram no alto-falante (a tela na qual o *Big Bird* estava lavando o *Cookie Monster*). Isso quer dizer que a única forma que as crianças conseguiriam saber para qual tela deveriam olhar é se elas soubessem qual personagem é complemento do verbo e qual é o sujeito. Assim, os autores concluíram que as crianças se basearam na ordem de palavras para saber. Esse estudo de compreensão indica que, mesmo antes de as crianças começarem a produzir enunciados com mais de uma palavra, elas já sabem qual é a ordem de palavras em inglês.

Após um determinado período, conforme Grolla (2009), começa o estágio de combinação de duas palavras, sem pausas entre elas, que formam enunciados considerados sentenças. As duas palavras enunciadas se encontram em uma mesma ordem, numa relação semântica, considerada a mesma ordem canônica da língua do adulto. A autora explica que, por volta dos dois anos de idade, a criança produz sentenças simples com mais de duas palavras, e entre 2 anos e meio e 3 anos, começa a utilizar palavras gramaticais como artigos e pronomes. Nesse estágio, ocorrem “erros”, como as formas de passado ‘*eu fazi*’ produzidas por crianças adquirindo o português, que mostram que a criança aprendeu a regra de formação de passado em português, pois compreende que o passado de verbos terminados em ‘-er’ (como *comer*) é formado adicionando-se ‘-i’ ao radical. O que ela ainda não internalizou é que o verbo *fazer* não é regular como *comer*.

Grolla explica que, entre três anos e meio e quatro anos, as crianças usam sentenças com mais de uma oração, como orações relativas e coordenadas. Entre os quatro e cinco anos, elas usam orações subordinadas com termos temporais como ‘antes’ e ‘depois’. Por volta dos cinco anos de idade, já adquiriram a maior parte das construções encontradas em sua língua materna. A autora esclarece que, embora seu *input* seja formado por um número finito de sentenças, a

criança é capaz de produzir um número infinito delas, pois ela adquire um conjunto de regras que lhe permite produzir sentenças novas, que ela nunca ouviu antes.

Segundo Quadros (1997), em relação às línguas de sinais, é natural que as crianças surdas, sendo expostas à LS precocemente, apresentem um paralelo quanto aos estágios de desenvolvimento linguístico das crianças ouvintes. A autora explica que um estudo realizado por Petitto e Marantette (1991), sobre a fase do balbucio em bebês surdos e ouvintes, no mesmo período de desenvolvimento (desde o nascimento até 14 meses de idade), demonstrou que o balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês como resultado da capacidade inata para a linguagem. As autoras perceberam que essa capacidade se manifesta não somente por meio dos sons, mas também através de sinais.

Petitto e Marantette (1991) observaram, nos dados analisados, todas as produções orais no intuito de verificar a organização sistemática desse período. Observaram também todas as produções manuais dos bebês surdos e ouvintes, para verificar se havia ou não alguma organização sistemática. Nos bebês surdos, as autoras identificaram duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresentou combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. A gesticulação, por outro lado, não apresentou organização interna (QUADROS, 1997).

Comparando os dois balbucios, manual e oral, os dados observados por Petitto e Marantette (1991 *apud* QUADROS, 1997) demonstraram um desenvolvimento paralelo entre eles. Ambos os bebês, surdos e ouvintes, apresentaram os dois tipos de balbucio até um determinado estágio. Em seguida, desenvolveram o balbucio específico da sua modalidade. Assim, constatou-se que os bebês surdos balbuciam oralmente até um período específico, e depois deixam de apresentar as vocalizações. Petitto e Marantette (1991 *apud* Pizzio, 2006) defendem que as crianças surdas filhas de pais surdos balbuciam com as mãos antes de produzirem seus primeiros sinais. No caso dos bebês ouvintes, eles deixam de apresentar as produções manuais, pois o *input* recebido por eles irá favorecer o desenvolvimento de uma das duas formas de balbuciar.

No caso de bebês surdos, filhos de pais surdos adquirindo uma língua de sinais, Karnopp (1994) menciona estudos que apontam o início do estágio de um sinal por volta dos 6 meses. Segundo Quadros (1997), esse estágio se inicia na criança surda por volta dos 12 meses e dura até por volta dos dois anos de idade. Quadros afirma que também há estudos sobre crianças adquirindo línguas orais que iniciam esse estágio por volta dos 12 meses. As razões apontadas por esses estudos para explicar essa questão estão relacionadas com o desenvolvimento dos mecanismos físicos (trato vocal e mãos) (LILLO-MARTIN, 1986). Em contrapartida, Petitto

(1987 *apud* QUADROS, 1997, p.71) sustenta que “a criança simplesmente produz gestos que diferem dos sinais produzidos por volta dos 14 meses”, analisando essa produção gestual, no período pré-linguístico, como parte do balbucio.

Em relação à apontação, Quadros (1997) explica que tanto crianças surdas quanto ouvintes com menos de um ano apontam frequentemente para indicar pessoas e objetos. No entanto, quando a criança entra no estágio de um sinal, o uso da apontação desaparece (PIZZIO, 2006). Quadros comenta que Petitto sugere uma aparente reorganização básica nesse período e a criança muda o conceito da apontação inicialmente gestual (pré-linguístico) e passa a percebê-la como um elemento do sistema gramatical da língua de sinais (linguístico).

Nas crianças surdas, após o estágio de um sinal, Quadros explica que surge o estágio das primeiras combinações, por volta dos dois anos de idade. Nesse estágio, elas começam a utilizar o sistema pronominal, mas de maneira inconsciente. Bellugi e Klima (1979) realizaram estudos na ASL que constataram que o padrão de aquisição das crianças surdas é bem parecido ao padrão das crianças ouvintes. Fischer (1973) e Hoffmeister (1978), ao analisarem a ordem de constituintes utilizada pelas crianças surdas durante esse estágio, na ASL, perceberam que a ordem usada por elas é SV, VO ou, posteriormente, SVO.

Pizzio e Quadros (2011) explicam que Meier (1980) identificou, na ASL, que a ordem de constituintes é usada para estabelecer relações gramaticais. Meier observou que nem todos os verbos podem ser flexionados para marcar as relações gramaticais em uma sentença. Há verbos que apresentam limitações fonológicas e lexicais para incorporar os pronomes. Os verbos ancorados no corpo, por exemplo, têm essa característica, como TER e AMAR, na Libras. Por outro lado, verbos como ANDAR, na Libras, podem incorporar pronomes. Dessa forma, as crianças surdas devem adquirir duas estratégias para marcar as relações gramaticais: a incorporação dos pronomes, que envolve a concordância verbal, e essa depende diretamente da aquisição do sistema pronominal; e a ordem dos constituintes.

Na Libras, os pronomes EU e TU são identificados por meio da indicação propriamente dita, a si mesmo e ao outro, respectivamente. Petitto (1986) observou que, na ASL, as crianças surdas por volta dos dois anos de idade cometem “erros” de reversão do pronome, da mesma forma que acontece com crianças ouvintes. Isso quer dizer que as crianças usam a apontação direcionada ao outro buscando se referir a si mesmas. Petitto chegou à conclusão que, mesmo havendo uma aparente relação entre forma e significado da apontação, a compreensão dos pronomes não é clara para a criança adquirindo, pois a apontação apresenta diferentes papéis linguísticos. A aquisição do sistema pronominal aconteceria de maneira semelhante por

crianças surdas e ouvintes. Isso sugere que essa aquisição ocorre por um processo universal, ainda que as línguas sejam de modalidades diferentes (línguas de sinais e línguas orais).

Bellugi e Klima (1989) citam que, no estágio das múltiplas combinações, a criança surda ainda não faz uso de pronomes identificados espacialmente para se referir às pessoas e aos objetos se não estiverem fisicamente presentes. Ela utiliza nomes não associados a pontos no espaço, e ainda que apresente algumas tentativas de identificação desses pontos, ela apresenta “erros” na correspondência entre a pessoa e o ponto espacial. Por outro lado, quando os referentes estão presentes, ocorre o uso consistente do sistema pronominal, com a utilização de indicações ostensivas no espaço (QUADROS, 1997, p. 74).

Segundo Pizzio e Quadros (2011), as crianças iniciam o uso do sistema pronominal com referentes ausentes no discurso a partir dos três anos de idade, mas ainda apresentam “erros”. As autoras explicam que algumas delas amontoam os referentes ausentes em um único ponto no espaço. Petitto e Bellugi (1988) perceberam que, entre três e três anos e meio, as crianças adquirindo ASL utilizam concordância verbal com referentes presentes, mas flexionam verbos cuja flexão não é permitida nas LS. Na Libras, Quadros (1997) observou que as crianças utilizam a concordância verbal com referentes presentes em torno dos três anos e meio. Tal flexão generalizada dos verbos nesse estágio de desenvolvimento linguístico foi identificada como supergeneralizações por Bellugi e Klima (1990). Esse fenômeno foi considerado análogo a generalizações verbais nas LO, produzidas por crianças ouvintes, como ‘fazi’, em português.

Para Bellugi *et al.* (1990), na ASL, por volta dos quatro anos de idade, a concordância verbal ainda não é usada de maneira adequada. Os autores explicam que, no momento em que as crianças deixam de amontoar os referentes em um único ponto, elas conseguem estabelecer mais de um ponto no espaço. No entanto, esse estabelecimento acontece de maneira inconsistente, já que elas não estabelecem associações entre a referência e o local. Isso dificulta a concordância verbal. Entre cinco e seis anos de idade, as crianças passam a utilizar os verbos flexionados corretamente, estabelecendo a concordância verbal adequada. Isso mostra que a marcação de pontos ou referentes no espaço de sinalização (sintaxe espacial) precisa ser adquirida como uma propriedade da gramática particular da língua sinalizada que está sendo adquirida, assim como ocorre com a aquisição de qualquer outra propriedade gramatical paramétrica. Em Libras, Quadros (1997) e Pizzio (2006) defendem que as crianças surdas em estágios de aquisição fazem uso da concordância verbal de maneira consistente em torno dos cinco anos e meio a seis anos e meio. A utilização de sujeitos e objetos nulos torna-se comum nesse período de aquisição.

3 SINTAXE E ORDEM DE CONSTITUINTES

3.1 A sintaxe segundo a Teoria Gerativa

Dentre as diferentes habilidades cognitivas que possuímos, a capacidade de produzir e compreender sentenças e discursos é, sem dúvidas, uma das mais incríveis (KENEDY; LIMA, 2013). Tal tarefa inclui a codificação dos pensamentos em morfemas e palavras, que se combinam formando sintagmas, que por sua vez combinados originam as sentenças. Estas precisam ser pronunciadas em um discurso para serem, então, compreendidas. Por outro lado, a compreensão de sentenças e discursos envolve a decodificação dos sons da fala, no caso das línguas de modalidade oroauditiva, por meio da identificação de morfemas, palavras, sintagmas e sentenças. A partir daí é possível interpretar as intenções comunicativas e os estados mentais presentes em um determinado discurso.

Os processos de codificação e decodificação acontecem na mente humana, em circunstâncias normais, aparentemente de maneira inconsciente, sem nenhum esforço cognitivo. Os seres humanos possuem a capacidade de produzir e compreender expressões linguísticas em inúmeras e distintas situações. Nessa concepção, somos capazes de elaborar, a partir de um conjunto finito de regras, um número infinito de sentenças (CHOMSKY, 1957).

Ao analisar a formação de sentenças, Langacker (1975) explica que existe no falante de uma determinada língua um conjunto de regras que determinam serem certas frases bem formadas e outras não. Tais regras, segundo o autor, colocam à disposição do falante uma classe ilimitada de sentenças, e ele fará uso delas em situações concretas. Assim, um conjunto abstrato de regras que constituem a competência de uma pessoa como falante forma uma língua.

Na concepção da teoria gerativa, a sintaxe é responsável por alimentar os sistemas fonológico e semântico com representações linguísticas elaboradas com base em informações retiradas do léxico e da morfologia. Ela é uma propriedade da mente humana, um atributo da língua-I que existe na cognição de cada indivíduo. Assim, na concepção de Chomsky (1957), a sintaxe se comporta como uma “logística central”, estabelecendo conexões entre todos os submódulos da linguagem.

Chomsky (1995) explica que, nas línguas naturais, podem ser observados diferentes fenômenos sintáticos, que resultam da interação entre o Léxico e o Sistema Computacional. Cada comunidade linguística possui um Léxico específico, sendo este profundamente variável. Já o Sistema Computacional, no interior dos indivíduos, é invariável. Isso quer dizer que a variabilidade dos fenômenos sintáticos é resultado das informações lexicais que o Sistema

Computacional utiliza para elaborar representações linguísticas. Nessa perspectiva, a unidade linguística mínima que importa à sintaxe é a palavra (item lexical), a unidade intermediária é o sintagma e a unidade máxima é a frase, compreendida na teoria gerativa como um enunciado linguístico completo ou qualquer expressão comunicativa, não importando a sua estrutura.

A sintaxe, segundo Miotto *et al.* (2018, p. 36), é a disciplina linguística que se ocupa de estudar como as palavras se combinam para formar os sintagmas e como estes, por sua vez, se combinam para formar sentenças. Conforme explicam os autores, essa ideia de sintaxe está ancorada na Hipótese Lexicalista, que concebe o início da atuação da sintaxe onde acaba a atuação da morfologia. A sintaxe, portanto, apropria-se do produto da morfologia, as palavras, e realiza combinações. Tais combinações, explica Chomsky (2015), são regidas por princípios semânticos que as regulam, considerando a compatibilidade existente entre os itens a serem combinados. Para Chomsky (2015, p.15):

A sintaxe é o estudo dos princípios e dos processos por meio dos quais as sentenças são construídas em línguas particulares. O estudo sintático de uma determinada língua tem como objetivo a construção de uma gramática que pode ser encarada como algum tipo de mecanismo de produção das sentenças da língua sob análise.

No nível da sentença, a sintaxe precisa ser capaz de avaliar quais sequências de palavras são bem formadas e quais não são, explicando o motivo de tais determinações. Sobre os sintagmas, a sintaxe deve avaliar e explicar por que eles podem ocorrer no final ou no início de uma sequência sem haver mudança significativa do sentido. Ademais, precisa explicar com qual palavra um determinado sintagma se combina, reconhecer os tipos de sintagma e elucidar porque um sintagma é bem formado ou não (MIOTTO *et al.*, 2018).

Conforme Lyons (1987, p.124), um sintagma é “uma combinação de unidades gramaticais (ou, na fonologia, de elementos) que não estão necessariamente ordenados em sequência (...), um conjunto de unidades reunidas em uma determinada construção”. Cada unidade é manipulada pelo Sistema Computacional como uma única peça. A sintaxe delimita o sintagma a partir de um núcleo, uma unidade do léxico ou palavra que determina as funções que se estabelecem dentro dele. Assim, para reconhecer um sintagma, inicialmente, é preciso identificar seu núcleo. Em seguida, é necessário reconhecer os itens que circulam em torno desse núcleo e as funções que ele determina.

Embora possa ser unitário ou vazio, um sintagma resulta da combinação de uma palavra com outra, de uma palavra com outro sintagma ou de um sintagma com outro. A formação de um sintagma sempre ocorre por meio da combinação entre dois constituintes imediatos.

Portanto, as combinações sintagmáticas são binárias e podem ser recursivas, ou seja, o resultado de uma combinação pode ser usado como um novo constituinte inserido em uma nova combinação, dando origem a um novo sintagma.

Para localizar sintagmas em uma sequência de palavras que formam uma determinada sentença, é possível realizar testes de identificação de constituintes. Os mais básicos são interrogação, pronominalização, topicalização e elipse. O teste de interrogação é realizado utilizando pronomes interrogativos como “quem”, “o que”, entre outros, que substituem um sintagma completo na frase. Vejamos um exemplo.

- (5) a. O professor elaborou várias atividades.
- b. O professor elaborou [o quê]?

Na sentença (5), percebemos que o pronome interrogativo (o quê) substitui o sintagma [várias atividades]. Assim como no teste da interrogação, na pronominalização também se utiliza de um pronome, pessoal ou demonstrativo, para substituir um sintagma completo.

- (6) a. [O bebê de Paula] é muito sorridente.
- b. [Ele] é muito sorridente.

- (7) a. Kamila disse [que ama estudar].
- b. Kamila disse [isso].

No exemplo (6b), o pronome pessoal ‘Ele’ substitui todo o sintagma [O bebê de Paula]. Já em (7b), o pronome demonstrativo ‘isso’ substitui todo o sintagma [que ama estudar].

O teste da topicalização consiste em deslocar um constituinte para a periferia à esquerda da frase. Assim, ‘topicalizar’ é transformar em tópico (colocar no início), e ‘tópico’ é a coisa sobre a qual se fala com destaque na frase.

- (8) a. Ana Luisa preparou a aula com dedicação.
- b. [A aula], Ana Luisa preparou com dedicação.

Ao observarmos o sintagma [A aula] em (8b), percebemos que ele é um constituinte independente. Assim, é possível topicalizar esse sintagma. Tal fato nos mostra que a topicalização é útil para identificarmos o limite que existe entre sintagmas. Se um conjunto de palavras pode ser deslocado para o início de uma frase, então esse conjunto é considerado um sintagma. Outro teste que serve para identificar sintagmas é o teste da elipse, que consiste em omitir um constituinte em uma estrutura coordenada. Dessa forma, a pessoa com quem se fala precisará inferir tal constituinte, e este, elidido, é um sintagma.

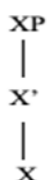
(9) César [foi trabalhar ontem] e Elaine também.

Observamos no exemplo (9) que [foi trabalhar ontem] é omitido na frase, e sofre elipse logo após a palavra ‘César’. Isso significa que esse constituinte é um sintagma.

Segundo Miotto *et al.* (2018), o módulo da gramática que tem a função de mostrar como um sintagma é estruturado é denominado Teoria X-barra. Essa teoria, inicialmente formulada por Chomsky, em 1970, é necessária para tornar clara a natureza dos sintagmas, as relações estabelecidas neles e a forma como eles se dispõem, hierarquicamente, para formar uma sentença. A Teoria X-barra deve ser universal e capaz de configurar-se como um esquema geral, que pode não somente captar a estrutura interna dos sintagmas de qualquer língua como também deve dar conta da variação nas diferentes línguas (MIOTTO *et al.*, 2018, p.51).

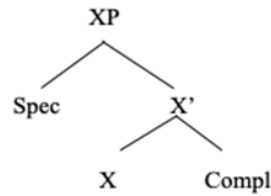
Para representar visualmente a estrutura de um sintagma ou de uma frase, podemos construir um diagrama arbóreo ou árvore sintática. Nessa árvore, as projeções de um determinado núcleo sintagmático são representadas como nódulos ou ramos e por linhas ou galhos que mostram os elementos ligados entre si para formar uma projeção. Na construção arbórea, utilizamos uma variável X que terá um valor específico, a depender da categoria do núcleo do sintagma. Se a categoria for um nome, o valor de X será N, se for um verbo será V, etc. Um núcleo nominal (N) sempre irá projetar um sintagma nominal (SN), um núcleo verbal projetará um sintagma verbal (SV), e assim por diante. O núcleo X determinará as relações internas ao sintagma que se estabelecem em dois níveis: o nível X’ e o nível XP (MIOTTO *et al.*, 2018, p.52). Vejamos uma representação:

(10)



Na representação acima, X é uma categoria mínima; X’ é a projeção intermediária de X e XP é a projeção máxima de X. O núcleo pode estar relacionado com um complemento (Compl) em X’, posicionado à direita; e em XP, pode estar relacionado com um especificador (Spec), posicionado à esquerda. Assim, possuindo um Compl e um Spec, o esquema X-barra será uma árvore do tipo:

(11)

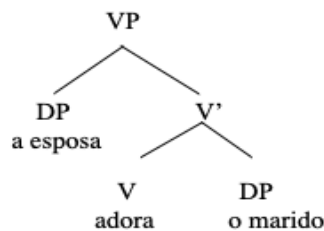


Consideremos a seguinte sentença:

(12) A esposa adora o marido.

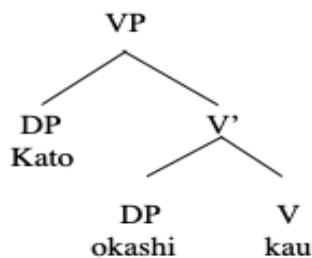
Nela, temos o verbo ‘adora’ com seus dois argumentos: ‘a esposa’, na posição de especificador do sintagma; e ‘o marido’, na posição de complemento. Essa sentença pode ser considerada um sintagma: há um núcleo verbal que determina uma relação semântica de adoração, e dois argumentos envolvidos. O núcleo ‘adora’ faz parte da categoria verbo (V), que determina o valor de X. Cada um dos argumentos envolvidos constitui um sintagma determinante formado por um núcleo determinante (DP – da sigla *Determiner Phrase*, que significa sintagma determinante) que seleciona um sintagma nominal como seu complemento. Isto posto, podemos refazer a representação da seguinte maneira:

(13)



Considerando que existe variação entre línguas, inclusive na ordem de constituintes das sentenças, é possível ocorrer variação na disposição ou ordem dos elementos em uma representação. Tomando o exemplo da sentença em japonês (14) Kato okashi kau (Kato doce comprar), temos a seguinte representação:

(14)



Nas sentenças (13) e (14), a ordem entre V e o DP complemento é invertida. As representações (13) e (14) demonstram as duas ordenações que são possíveis entre o núcleo e seu complemento. Essa ordem tende a ser generalizada nas línguas, de maneira que ela não fica restrita ao verbo e seu complemento. Portanto, em português teremos [P, DP] (preposição), enquanto em japonês teremos [DP, P] (posposição). Dessa forma, é possível perceber que a hierarquia é um princípio universal presente nas línguas, e a ordem é parametrizada, sendo variável de uma língua para outra.

Os núcleos dos sintagmas podem ter natureza lexical ou funcional. Os núcleos lexicais são definidos pela combinação de somente dois traços distintivos essenciais: o traço nominal [N] e o traço verbal [V]. São associados dois valores a tais traços: + ou -. A combinação de valores e traços fornece quatro possibilidades: [-N, +V], [-N, -V], [+N, +V], [+N, -V].

Com base no exemplo proposto por Mioto *et al.* (2018), consideremos o radical *beij-*, a partir do qual é possível derivar um nome (*beijo*), um adjetivo (*beijada*) e um verbo (*beijar*). A palavra *beijo* é definida pelos traços [+N, -V] e identificada como um nome, pois possui traços [+N] de gênero e não de verbo [+V]. *Beijar* é definida pelos traços [-N, +V] e identificada como um verbo, já que possui traços [+V] reconhecidos nos morfemas verbais como tempo, modo e/ou aspecto e não possui traços [+N]. Já *beijada* pode ter traços [+N] de gênero e número quando combinada ao verbo *ser* (Marina *foi beijada* por Júlio). Ao ser combinada com o verbo *ter* (Marina *tinha beijado* Júlio), não possui tais traços, e nesse caso revela o aspecto verbal. Portanto, a palavra *beijada* é definida pelos traços [+N, +V].

A capacidade de selecionar argumentos semanticamente (s-seleção) é uma propriedade exclusiva dos núcleos lexicais. As categorias funcionais selecionam argumentos apenas categorialmente (c-seleção). Conforme explica Mioto *et al.* (2018), os núcleos funcionais conduzem sintagmas cuja estruturação é determinada pela Teoria X-barra, e possuem um complemento e um especificador. No entanto, a relação do núcleo funcional com seu complemento não é de s-seleção, mas de c-seleção, tendo em vista somente a categoria à qual ele deve pertencer. Se considerarmos a flexão verbal (modo-temporal e número-pessoal) como núcleo funcional, ela irá c-selecionar um sintagma da categoria dos verbos como complemento, isto é, um SV (sintagma verbal). Já que a flexão de tempo e modo e de número e pessoa é um afixo verbal, ela apenas se combina com verbos (somente c-seleciona), sem considerar o tipo semântico do verbo. Vejamos as sentenças.

(15) Mércia disse [que [sua filha brincou]]

(16) Émile percebeu [que [as crianças dormiram]]

Em (15) e (16), o item ‘que’ é um complementizador, o núcleo de uma categoria CP que exerce uma função puramente gramatical na sentença, possibilitando o encaixe de ‘sua filha brincou’ como complemento do verbo ‘dizer’; e ‘as crianças dormiram’ como complemento do verbo ‘perceber’, respectivamente. Assim, temos c-seleção referente à seleção categorial do sintagma complementizador (CP).

A indicação da natureza de um item lexical e o estabelecimento das restrições semânticas e formais aos argumentos compõem o que se conhece na teoria linguística por estrutura argumental.

3.1.1 Estrutura argumental

Kenedy (2021) explica que, quando um item lexical possui traços de seleção ele é um predicador. Os itens selecionados obrigatoriamente por um predicador são denominados argumentos. Sendo um item lexical definido como um predicador, os traços especificam seu número de argumentos e determinam quais interpretações semânticas devem ser vinculadas a cada argumento. Em seguida, o *status* do(s) argumento(s) é determinado em relação ao seu predicador, e são estabelecidas restrições semânticas e formais às quais os argumentos devem ser submetidos no momento em que ocorre a seleção.

Segundo Cançado (2009), o número de argumentos de um predicador é previsível nos traços do léxico, o que torna possível o funcionamento do sistema computacional. O número mínimo de argumentos que um predicador seleciona é um, o intermediário é dois e o máximo é três. Independentemente da quantidade de argumentos selecionados, o sistema computacional possui somente duas formas para estabelecer elo sintático entre um predicador e seu(s) argumento(s): [predicador → complemento] e [especificador ← predicador].

Um argumento sempre assume um *status* em relação a seu predicador: especificador ou complemento. O complemento é selecionado pelo predicador imediatamente, e corresponde à primeira vinculação sintática estabelecida pelo sistema computacional. Semanticamente, o complemento é o tema/objeto de um predicador. O especificador, por sua vez, é aquele selecionado pelo predicador de maneira menos imediata, após o complemento ser selecionado, e semanticamente é o agente/sujeito do predicador, aquele que desencadeia ou experiencia o evento descrito pelo predicador (KENEDY, 2021). Retomando a sentença (3) [Paulo [viu Joana]], ‘Paulo’ é o especificador do predicador ‘ver’ e ‘Joana’ é seu complemento. O complemento de um predicador é denominado ‘argumento interno’, enquanto o especificador é denominado ‘argumento externo’.

Além dos argumentos selecionados pelo predicator, podem ser encontrados adjuntos sintáticos nas sentenças que, diferentemente dos argumentos, não são previsíveis por meio dos traços formais de um predicator. A ocorrência de adjuntos não está relacionada aos traços do léxico, mas sim ao planejamento de fala dos indivíduos, que é um fenômeno cognitivo não relacionado ao sistema computacional. Dessa maneira, um adjunto pode ou não ocorrer em uma sentença, e sua presença ou ausência não tem relação com a gramaticalidade da sentença. Se tomarmos a sentença ‘Paulo viu Joana’ e acrescentarmos o item ‘na festa’, teremos ‘Paulo viu Joana na festa’. A ausência do item ‘na festa’ não produz nenhuma agramaticalidade. Isso quer dizer que a presença ou ausência desse item é indiferente para a gramaticalidade da sentença. Então, dizemos que esse item é um adjunto.

Na composição de uma sentença, os núcleos lexicais selecionam itens para coocorrer com eles de maneira bastante restritiva. Alguns verbos não selecionam nenhum argumento, como aqueles que expressam fenômenos da natureza (chover, trovejar, etc.). Outros necessitam somente de um elemento, ou seja, selecionam apenas um argumento (verbos monoargumentais), como é o caso dos verbos dormir e cair. Há outros que precisam de dois elementos que cooçam com eles, como gostar e comprar. Há verbos, ainda, que selecionam três argumentos, como dar e entregar.

Segundo Duarte (2003), na classe dos verbos existem três grandes subclasses, baseadas nas propriedades de seleção categorial e semântica de cada item lexical verbal: a subclasse dos verbos principais, a dos verbos copulativos e a dos verbos auxiliares.

Quadro 1 – Subclasse dos verbos (DUARTE, 2003)

VERBOS PRINCIPAIS	Verbos que constituem o núcleo de uma oração e são também denominados verbos plenos.	Exemplos: Comprar, ganhar. Max <i>comprou</i> um casaco.
VERBOS LEVES	Verbos que sofrem um esvaziamento lexical, permitindo que o centro semântico da frase se desloque para uma expressão nominal.	Exemplos: Ter, fazer. Júlia <i>tem sabedoria</i> ao falar.
VERBOS SEMI AUXILIARES	Verbos esvaziados de significado lexical, sem grade argumental, que respondem a alguns dos critérios de auxiliaridade.	Exemplo: Ir, acabar. Meu pai <i>acabou</i> de me telefonar.
VERBOS AUXILIARES	Verbos que apresentam sequências verbais formadas ao menos por dois verbos.	Exemplo: Ter. O aluno <i>tem feito</i> as tarefas.
VERBOS COPULATIVOS	Verbos que fazem apenas s-seleção com um argumento interno, também chamados de verbos predicativos.	Exemplos: Ser, estar.

		Carine <i>está</i> feliz.
VERBOS PRINCIPAIS DE ALTERNÂNCIA	Verbos que exibem duas variantes, relacionadas de duas formas: a grade temática se mantém em cada uma das variantes ou uma das variantes seleciona menos um argumento do que a outra.	Exemplos: Derreter, terminar. O calor <i>derreteu</i> o picolé. O picolé <i>derreteu-se</i> .
VERBOS SIMÉTRICOS	Verbos pertencentes a diferentes subclasses que apresentam duas ou três variantes semanticamente equivalentes.	Exemplos: Casar, encontrar. Ravi e Gabriela se <i>encontraram</i> .

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Quadro 2 – Subclasses dos verbos principais (DUARTE, 2003)

VERBOS PRINCIPAIS
Verbos transitivos: verbos que selecionam um argumento externo (sujeito (SU)) e um argumento interno (objeto direto (OD)). Exemplo: [Tainá]_{SU} <i>comprou</i> [um celular]_{OD}.
Verbos ditransitivos: verbos que selecionam um argumento externo (SU) e dois argumentos internos (um OD e um objeto indireto (OI)). Exemplo: [Isaias]_{SU} <i>deu</i> [uma boneca]_{OD} [à sua filha]_{OI}
Verbos transitivos de três lugares: verbos que selecionam um argumento externo (sujeito), um argumento interno direto (objeto direto) e um argumento interno preposicional ou adverbial (complemento oblíquo (OBL)). Exemplo: [Ana Paula]_{SU} <i>colocou</i> [o livro]_{OD} [na estante]_{OBL}.
Verbos transitivos-predicativos: verbos que selecionam um argumento externo e um argumento interno, que é uma oração pequena. Exemplo: [Sátila]_{SU} <i>achou</i> [a ideia]_{OD} [interessante]_{Predicativo}
Verbos inergativos ou verdadeiros intransitivos: verbos que selecionam um argumento externo que têm propriedades típicas do sujeito. Exemplo: [A menina]_{SU} <i>dormiu</i>.
Verbos inacusativos ou ergativos: verbos que selecionam um argumento interno que pode exibir tanto propriedades de objeto direto quanto de sujeito. Exemplo: <i>Julgados</i> [os réus].
Verbos de zero lugares: verbos que não selecionam nenhum argumento. Exemplo: Ontem <i>trovejou</i>.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

As sentenças são constituídas de evento e participantes. Em um evento pronunciado por um verbo, os participantes são seus argumentos. O verbo é um predicador que define

propriedades e/ou relações entre os argumentos. Argumentos diferentes terão diferentes papéis em um evento. Tais papéis serão apresentados adiante, quando discutirmos a Teoria Temática.

Cançado (2009) explica que os predicados possuem estrutura argumental e lacunas a serem preenchidas pelos argumentos dos núcleos que selecionam. Vejamos alguns exemplos.

(17) Hayala encontrou Murilo [no restaurante] [às 12h].

(18) Minha mãe morreu [no ano passado].

(19) Trovejou.

Na sentença (17), [no restaurante] e [às 12h] não fazem parte da estrutura argumental do predador ‘encontrar’. Isto quer dizer que essas informações foram acrescentadas à sentença, mas não são obrigatórias, não são necessárias para garantir que a sentença seja gramatical. Elas funcionam como adjuntos, dando ideia de lugar e tempo, respectivamente.

Em (18), o verbo ‘morreu’ precisa selecionar apenas um argumento (referente a quem morreu – ‘Minha mãe’) para que a sentença seja bem formada. O sintagma [no ano passado], um adjunto, traz a ideia de tempo à sentença, mas não é indispensável para que ela seja considerada gramatical. Já na sentença (19) temos o verbo ‘trovejou’, que expressa um fenômeno da natureza. Ele não selecionou nenhum argumento. Apesar de existir a possibilidade de acrescentarmos outra informação à sentença, como o adjunto ‘ontem’, resultando ‘Ontem trovejou’, o verbo continua não necessitando de elementos para coocorrerem com ele, pois possui um sentido completo.

O predador define com que tipo de argumento ele pode e deve se combinar, ou quais combinações não são possíveis, além de estabelecer a quantidade de argumentos com os quais coocorre.

(20) a. Verena abraçou sua sobrinha.

b. *A cama abraçou sua sobrinha.

A sentença (20b) é mal formada, agramatical, pois o verbo ‘abraçar’ exige argumentos de determinado tipo semântico e categoria que combinem com ele, ou seja, precisa de um argumento que funcione como sujeito da sentença sendo um DP que possa fazer referência a um ser ‘abraçador’. A cama não tem braços para abraçar.

Como mencionamos anteriormente, em uma sentença, argumentos diferentes terão diferentes papéis em um evento. A Teoria Temática é a teoria que explica os papéis temáticos atribuídos por um determinado predador aos seus argumentos. Em contrapartida, a função sintática que cada argumento exerce na sentença é discutida pela Teoria do Caso.

3.1.2 Teoria Temática e Teoria do Caso

Segundo Mioto *et al.* (2018, p.130), as informações referentes à s-seleção (seleção semântica) codificam o que a Teoria Gerativa chama de papel temático. Nesse sentido, é possível observar o número de argumentos de um determinado predador e o número de papéis que ele precisará atribuir, ou seja, sua grade ou grelha temática. Tomando a sentença:

(21) Yasmin pegou o caderno, podemos definir a grade temática do verbo ‘pegar’:

Pegar:	categoria	[-N, +V]
	nº de argumentos	[-, -]
	c-seleção	[DP, DP]
	s-seleção	[AGENTE, TEMA/PACIENTE]

Grade temática de ‘pegar’

a) pegar

AGENTE	TEMA
i	j

b) realização: [Yasmin]ⁱ pegou [o caderno]^j

A grade temática de ‘pegar’ prevê um argumento sendo realizado como ‘agente’, representado em (21) por ‘Yasmin’, e outro como ‘tema’, representado por ‘o caderno’, pois o item lexical ‘pegar’ traz do léxico as informações necessárias, tanto em termos categoriais como semânticos (alguém pega alguma coisa). A sintaxe se responsabiliza por preencher os argumentos selecionados pelo predador e por verificar se a sentença produzida é ou não gramatical. Dessa maneira, no nível sintático, as posições de argumentos serão saturadas pelos constituintes adequados, preenchidos por elementos que possuam as características de ‘agente’ e de ‘tema’. O papel temático de ‘agente’ que ‘Yasmin’ recebe na sentença [Yasmin pegou o caderno] provém do núcleo verbal ‘pegou’ mais o seu complemento, ‘o caderno’. O complemento do núcleo verbal ‘o caderno’ é chamado de argumento interno, e o especificador ‘Yasmin’ é denominado argumento externo.

Além de agente e tema, existem outros papéis temáticos que podem ser atribuídos aos argumentos de uma sentença. Vejamos uma lista com alguns muito recorrentes nas línguas naturais.

Quadro 3 – Lista de papéis temáticos

Agente	Entidade que causa um evento. Mércia lavou a boneca.
Experienciador	Entidade que experiencia um evento. Taiane escutou uma música.
Tema	Entidade objeto de um evento. Márcia viu Sophia .
Paciente	Entidade que sofre um evento. O menino apanhou do irmão.
Benefactivo	Entidade beneficiada por um evento. Charles deu flores para Yasmin e Yamille .
Locativo	Entidade em que se situa um evento. A professora colocou as provas na mesa .
Alvo	Entidade em cuja direção ocorre um evento. Beto lançou os livros para Polliana .
Origem	Entidade da qual parte um evento. Fabíola veio da universidade .
Instrumento	Entidade com a qual se realiza um evento. Priscilla gravou o vídeo com o celular .

Fonte: Adaptada de Kenedy (2021, p.162).

Em sequências que possuem um núcleo nominal, o nome (N) irá atribuir papel temático a seus argumentos, conforme demonstramos a seguir.

(22) A destruição das matas pelo homem

Em (22), o nome ‘destruição’, núcleo do NP (sintagma nominal), seleciona dois argumentos: ‘das matas’ e ‘pelo homem’. Nessa seleção, ‘destruição’ atribui o papel temático de ‘tema’ para ‘das matas’ (pois as matas sofrem o processo de serem destruídas) e o papel temático de ‘agente’ para ‘pelo homem’ (pois o homem é o executor da ação de destruição).

Por meio das sentenças apresentadas, notamos que os papéis temáticos são atribuídos na estrutura argumental pelos predicadores. Todas as categorias lexicais (nomes, verbos, adjetivos, advérbios e preposições) podem ser núcleos predicadores e formar sintagmas: sintagma nominal (NP), sintagma verbal (VP), sintagma adjetival (AP), sintagma adverbial

(AdvP) e sintagma preposicional (PP). As funções sintáticas (sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto, entre outras), por outro lado, ocorrem apenas na estrutura oracional, marcada pela presença do verbo. Tais funções são definidas pelo sistema de Caso.

Segundo Mioto *et al.* (2018, p.172), a teoria gerativa sustenta que Caso é uma categoria gramatical necessária para qualquer língua, na medida em que possibilita que os DPs sejam interpretados. Em um sistema linguístico qualquer, a função do Caso é permitir que os argumentos de um determinado predicator sejam discriminados. Sem o Caso não seria possível identificar o papel temático de um DP, que para ser interpretado e receber papel temático, precisa ter recebido Caso. Portanto, todas as línguas naturais possuem Caso, mesmo aquelas que não dispõem de nenhum morfema para estabelecê-lo.

O autor explica que o Caso é uma propriedade das relações que se estabelecem entre os constituintes gramaticais, uma categoria puramente relacional. Um DP será acusativo, nominativo ou outro, a depender de sua relação com os componentes da sentença. Sendo uma categoria relacional, o Caso está ligado a outras noções relacionais, como a concordância. Na concordância superficial, manifesta-se uma relação estrutural entre dois constituintes sintáticos. Assim, dois itens ‘concordam’ quando verificamos uma identidade relativa entre eles.

O módulo que trata de Caso na gramática gerativa é uma subteoria chamada Teoria do Caso. Cada subteoria da gramática é composta por um número bem reduzido de princípios, e a Teoria do Caso compreende um único princípio. Como a necessidade de Caso é universal, independente das variações morfológicas observadas nas línguas, o Filtro do Caso é o princípio que provoca vários tipos de arranjo na sentença e garante que todo DP pronunciado receba Caso. Tal princípio não se aplica a constituintes que não sejam do tipo DP, como o CP, entre outros.

Existem diferentes Casos entre as línguas naturais, como o Caso morfológico e o Caso estrutural (Abstrato), que servem para identificar os diferentes tipos de relação entre predadores e argumentos. Nas línguas de Caso morfológico, os Casos se manifestam por meio de morfemas, de maneira explícita ou superficial na sentença. É o caso do latim.

(23) Magistra amat discipulam	latim
‘A professora estima a aluna’	português

Em (23), a palavra ‘magistra’ ocupa a posição de sujeito, ‘amat’ é o verbo da sentença e ‘discipulam’ ocupa a posição de objeto. Nesse exemplo, a disposição dos constituintes define a ordem sujeito-verbo-objeto (SVO). O sujeito apresenta o Caso nominativo (Nom) e o objeto

do verbo apresenta o Caso acusativo (Acc). Temos a marcação com a letra ‘a’ no final da palavra ‘Magistraa’, e a marcação com a letra ‘m’ no final da palavra ‘discipulam’. O morfema ‘a’ marca o Caso nominativo, e o morfema ‘m’ marca o Caso acusativo. Se trocarmos a posição dos constituintes, de modo a produzir a sentença ‘Magistra discipulam amat’, já não teremos a ordem SVO que possibilita a identificação das funções sintáticas. Percebemos, portanto, que nessa língua, os morfemas são responsáveis pela marcação de Caso, e não a ordem de constituintes. Por outro lado, se produzirmos a sentença ‘Discipula magistram amat’, (‘A aluna estima a professora’), quem recebe agora o morfema ‘a’ que define o sujeito da sentença é ‘discipulaa’, enquanto ‘magistrama’ recebe o morfema ‘m’ que determina o objeto. Portanto, ‘a aluna’ passa a ser o sujeito, enquanto ‘professora’ passa a ser o objeto, e a ordem da sentença passa a ser SOV.

Nas línguas de Caso estrutural, intimamente ligado a questões de concordância (PAIXÃO DE SOUSA, 2017, p.44), como a língua portuguesa, os Casos são marcados de maneira abstrata mediante recursos como a ordem de constituintes na sentença. Há três tipos de Caso estrutural: o Caso nominativo, relacionado tipicamente ao argumento externo que identifica o sujeito da sentença; o Caso acusativo, relacionado ao argumento interno que indica o objeto direto da sentença e o Caso oblíquo (Obl), relacionado ao argumento interno que identifica o complemento preposicionado de um predicator, seja objeto indireto, complemento nominal ou outro. Tais Casos (Nom, Acc e Obl) são atribuídos a DPs.

Cada tipo de argumento em uma sentença recebe um Caso específico e o papel temático dos argumentos será identificado pela marca de Caso. Cada atribuidor possui apenas um Caso para marcar. Vejamos exemplos de sentenças e seus respectivos argumentos e papéis temáticos.

(24) O gato arranhou a cadeira.

(25) Yamille viajou para a Bahia.

Na sentença (24), ‘O gato’ é o argumento externo de ‘arranhou’, posicionado à frente do verbo, que recebe papel temático de ‘agente’, pois executa a ação do verbo ‘arranhar’, e funciona como sujeito da sentença. Já ‘a cadeira’ é o argumento interno e complemento do verbo transitivo ‘arranhar’, funcionando como objeto tema (OT). ‘A cadeira’ deve ser compreendida como ‘paciente’ da ação do verbo, conforme traços de seleção desse predicator verbal. Em (25), ‘Yamille’ é o argumento externo de ‘viajou’, posicionado antes do verbo, e exerce a função de sujeito da sentença. ‘Yamille’ recebe o papel temático de ‘agente’ da ação

do verbo ‘viajar’, e ‘a Bahia’ é o argumento interno que aparece posicionado imediatamente à direita da preposição ‘para’, funcionando como complemento oblíquo dessa preposição.

Nas sentenças (24) e (25), temos inicialmente posicionado o argumento externo (‘O gato’ e ‘Yamille’), seguido do verbo (‘arranhou’ e ‘viajou’) e por fim o argumento interno (‘a cadeira’ e ‘a Bahia’). O posicionamento de cada constituinte para formar essas sentenças gerou a ordem SVO em ambas.

3.1.3 Ordem de constituintes em línguas naturais

A ordem que os constituintes ocupam na estrutura das sentenças de uma língua é um fenômeno que vem sendo investigado em línguas de sinais e línguas orais. Um dos primeiros trabalhos publicados acerca da ordem de constituintes nas sentenças foi realizado por Greenberg, em 1961. Em seu trabalho, Greenberg propôs uma classificação das línguas orais em diferentes tipos, segundo a ordem dos constituintes predominante em relação ao verbo e a partir de duas funções sintáticas básicas: o sujeito (S) e o objeto (O). Esse estudo desenvolvido por Greenberg influenciou de forma generalizada a descrição da estrutura sintática básica de uma língua, objetivando compará-la com o conjunto tipológico universal.

Para realizar seus estudos sobre universais linguísticos, e propor muitas afirmações sobre os mesmos, constantes em sua pesquisa; Greenberg (1963) utilizou uma amostra de 30 línguas diferentes, escolhidas dos continentes Europa, Ásia, África, Oceania, e indo-americanas. O autor explica que tais línguas foram assim escolhidas na tentativa de obter uma cobertura genética e geográfica a mais ampla possível, além da conveniência de já possuir algum conhecimento prévio sobre elas ou para as quais ele dispunha de uma gramática razoavelmente adequada. Entre as questões investigadas, ele concentrou sua atenção, em grande parte, àquelas relativas ao morfema e à ordem das palavras. Greenberg acreditava ser provável que qualquer afirmação aplicável às 30 línguas investigadas teria uma boa probabilidade de validade universal completa ou, ao menos, quase completa. Ele afirma que, de forma menos confiável, também serviria para dar uma noção da frequência relativa da associação de certos traços gramaticais.

A partir de uma análise detalhada sobre fenômenos de ordem, como a posição de elementos modificadores antes dos modificados que ocorrem em certas línguas – a exemplo do turco, que coloca os adjetivos antes dos substantivos que modificam, o objeto do verbo antes do verbo, os advérbios antes dos adjetivos que modificam –; Greenberg (1963) revela que alguns fatores estão intimamente relacionados entre si, enquanto outros são relativamente

independentes. Dessa maneira, ele explica que foi conveniente estabelecer uma tipologia que envolvesse certos fatores básicos da ordem de constituintes. Tal tipologia foi designada por tipologia da ordem básica.

Para desenvolver sua análise, Greenberg utilizou três conjuntos de critérios: a existência de preposições e de posposições; a ordem relativa do sujeito, do verbo e do objeto em frases declarativas¹⁵ com sujeito e objeto nominais; e a posição dos adjetivos qualificativos, aqueles que designam qualidades, em relação ao substantivo. Ele esclarece que a grande maioria das línguas tem diversas ordens variantes, mas uma única dominante; e que é possível combinar sujeito (S), objeto (O) e verbo (V) de seis maneiras diferentes. Tais ordens seriam: SVO, SOV, OSV, OVS, VSO e VOS, sendo algumas delas mais comuns do que outras. Dessas seis, apenas três ocorrem normalmente como dominantes: VSO, SVO e SOV. Segundo o autor, as três ordens que não ocorrem de todo (VOS, OSV e OVS), ou ao menos são excessivamente raras, têm em comum o fato de o objeto preceder o sujeito. Dessas conclusões, Greenberg (1963) propõe o primeiro universal linguístico, no qual afirma que “(...) nas frases declarativas com sujeito e objeto nominais, a ordem predominante é quase sempre aquela em que o sujeito precede o objeto” (GREENBERG, 1963, p.61, tradução nossa).

Tomando como base os três tipos de ordens comuns (VSO – tipo I, SVO – tipo II e SOV – tipo III), Greenberg distribuiu as 30 línguas da sua amostra em 12 classes, considerando as preposições (Pr) e posposições (Po), e a posição dos adjetivos qualificativos em relação aos substantivos. A ordem dominante com o adjetivo precedendo o substantivo ele simbolizou por A e a ordem dominante do substantivo precedendo o adjetivo, por N. Vejamos o quadro com a distribuição.

Quadro 4 – Distribuição das línguas (GREENBERG, 1963)

	I VSO	II SVO	III SOV
Po - A	0	1	6
Po - N	0	2	5
Pr - A	0	4	0
Pr - N	6	6	0

Fonte: Adaptada de Greenberg (1963, p.61).

¹⁵ Frases declarativas são aquelas que representam a constatação de um fato, informam ou declaram algo. Elas possuem ponto final e podem ser afirmativas ou negativas.

Analisando os resultados encontrados, Greenberg percebeu que o tipo I está fortemente correlacionado com Pr-N (preposição, com substantivo precedendo o adjetivo); o tipo II está mais fortemente correlacionado com Pr-N do que com Po-A (posposição, com adjetivo precedendo o substantivo); e o tipo III, mais relacionado com Po-A. Entre os três tipos, o tipo II é o mais frequente (encontrado em 13 das 30 línguas analisadas); o tipo III é quase comum (11 das 30 línguas); o I é definitivamente uma minoria (6 das 30 línguas). Segundo o autor, isto significa que o sujeito nominal precede regularmente o verbo numa grande maioria das línguas do mundo.

Em relação à ordem genitiva, ele percebeu que, das 30 línguas analisadas, 14 têm posposições, e em todas elas a ordem genitiva é genitivo seguido do substantivo regente. Das 14 línguas preposicionais, 13 têm o genitivo seguindo o substantivo regente. Ele explica que a única exceção é o norueguês, na qual o genitivo precede. Dessa maneira, 29 dos 30 casos estão em conformidade com a regra. Assim, ele propõe outro universal: “Nas línguas com preposições, o genitivo quase sempre segue o substantivo regente, enquanto nas línguas com posposições quase sempre o precede” (GREENBERG, 1963, p.62, tradução nossa).

Outro universal proposto por Greenberg baseou-se nas línguas do tipo I. Conforme o quadro x, as 6 línguas da amostra que possuem esse tipo são Pr-N. Ele explica que isso é válido com muitas poucas exceções a nível mundial, e propõe que as línguas com ordem VSO dominante são sempre preposicionais. Já as línguas com ordem SOV normalmente são pospositivas, com uma frequência bem maior do que o acaso. Outro universal que ele propôs foi: “(...) se uma língua tem ordem SOV dominante e o genitivo segue o substantivo regente, então o adjetivo também segue o substantivo” (GREENBERG, 1963, p.62, tradução nossa).

Comparando as línguas dos tipos I e III, Greenberg observou que havia uma relevante diferença entre elas, em relação aos advérbios e frases modificadoras do verbo. As línguas do tipo I aceitam posicionar os advérbios antes do verbo, de maneira que este não começa a frase, necessariamente. Ademais, ele notou que todas as línguas VSO aparentemente possuem ordens básicas alternativas, entre as quais se encontra sempre a SVO. Em contrapartida, ele explica que, possivelmente, na maioria das línguas do tipo III, o verbo segue todos os seus modificadores, e se qualquer outra ordem básica for permitida, é a OSV. Dessa maneira, o verbo está sempre no final das frases verbais, exceto para alguns modificadores de frases, como por exemplo, partículas interrogativas. A partir dessas observações, Greenberg conclui que as línguas nas quais o verbo está sempre no final podem ser designadas como o subtipo rígido de III. Dessas conclusões, ele propôs os seguintes universais:

“Todas as línguas com ordem VSO dominante têm SOV como alternativa ou como única ordem básica alternativa;

Se, em uma língua de ordem SOV dominante, não houver ordem básica alternativa, ou apenas OSV como alternativa, então todos os modificadores adverbiais do verbo precedem igualmente o verbo” (GREENBERG, 1963, p.63, tradução nossa).

Após definir a tipologia da ordem básica e enunciar alguns universais linguísticos, Greenberg passou a uma série de universais sintáticos, muitos dos quais estão associados à tipologia proposta. Não abordaremos todos esses universais em nosso trabalho, mas aqueles que percebemos ter maior relevância para as questões que estamos discutindo.

Como mencionamos anteriormente, um conjunto de critérios utilizados na tipologia proposta por Greenberg foi a ordem do sujeito nominal, do objeto nominal e do verbo das frases declarativas. Ele estabeleceu tais critérios em virtude, entre outras razões, de as frases interrogativas tenderem a apresentar certas diferenças características em comparação com as frases declarativas. Segundo o autor, existem duas categorias principais de perguntas: as do tipo sim-não e aquelas que envolvem palavras interrogativas específicas. No segundo caso, ele explica que, em tais frases, muitas línguas têm uma ordem de palavras/constituintes diferente da ordem da frase declarativa correspondente. A palavra interrogativa vem em primeiro lugar, exceto no caso de se manter a ordem normal em unidades menores, como frases. Para exemplificar, Greenberg cita um exemplo no inglês, quando a palavra interrogativa é a primeira, como em ‘What did he eat?’, em lugar da afirmação ‘He ate meat’. Ele salienta que muitas línguas que colocam as interrogativas em primeiro lugar invertem a ordem do verbo e do sujeito, como por exemplo, o alemão ‘When sah er?’, e que elas, por vezes, invertem a ordem das perguntas sim-não. Ao que parece, só as línguas com interrogativas invertem sempre inicialmente, e apenas as línguas que invertem em perguntas com palavras interrogativas invertem em perguntas sim-não. Nas línguas utilizadas em sua amostra, Greenberg percebeu que 16 delas colocam a palavra ou frase interrogativa em primeiro lugar. Assim, ele propõe outros universais:

(i) A inversão da ordem do enunciado, em que o verbo precede o sujeito, ocorre somente nas línguas em que a palavra ou frase interrogativa é normalmente inicial. Tal inversão só ocorre nas perguntas sim-não se também ocorre nas perguntas de palavras interrogativas;

(ii) Se uma língua tem ordem dominante VSO nas frases declarativas, coloca sempre as palavras ou frases interrogativas em primeiro lugar nas perguntas interrogativas; se tem ordem dominante SOV nas frases declarativas, nunca existe essa regra invariante.

Considerando uma série de universais no sentido usual, Greenberg (1963) assume que, se uma língua tem como ordem básica verbo-sujeito-objeto nas orações declarativas principais, o genitivo dependente sempre segue o substantivo regente. Ele defende que todas as línguas têm construções de sujeito-predicado, classes ou categorias de palavras diferenciadas e construções genitivas; e que é muito provável que haja semelhanças formais que permitam equiparar tais características em diferentes línguas.

Assim como Greenberg, Dryer (2013) observou em suas investigações que, das seis linearizações de argumentos possíveis em relação ao verbo principal, apenas as ordens SVO, SOV e VSO são comumente encontradas nas línguas do mundo. A ordem SOV foi encontrada em 41% das línguas analisadas por Dryer, a SVO em 35,4%; e a VSO, em 6,9%. Segundo o autor, as outras três ordens possíveis (OSV, OVS e VOS) são muito raras (de 0,3% a 1,8% das línguas analisadas). Em outras palavras, mais de 76% das línguas do mundo usam as ordens SVO ou SOV.

Diante das discussões sobre a tipologia de línguas, Li e Thompson (1976) propuseram uma classificação em quatro tipos básicos, conforme o critério de organização dos componentes da sentença e a opção pelo uso destacado, ou não, do sujeito e/ou do tópico: línguas com proeminência do sujeito, línguas com proeminência do tópico, línguas com proeminência tanto do sujeito quanto do tópico e línguas nas quais não ocorre nem o sujeito nem o tópico. Há estudos tipológicos que ressaltam que algumas línguas não organizam a estrutura de seus constituintes básicos conforme as relações sintáticas de sujeito e objeto, mas sim a partir da gramaticalização de funções pragmáticas de tópico e comentário. É o caso da língua chinesa, das línguas de Filipinas, entre outras. Existem, ainda, línguas que utilizam ambos os tipos de organização como estruturas básicas (LÓPEZ *et al.*, 2012, p.79).

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a ordem básica, em qualquer língua, será apresentada com base nas orações simples não-marcadas e as variações na ordem de constituintes resultam de diferentes marcações do parâmetro de núcleo ou de diferentes derivações aplicadas em uma dada língua. De acordo com a Teoria X-barras, “o sistema da estrutura da frase em uma determinada língua é altamente restringido pela especificação dos parâmetros que determinam a ordem núcleo-complemento, núcleo-adjunto e especificador-núcleo” (CHOMSKY; LASNIK, 1993). Dessa forma, o núcleo, em uma dada língua, pode ocupar uma posição inicial e em outra, uma posição final. O parâmetro de núcleo é que vai definir se uma língua é de núcleo inicial, como o inglês, ou de núcleo final, como o alemão.

Outro termo utilizado para descrever a ordem em diferentes línguas é a ‘ordem subjacente’, aquela que é gerada na estrutura profunda (D-structure) da sentença. Chomsky

(1965) explica que a estrutura profunda é a estrutura pura, aquela encontrada antes que todas as transformações sejam aplicadas a ela. Essa estrutura não corresponde necessariamente à forma daquilo que é pronunciado, chamado de estrutura de superfície. Chomsky (1981), ao desenvolver a Teoria X-barra, demonstrou que a estrutura profunda se transformou em um nível abstrato da sintaxe que vai relacionar o sistema computacional e o léxico, sendo, portanto, a interface interna.

O componente fonológico, no qual os elementos na estrutura são pronunciados, revelará a variação na ordem de constituintes. Dessa maneira, percebemos os resultados de transformações em diferentes derivações, no nível do sistema computacional da língua. Isso nos mostra quais são as possíveis ordens de constituintes que uma determinada língua licencia. Logo, a ordem de constituintes ‘subjacente’ se relaciona com o parâmetro do núcleo (QUADROS; KARNOPP, 2004).

3.2 A sintaxe espacial e a tridimensionalidade nas LS e na Libras

As línguas de sinais possuem modalidade de produção e percepção gesto-visual, na qual as informações são percebidas pelos olhos e produzidas pelas mãos. Liddell (1996) explica que, nessas línguas, a mão se constitui um articulador altamente móvel que pode fazer contato com um número expressivo de locações, tanto sobre o corpo quanto no espaço.

Na produção dos sinais, o uso do espaço é bastante frequente e constitui uma característica essencial e muito marcante nas LS. Segundo Pizzio *et al.* (2009, p.5), esse uso está presente em todos os níveis de análise e “é um dos componentes mais importantes das línguas de sinais, além de ser universal, ou seja, todas as línguas de sinais estudadas até então apresentam esse componente lingüístico visual-espacial”.

As relações espaciais que ocorrem nas línguas de sinais são bastante complexas e caracterizam a sintaxe espacial e a tridimensionalidade¹⁶ do espaço presentes nessas línguas. Segundo Lessa-de-Oliveira (2019, p.109), “diferentemente da propagação do som que tem uma dimensão linear porque ocorre no tempo, a visualização de um gesto é tridimensional, realizando-se no espaço e no tempo”. Nessa perspectiva, a autora explica que nas LS, a imagem acústica é substituída por uma imagem visual, e salienta que “o significante das línguas gesto-

¹⁶De acordo com o dicionário da língua portuguesa, a tridimensionalidade comporta, possui ou expressa três dimensões (altura, comprimento e largura). Ademais, ela transmite uma sensação de relevo. Quando nos referimos às LS como tridimensionais, estamos considerando o fato de que essas línguas são sequenciais, simultâneas e se organizam em um espaço tridimensional, onde distintas relações sintáticas são estabelecidas por meio da execução dos sinais.

visuais assume a natureza tridimensional do espaço visual em que se articula” (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012). Para exemplificar essa afirmação, a autora cita o sinal VER, executado em Libras com configuração da mão ‘vê’, que se desloca partindo do olho com movimento para a frente. Sobre o sinal VER, a autora esclarece:

Os elementos constitutivos desse sinal – mão, olho e movimento para frente – ocupam o espaço tridimensional, de forma simultânea. O que vem primeiro, o olho ou a mão, a mão ou o movimento? A presença de cada um desses elementos é considerada no espaço, ao mesmo tempo, enquanto o sinal está sendo realizado. Um não desaparece, dando lugar ao outro, durante a realização do sinal, como ocorre na realização de significantes acústicos, em que cada fonema vai dando lugar ao fonema seguinte (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012, p. 153).

Conforme Lessa-de-Oliveira (2012), elementos que constituem os sinais, como mão/s, direcionamento do olhar e outras expressões não manuais (ENM), movimento da/s mão/s e/ou do corpo, coocorrem no espaço tridimensional, no qual os sinais são realizados. Nesse sentido, cada um desses elementos é percebido simultaneamente, não sendo possível estabelecer uma ordem específica. Isso nos mostra uma característica muito marcante nas LS: a simultaneidade, sobre a qual discutiremos adiante.

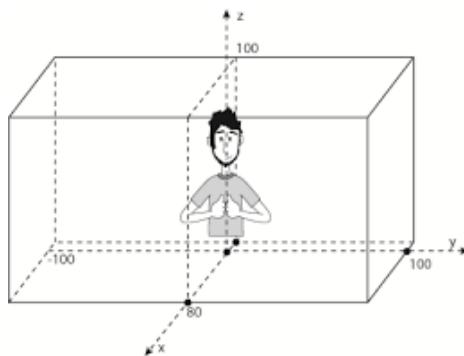
O uso do espaço tridimensional é um aspecto fundamental das LS. Como afirma Castaño (2020, p.7), o espaço é o cenário onde os sinalizantes atribuem uma localização a entidades animadas e inanimadas, sobre as quais fazem referência em um enunciado ou em um contexto conversacional específico. Nesse espaço, ganham vida entidades referenciadas como objetos, pessoas, entre outros elementos que possuem características visuais importantes (NARANJO, 2014). Segundo Poizner, Klima e Bellugi (1987 *apud* SYAVOSHI, 2009, p.18), o uso do espaço pelos sinalizantes tem função topográfica ou sintática. Os autores afirmam que, quando a função é mais icônica e o objetivo é representar localizações, é chamado de espaço topográfico. No caso da função sintática, segundo os autores, o espaço gramatical é estabelecido de maneira arbitrária. Por outro lado, Liddell (1990, 1995, 1996) e Engberg-Pedersen (1993) rejeitam essa visão, pois defendem que todas as representações espaciais na sinalização são parte de um espaço topograficamente organizado ou motivado semanticamente. Liddell (1996) destaca que as representações espaciais nas línguas de sinais não são linguísticas, e afirma que a parte linguística é representada pela configuração da mão, pelo movimento e orientação da mão. A parte não linguística relaciona o sinal ao locus.

Assim como em outras LS, na Libras, as relações gramaticais são especificadas por meio da manipulação dos sinais no espaço (QUADROS, 1997). O uso do espaço no nível sintático é

explorado no intuito de estabelecer tais relações, entre referentes marcados em pontos específicos, durante a sinalização.

A Libras possui uma sintaxe espacial na qual os constituintes se organizam de diferentes maneiras para formar sentenças. Nesse sentido, as sentenças podem ser lineares, quando os sinais são executados sequencialmente, um após o outro; ou simultâneas, quando os sinais são realizados o mesmo tempo. Essa organização sentencial ocorre dentro de um espaço definido, em frente ao corpo do sinalizante, em uma área específica que vai do topo da cabeça até os quadris. Nesse sentido, para analisar determinados aspectos da sintaxe dessa língua, como a formação de sentenças, é imprescindível que seu sistema gesto-visual seja percebido visualmente (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Figura 2 – Espaço de realização dos sinais na Libras



Fonte: Langevin e Ferreira Brito (1995).

Segundo Lessa-de-Oliveira (2012; 2019), a sintaxe espacial e a tridimensionalidade da Libras são percebidas na articulação dos sinais e no estabelecimento de referentes no espaço de sinalização. Mecanismos espaciais como o uso do sistema pronominal, o estabelecimento nominal e a concordância verbal, que são fundamentais para que as relações sintáticas, se estabeleçam. Tais relações dependem do domínio do espaço de sinalização, já que essa língua se processa espacialmente. Sobre o espaço de sinalização, Lessa-de-Oliveira (2023, p.47) traz uma abordagem interessante, incluindo na sua definição também o corpo do sinalizante:

(...) todo o espaço envolvido na articulação dos sinais, ou seja, o espaço à frente ou ao lado do corpo do sinalizante (ou falante), também tratado como espaço neutro, mas também o próprio corpo do sinalizante, que se encontra incluído no espaço de sinalização e, muitas vezes, também serve como ponto de marcação da sintaxe espacial.

Bellugi *et al.* (1988 *apud* QUADROS, 1997) defendem que o sistema pronominal, as nominalizações e a concordância verbal são essencialmente espacializadas na ASL. Quadros explica que Bellugi e Klima (1982) realizaram um estudo para identificar os termos dêiticos na ASL e perceberam que tais termos formam a base da referência pronominal, da concordância verbal e das relações gramaticais. Também verificaram, segundo a autora, que esses termos são literalmente ‘apontados’. Quadros defende que essas conclusões também se aplicam à Libras.

Os nominais que são introduzidos no discurso da ASL, conforme Bellugi *et al.* (1990 *apud* QUADROS, 1997), podem ser relacionados a pontos específicos no espaço de sinalização, e tais pontos passam a referenciar os nominais (NPs) que os introduziram. A associação dos referentes a locais específicos no espaço é chamada pelos autores de Determinante Nominal. Segundo Quadros, eles afirmam que o uso adequado dos Determinantes Nominais é o passo inicial para que se estabeleça a concordância verbal e para o uso dos outros mecanismos sintáticos espaciais.

A associação dos referentes a locais específicos no espaço, segundo Quadros (1997), ocorre com referentes presentes e ausentes no contexto do discurso. Segundo a autora, com referentes presentes, os elementos são formados pelo uso do dedo indicador para apontar a quem o sinalizante se refere. Isso quer dizer que, quando os referentes estão presentes, os pontos no espaço são estabelecidos a partir da posição real que eles ocupam. Se o sinalizante quiser referir-se a si mesmo, ele apontará para o seu próprio peito. Nesse caso, temos a forma pronominal de primeira pessoa. Em contrapartida, se o sinalizante quiser se referir ao receptor, forma pronominal de segunda pessoa, ele irá apontar diretamente para o receptor. Caso haja uma terceira pessoa no discurso, o sinalizante irá apontar para a localização real do referente.

Figura 3 – Formas pronominais usadas com referentes presentes

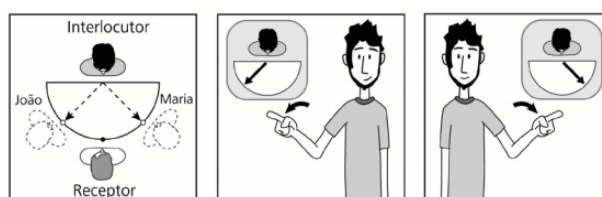


Fonte: Lillo-Martin e Klima (1990, p.192) adaptada por Pizzio et al. (2009).

Na ausência dos referentes, conforme Quadros (1997), a apontação é direcionada a um local espacial arbitrário, ao longo do plano horizontal, em frente ao corpo do sinalizante. A autora explica que, da mesma forma, pode-se usar a apontação para referenciar lugares e objetos no espaço. Dessarte, entendemos que o sinalizante associa um referente a um determinado local

no espaço de sinalização, e esse local se referirá àquele referente, ainda que outros sinais sejam produzidos no discurso. Podemos pensar em um exemplo para demonstrar essa questão. Se um sinalizante associar um objeto, uma árvore, com um ponto no espaço à direita do seu corpo; e outro elemento, um prédio, com um ponto à esquerda do seu corpo, sempre que ele apontar para o ponto da direita estará se referindo à árvore, e quando apontar para o ponto da esquerda estará se referindo ao prédio. Assim, as formas pronominais são associadas diretamente aos locais estabelecidos no espaço de sinalização.

Figura 4 – *Formas pronominais usadas com referentes ausentes*



Fonte: Lillo-Martin e Klima (1990, p.192) adaptado por Pizzio et al. (2009).

Como mencionamos anteriormente, os sinalizantes marcam referentes no espaço, que podem estar ou não fisicamente presentes, associando-os a uma determinada localização. Em um momento posterior, se houver necessidade de fazer uma retomada ou nova menção aos referentes, os sinalizantes utilizarão o recurso da apontação ao local onde foi estabelecido o(s) referente(s) que eles desejam retomar. Liddell (1996) explica que a possibilidade de dirigir sinais à diferentes locais no espaço traz à discussão temas relacionados às representações mentais e aos referentes. O autor explica que a teoria dos espaços mentais de Fauconnier (1985), ainda que não tenha sido desenvolvida considerando as LS, é muito útil para compreendermos o significado dos espaços mentais nessas línguas.

Os espaços mentais, conforme Liddell, são objetos mentais distintos das estruturas linguísticas. Eles são estruturas conceituais sobre as quais os indivíduos falam e podem ser construídas durante um discurso. Dessa maneira, o autor explica que os espaços mentais contêm entidades conceituais que podem ser descritas, ou sobre elas se pode contar uma história, etc. Van Hoek (1988,1989 *apud* LIDDELL, 1996) propõe que as representações espaciais estabelecidas à frente do sinalizante em ASL são exemplos de espaços mentais.

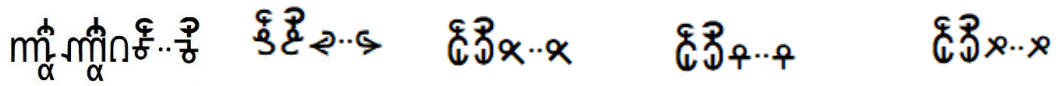
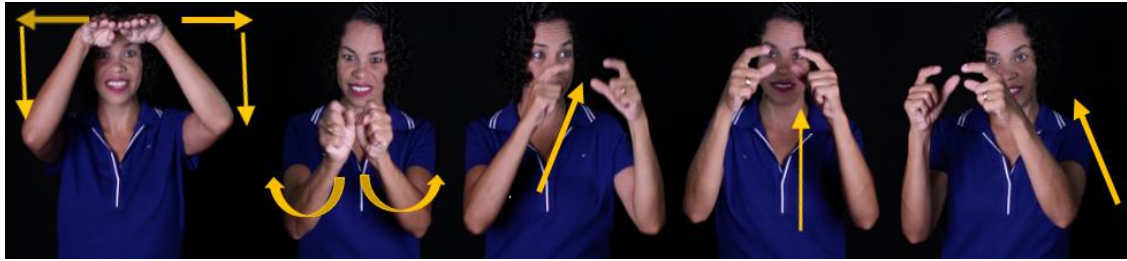
De acordo com Loew (1984), ao distribuir pontos no espaço, um sinalizante não o faz de maneira aleatória, pois existem restrições na escolha do local. Raramente os locais são estabelecidos arbitrariamente, pois o sinalizante buscará associar o local real do referente ao

local no espaço. Com referentes abstratos, para referentes que são descritos individualmente ou se o sinalizante desconhecer a relação espacial real, Loew explica que os locais serão arbitrários, e sua distribuição no espaço ocorre de maneira que sejam bem diferenciados. Caso haja necessidade de associar um local específico a um referente, é possível estabelecer locais acima ou abaixo do espaço neutro. É o caso do ‘céu’, que no espaço real, está posicionado em um local no alto. Portanto, é provável que o sinalizante estabeleça o referente ‘céu’ em um local acima do espaço neutro.

Conforme Baker e Cokely (1980) e Loew (1984), há vários mecanismos utilizados para estabelecer referentes no espaço tridimensional. Entre esses mecanismos, citam: (I) fazer um sinal em um local específico, (II) direcionar a cabeça e os olhos em direção a um local específico ao mesmo tempo que um sinal é executado, (III) apontar ostensivamente para um local específico e, posteriormente, nele estabelecer um referente; (IV) utilizar um classificador (CL) que possa representar um referente em uma localização específica, (V) usar um verbo com concordância que incorpore referentes previamente estabelecidos no espaço de sinalização.

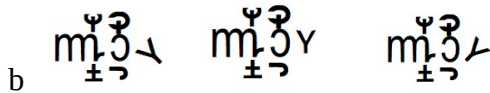
Baker e Cokely (1980 *apud* QUADROS, 1997) sustentam que, na ASL, há estabelecimentos que são determinados por regras. Se um sinalizante desejar descrever um evento passado e quiser contar alguma coisa relacionada ao evento, ele estabelecerá um local no espaço e relacionará os participantes, o tempo e o evento no local real. Esse estabelecimento é denominado Princípio Real. Quadros (1997) defende que, na Libras, o uso dos indicativos espaciais, que incluem os pronomes, possibilita conferir os referentes explicitamente, diminuindo a possibilidade de ambiguidade que pode existir em línguas orais. Essa ambiguidade, segundo a autora, raramente é encontrada nas LS, pois o espaço é explorado na pronominalização, durante o estabelecimento de pontos específicos. Dessa maneira, a ambiguidade é evitada por meio do uso do sistema pronominal referencial, completamente espacializado na Libras. A autora explica que esse recurso é exclusivamente encontrado nas línguas de modalidade gesto-visual.

Como mencionamos anteriormente, além de pessoas envolvidas em um discurso, outros elementos como lugares, seres inanimados, objetos, etc., podem ser referenciados no espaço tridimensional da Libras. Esse tipo de referenciação também nos possibilita visualizar a sintaxe espacial dessa língua. Nesse sentido, podemos imaginar, por exemplo, uma construção sinalizada na qual ocorre a marcação de um armário à frente do corpo do sinalizante, e dentro dele são colocados pratos e copos.



ARMÁRIO COLOCAR^[PRATO ACIMA E À ESQUERDA] COLOCAR^[PRATO ACIMA E À FRENTE] COLOCAR^[PRATO ACIMA E À DIREITA]

‘No armário foram colocados: um prato na prateleira de cima à esquerda, um prato na prateleira de cima à frente, um prato na prateleira de cima à direita [...]’



COLOCAR^[COPO À ESQUERDA] COLOCAR^[COPO À FRENTE] COLOCAR^[COPO À DIREITA]

‘[...] um copo na prateleira do meio à esquerda, outro copo na prateleira do meio à frente e outro na prateleira do meio à direita.’

Em (26a) e (26b), os elementos referenciados (armário, pratos e copos) vão sendo distribuídos no espaço tridimensional em pontos específicos. O posicionamento inicial das mãos, acima do nível dos olhos, nos traz a ideia da altura do armário. Já o movimento das mãos para os lados, em sentidos opostos e, posteriormente, o direcionamento das mesmas para baixo, com a mudança de orientação da palma (inicialmente para baixo e depois para os lados) nos indicam o comprimento do armário. A forma como ocorre o posicionamento dos demais elementos (pratos e copos) no armário, após a sinalizante indicar que o mesmo foi aberto, nos traz evidências de que os pratos — representados pela configuração da mão em ‘*cê encolhido*’ — foram colocados dentro do armário em uma prateleira mais acima. Do mesmo modo, percebemos que os copos — representados pela configuração da mão em ‘*cê*’ — foram posicionados em uma prateleira abaixo daquela na qual os pratos foram colocados. Ressaltamos

que o armário continua representado no espaço tridimensional, imaginariamente, marcado pelo movimento das mãos que referenciam a colocação dos pratos e copos em seu interior.

Temos em (26) diferentes elementos constituindo a sintaxe espacial. As formas que as mãos adquirem, indicando objetos como pratos e copos; o direcionamento do olhar, marca não manual muito presente na realização dos sinais; e o movimento das mãos, enquanto os elementos são distribuídos, como afirma Lessa-de-Oliveira (2012), ocupam o espaço tridimensional de maneira simultânea. Assim, a presença de cada elemento é considerada no espaço, simultaneamente, durante a execução de cada sinal. Dessa forma, os elementos vão sendo referenciados, um a um, e ao final tem-se a construção de uma sentença que, em português, poderia ser traduzida como ‘No armário, colocou-se na prateleira superior um prato à esquerda, outro à frente e outro à direita; e na prateleira inferior um copo à esquerda, outro à frente e outro à direita’.

Além das características mencionadas, em (26) também observamos a presença da iconicidade em diversos itens lexicais (sinais) que compõem a sentença produzida e constituem a sintaxe espacial dessa construção. Frequentemente encontrada nas línguas de sinais, a iconicidade é uma propriedade que, como explica Lessa-de-Oliveira (2023), “parece se apresentar como a motivação da forma significante de muitos sinais”. Sánchez (2021) considera a iconicidade como uma relação não arbitrária entre a forma e o referente de um signo (o significante e o significado, em termos saussurianos). Nessa direção, o autor explica que na iconicidade e nos sinais icônicos, significante e significado se relacionam por algum vínculo natural, não exclusivamente convencional, em que o primeiro (significante) contém elementos ou características que permitem inferir sua relação com o segundo (significado).

Nessa perspectiva, diferentes sinais em (26), como armário, pratos e copos, carregam traços icônicos marcantes, pois o movimento executado com as mãos e a própria configuração da mão de alguns desses sinais (pratos e copos) apresentam semelhança com a forma real dos objetos aos quais se referem. Como explicamos anteriormente, o sinal ARMÁRIO é executado com um movimento das mãos que delineia uma superfície plana, assim como as laterais, que se assemelha à forma de um armário. Em seguida, ocorre outro movimento das mãos, que mostra o armário sendo aberto, indicando uma ação de manuseio do mesmo. Assim, os movimentos das mãos na execução desse sinal também mostram a iconicidade nele presente. O sinal COPO tem sua iconicidade marcada pelo formato que a mão adquire, que se assemelha à forma de um copo e à uma pessoa o segurando. Já o sinal PRATO apresenta iconicidade pelo formato que as mãos adquirem, que se assemelha a forma real de um prato.

Além de estar presente nos sinais, a iconicidade também se apresenta em (26) em nível sintático, na sentença formada no espaço tridimensional. O movimento de abrir o armário e colocar os copos e pratos em seu interior apresenta forte iconicidade, pois produz uma imagem que corresponde à ação de estar colocando tais objetos no interior do armário imaginário, referenciado à frente do sinalizante. Essa organização sintática no espaço parece trazer efeitos da modalidade gesto-visual que constitui a tipologia linguística da Libras (BARBOSA; MATOS-CORREIA; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2022). Dessa maneira, temos em (26) o estabelecimento de referentes por meio da marcação de pontos específicos no espaço tridimensional; e a simultaneidade e a iconicidade caracterizando a sintaxe espacial da Libras.

Ao comparar determinadas construções que ocorrem na língua de sinais italiana (LIS) e no italiano, as chamadas ‘sentenças locativas’, como a sentença (26), Cirillo (2021) explica que a ordem dos constituintes chama a atenção para esse tipo de construção, uma vez que as ordens apresentadas entre as duas línguas comparadas são bastante diferentes. A partir de suas análises, o autor afirma que, em sentenças locativas, outras línguas de sinais além da LIS apresentam uma sequência de constituintes **Ponto de Referência - Elemento Localizado – Relação Locativa** (LAUDANNA, 1987 *apud* CIRILLO, 2021). Já as sentenças em italiano apresentam a sequência **Elemento Localizado – Relação Locativa – Ponto de Referência**. Cirillo (2021) cita um exemplo.

(27)



TAVOLO PALLA PALLA-SOPRA

La palla è sul tavolo

MESA BOLA COLOCAR^[SOBRE MESA]

‘A bola foi colocada sobre a mesa’

LIS

italiano

Libras

português

Para explicar a diferença na ordem de constituintes na sentença no italiano e na LIS, o autor esclarece que, na linguagem cognitiva, a análise da linguagem espacial envolve um elemento localizado, uma locação e a relação do elemento com a locação; que em línguas orais

é expressa geralmente de maneira ‘assimétrica’¹⁷. Segundo o autor, a relação espacial é conceituada como uma ação realizada pelo elemento localizado (BOLA). Tal fato é evidenciado pela articulação do sinal do verbo COLOCAR, que incorpora o seu argumento (BOLA); e não por qualquer ação realizada pelo sinal MESA. O autor defende que há uma maior iconicidade da representação linguística na construção gesto-visual. Na construção em LIS, assim como na Libras, também percebemos a sintaxe espacial e a iconicidade nos elementos referenciados.

A concordância verbal, como mencionamos anteriormente, também nos permite visualizar a sintaxe espacial da Libras. Tal concordância se estabelece com o uso de verbos que realizam determinadas ações, por meio de movimentos direcionados a pontos específicos no espaço de sinalização. Tais verbos são denominados, por alguns autores, verbos direcionais; e por outros, verbos com concordância. Ademais, outros tipos de verbos, como os verbos espaciais, sobre os quais discutiremos adiante, podem estar presentes na sintaxe espacial da Libras. Em (26), temos o verbo espacial COLOCAR realizando a ação com os pratos e copos que vão sendo dispostos no interior do armário. O mesmo acontece em (27), na sentença em LIS, quando o sinalizante realiza a ação do verbo ao colocar a bola sobre a mesa.

Strobel e Fernandes (1998, p.21) classificam os verbos da Libras em direcionais e não direcionais, para indicar verbos que marcam ou não concordância nessa língua. Segundo Quadros (1997), Quadros e Karnopp (2004), Pereira *et al.* (2011), os verbos na Libras se apresentam em, basicamente, três classes distintas: os verbos simples, os verbos com concordância e os verbos espaciais. Quadros e Karnopp (2004) e Faria *et al.* (2001 *apud* FARIA-NASCIMENTO; CORREIA, 2011) citam, ainda, os verbos manuais.

Segundo Ferreira-Brito (1997), os verbos simples não possuem marca de concordância e se dividem em duas subclasses: os verbos ancorados no corpo (executados em contato próximo ao corpo) e os verbos que incorporam o objeto (aqueles que modificam parâmetros para especificar informações referentes aos argumentos). Strobel e Fernandes (1998) comentam que os verbos simples ancorados no corpo podem ser aqueles de estado cognitivo, emotivo ou experienciais, como pensar, entender, gostar, duvidar, odiar, saber; e verbos de ação, como conversar, pagar, falar. Sobre os verbos simples que incorporam o objeto, as autoras corroboram Ferreira-Brito (1997), afirmando que alguns parâmetros desses verbos se modificam para especificar informações (STROBEL; FERNANDES, 1998, p. 23). As autoras citam como

¹⁷ Segundo Cirillo (2021), por ‘assimétrica’ entende-se que todas as relações espaciais, tanto de movimento quanto de localização, são expressas especificando a posição de um objeto em relação a outro.

exemplo o verbo COMER, que pode incorporar diferentes objetos: MAÇÃ (COMER-MAÇÃ), BISCOITO (COMER-BISCOITO), PIPOCA (COMER-PIPOCA), entre outros.

Para Quadros e Karnopp (2004), os verbos simples são aqueles que não se flexionam em número e pessoa, e não possuem afixos locativos (aqueles que identificam locais no espaço). Ao mencionarem o verbo COMER, as autoras explicam que esse é um verbo simples que apresenta flexão de aspecto (aquela relacionada com as formas e a duração dos movimentos). Elas afirmam que, em COMER-MAÇÃ, ocorre a incorporação do objeto, pois o sinal de COMER se modifica para indicar o argumento interno do verbo (objeto), que no exemplo citado é MAÇÃ. Nesse caso, há modificação dos parâmetros configuração de mão (que nesse caso,

pode ser a mão em ‘cê’ ) e movimento. Há também mudança do eixo da mão. Nessa direção, se tomarmos o verbo COMER-BISCOITO, observaremos também a mudança na

configuração de mão (que agora pode ser em ‘cê encolhido’ ) e no movimento.

Em relação à flexão de aspecto que pode ser realizada pelos verbos simples, Quadros e Karnopp (2004) explicam que há diferentes tipos: pontual, continuativo, durativo e iterativo. Elas esclarecem que tais aspectos são obtidos através de alterações do movimento e/ou da configuração de mão. O verbo FALAR, (verbo simples) pode apresentar flexão de aspecto pontual e continuativo; o verbo OLHAR, flexão aspectual pontual e durativo; e o verbo VIAJAR pode apresentar flexão aspectual pontual e iterativo.

Alguns verbos podem ser classificados como sem concordância ou com concordância (QUADROS; KARNOPP, 2004). Há, ainda, segundo as autoras, verbos classificados como verbos sem concordância, mas que podem ser sinalizados em um ponto específico, incorporando o referente. Esses verbos apresentam o mesmo comportamento sintático de verbos com concordância, quando sinalizados em concordância com um referente que tenha sido estabelecido espacialmente. O verbo PAGAR na Libras é um exemplo desse tipo de verbo, pois pode ser considerado um verbo sem concordância, mas também com concordância, por meio da direção do olhar e do movimento durante sua execução, em um ponto específico no espaço. As autoras afirmam ainda que os verbos sem concordância não admitem a negação antes deles. Souza e Duarte (2014), por sua vez, defendem que os verbos simples não apresentam morfologia de concordância, e não ocorre nenhum movimento ou orientação associada aos *loci* de seus argumentos. Trazemos essa discussão apenas para conhecimento, já que não é objetivo do estudo aprofundar essa questão.

Os verbos com concordância ou direcionais (STROBEL; FERNANDES, 1998) são aqueles que possuem marca de concordância. Denominados por Padden (1990) de verbos flexionados, são os que se flexionam em pessoa, número e aspecto, mas não possuem afixos locativos. Quadros e Karnopp (2004) e Pereira *et al.* (2011) pontuam que a flexão de número está relacionada com a distinção para um, dois, três ou mais referentes. Segundo as autoras, esse tipo de flexão é percebido nos verbos com concordância pois, durante sua execução, eles são direcionados a pontos estabelecidos no espaço de sinalização ou para uma referência mais geral, incluindo os referentes que integram o discurso. É o caso do verbo DAR, que é marcado pela direcionalidade do movimento na Libras.

Para Souza (2014, p.40), nas LS, a concordância ocorre quando a localização e/ou direção do verbo é determinada pela localização espacial dos argumentos. Isso quer dizer que o local no qual o verbo é sinalizado se modifica para que possa coincidir com a localização dos argumentos que com ele concordam. Lourenço e Silva (2015) afirmam que os verbos manuais, sobre os quais discutiremos adiante, apresentam concordância com o objeto da sentença, pois sempre são realizados no local em que o objeto sintático é sinalizado. Os autores explicam que a mudança de localização foi observada nos estudos de Ferreira (2013) e Ferreira e Naves (2014), pois verbos manuais como o verbo CORTAR-TESOURA foram realizados em locais diferentes quando o objeto da sentença foi alterado. Eles salientam que, segundo Ferreira e Naves (2014, p.380), CORTAR-TESOURA foi “executado próximo ao referente que representa o argumento interno (objeto) do verbo”. Assim, em sentenças do tipo CABELO CORTAR-TESOURA e UNHA CORTAR-TESOURA, o sinal CORTAR-TESOURA é realizado próximo ao cabelo e à unha, respectivamente.

Dependendo do tipo de movimento realizado pela mão durante a execução do sinal, Fischer (1973 *apud* QUADROS, 1997) argumenta que a concordância varia e presume a incorporação de pronomes. Conforme afirmam Fischer e Gough (1978), os verbos com concordância modificam suas direções de movimento para um ponto na direção da localização de diversos argumentos da sentença. Quadros afirma que tal processo de concordância é semelhante ao das línguas orais, e pode envolver a concordância não somente com o sujeito, mas também com argumentos que desempenham outras funções na sentença, como os objetos. Stokoe (1976) e Souza (2014) sustentam que a concordância nas LS é uma concordância espacial.

Baker e Cokely (1980) explicam algo importante para o reconhecimento de verbos com concordância, destacando a necessidade de saber que a posição do sinalizante no espaço é identificada como primeira pessoa, a posição do interlocutor é o de segunda pessoa e as demais

para a esquerda. Se imaginarmos uma pessoa (A) posicionada à direita do corpo da sinalizante e outra (B) à esquerda; entendemos que o sujeito da sentença é (A) e o objeto, (B). A orientação da palma da mão direcionada para a esquerda junto ao movimento do verbo saindo do ponto (A) para o ponto (B) é que determina as funções sintáticas na sentença. O ponto de partida é o sujeito e o ponto de chegada, o objeto. Nesse caso, (A) ajuda (B). Por outro lado, se o movimento do verbo fosse executado da esquerda para a direita, a orientação da palma da mão estaria voltada para a direita, e o sujeito da sentença passaria a ser (B), enquanto o objeto seria (A). A sentença resultante será (B) ajuda (A).

Segundo Quadros (1997), existem verbos com concordância denominados recíprocos, aqueles que podem indicar uma ação realizada por duas pessoas ou dois objetos simultaneamente, utilizando as duas mãos. Na Libras, os verbos OLHAR e ENTREGAR apresentam esse fenômeno, onde cada mão do sinalizante representa uma pessoa do discurso. Durante a execução do sinal, ambas as mãos podem executar o movimento ao mesmo tempo, indicando a reciprocidade da ação das duas pessoas. Quadros e Karnopp (2004) explicam que a marcação da reciprocidade na Libras ocorre por meio da duplicação do sinal realizada simultaneamente. Em relação à marcação da reciprocidade e da reflexividade, Ferreira (2021) mostra em seu estudo que há categorias pronominais específicas que marcam a existência de correferencialidade entre sujeito e objeto (voz reflexiva), e a reciprocidade. Esta última envolve a realização duplicada do sinal e o uso de morfemas/categorias pronominais que marcam a relação cruzada entre os argumentos.

Dentro da classificação dos verbos com concordância, explicam Quadros e Karnopp (2004) e Souza e Duarte (2014), há os chamados *regular agreement verbs* (verbos com concordância regular) e os *backward agreement verbs* (verbos com concordância reversa). Os verbos com concordância regular apresentam um movimento entre o *locus* de cada argumento, ou seja, inicia-se na posição na qual o sujeito é marcado e move-se para a posição em que o objeto é marcado (SOUZA; DUARTE, 2014). Já os verbos com concordância reversa, segundo os autores, iniciam a trajetória do sinal na posição do objeto e concluem-na na posição de sujeito. Nessa direção, na Libras, AJUDAR é um verbo com concordância regular, enquanto CONVIDAR e CHAMAR são verbos com concordância reversa.

Os verbos espaciais são aqueles que apresentam movimento e posição no espaço de sinalização. Por essa questão, eles possuem afixos locativos. É o caso dos verbos COLOCAR, IR e CHEGAR (QUADROS, 1997; QUADROS e KARNOPP, 2004; PEREIRA *et al.*, 2011). Quadros e Karnopp (2004) afirmam que os verbos espaciais possuem flexão de aspecto distributivo. Essa flexão se relaciona intimamente com a flexão de número presente nos verbos

com concordância. As autoras explicam que há diferentes formas de marcar o aspecto distributivo no verbo: por uma ação exaustivamente repetida (exaustiva); pela distribuição a referentes específicos no espaço de sinalização (distributiva específica), na qual o movimento é repetido a cada referente incluído no discurso; e pela distribuição a referentes indeterminados (distributiva não-específica), realizada por meio de um único movimento que inclui todos os possíveis referentes, sem especificidade.

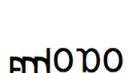
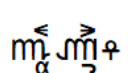
Faria *et al.* (2001 *apud* Faria-Nascimento e Correia, 2011) mencionam que os verbos manuais são aqueles que indicam a ação e o lugar onde a ação ocorre. Segundo Schick (1990, p.28), Quadros e Karnopp (2004, p.204) e Ferreira e Naves (2014), os verbos manuais são representados por uma configuração de mão na qual se reproduz uma mão segurando um objeto. Ferreira e Naves (2014, p.371) afirmam que esses verbos podem incorporar o objeto ou o instrumento para predicar.

Para Quadros e Karnopp (2004), a classe dos verbos manuais poderia incluir os classificadores que incorporam a informação verbal da sentença, pois eles também incorporam o objeto. As autoras defendem que, assim como os verbos associados a aspecto, os verbos manuais sempre finalizam a sentença, o que poderia ser analisado, segundo elas, como uma posição de foco sentencial (LOURENÇO; SILVA, 2015). Elas explicam que, nesse tipo de construção, inicialmente situa-se sobre o que está se falando e, em seguida, determina-se o tipo de verbo manual que será usado, como acontece nas construções tópico-comentário. Nessa direção, sentenças com verbos manuais apresentariam uma ordem SOV diferente da ordem básica da Libras, a SVO.

Lourenço e Silva (2015), em seu estudo sobre verbos manuais em Libras, apresentam uma contraevidência para a análise de Quadros e Karnopp, e explicam que há possibilidade de sentenças que parecem ser um tipo de construção resultativa em Libras, envolvendo verbo manual. Os autores esclarecem que, nesses casos, o verbo manual não ocupa a posição final da sentença, o que, segundo eles, precisaria ocorrer se o sítio sintático dessa categoria fosse realmente uma posição de foco sentencial. Abaixo reproduzimos uma sentença que os autores citam para exemplificar sua discussão.

(29)




 J-O-Ã-O PAREDE PINTAR^[COM PINCEL] AZUL
 ‘João pintou a parede de azul com um pincel’

Conforme o exemplo dos autores em (29), o verbo manual PINTAR^[COM PINCEL] ocorre antes do sinal AZUL. A partir dessa construção, concluímos que a ordem de constituintes na sentença é SOV, como indicam Quadros e Karnopp, mas ela não é finalizada pelo verbo manual, como as autoras defendem.

Faria-Nascimento e Correia (2011) identificaram três tipos de verbos manuais: verbos locativos, verbos classificadores de entidade e verbos classificadores de instrumento. Os verbos manuais locativos, segundo as autoras, são aqueles que apresentam afixo locativo, tais como COLOCAR, IR e CHEGAR. Quadros (1997) e Quadros e Karnopp (2004) reconhecem esses verbos como espaciais. Os verbos manuais classificadores de entidade são aqueles que exprimem deslocamento de entidade. Isso quer dizer que eles incorporam a configuração de mão do classificador da entidade que irão representar. É o caso do verbo ANDAR, referindo-se a pessoa (ANDAR-PESSOA) ou a animal (ANDAR-ANIMAL). Já os verbos manuais classificadores de instrumento são aqueles nos quais a configuração de mão representa a maneira de segurar o instrumento para produzir a ação. É o caso dos sinais ESCOVAR-DENTES, CORTAR-COM-TESOURA, etc.

Ferreira (2013) observou que, na Libras, não há sinais específicos para verbos manuais como CORTAR, PENTEAR, entre outros, pois o mesmo sinal foi executado pelos participantes da sua pesquisa tanto para indicar o objeto (TESOURA, PENTE) quanto para indicar o verbo (CORTAR-COM-TESOURA, PENTEAR). Por isso, a autora concluiu que os verbos manuais são sempre executados com a indicação do instrumento. Ela defende, assim como Ferreira e Naves (2014), que tais verbos resultam de um processo de derivação morfológica e não de incorporação, já que não se pode identificar um item lexical referente a eventos nos quais se incorporaria o instrumento. Vale ressaltar que, para as autoras, incorporação é um fenômeno que ocorre apenas quando há uma combinação de dois itens lexicais. Como os verbos apresentados acima não possuem um item lexical específico, as autoras consideram a ocorrência do uso de uma palavra, que seria o instrumento, em uma classe diferente, que seria o verbo. Por isso, elas defendem que a formação dos verbos manuais se deve, na verdade, a um processo de derivação. Com base no que discutem as autoras, apresentamos a seguir sentenças nas quais

o sinal equivalente a PINTAR toma uma forma específica, determinada pelo instrumento que representam.

(30)



၂၀၀၁၁၁

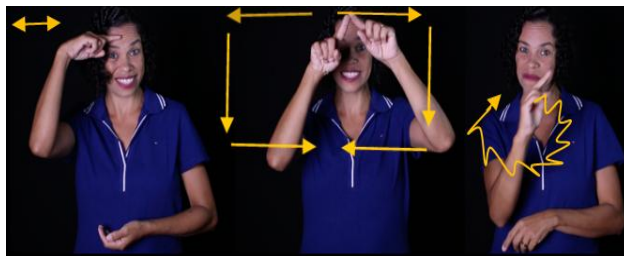
ကံ-ကံ

၎င်းနဲ့...နဲ့

J-O-A-N-A CASA PINTAR^[COM ROLO]

‘Joana pinta a casa com um rolo’

(31)



၎င်းနဲ့

၎င်းနဲ့...နဲ့

၎င်းနဲ့

CÉSAR QUADRO PINTAR^[COM PINCEL]

‘César pinta o quadro com um pincel’

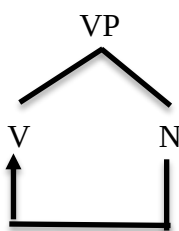
Diferente do que é assumido por Ferreira (2013) e por Ferreira e Naves (2014), Lourenço e Silva (2015) defendem, a partir de Hale e Keyser (1993, 2002), a possibilidade da formação dos verbos manuais ser explicada por mecanismos sintáticos, nos quais ocorre a incorporação do DP instrumento para dentro da raiz verbal V, como sugere Souza (2014), por uma operação chamada *conflation*. Tal mecanismo pode ser uma forma de analisar o fenômeno da simultaneidade.

Em seu estudo, Lourenço e Silva (2015) explicam que Baker (1988), desenvolvedor de um dos mais influentes trabalhos acerca do movimento de núcleo na Teoria Gerativa, conceitua a incorporação como o responsável por derivar palavras complexas por meio de elementos mais simples. Nessa direção, os autores esclarecem que a incorporação seria um movimento de um

núcleo para outro. Eles pontuam ainda que, a partir dessa concepção, o movimento de elementos como um N ou um P para um núcleo verbal ganha destaque.

Lourenço e Silva explicam que Hale e Keyser (1993, 2002) introduzem a ideia de *conflation* como um tipo específico de incorporação, que significa o movimento de um núcleo, especificamente de sua matriz fonológica, para um núcleo vazio sem realização morfológica, originando uma única palavra. Os autores explicam que os verbos denominais do inglês, como *laugh* (rir) e *dance* (dançar) são exemplos de *conflation* dados por Hale e Keyser, sendo *laugh* resultado do movimento de N para V, como os autores mostram na figura que reproduzimos abaixo.

Figura 5 – Conflation – movimento de N para V



Fonte: Adaptada de Lourenço e Silva (2015).

A proposta de Hale e Keyser, conforme Lourenço e Silva (2015), é interessante para se refletir sobre a formação de verbos manuais na Libras, pois ela possibilita pensarmos na fusão de um núcleo com outro não realizado foneticamente, e permite se pensar na ordem de constituintes envolvendo verbos manuais, a SOV. Também pode ser uma forma de analisar o fenômeno da simultaneidade. Em síntese, a análise realizada por Lourenço e Silva considera que, na formação dos verbos manuais, o instrumento se incorpora ao núcleo P e, posteriormente, se incorpora ao núcleo do VP, sendo que o V hospedeiro não apresenta realização fonética, mas sim semântica, referente à ação realizada com o objeto. Na sentença JOÃO PAPEL CORTAR-TESOURA citada pelos autores, a ação realizada com o objeto seria ‘cortar’ com a tesoura ou ‘cortar’ com o cortador. Segundo eles, isso explica de alguma maneira a coincidência das formas verbais e nominais respectivamente referentes às ações realizadas com os instrumentos e aos próprios instrumentos. Ademais, Lourenço e Silva explicam que não há incorporação de V ao núcleo de vP, visto que em Libras não ocorre esse movimento, emergindo a ordem SOV.

3.2.1 Ordem de constituintes nas LS e na Libras

Assim como as línguas orais, as línguas de sinais possuem certa flexibilidade na ordem de constituintes, podendo apresentar ordenações dos tipos SVO, SOV, OSV, VSO, VOS, ordenações com argumentos nulos, entre outras. Segundo López *et al.* (2012), as primeiras investigações sobre a ordem de constituintes nas LS remontam aos anos 70, principalmente na ASL, e seguem nos anos 80, em outras línguas de sinais. Os autores explicam que estudos publicados retratam duas tendências teóricas para desenvolver análises sobre a ordem de constituintes nas LS: aquelas baseadas em critérios sintáticos, identificando as funções de sujeito e objeto, na cadeia de sinais; e aquelas que consideraram que a cadeia de sinais reflete melhor uma ordem baseada em questões pragmáticas e/ou semânticas. Por outro lado, estudos que consideraram análises a partir de outros aspectos, como a organização e a coesão no discurso, têm constatado que, nas LS, é preciso considerar também o papel que o espaço exerce na organização da ordem de constituintes nas construções (LÓPEZ *et al.*, 2012, p.80). A análise da ordem de constituintes nesta pesquisa está baseada em critérios sintáticos.

Fischer (1975), Friedman (1976) e Liddell (1980) apoiaram seus estudos sobre a ordem de constituintes nas sentenças da ASL a partir de explicações sintáticas. Fischer afirma que a estrutura básica da ASL é a SVO, mesmo havendo evidências históricas de que a estrutura poderia ser a SOV. Ademais, defende, assim como Valli *et al.* (2011), que a ordem dos constituintes na ASL é variável e depende do tipo de verbo utilizado numa determinada frase. Friedman (1976), por sua vez, defende que a ordem de constituintes na ASL é relativamente livre, ainda que haja uma preferência por posicionar o verbo no final da sentença. Contrariando essa hipótese, Liddell corrobora a proposta de Fischer por meio de uma análise empírica bem detalhada. Entretanto, o autor também admite que existem numerosas exceções na ASL, diferentes da estrutura SVO.

Steinbach e Pfau (2007, p.15) afirmam que parece não haver LS exibindo a ordem VSO. No entanto, Rutkowski e Tozńska (2016), analisando a ordem subjacente dos principais constituintes sentenciais (verbo e seus argumentos) na língua de sinais polaca (PJM), apresentam a ocorrência de 1% da ordem VSO em sentenças declarativas com dois argumentos, sendo a ordem SVO a mais recorrente (67%). Nas sentenças declarativas com apenas um argumento, os autores explicam que a ordem SV prevaleceu (82%). Sobre os tipos de verbos utilizados na produção das sentenças, Rutkowski e Tozńska afirmam que os verbos simples favorecem a ordem SVO, enquanto os verbos com concordância e os predicados classificadores (verbos manuais classificadores em Libras) desencadeiam a SOV. Entretanto, quando o objeto

é inanimado, afirmam que a ordem SOV às vezes é usada com verbos simples. Morales-Lopez *et al.* (2011) também relatam fatos similares na língua de sinais espanhola (LSE).

Ao discutir sobre a ordem de constituintes na língua de sinais portuguesa (LSP), Amaral *et al.* (1994) afirmam que a ordem básica é SVO, ainda que a ordem OSV seja frequente nessa língua. Em sua investigação sobre a língua de sinais japonesa (LSJ), Nakanishi (1994) observou que a ordem básica dessa língua é a SOV, e a ordem OSV também aparece destacada. Como discutimos anteriormente, o japonês é uma língua de núcleo final, pois o verbo aparece depois do seu complemento, resultando sentenças com a ordem SOV. Dessa maneira, segundo o que defende Nakanishi, a SOV seria a ordem básica na LSJ e no japonês, da mesma forma que a SVO parece ser a ordem básica na Libras, e é no português.

O trabalho de Quinto (1999), sobre a língua de sinais mexicana (LSM) menciona que a ordem básica é a SVO, mas em menor frequência aparecem as ordens SOV e OSV. Massone e Curiel (2004), ao analisarem a ordem de constituintes na língua de sinais argentina (LSA), afirmam que a ordem básica não marcada nessa língua é a SOV. Como podemos perceber, a ordem básica é diversificada em distintas línguas de sinais. Em algumas, a ordem SVO parece ser a mais frequente, e nelas são possíveis as ordens SOV e OSV.

Em relação à Libras, Felipe (1989), Ferreira-Brito (1995) e Quadros (1999) afirmam que há flexibilidade nessa língua, o que permite várias possibilidades de ordenação de constituintes nas sentenças. Essa variabilidade nas ordens, segundo as autoras, é derivada do movimento de determinados elementos que são licenciados em contextos linguísticos específicos (PIZZIO, 2006). No entanto, as autoras sustentam que, apesar de haver essa flexibilidade, parece existir uma ordem mais básica que as demais: a Sujeito-Verbo-Objeto (SVO). Quadros (1999) justifica essa afirmação ao propor uma representação para a estrutura frasal na Libras, apresentando evidências que surgem de orações simples, orações complexas com orações subordinadas, da interação com advérbios, com modais e com auxiliares. Pizzio (2006), Araújo (2013) e Royer (2019) também mencionam em seus trabalhos que a ordem SVO parece ser mais básica que as demais na Libras. Por outro lado, Pereira *et al.* (2014) afirmam que a ordem tópico-comentário parece ser a mais utilizada na Libras, principalmente pelos surdos menos oralizados.

Ao apresentar as evidências para reafirmar que a ordem básica da Libras é a SVO, Quadros (1999) e Quadros e Karnopp (2004) defendem que todas as frases com essa ordem são gramaticais e explicam que esse tipo de construção é muito comum na Libras. Em relação às ordens VSO e OVS, Ferreira-Brito (1995), Quadros (1999), Quadros e Karnopp (2004), Napoli *et al.* (2017) afirmam que elas não são encontradas na Libras. Araújo (2013) afirma ter

encontrado as seis ordens de constituintes possíveis, apontadas por Greenberg, em seus dados da Libras. A autora defende que as ordens VSO e OVS não são derivadas da SVO, mas são produtivas nessa língua. Royer (2019) identificou dois casos de ordem VSO no corpus de sua pesquisa, uma envolvendo um verbo simples (aprovar) e outra, um verbo espacial (chegar).

Quadros e Karnopp (2004) pontuam que as demais ordenações encontradas na Libras, além da SVO, são resultantes da interação de outros mecanismos gramaticais, como operações sintáticas específicas relacionadas a uma determinada marca, como as marcas não-manuais — que podem ser consideradas gramaticais — e a concordância. Andreis-Witkoski (2015), ao discutir sobre a singularidade sintática das LS, retoma uma explicação de Laborit (1994, p. 120) que nos faz perceber diferenças entre surdos e ouvintes quanto à forma de estruturação de sentenças.

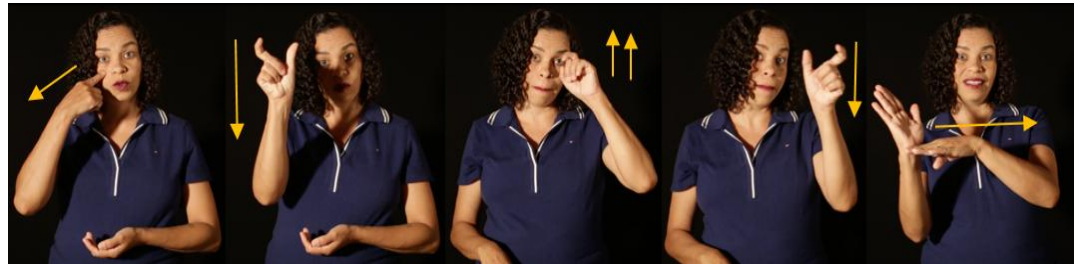
Um ouvinte começa uma frase pelo sujeito, depois, o verbo, o complemento e, no final, "a ideia". "Decidi ir ao restaurante comer ostras". Na língua de sinais, exprimimos primeiro a ideia principal, em seguida acrescentamos eventualmente os detalhes e a ornamentação da frase. Sendo comer o objeto principal, ele é exprimido primeiro na frase dos sinais.

As ordens SOV e OSV, conforme Quadros e Karnopp (2004), surgem apenas quando há algo a mais na sentença, como a concordância e as marcas não manuais (direção do olhar, movimento de cabeça, elevação das sobrancelhas, entre outras). A ordem OSV foi considerada por Andrade (2015) como a ordem mais natural na Libras, enquanto a SVO, a mais frequente. No caso das construções SOV e OSV associadas a marcas não manuais, Quadros e Karnopp afirmam que, se houver uma estrutura complexa na posição de objeto, a mudança de ordem a partir do movimento do objeto não será possível. Quadros (1999) defende que a ordem SOV é licenciada apenas em dois contextos: quando há incidências de marcas não manuais que indicam topicalização e/ou focalização; ou em sentenças envolvendo verbos com concordância. Nesse viés, a ordem SOV apresenta restrições, fortalecendo a ideia de que a SVO é a ordem básica na Libras (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Analisando sentenças SOV em ASL, inserindo três orações distintas, Padden (1990) propõe que o sujeito e o objeto são predicados que não possuem dependência, inseridos no discurso através do estabelecimento de pontos de referência no espaço de sinalização. Segundo a autora, inicialmente, o sinalizante define o sujeito em um ponto específico no espaço e, em seguida, sinaliza o objeto em outro ponto. Tais pontos correspondem ao estabelecimento nominal. Após definir os pontos no espaço, o sinalizante os utiliza para estabelecer a relação e a ação executada pelo verbo. Nas sentenças que possuem verbos com concordância é possível

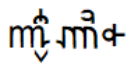
identificar esse tipo de relação. Vejamos uma sentença com o verbo AJUDAR, um verbo com concordância na Libras.

(32)








 SOPHIA LocPESSOA MÁRCIA LocPESSOA |S|AJUDAR|O-tema|
 ‘Sophia ajudou Márcia’



A sentença (32) foi construída a partir do estabelecimento de referentes no espaço de sinalização. SOPHIA foi marcada em um ponto no espaço à direita do corpo da sinalizante, e MÁRCIA foi marcada em um ponto à esquerda. O sinal AJUDAR foi executado com um movimento da direita para a esquerda. Isso quer dizer que a ação do verbo ‘ajudar’ é executada por ‘Sophia’, pois ela foi marcada à direita. Quem sofre a ação do verbo é ‘Márcia’, marcada à esquerda do corpo da sinalizante. Nessa sentença, ocorre uma pausa entre cada referente introduzido no espaço de sinalização. O verbo ‘ajudar’ s-seleciona dois argumentos: um externo e um interno. ‘Sophia’ é o argumento externo de ‘ajudar’, e recebe papel temático de ‘agente’, ocupando a função de sujeito da sentença. ‘Márcia’ é o argumento interno de ‘ajudar’, e recebe papel temático de ‘tema’, exercendo a função de objeto tema¹⁸. A ordem da sentença, nesse caso, é a SOV.

Em (32), a marcação de referentes estabelece a ordem em que os constituintes aparecem na sentença, e a direcionalidade do verbo define as funções sintáticas de sujeito e objeto. Se o verbo com concordância AJUDAR tivesse sido executado com movimento da esquerda para a

¹⁸ Nas sentenças em português, determinados verbos podem selecionar argumentos internos que funcionam como objeto direto e indireto. O objeto indireto é assim caracterizado pela presença de uma preposição. No entanto, como existência ou não de preposições em Libras é questão ainda em aberto, escolhemos as nomenclaturas alternativas ‘objeto tema’, ‘objeto alvo’, objeto locativo etc.

direita, a sentença resultante seria ‘Márcia ajudou Sophia’, e não ‘Sophia ajudou Márcia’. ‘Márcia’ seria a executora da ação do verbo ‘ajudar’, e exerceria a função de sujeito da sentença; e ‘Sophia’ sofreria a ação do verbo e ocuparia a função de objeto tema. Como a marcação de ‘Sophia’ foi realizada primeiro no estabelecimento de referentes, e ‘Márcia’ em seguida, a ordem deixaria de ser SOV e se tornaria OSV, pois teríamos a sequência ‘Sophia’ (objeto tema), ‘Márcia’ (sujeito) e ‘ajudar’ (verbo). Isso quer dizer que a ordem dos constituintes se estabelece pela ordem de realização deles, ainda que sejam fixados no espaço de sinalização. Assim, há mais de uma possibilidade de ordem, conforme fixação dos referentes no espaço de sinalização e a direcionalidade do verbo.

Para Quadros e Karnopp (2004), a variação na ordem de constituintes resulta tanto de diferentes derivações que determinadas línguas licenciam, quanto de distintos ajustes do parâmetro do núcleo. Segundo as autoras, as variações são determinadas por operações sintáticas motivadas por razões semânticas e fonológicas, ou seja, pelas interfaces dos componentes lógico (LF) e fonológico (PF). Quadros (1997), Quadros e Karnopp (2004), Lira (2014), pontuam que certos tipos de verbo licenciam ou não determinadas ordens de constituintes na Libras. Esse foi um dos elementos que buscamos investigar em nossos dados, no intuito de perceber a relação de cada tipo de verbo com a flexibilidade ou não da ordem de constituintes em sentenças dessa língua.

Quadros (2011, p.47) defende que a variabilidade da ordem de constituintes observada na Libras também está relacionada “a mecanismos gramaticais como a presença de concordância, de topicalização, de construções com foco, sempre associados ao uso de marcação não-manual específica”. Nesse sentido, segundo a autora, tais mecanismos parecem licenciar ou não determinadas ordens de constituintes nas sentenças da Libras.

3.2.1.1 Mecanismos gramaticais e variabilidade da ordem de constituintes

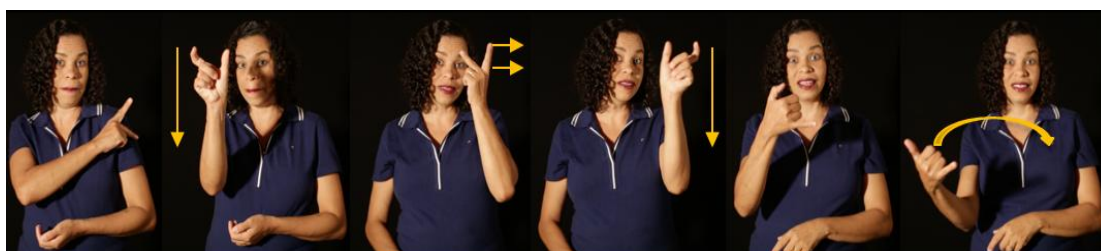
(i) Concordância verbal

Uma das funções das regras sintáticas em determinadas línguas, segundo Langacker (1975), é indicar a concordância. O autor explica que, no inglês, uma regra indica que o verbo concorda com seu sujeito em número e pessoa. Na Libras, a concordância verbal é um mecanismo presente na sintaxe espacial, percebida nessa língua por meio do uso dos verbos com concordância.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), as sentenças que contêm verbos com concordância parecem apresentar uma maior liberdade na ordenação em relação àquelas que possuem verbos sem concordância (verbos simples). Os autores afirmam que os verbos simples apresentam mais restrições. Lourenço (2017) explica que os verbos com concordância permitem de maneira mais livre ordens como SOV e OSV. No caso das sentenças que possuem verbos com concordância, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que nelas são obrigatórias marcas não manuais, mas que essas são opcionais nas sentenças com verbos sem concordância. As autoras defendem ainda que, em construções envolvendo verbos com concordância, a omissão do sujeito e do objeto pode gerar a ordem (S)V(O).

As construções nas quais se observa a presença de verbos com concordância — verbos associados a marcações não manuais e a movimento direcional — como o verbo DAR em Libras podem derivar a ordem SOV, segundo Quadros e Karnopp (2004). As autoras explicam que há casos nos quais a força da flexão de aspecto (característica de verbos com concordância e verbos espaciais, como mencionamos anteriormente) torna obrigatória a mudança na ordem dos constituintes, reposicionando o verbo no final da sentença. Com base nessas colocações, vejamos uma sentença com o verbo DAR na Libras.

(33)



PAULA

KAMILA

CANETA

DAR

PAULA

KAMILA

PAULA^{Loc}PESSOA KAMILA^{Loc}PESSOA CANETA^{|S|}DAR^{|O-alvo|}

‘Paula deu a caneta para Kamila’



Em (33), temos a sintaxe espacial percebida pelo estabelecimento de referentes no espaço de sinalização e pelo verbo com concordância. PAULA foi o primeiro referente a ser estabelecido no espaço, ocupando a posição à direita do corpo da sinalizante, e em seguida KAMILA, ocupando a posição à esquerda. O verbo DAR apresenta-se como um sinal

classificador, conforme Oliveira-Sampaio (2022 em andamento), uma vez que a configuração de mão em 'pêra', com que normalmente se realiza esse verbo, foi substituída pela configuração 'ípsilon', que corresponde à configuração do sinal CANETA. Se CANETA não tivesse sido realizado nessa sentença, poderíamos considerar a possibilidade de estar ocorrendo nesse exemplo a autossaturação, fenômeno descrito por Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014), no qual ocorre a incorporação de argumentos. Segundo as autoras, este tipo de saturação compreende a junção de predador e argumento interno ou externo em um único sinal. Nessa sentença, existem elementos na estrutura do sinal que permitem identificar as categorias envolvidas. A configuração da mão em 'ípsilon' permite realizar o movimento direcional, marcando o sujeito e objeto. Ademais, carregar os traços morfofonológicos do objeto incorporado, o qual foi introduzido na estrutura do predicado como um sinal independente.

Na sentença (33), o verbo DAR é um verbo de três argumentos: um argumento externo e dois argumentos internos. PAULA é o argumento externo, e funciona como sujeito da oração. Ela recebe o papel temático de agente, pois executa a ação do verbo. CANETA é um dos argumentos internos de DAR, aquele que desempenha a função de objeto tema na sentença, recebendo, obviamente, papel temático de tema. KAMILA é o outro argumento interno de DAR, que possui a função de objeto alvo, recebendo papel temático de beneficiário (ou alvo)¹⁹. A ordem de constituintes dessa sentença é a $SO^{alvo}O^{tema}V$ (SOOV), pois temos inicialmente a marcação do sujeito da sentença (PAULA), seguido dos objetos alvo e tema (KAMILA e CANETA, respectivamente) e por fim, o verbo (DAR). Por outro lado, se o movimento de DAR fosse realizado de KAMILA para PAULA, teríamos outra ordem de constituintes: a $O^{alvo}SO^{tema}V$ (OSOV). Nessa direção, a concordância verbal parece licenciar determinadas ordens de constituintes na Libras.

(ii) Construções de tópico

Segundo Orsini e Vasco (2007, p.1), as construções de tópico são “estruturas sintaticamente diversas das construções sujeito-verbo-objeto (SVO), uma vez que apresentam um tópico marcado seguido de um comentário, constituído de uma sentença com sujeito e predicado”. Os autores, com base na tipologia apresentada por Pontes (1987), entre outros trabalhos que discutem sobre esse tema; mencionam quatro estratégias distintas de construção de tópico, conforme apresentamos no quadro abaixo.

¹⁹ Esse é o objeto indireto em língua portuguesa.

Quadro 5 – Estratégias de construção de tópico (ORSINI; VASCO, 2007)

ANACOLUTO	O tópico não estabelece nenhuma relação argumental com o verbo, não estando vinculado a qualquer função sintática na sentença-comentário. Existe apenas uma relação semântica, na qual o interlocutor anuncia o tópico sobre o qual irá falar, para depois fazer um comentário por meio de uma sentença completa. Ex.: <i>Doce</i> eu gosto de gelatina, gosto de pudim.
TOPICALIZAÇÃO	O tópico se vincula a uma categoria vazia, no interior da sentença-comentário, exercendo, portanto, uma função na oração. Ex.: <i>A carne</i> eu já deixo ___ de um dia para o outro.
DESLOCAMENTO À ESQUERDA	Define-se pela presença de um pronome-cópia ou de outro constituinte na sentença-comentário vinculado ao tópico. Ex.: <i>As praias do Nordeste elas</i> são todas muito lindas.
TÓPICO-SUJEITO	O tópico é reanalisado como sujeito, e inclusive se instaura a concordância verbal. Nessas estruturas, não é possível falar exatamente em construção de tópico marcado, uma vez que o tópico ocupa a posição de sujeito. Ex.: <i>Essas janelas</i> estão ventando.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Em seu trabalho, Orsini e Vasco descrevem e confrontam as quatro estratégias de construção de tópico nas falas culta e popular de falantes do português brasileiro (PB), objetivando discutir o status do PB como língua de proeminência de tópico e de sujeito. Em seus resultados, os autores afirmam que as construções de anacoluto são relativamente mais frequentes na fala popular, e que nas duas variedades linguísticas investigadas, a topicalização e o deslocamento à esquerda são as mais recorrentes. Já as construções de tópico-sujeito são as menos frequentes, tanto na fala culta quanto na fala popular. Em relação à estrutura do tópico, eles sustentam que, no PB, qualquer elemento (sintagma nominal, sintagma oracional, pronome, numeral, entre outros) tem a possibilidade de ocupar a posição de tópico, mas o sintagma nominal é a estrutura de maior incidência. Sobre as estratégias de topicalização e de deslocamento à esquerda, citam a ocorrência de ambas envolvendo sujeito, objeto direto e oblíquo nas falas culta e popular, e afirmam que o papel sintático de sujeito favorece o deslocamento à esquerda, enquanto a função de objeto direto favorece a topicalização.

Quadros e Karnopp (2004), Pizzio (2006), Andreis-Witkoski (2015) e Dias (2015) mencionam a ocorrência de topicalização ou tópico-comentário como outra forma de produção de sentenças na Libras. As autoras esclarecem que esse tipo de construção constitui um mecanismo gramatical que possibilita mudanças na ordem dos constituintes em sentenças dessa

língua. O tópico é o ponto mais alto, o tema do discurso que apresenta uma ênfase especial, sendo posicionado no início da frase e seguido de comentários a respeito do tema (QUADROS; KARNOPP, 2004; ANDREIS-WITKOSKI, 2015). Andreis-Witkoski (2015) afirma que os comentários sobre o tópico são sequenciais. Para Pizzio (2006, p.9), o tópico “é o constituinte que veicula informação partilhada pelos interlocutores” em um discurso. A autora esclarece que a estrutura tópico-comentário parece emergir já nas primeiras produções do indivíduo surdo e que, nos primeiros estágios do desenvolvimento linguístico, já é produzida e compreendida.

Brito (1997) e Sousa (2010) explicam que a estrutura tópico-comentário pode ser usada quando não há restrições que impeçam o deslocamento de determinados constituintes da sentença e quando não alteram o sentido da frase. Brito (1997) coloca que, nesses casos, ela é a preferida na Libras. Quadros e Karnopp (2004) explicam que a topicalização acontece com bastante frequência na Libras e quando ela ocorre, a ordem SVO não é seguida. As autoras afirmam que a topicalização está associada a marcas não manuais, como a elevação das sobrancelhas, a inclinação da cabeça, mas pode ser também seguida por outras marcas, dependendo do tipo de construção realizada, como as que envolvem negação e interrogação. Para as autoras, somente tópicos são associados a marcas não manuais, e tais marcas não podem se espalhar na sentença. Por outro lado, Dias (2015), ao investigar a construção de tópico na Libras, observou que a marca não manual associada ao tópico-comentário (levantamento de sobrancelhas) não parece ser indispensável para que usuários da Libras produzam e compreendam sentenças desse tipo. Ademais, a autora afirma que o tipo de verbo (com ou sem concordância) não parece ser restrição para que ocorra topicalização em sentenças da Libras.

Segundo Pichler (2001 *apud* PIZZIO, 2006), na língua de sinais israelense (ISL) há pausas prosódicas que são marcas utilizadas para identificar tópico. Pizzio (2006) afirma que, apesar de alguns autores considerarem a obrigatoriedade das marcas não manuais nas construções com tópico, as pausas prosódicas também podem ser consideradas essencialmente como uma marca desse tipo de construção na ISL e na ASL. As marcas prosódicas nas construções de tópico não ocorrem apenas nas LS. Fonseca *et al.* (2015, p.92) explicam que, por serem elementos externos à sentença raiz, as estruturas de tópico possuem características prosódicas próprias (MORAES; ORSINI, 2003) e constituem um sintagma entoacional (IP) independente, na hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (2007). As autoras afirmam que a estrutura SVO, canônica no português, tende a constituir um único IP e, portanto, não favorece a alocação de pausas entre seus elementos.

Kimmelman e Pauf (2014 *apud* DIAS, 2015, p.116) perceberam que o tópico pode assumir diferentes classificações em distintas línguas de sinais, de acordo com uma distinção

semântica, e citam a diferenciação entre ao menos duas categorias de tópico: a temacidade e a configuração de cena. Segundo Dias (2015), a primeira categoria refere-se ao tópico sobre o qual a sentença-comentário relata algo. A segunda, deve estar relacionada com a informação tanto velha quanto nova, bem como às informações de locação e tempo. Kimmelman e Pauf explicam que a temacidade estaria relacionada aos tópicos que são argumentos verbais, enquanto a configuração de cena estaria relacionada aos argumentos que são adjuntos. Em relação ao aspecto sintático, Dias (2015) esclarece que Kimmelman e Pauf mencionam a possibilidade de o tópico ser gerado na base, não estando sintaticamente vinculado a uma posição argumental, mas apenas semanticamente; ou ser movido, gerado por movimento, estando coindexado à posição de argumento interno do verbo. Isso também se aplica às LO, como demonstramos no quadro 4, por exemplo, em ‘Doce eu gosto de gelatina, gosto de pudim’.

Quadros e Karnopp (2004) defendem que, na Libras, é possível topicalizar o objeto de uma dada sentença, mas pode acontecer o mesmo com o sujeito, ou com ambos ao mesmo tempo. Segundo as autoras, o mecanismo de topicalização é importante para demonstrar as diferentes possibilidades de mudanças na ordem dos constituintes em Libras, e pode resultar em diferentes ordenações derivadas da SVO, como as ordens OSV e SOV. Com base nessas proposições, vejamos exemplos na Libras.

(34)



(35)



<MÁRCIA>_{top} <ESPORTE>_{top} AMAR

‘Márcia ama esporte’ ou ‘Márcia tem amor pelo esporte’

Em (34) ocorre a topicalização do objeto tema da sentença (COMPUTADOR). Vale ressaltar que, nesse caso, o elemento deslocado não é um DP definido, sendo essa uma propriedade básica do tópico, que pode ser interpretado como uma informação dada, conhecida. Em (35), sujeito (MÁRCIA) e objeto tema (ESPORTE) estão topicalizados. A ordem de constituintes de ambas as sentenças é, respectivamente, OSV e SOV que, conforme defendem Quadros e Karnopp (2004), são derivadas da ordem SVO.

Para Quadros e Karnopp (2004), em sentenças com verbos manuais, sujeito e objeto são movidos para posições de tópico. Em contrapartida, Lourenço e Silva (2015) concluem que, em sentenças envolvendo verbos manuais e advérbios temporais, é possível topicalizar sujeito e/ou objeto, desde que estejam acompanhados pela marca não manual característica de construções de tópico (movimento de cabeça e elevação de sobrancelhas). Os autores explicam que, nesses casos, os elementos topicalizados aparecem antes do advérbio temporal, e comentam que a topicalização de ambos, sujeito e objeto, são estranhas se não agramaticais na Libras. Os autores citam exemplos, os quais reproduzimos abaixo.

(36) <EU>_{top} ONTEM PAPEL CORTAR-TESOURA

(37) <PAPEL>_{top} ONTEM EU CORTAR-TESOURA

(38) * <EU>_{top} <PAPEL>_{top} ONTEM CORTAR-TESOURA

(iii) Construções com foco

Quadros, Pizzio e Rezende (2008) e López *et al.* (2012) afirmam que as construções com foco são aquelas que introduzem no discurso uma informação nova que pode estabelecer contraste (foco contrastivo), informar algo adicional ou enfatizar alguma coisa (foco de ênfase).

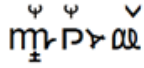
Conforme Pizzio (2006), o foco apresenta uma informação não pressuposta, e Dik (1978) afirma que o foco corresponde à informação mais saliente ou importante. Nas construções com foco, conforme apontam Quadros e Karnopp (2004) e Andreis-Witkoski (2015), os constituintes aparecem duplicados em uma mesma sentença. As autoras explicam que esse mecanismo acontece quando se deseja enfatizar um constituinte, mas de maneira diferente à ênfase que ocorre nas construções de tópico; e que o foco é gerado quando uma informação é interpretada com entonação mais marcada, o que a torna focalizada. As construções com foco na Libras, conforme Quadros e Karnopp (2004), apresentam algumas propriedades.

- (I) O foco envolve construções duplas nas quais o elemento duplicado ocupa a posição final na sentença.

As autoras afirmam que, assim como na ASL, na Libras podem ocorrer construções duplas com foco envolvendo quantificadores, modais e verbos; mas também com advérbios, pronomes, entre outras categorias de palavras. Ademais, esclarecem que tais construções são muito comuns com interrogativos e negação. Vejamos alguns exemplos.

(39)






EU COMPR|ar| TRÊS GUARDA-CHUVAS TRÊS

‘Eu comprei três guarda-chuvas, três’



(40)



h̃n

h̃ñ

m̃ĩ.m̃ĩ

h̃ñ .

EU

NÃO

VIAJ|ar|

NÃO

‘Eu não viajei não’

Em (39) e (40), desconsiderando a duplicação dos sinais, temos uma construção com foco de ordem SVO em (39), na qual o elemento duplicado é o quantificador TRÊS. Já em (40), temos a ordem SV, e a duplicação envolve uma negação.

Quadros e Karnopp (2004) explicam que, em casos nos quais há verbos simples, essas construções podem resultar estruturas com ordem SVO com duplicação do verbo associado à marca não manual afirmativa. Com base no que propõem as autoras, vejamos um exemplo com o verbo POD|er|.

(41)



h̃ñ

h̃ñ.h̃ñ.h̃ñ

h̃ñ.h̃ñ.h̃ñ

h̃ñ.h̃ñ.h̃ñ .

EL|e/a|

POD|er|

TRABALH|ar|

POD|er|

‘Ele(a) pode trabalhar, poder’

Em (41), temos uma construção com foco cujo elemento duplicado no final da sentença é o verbo POD|er|. Desconsiderando a duplicação, a ordem de constituintes é SVO, na qual o sujeito EL|e/a| é o argumento externo do verbo, e TRABALH|ar| é o objeto tema, argumento interno do verbo.

(II) O foco envolve somente núcleos

Quadros e Karnopp (2004) afirmam que todos os casos com foco envolvem posições nucleares. Elas concluíram que a posição do sujeito não pode ser duplicada, já que ele é um DP, ou seja, um sintagma determinante que inclui o nome e o determinante. A partir dessas informações, vejamos a reprodução de uma sentença proposta pelas autoras.

(42)



ISAÍAS
ENTREGAR
BICICLETA
AMAYA .

ISAÍAS ENTREG|ar| BICICLETA AMAYA

‘Isaias entregou a bicicleta a Amaya’

Segundo o que propõem Quadros e Karnopp, na construção (42), o sinal ISAÍAS, que funciona como o sujeito, é um DP, o que impede a ocorrência da sua duplicação no final da sentença. Nesse sentido, uma sentença como ISAÍAS ENTREGAR BICICLETA AMAYA ISAÍAS será considerada agramatical. As autoras explicam que essa mesma restrição é observada com sintagmas interrogativos e adverbiais, ou seja, eles não podem ser duplicados no final da sentença.

(43)



QUAL
HOMEM
DESSA
VOCÊ
NAMORA ?

QUAL HOMEM DESS|e/s| VOCÊ NAMOR|ar|?

‘Qual desses homens você namora?’



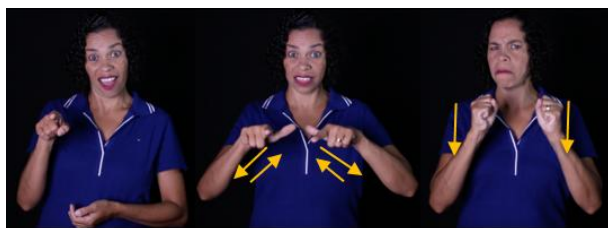
Conforme explicam Quadros e Karnopp, em (43) temos uma sentença contendo um sintagma interrogativo (QUAL HOMEM DESS|e/a/s|). Portanto, segundo as autoras, não seria

possível haver duplicação desse sintagma no final da sentença. No entanto, é possível haver construção com foco na qual o elemento duplicado é um pronome interrogativo. Dessa maneira, uma sentença do tipo QUAL HOMEM VOCÊ NAMORAR QUAL? será considerada gramatical, pois o foco envolve apenas o núcleo do sintagma, nesse caso, o pronome QUAL. As autoras defendem, ainda, que as sentenças interrogativas parecem ser inerentemente focadas.

(III) A posição FP (sintagma de foco) é uma projeção acima de IP (sintagma nominal) na Libras. Tal projeção ocorre quando uma informação acentuada com interpretação semântica e fonológica é colocada na posição de núcleo, associada com traço forte de foco. Dessa maneira, o IP, que contém o elemento em foco, se move para o especificador de FP (QUADROS; KARNOPP, 2004).

(IV) O traço [+foco] associado com F^0 licencia o núcleo nulo dentro de IP mediante identidade com o núcleo de FP. Segundo Quadros e Karnopp (2004), isso quer dizer que o foco possibilita o apagamento do primeiro elemento da construção dupla. Se tomarmos a sentença (41) EL|e/a| POD|er| TRABALH|ar| POD|er|, com o apagamento do primeiro elemento teremos a sentença (44) EL|e/a| TRABALH|ar| POD|er|. Nesse sentido, parece ocorrer uma mudança na ordem de constituintes, que era SVO e passa a ser SOV.

(44)



EL|e/a| TRABALH|ar| POD|er|

EL|e/a| TRABALH|ar| POD|er|

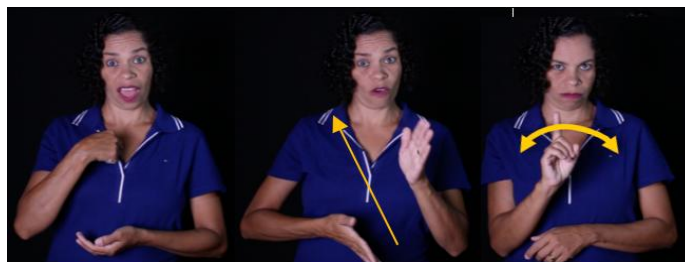
‘Ele(a) pode trabalhar’

(V) As marcas não manuais associadas aos elementos em foco se espalham sobre IP vazio.

A partir do que explicam Quadros e Karnopp, tomando a sentença (40) EU NÃO VIAJ|ar| NÃO, com o apagamento do primeiro elemento duplicado (NÃO), a marca não manual que o acompanha se espalharia sobre esse elemento vazio. Nesse caso, não ocorre mudança na

ordem de constituintes, comparando ambas as sentenças, que continuam com a mesma ordem SV, já que o elemento apagado, sendo um adjunto, não é um constituinte que interfere na ordem.

(45)



ከ፡

፡፡፡፡፡፡

ከ፡፡፡፡፡፡ .

EU VIAJAR NÃO

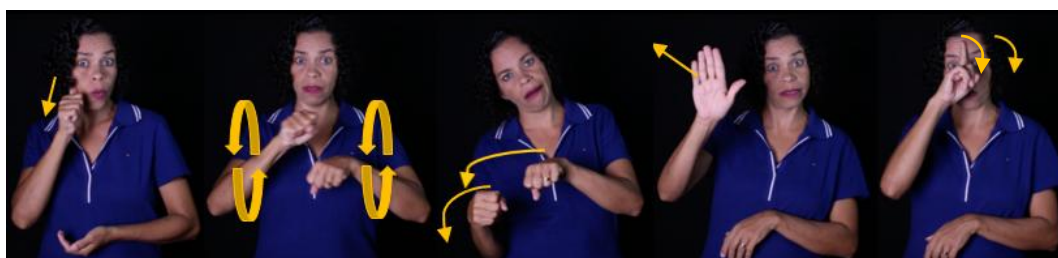
‘Eu não viajei’

(VI) As construções com foco observam as restrições da ilha de Ross (1967). Lobato (1986, p.253-254 *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004, p.183) explica essas restrições:

As restrições formuladas por Ross se aplicariam a toda a classe de regras de deslocamento e impediriam que fossem extraídos elementos de certas configurações sintáticas que foram por ele determinadas de “ilhas” (exatamente por seu estado de isolamento, já que são estruturas cujos constituintes não podem ser extraídos pelas regras de movimento). As restrições que ele propôs ficaram então conhecidas como “restrições de ilha” (*island constraints*).

Quadros e Karnopp concluem que a restrição da ilha de Ross pode ser exemplificada por meio de uma oração relativa que elas apresentam, reproduzida abaixo, pois tal oração é considerada uma “ilha”. Por esse motivo, pode haver constituintes associados apenas na própria estrutura, mas não pode haver um constituinte associado a outro, fora de sua “ilha”.

(46)



፡፡፡፡፡፡

፡፡፡፡፡፡

፡፡፡፡፡፡

፡፡፡፡፡፡

፡፡፡፡፡፡ .

MULHER <BICICLETA CAIR>_r ESTAR HOSPITAL

Em (47) temos uma construção com foco contrastivo de ordem VOS, já que temos, inicialmente o verbo VEND|er|, depois TERRENO e em seguida, QUEM. O verbo VEND|er| seleciona dois argumentos: um externo (QUEM) e um interno (TERRENO). QUEM recebe papel temático de agente, e ocupa a função de sujeito da sentença, e TERRENO recebe papel temático de tema, e tem a função de objeto tema. MURILO e MAGNO funcionam na sentença como um aposto relacionado ao sujeito.

Essa construção poderia ter sido estruturada como VEND|er| TERRENO QU|em|?, pois tais constituintes garantem a gramaticalidade da sentença. Nesse sentido, podemos dizer que MURILO e MAGNO inserem uma nova informação na sentença, pois eles não são constituintes essenciais, podem ser ou não pronunciados. O foco contrastivo é percebido pelas duas pessoas em contraste, ‘Murilo’ e ‘Magno’, em condições opostas, ou é uma pessoa, ou a outra.

Sobre sentenças que possuem advérbios de tempo e de frequência, Quadros e Karnopp (2004) explicam que a posição deles pode variar, mas não podem interromper a relação de adjacência entre o verbo e o objeto. Em relação aos advérbios de tempo, as autoras afirmam que eles podem ocorrer no início ou no final da oração, e os advérbios de frequência podem estar antes ou depois do complemento verbal (VP). Tal evidência, segundo as autoras, é mais um argumento para definir a ordem SVO como básica na Libras. Vejamos uma sentença na Libras com o advérbio de tempo AMANHÃ.

(48)



AMANHÃ EL|e/a| VIAJ|ar| SÃO PAULO

‘Amanhã el|e/a| viajará para São Paulo’

Em (48), o verbo VIAJ|ar| seleciona dois argumentos: um externo, EL|e/a|, que funciona como sujeito da sentença, posicionado antes do verbo e recebe papel temático de agente; e um interno, SÃO PAULO, que recebe o papel temático de locativo, posicionado após o verbo, e funciona como adjunto. Nesse exemplo, temos uma sentença de ordem SVO, na qual o advérbio

de tempo AMANHÃ ocorre no início da sentença, e não interrompe a relação de adjacência entre o verbo (VIAJ|ar|) e seu complemento (SÃO PAULO).

A ordem SVO também pode ser encontrada em sentenças que envolvem verbos manuais classificadores de instrumento, como PINT|ar|^[UNHAS].

(49)



EL e/a ADOR|ar| PINT|ar|^[UNHAS]

EL|e/a| ADOR|ar| PINT|ar|^[UNHAS]

‘El(e/a) adora pintar as unhas’

Em (49) temos uma sentença de ordem SVO. Durante a execução dos sinais, temos primeiro EL|e/a|, seguido de ADOR|ar| e por fim PINT|ar|^[UNHAS], verbo manual classificador de instrumento, segundo classificação de Faria-Nascimento e Correia (2011). ADOR|ar| é o verbo que seleciona EL|e/a| como seu argumento externo, que recebe papel temático de experienciador e funciona como o sujeito da sentença, e seleciona PINT|ar|^[UNHAS] como seu argumento interno, que recebe papel temático de tema e funciona como o objeto da sentença (um objeto oracional). Se a sentença tivesse sido construída como PINT|ar|^[UNHAS] EL|e/a| ADOR|ar|, ela também seria gramatical. Dessa forma, com o deslocamento do constituinte PINT|ar|^[UNHAS] para o início da sentença, esta passa a ter a ordem OSV. Essa mudança de ordenação nos mostra que os verbos manuais classificadores de instrumento parecem ter certa flexibilidade na ordem de constituintes.

As sentenças de ordem SOV e SVO podem ser geradas a partir de verbos espaciais (QUADROS; KARNOPP, 2004).

(50)



IRM|ã/ão| CASA CHEG|ar| ATRASAD|a/o|

‘[A/o] irm|ã/ão| chegou em casa atrasad|a/o|’



(51)



EL|e/a| |ir| TRABALH|ar| CEDO

‘El|e/a| vai para o trabalho (ou trabalhar) cedo’



Na sentença (50), temos a ordem SOV com o verbo espacial CHEG|ar| e em (51), a ordem SVO com o verbo espacial |ir|. Em (50), o sinal normalmente traduzido como o verbo ‘chegar’ pode ser compreendido também como ‘vir’ ou ‘voltar’. Nesse sentido, estamos analisando-o como verbo que seleciona um argumento externo agente – IRM|ã/ão| –, com função de sujeito, e um interno com papel de tema e função de objeto – CASA. Nesse caso a ordem é SOV. Já em (51), temos duas possibilidades de estrutura: uma em que o sinal pode ser interpretado como nome (TRABALH|o|) e outra em que pode ser interpretado como verbo (TRABALH|ar|). Sendo esse sinal interpretado como nome ou verbo, temos nessa sentença o verbo ‘ir’ selecionando um argumento externo agente – EL|e/a| –, com função de sujeito, e um argumento interno locativo com função de objeto – TRABALH|o/ar|, resultando na ordem SVO. No caso de TRABALH|o| como nome, este é compreendido como

local de trabalho e, no caso de TRABALH[ar], como verbo, temos um objeto oracional, sem nenhuma alteração semântica com relação à sentença matriz.

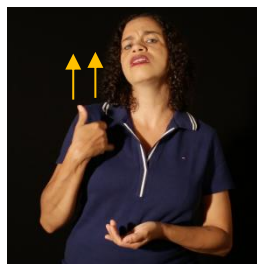
As sentenças que foram apresentadas e discutidas até aqui são sentenças lineares, pois em todas elas os sinais foram executados sequencialmente, um após outro, e nelas uma determinada ordem de constituintes foi gerada. No entanto, como mencionamos anteriormente, nas línguas de sinais existe a possibilidade de produção de construções simultâneas (CS), nas quais sinais são executados ao mesmo tempo. Vejamos algumas características dessas construções.

3.2.1.2 Construções simultâneas

Além das sentenças lineares é possível construir sentenças simultâneas nas LS. Tais sentenças são possíveis graças às características do sistema articulatorio dessas línguas: os articuladores manuais são múltiplos, já que temos duas mãos, e mãos independentes, pois cada uma delas pode executar movimentos individualmente. Por esse motivo, e porque as LS são gesto-visuais, não há nessas línguas tanta dependência de uma sequência temporal como nas línguas orais (SYAVOSHI, 2009, p.4). Nas LO, o articulador é único, a boca, por meio da qual as sentenças são produzidas e propagadas pela via sonora, que exige a percepção pelo ouvido de um som (próprio de língua) após o outro. Dessa maneira, a simultaneidade parece não ser uma propriedade presente nas sentenças das línguas orais, diferente do que acontece na Libras e nas línguas de sinais de modo geral.

As línguas de sinais diferem das línguas orais em muitos aspectos, inclusive naqueles que envolvem a sintaxe. Uma das principais diferenças entre as LS e as LO é a modalidade gesto-visual característica das línguas de sinais. Ao observarmos a estrutura gramatical da Libras, por exemplo, percebemos que ela se organiza de forma independente da gramática do português. Para ilustrar essa questão, vejamos alguns exemplos:

- | | |
|-----------------------------|-----------|
| (52) Quantos anos você tem? | português |
| (53) Qual a sua idade? | português |
| (54) IDADE? | Libras |



¿ ʘ ʘ ʘ ʘ ?

IDADE?

As sentenças (52), (53) e (54) mostram diferenças que podem ser observadas quando comparamos os sistemas linguísticos do português e da Libras. Não é somente a modalidade gesto-visual que distingue essas duas línguas, mas também a escolha dos elementos lexicais que compõem as sentenças e a maneira como esses elementos se organizam para formá-las. Ademais, existem determinadas regras de ordem de constituintes para a estruturação de sentenças em ambas as línguas. Os constituintes que formam as sentenças (52) e (53) em português, por exemplo, não podem ser dispostos de qualquer forma, em qualquer ordem, pois podem resultar em sentenças mal formadas ou agramaticais, como os exemplos (55a) e (55b).

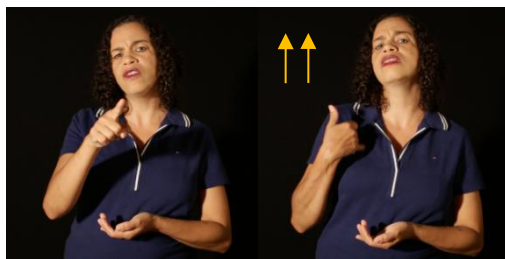
- (55) a. *Tem você anos quantos?
b. *Idade sua qual a?

No português, normalmente utilizamos a sentença (52) ou (53) para perguntar a idade de uma pessoa. Os elementos lexicais que compõem tais sentenças são dispostos sequencialmente, de maneira linear, em uma determinada ordem. Na Libras, essa mesma pergunta pode ser feita usando apenas o sinal IDADE, como em (54), e expressões não manuais como o direcionamento do olhar, que faz a marcação da 2ª pessoa, junto à expressão facial de sentenças interrogativas, para indicar que se trata de uma pergunta. Nesse caso, temos uma construção envolvendo um sinal multicanal²⁰, pois ele é executado com o uso da mão e de

²⁰ Segundo Syavoshi (2009, p.3), os sinais presentes nas LS podem ser manuais, não manuais e multicanais. Os sinais manuais são aqueles nos quais há somente o uso das mãos, sem a presença de expressões não manuais (ENM). Os sinais não manuais são aqueles cuja produção não envolve o uso das mãos, mas sim o uso de outros articuladores como o olhar, o tronco ou movimento de cabeça. Já os sinais multicanais, para Brennan (1992), são aqueles cuja produção inclui recursos manuais e não manuais. Tais sinais sempre envolvem alguma ação das mãos, mas também alguma outra ação corporal.

expressões não manuais que completam o sentido da sentença. Por outro lado, é possível construir essa mesma sentença em Libras de outras maneiras.

(56)



VOCE IDADE?

VOCÊ IDADE?

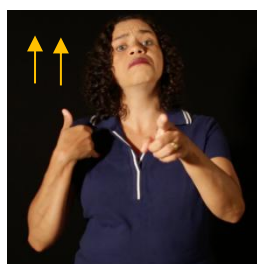
(57)



IDADE VOCÊ?

IDADE VOCÊ?

(58)



VOCE IDADE? ou VOCE IDADE?

[MA₁: VOCÊ MA₂: IDADE?] ou [MA₁: IDADE MA₂: VOCÊ?]

Em (54), percebemos que a sentença interrogativa foi construída apenas com o sinal IDADE, sem o uso do sinal VOCÊ, como ocorre nas sentenças (56), (57) e (58). No entanto, (54) tem sentido completo, pois o direcionamento do olhar marca a 2ª pessoa do discurso

(representada pelo sinal VOCÊ nas demais sentenças), e as marcas não manuais de interrogação indicam que se trata de uma pergunta. Já (56) e (57) foram produzidas com os sinais IDADE e VOCÊ, executados sequencialmente, um após o outro, resultando sentenças lineares. Nessas sentenças, observamos que a ordem dos itens lexicais (sinais) foi modificada. Por outro lado, em (58), ambos articuladores manuais são ativos e produzem sinais diferentes ao mesmo tempo. As siglas MA₁ e MA₂ indicam que as duas mãos são ativas e realizam sinais ao mesmo tempo. A mão ativa 1 (MA₁) executa VOCÊ, e a mão ativa 2 (MA₂) executa IDADE, junto às expressões não manuais que coocorrem na sentença (direção do olhar, inclinação da cabeça para atrás, etc.). Utilizamos os colchetes [] para indicar a simultaneidade da sentença. Dessa maneira, na construção (58), não percebemos uma ordem linear na execução dos sinais, pois eles foram realizados simultaneamente. Quem foi executado primeiro, VOCÊ ou IDADE? Assim, nessa construção, parece ocorrer um mecanismo sintático de estruturação que não é propriamente o de ordem.

As sentenças (54), (56), (57) e (58) nos mostram algo interessante que ocorre na Libras: em determinadas situações, o sinalizante tem a possibilidade de escolher de que forma os sinais serão dispostos na sentença, e essa escolha resultará em um determinado tipo de construção (linear ou simultânea). Isso quer dizer que a tridimensionalidade e simultaneidade peculiaridades às LS que tornam possível a construção de diferentes tipos de sentenças no espaço de sinalização. O envolvimento de distintas partes do corpo durante a produção dos sinais também é marcante na Libras, pois, assim como outras LS, essa língua é produzida não apenas com as mãos, mas com todo o corpo do sinalizante. As características articulatórias não manuais das línguas de sinais, que incluem movimentos corporais, expressões faciais como a direção do olhar, padrões de boca, nariz, sobrancelhas e bochechas são essenciais e fazem parte do todo que representa a Libras e as LS.

Os estudos sobre construções simultâneas (CS) nas línguas de sinais iniciaram com Friedman, em 1975, que verificou a ocorrência dessas construções produzidas com as duas mãos em ASL. A partir daí, ele tentou descrever diferentes funções das CS, que são muito importantes para os estudos da sintaxe das LS. Através delas é possível ocorrer a codificação simultânea de diferentes informações lexicais de diversos tipos, em mais de um canal. Portanto, essas construções devem ser levadas em consideração se há o intuito de perceber, de forma completa, a natureza da sintaxe das LS (MILLER, 1994 *apud* SYAVOSHI, 2009, p.4). Isso ocorre porque os sinais não manuais acompanham os sinais manuais e têm influência sintática e semântica nas sentenças.

Segundo Vermeerbergen, Leeson e Crasborn (2007a, p.2), as construções simultâneas podem ser de três tipos:

- 1) Simultaneidade manual em que cada uma das mãos expressa diferentes informações ao mesmo tempo. Esse tipo inclui também a produção simultânea envolvendo classificadores, cada um em um lado diferente, mostrando a relação locativa de dois referentes;
- 2) Simultaneidade manual oral, que ocorre quando o sinalizante usa o canal oral (padrões de boca, etc.) junto com o canal manual;
- 3) Simultaneidade envolvendo o uso de outros articuladores (manuais ou não manuais), na qual os articuladores não manuais que não a boca (como o olhar fixo, por exemplo) podem ser combinados com os articuladores manuais e orais.

Miller (1994), ao realizar estudos sobre a Língua de Sinais de Quebec (LSQ), mostrou diferentes tipos de construções simultâneas nessa língua: construções simultâneas nas quais duas mãos produzem dois itens lexicais diferentes; construções simultâneas com preservação de um sinal por um lado, enquanto a outra mão articula uma série de outros sinais; construções simultâneas nas quais se coloca um sinal, articulado pela mão dominante, sobre ou em relação a um morfema de enumeração, que é expresso pela mão não dominante; e construções simultâneas nas quais ocorre a articulação de um sinal indicador com um sinal ou sinais por outro lado.

Além dos tipos de construções simultâneas citados acima, Miller (1994) propõe, ainda, outra classificação: simultaneidade total e de preservações. A simultaneidade total aparece quando duas mãos produzem um sinal diferente e ambas se movem simultaneamente. As preservações ocorrem quando a mão não dominante permanece estável, sem movimento, no estado final de um sinal, enquanto a mão dominante produz outros sinais. Em LSQ, Miller (1994, p.98) cita que “uma preservação pode envolver tanto um sinal de uma mão ou uma mão de um sinal de duas mãos”. Em sinais de uma mão, é a mão dominante que se mantém com a configuração do sinal enquanto a mão não dominante articula outros sinais. Nesse caso, a mão não dominante se torna dominante. Liddell (2003) também realizou uma discussão sobre preservação em ASL e fez uma distinção entre preservações significativas e não significativas. Ele denominou as preservações significativas de ‘fragmentos de sinais’ que indicam o tema do discurso. Nas preservações não significativas, Nespor e Sandler (1999 *apud* SYAVOSHI, 2009, p.14) mostraram que elas podem ter papéis na estrutura prosódica da língua de sinais israelense (ISL), pois podem indicar um limite de frase fonológica.

Em relação às informações produzidas em construções simultâneas, Miller (1994) coloca a distinção entre informações de primeiro plano e segundo plano como uma função importante da simultaneidade manual na LSQ. Nesse sentido, a informação produzida pela mão dominante é a de primeiro plano e central, enquanto que a mão passiva expressa as informações de segundo plano, de fundo ou periférica. Já na língua de sinais dinamarquesa (DTS), Engberg-Pedersen (1993) fez uma distinção entre dois tipos de simultaneidade: central e não central. A simultaneidade central se refere às construções em que ambas as mãos produzem classificadores que indicam relação locativa, enquanto na simultaneidade não central não há relação locativa entre dois elementos.

Um estudo realizado por Syavoshi (2009) com a língua de sinais persa mostra a ocorrência de construções simultâneas. Entre os tipos de simultaneidade encontrados, a autora cita construções com simultaneidade total, em que cada mão articula um sinal diferente; construções com simultaneidade de preservação e construções simultâneas envolvendo articulação com sinal indicador.

Na Libras, diferentes construções simultâneas podem ocorrer no espaço tridimensional, constituindo a sintaxe espacial dessa língua. Observemos a sentença abaixo, com o verbo manual PINT|ar|^{|CABELO|}.

(59)



ONTEM EL|e/a| PINT|ar|^{|CABELO|} VERMELH|o/a|

ONTEM EL|e/a| PINT|ar|^{|CABELO|} VERMELH|o/a|

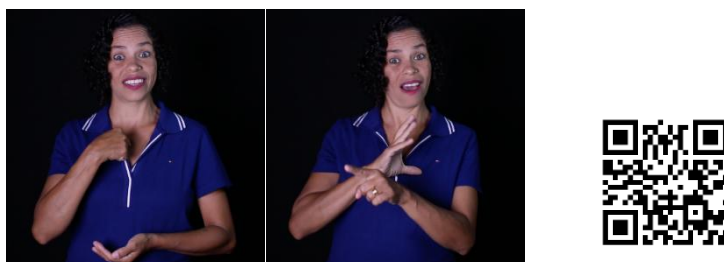
‘Ontem ele(a) pintou o cabelo de vermelho’

Em (59), a sinalizante realiza os sinais de maneira linear, um após o outro, utilizando o verbo manual PINT|ar|, cuja ação é executada em um ponto específico, nesse caso, o cabelo. Nessa sentença, o verbo seleciona o argumento externo EL|e/a| e o argumento interno CABELO, que exerce a função de sujeito e objeto, respectivamente. Portanto, nessa sentença, temos verbo e objeto ocorrendo ao mesmo tempo no espaço tridimensional. Esse fenômeno foi denominado por Almeida e Lessa-de-Oliveira (2012) como autossaturação de predicadores.

Isso quer dizer que, apesar da linearidade marcada pela sequencialidade da execução dos sinais, temos a presença da simultaneidade na autossaturação do predicator. Ademais, a iconicidade também é percebida nessa sentença, no sinal PINT|ar|^{|CABELO|}.

Como mostramos na construção (58), na Libras encontramos sentenças envolvendo simultaneidade total, em que cada articulador manual executa um sinal específico ao mesmo tempo. Ademais, também ocorrem construções simultâneas que envolvem a preservação de um sinal no espaço de sinalização, enquanto outros sinais vão sendo executados (MILLER, 1994).

(60)

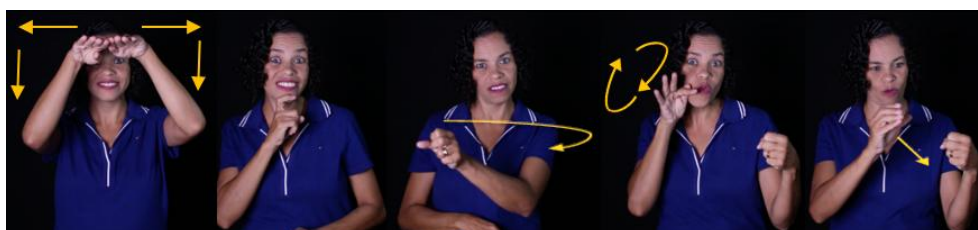


EU AMO .

EU [MA₁: AM|ar| MA₂: EL|e/a|]

‘Eu o(a) amo’

(61)



GELADEIRA ABRIR FRUTA COLOCAR .

GELADEIRA ABR|ir| [MP: ABR|ir| MA: FRUTA COLOC|ar|]

‘A geladeira foi aberta e nela foi colocada uma fruta’



Em (60), a sinalizante faz uso da pronominalização para indicar as duas pessoas do discurso: EU, selecionado pelo verbo AM|ar| como argumento externo, o sujeito da sentença; e EL|e/a|, argumento interno, o objeto tema do verbo. Conforme discutimos anteriormente, o

sistema pronominal constitui a sintaxe espacial da Libras, assim como o estabelecimento de referentes no espaço. Nesse exemplo, temos, no segundo quadrinho da tira de imagens, uma construção denominada por Miller (1994) de CS com simultaneidade total, na qual ambas as mãos são ativas e executam sinais diferentes, AM|ar| e EL|e/a|, ao mesmo. Entretanto, no primeiro quadrinho, acontece a realização do sinal EU. Nesse sentido, parece ocorrer uma construção mista, envolvendo linearidade e simultaneidade, pois há uma sequência de sinais acontecendo: inicialmente EU e, posteriormente, a construção simultânea nos sinais AM|ar| EL|e/a| realizados ao mesmo tempo.

Dessa maneira, em (60), parece ocorrer um mecanismo sintático de estruturação diferenciado, pois os sinais executados, tanto linearmente (EU) quanto simultaneamente (AM|ar| e EL|e/a|), constituem uma mesma sentença. O interessante é que, apesar da simultaneidade presente na construção, há uma sequência na execução dos sinais, onde EU é o primeiro constituinte a ocorrer, e a CS AM|ar| e EL|e/a| ocorre em seguida. Ainda assim, seria difícil estabelecer uma ordem para os argumentos AM|ar| e EL|e/a|, pois não podemos especificar quem ocorre primeiro. Essa mesma construção poderia ter sido realizada como uma sentença linear, se os sinais EU, AM|ar| e EL|e/a| fossem todos executados sequencialmente.

Em (61) temos outra construção composta por linearidade e simultaneidade. Nessa construção, percebemos o fenômeno da sintaxe espacial na marcação dos referentes no espaço de sinalização e na execução dos verbos. Inicialmente, a sinalizante executa sequencialmente os sinais GELADEIRA (sinal composto, formado pela junção dos sinais ARMÁRIO ^ FRIO) e ABR|ir|. Em seguida, o sinal ABR|ir| continua preservado no espaço de sinalização, enquanto outros sinais são executados sequencialmente (FRUTA e COLOC|ar|). Esse tipo de construção é denominado por Miller (1994) de construção simultânea com preservação de sinais. Em (61) ocorre, ainda, um outro fenômeno que parece ser muito comum nas LS e na Libras: a ‘reversão de dominância’. Frishberg (1985 *apud* VERMEERBERGEN *ET AL.*, 2007) discute como a habilidade de usar as duas mãos, de maneira independente para articular distintos sinais, permite construções simultâneas e possibilita a um sinalizante alternar entre os dois articuladores manuais. Frishberg explica que tais alternâncias são conhecidas como ‘reversão de dominância’, e ocorrem quando o uso esperado da MA e da MP nas LS é invertido. Em (61), a princípio, a mão dominante ou mão ativa executa o sinal ABR|ir|. Posteriormente, essa mão continua preservada no espaço de sinalização, tornando-se a mão passiva, já que não executa mais nenhum movimento. Nesse momento, ocorre a reversão de dominância: a mão que era dominante ou ativa passa a ser passiva, ficando preservada no espaço; enquanto a outra mão, aquela responsável por executar os sinais seguintes, torna-se a mão ativa. Assim, parece ocorrer

no segundo momento uma sentença linear encaixada, formada pelos sinais FRUTA e COLOC|ar|. Indicamos o sinal que permanece preservado no espaço (ABR|ir|) após a sigla MP, pois é indicado pela mão passiva; e os sinais que foram executados sequencialmente (FRUTA e COLOC|ar|) após a sigla MA, já que foram realizados pela mão ativa.

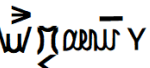
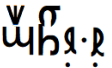
Como os sinais são realizados sequencialmente, apesar da simultaneidade que ocorre com a preservação do sinal no espaço, em (61) é possível estabelecer uma ordem de constituintes para a sentença GELADEIRA ABR|ir|, a OV, pois temos GELADEIRA como argumento interno e objeto tema do verbo ABR|ir|. Para a sentença encaixada FRUTA COLOC|ar|, também podemos estabelecer uma ordem, a OV, na qual FRUTA é argumento interno e objeto tema de COLOC|ar|. Em ambas as sentenças, o sujeito não foi pronunciado. É possível, ainda, que a geladeira, que permanece imaginariamente no espaço, funcione como locativo da sentença FRUTA COLOC|ar|, pois nela a fruta está sendo colocada.

Além da simultaneidade e linearidade; e dos fenômenos descritos acima, também temos em (61), que chamaremos de construção mista, a presença da iconicidade na sintaxe espacial, percebida no movimento dos verbos ABR|ir| (que lembra uma pessoa abrindo uma porta) e COLOC|ar| (que também faz referência à uma pessoa colocando algo em algum lugar).

Outra construção simultânea que ocorre na Libras é aquela que envolve uma enumeração. Segundo Miller (1994), nesse tipo de construção, coloca-se um sinal, articulado pela mão dominante ou ativa, sobre ou em relação a um morfema de enumeração, que é expresso pela mão não dominante ou passiva. Dessa maneira, o sinalizante permanece com um sinal que indica uma enumeração, no espaço de sinalização; enquanto cada elemento é enumerado e descrito. Vejamos a construção (62).

(62)



a.      .

TER TRÊS [MP: TRÊS MA: FILH|os/as| PRIMEIR|o/a| MULHER

‘Tenho três filhos: o primeiro é uma mulher...



b. $\text{SEGUND|o/a| TERCEIR|o/a| HOMEM|}$

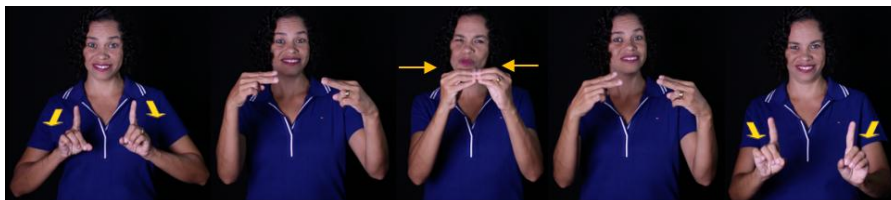
SEGUND|o/a| TERCEIR|o/a| HOMEM|

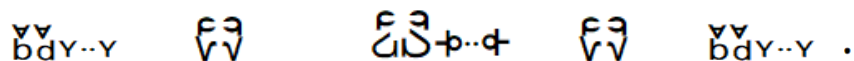
‘... o segundo e o terceiro são homens’

Em (62a) e (62b) observamos mais uma vez a linearidade e a simultaneidade coocorrendo no espaço. Por um lado, temos inicialmente os sinais TER e TRÊS sendo realizados um após o outro, linearmente; e por outro, temos a preservação do sinal TRÊS, que caracteriza a simultaneidade na construção, enquanto os sinais FILH|o/a|, MULHER e HOMEM são executados linearmente. Nessa produção, também ocorre reversão de dominância, pois a MA que inicialmente realiza os sinais TER e TRÊS passa a ser MP, quando o sinal TRÊS permanece no espaço, enquanto a outra mão, agora ativa, executa os demais sinais. O interessante nessa construção mista é que parece ocorrer uma sentença linear encaixada com enumeração, e essa se inicia com a preservação do sinal TRÊS. Em seguida, a sinalizante toca os dedos indicador, médio e anelar, um de cada vez, para enumerar e descrever o gênero dos filhos. Nessa construção, a preservação ocorre até o último quadrinho da tira de imagens. Como os sinais são executados sequencialmente, em (62a) e (62b), apesar da simultaneidade que ocorre, é possível identificar uma ordem de constituintes, a VO, pois temos inicialmente a realização do verbo TER, seguido do seu argumento interno e objeto tema FILH|os/as|.

Na Libras, parecem ocorrer, ainda, construções simultâneas envolvendo simetria e sincronismo nos articuladores manuais. Nessas construções, os sinais executados por ambas as mãos possuem parâmetros correspondentes (mesma configuração de mãos, locação e movimento) e são realizados ao mesmo tempo.

(63)





[2MA: |CL PESSOA| AND|ar| OLH|ar| BEIJ|ar| OLH|ar| |CL PESSOA| AND|ar|]

‘El|es/as| d|ois/uas| caminharam, se olharam, se beijaram, se olharam novamente e partiram’



Em (63), temos uma construção na qual os sinais ^{|CL PESSOA|}AND|ar|, OLH|ar|, BEIJ|ar| e PART|ir| são executados com simetria e sincronismo nos articuladores manuais, já que, em cada um deles, identificamos os mesmos parâmetros fonológicos (configuração de mão, locação e movimento). Como discutimos anteriormente, Quadros (1997) explica que verbos como OLH|ar| e BEIJ|ar| são verbos com concordância recíprocos, pois podem indicar uma ação realizada por duas pessoas, onde cada mão do sinalizante representa uma pessoa do discurso. Durante a execução desses sinais, ambas as mãos executaram o movimento ao mesmo tempo, indicando a reciprocidade da ação das duas pessoas.

Segundo a classificação de Duarte (2003), OLH|ar| e BEIJ|ar| são exemplos de verbos simétricos, aqueles que apresentam duas ou três variantes semanticamente equivalentes. Devido a sua natureza simétrica, esse tipo de verbo pode fazer alternância estrutural, ou seja, os argumentos interno e externo podem se alternar. Para exemplificar, tomemos as sentenças em português ‘Aiana encontrou-se com Júlia’ e ‘Júlia encontrou-se com Aiana’. Nelas, ocorre alternância de argumentos, pois as posições ocupadas por ‘Aiana’ e ‘Júlia’ na sentença se alternam. No entanto, ambas as sentenças possuem o mesmo valor semântico, já que a alternância dos argumentos não modifica o significado. Os verbos simétricos também podem apresentar uma variante estrutural com coordenação de DP na posição de sujeito, como em ‘Aiana e Júlia se encontraram’, ou ainda um sujeito plural ‘Elas se encontraram’.

Apesar de ocorrer a simultaneidade em toda a sinalização, já que ambas as mãos são ativas durante a realização dos sinais, há uma sequência acontecendo, na qual sentenças vão sendo formadas de maneira independente, e vão se encaixando uma na outra. Nesse sentido, o verbo manual classificador de entidade (no caso, de pessoa) AND|ar|, no primeiro quadrinho da tira de imagens, parece ser o sujeito de todas as sentenças produzidas. Temos nessa produção os verbos simétricos ‘olhar-se’ e ‘beijar-se’. Como não há sujeitos específicos em (63), a exemplo das sentenças que mostramos em português; poderíamos pensar que nela ocorre um

sujeito plural, segundo proposta de Duarte, não pronunciado, mas sim representado pelas mãos duas mãos e incorporado aos verbos. Nessa produção, mais uma vez parece ocorrer o fenômeno da autossaturação de predicadores, pois parece ocorrer a junção de argumento(s) e raiz predicatora. Em relação à ordem de constituintes dessa construção, como todos os sinais executados parecem pertencer à categoria dos verbos, e sujeito e objeto não foram pronunciados; não se estabelece aí uma ordem.

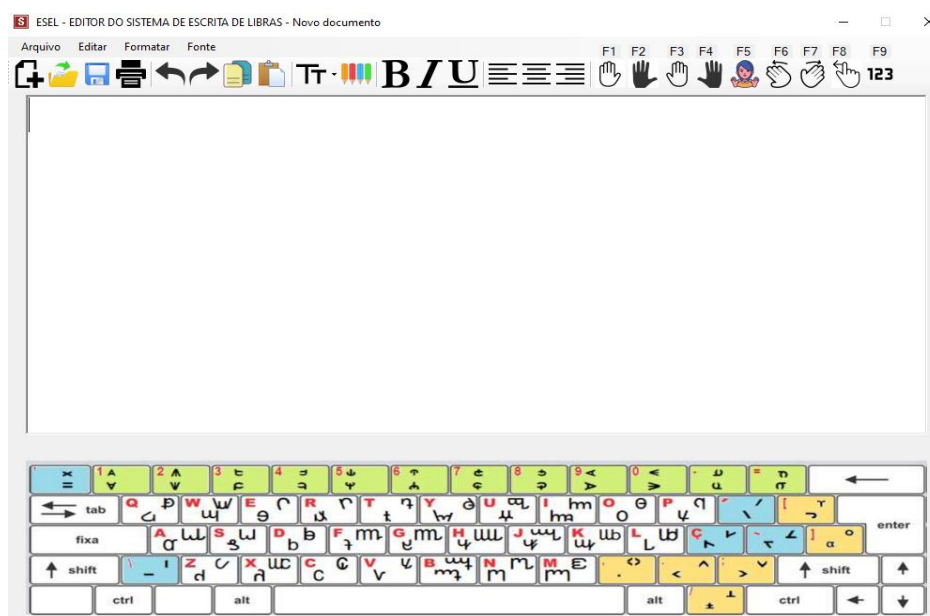
Conforme mencionamos anteriormente, para realizarmos a transcrição dos nossos dados, utilizamos o sistema de escrita de Libras (Sel), desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012). Vejamos no próximo capítulo como esse sistema funciona e quais são as suas particularidades.

4 O SISTEMA DE ESCRITA DE LIBRAS (SEL)

Criada com o propósito de promover a inclusão de pessoas surdas no mundo letrado, a escrita Sel²¹ é um sistema de escrita de sinais desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012, 2023) para escrever sinais da Libras. Com essa escrita, é possível fazer uma representação bastante precisa de sinais e frases. Esse é um ponto extremamente positivo, e representa uma das grandes vantagens que nos fez optar por utilizá-la para transcrever os nossos dados. A Sel permitiu que escrevêssemos e registrássemos os sinais que foram produzidos por nossos informantes exatamente da maneira como foram executados, respeitando as variantes utilizadas por eles. Vale ressaltar que a intenção de apresentar os sinais como foram realizados nos fez optar pelo uso da Sel para realizar uma transcrição fonética dos sinais neste trabalho.

Os sinais podem ser escritos em Sel tanto de forma manual quanto digital. A escrita dos sinais na versão digital é realizada por meio do ESEL, o Editor do Sistema de Escrita de Libras. Este editor é composto por um teclado virtual e contém letras que correspondem às configurações de mão; diacríticos e caracteres correspondentes aos eixos da mão/orientação da palma, pontos de toque/proximidade, locações, movimentos e expressões faciais.

Figura 6 – ESEL - Editor do Sistema de Escrita de Libras

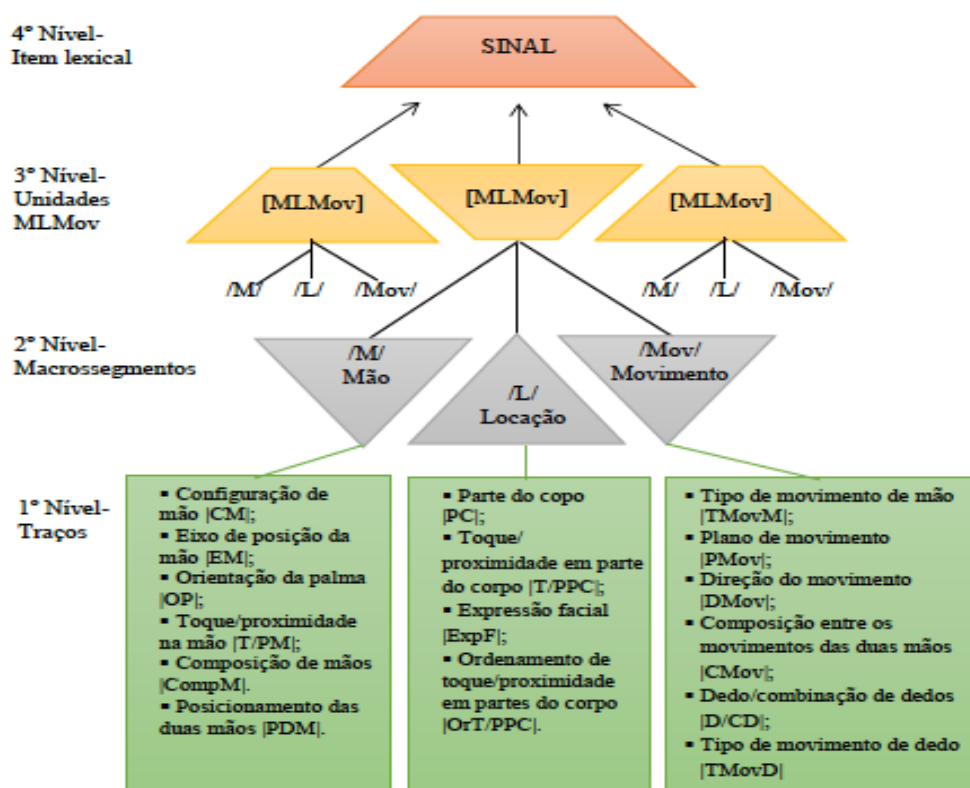


Fonte: Elaborada pelas autoras.

²¹ Para saber mais sobre o sistema de escrita Sel, baixe gratuitamente o livro ‘Por uma modalidade escrita da Libras: estrutura frasal e sinalização, a estrutura fonológica do sinal e a escrita Sel’, disponível em: www.ponteseditores.com.br.

Desde o início da criação da escrita Sel, houve um esforço muito grande de investigação para que fosse possível identificar as propriedades que constituem os signos da Libras. Durante o processo de análise, Lessa-de-Oliveira (2012) descobriu que os sinais possuem uma estrutura articulatória hierárquica constituída em 4 níveis. O 1º nível é o dos **traços**, composto pelo que costuma ser chamado de parâmetros e outros segmentos/características observadas pela autora. Os elementos que constituem os três grupos do 1º nível são chamados de classes (ou subclasses) dos traços. O 2º nível é constituído pelos **macrossegmentos**, que se constituem dos traços, os quais são: M - mão, L - locação (ou localização) e Mov - movimento. No 3º nível se encontram as unidades formadoras dos sinais, as **unidades MLMov**, compostas pelos macrossegmentos. Já o 4º nível é composto pelo item lexical, o **sinal**, no qual as unidades MLMov se reúnem em segmentos.

Figura 7 – Estrutura articulatória do sinal



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p.70).

A escrita Sel foi elaborada com base na unidade MLMov, unidade articulatória básica de línguas de sinais, conforme essa autora. Essa escrita representa os segmentos articulatórios por meio de caracteres do tipo letra e do tipo diacrítico. Os caracteres estão subdivididos em três macrossegmentos: 1º Mão (M), 2º Locação (L) e 3º Movimento (Mov), que formam a

unidade MLMov. Em Libras, os itens lexicais (sinais) são representados, na maioria dos casos, por somente uma unidade MLMov, mas também podem ocorrer sinais formados por mais de uma delas. É o caso dos sinais compostos, formados por mais de um sinal, como IGREJA (CASA^CRUZ) e PADARIA (CASA^PÃO). Nesses casos, teremos duas unidades MLMov, uma para cada sinal que compõe o sinal composto. Assim, a Sel foi elaborada a partir da representação das unidades MLMov, marcando cada traço de sua configuração tridimensional.

Na composição do sinal, cada macrossegmento é definido por sua natureza/função, e os traços que o compõem se integram, em conjunto, nessa natureza/função. Ao escrever sinais com a Sel, os macrossegmentos devem ser ordenados da esquerda para a direita, obrigatoriamente.

Vejamos a representação MLMov do sinal CAVALO (figura 8), escrito em Sel. Na escrita desse sinal, acima do caractere que representa o macrossegmento MÃO (M), configurada em 'uele', vemos o diacrítico que indica a orientação da palma para frente. Abaixo do caractere que representa o macrossegmento LOCAÇÃO (L), vemos um diacrítico que indica o ponto de toque (lado direito da cabeça). Acima do caractere que indica o macrossegmento MOVIMENTO (Mov), nesse caso dos dedos, há um diacrítico que indica o tipo de movimento que deve ser executado, o fechar duas vezes. Nesse sinal temos apenas uma unidade MLMov.

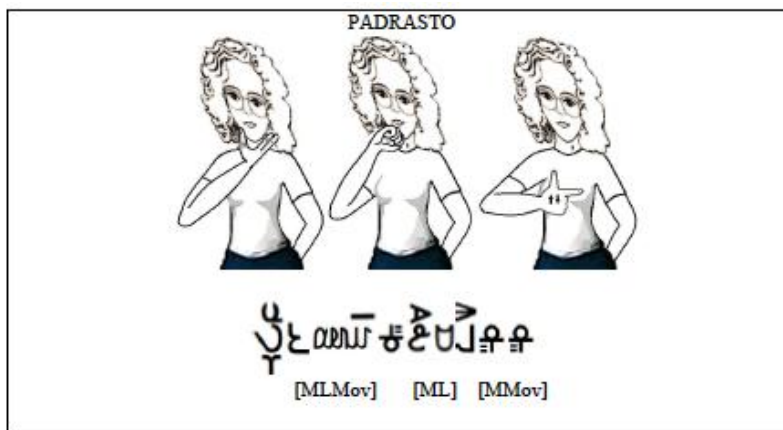
Figura 8 – Escrita do sinal CAVALO em Sel



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019).

Há ainda sinais escritos em Sel que apresentam duas ou três unidades MLMov. O sinal PADRASTO (HOMEM^BEIJO^SEGUNDO), por exemplo, possui três dessas unidades, que representam a escrita de cada um dos sinais que compõe o sinal PADRASTO.

Figura 9 – Sinal PADRASTO



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 84).

Como explicamos anteriormente, cada unidade MLMov é composta por três macrossegmentos: Mão, Locação e Movimento. Vejamos cada um deles detalhadamente.

4.1 O macrossegmento Mão /M/

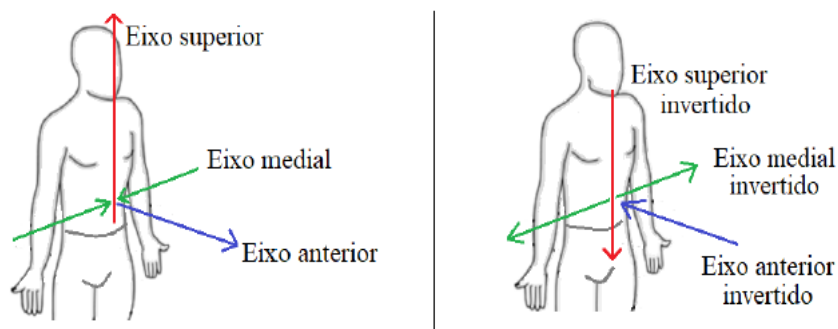
O macrossegmento /M/ possui três componentes: configuração de mão |CM|, eixo da mão |EM| e orientação da palma |OP|. A configuração de mão corresponde ao desenho que a mão apresenta e é representada pelo formato de caractere na escrita Sel, composta por 52 tipos de configurações nas formas minúscula e maiúscula, tanto na versão mecânica quanto na versão manuscrita.

Figura 10 – Letras minúsculas e maiúsculas correspondentes às 52 |CM| das mãos esquerda e direita

1. a:	2. legal:
3. bê:	4. bê-espraiado:
5. mão espalmada:	6. mão espraiada:
7. cê:	8. cê-encolhido:
9. cê-espraiado:	10. argola espraiada:
11. gancho:	12. concha:
13. dê:	14. dê-encolhido:
15. e:	16. garra encolhida:
17. efe:	18. pinça espraiada:
19. gequê:	20. pinça:
21. agakapê:	22. pinça dupla:
23. ijota:	24. ijota estendido:
25. ele:	26. alicate:
27. eme:	28. garra:
29. uene:	30. uele:
31. o:	32. argola:
33. grampo:	34. pera:
35. erre:	36. argola dupla:
37. esse:	38. figa:
39. tê:	40. chifre:
41. namoro:	42. argola média:
43. vê:	44. vê-ele:
45. dáblío:	46. desabrochar:
47. xis:	48. cinco:
49. ípsilon:	50. love:
51. zê:	52. seis:

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 102-103).

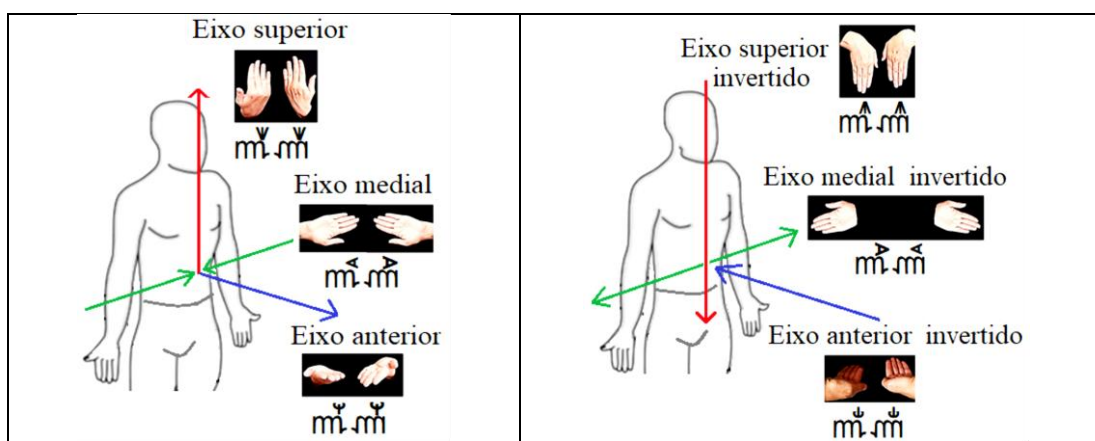
O eixo da mão corresponde à posição da mão em relação ao corpo quando se inicia a execução do sinal. Na Sel são descritos três eixos: superior, anterior e medial. Esses eixos foram nomeados com base na anatomia humana, já que os sinais se articulam por intermédio do corpo.

Figura 11 – Eixos de posição da mão em relação ao corpo

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 71).

Os eixos da mão também podem ocorrer na posição invertida. A Sel representa, na maioria dos casos, a inversão de |EM| com a simples inversão do diacrítico que é colocado sobre a letra |CM|, e indica em que |EM| e em que |OP| a mão está no início da execução do sinal. Quando o sinal é executado com as duas mãos, inicialmente escrevemos a letra correspondente à mão esquerda e em seguida aquela que corresponde à mão direita.

Os traços de eixo da mão e orientação da palma são representados na Sel pelo mesmo diacrítico, e deve ser colocado sobre a letra de |CM|, obrigatoriamente.

Figura 12 – Os traços eixo da mão |EM| e orientação de palma |OP|

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 105).

Figura 13 – Diacríticos de eixo da mão e orientação da palma |EM|-|OP|

Eixo da mão EM ; orientação de palma OP	Eixo superior:			
	para frente:  A A	para trás:  V V	para medial:  C C	para lateral:  Q Q
	Eixo medial/lateral:			
	para frente:  < >	para trás:  <=>	para cima:  U U	para baixo:  N N
	Eixo anterior:			
	para cima:  P P	para baixo:  P P	para medial:  C C	para lateral:  Q Q
Eixos invertidos	Eixo superior: para frente: A A; para trás: V V; para medial: C C; para lateral: Q Q. Eixo medial/lateral: para frente: < > ; para trás: <=> ; para cima: U U; para baixo: N N. Eixo anterior: para cima: P P; para baixo: P P; para medial: C C; para lateral: Q Q.			

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 105-106).

As orientações da palma receberam seus nomes de acordo com os eixos com os quais se relacionam. Assim, no eixo superior, foram denominadas *para frente*, *para trás*, *para medial* e *para lateral*; no eixo anterior, *para cima*, *para baixo*, *para medial* e *para lateral*; e no eixo medial, *para cima*, *para baixo*, *para frente* e *para trás*.

Vejamos o sinal SURD|o/a| na escrita Sel, observando o diacrítico colocado sobre a letra |CM|. Esse diacrítico corresponde ao eixo/orientação da palma para medial, no eixo superior.



Diacrítico de eixo/orientação da palma



ḥọṿ

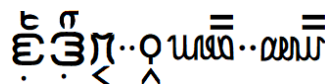
Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 116).

No sinal MACACO, a mão esquerda aparece com o eixo superior invertido. Assim, o diacrítico desse eixo se encontra sobre a mão esquerda, na sua forma invertida.



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 115).

Diacrítico de eixo/orientação da palma



Na articulação do sinal, a mão não se conduz definida, apenas, por uma configuração e uma orientação da palma, mas ela se posiciona também em um dos três eixos (superior, medial e anterior) que definem as três dimensões naturais do espaço tridimensional. A orientação da palma, como mencionamos, está relacionada a esses três eixos, e cada um deles permite a ocorrência das quatro orientações da palma que apresentamos anteriormente.

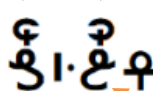
Em relação ao posicionamento das mãos na execução do sinal, Lessa-de-Oliveira (2023) percebeu que, em sinais executados com duas mãos, o posicionamento de uma mão sempre ocorre em relação à outra mão, e pode ou não haver toque entre elas. Caso haja toque (ou aproximação), esse acontece sempre no mesmo ponto específico (*palma, dorso da mão, lado do polegar ou do dedo mínimo, na parte do punho ou dos dedos ou ainda na ponta dos dedos*). Se não houver toque/proximidade, a posição de uma mão é definida pela posição que ela assume em relação à outra mão. Dessa maneira, as mãos podem ficar *alinhadas* (em posição de base lado a lado, uma à frente da outra ou uma acima da outra), em *diagonal* ou *cruzadas*.

Para os sinais realizados com as duas mãos, cada caractere de configuração de mão leva seu diacrítico correspondente.

Exemplo: Sinal GUARDA-CHUVA



Diacríticos de eixo/orientação da palma



Mão esquerda

Mão direita

Fonte: Adaptada de Lessa-de-Oliveira (2023, p. 130).

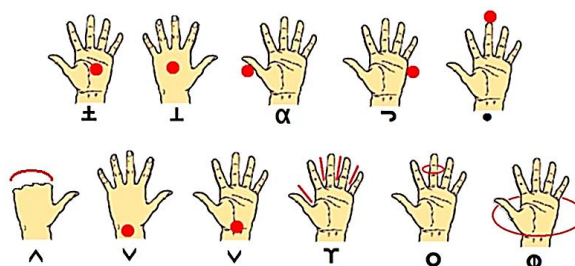
O toque ou aproximação a determinado ponto de mãos, dedos ou partes do corpo é indicado por diacríticos de pontos de toque/proximidade²² (diac.G2), que são colocados sob as letras de configuração de mãos, dedos e partes do corpo.

Figura 14 – Diacríticos de *toque/proximidade* |T/PM| ou |T/PPC| (diac.G2)

±	palma da mão ou dedo ou lado da frente da parte do corpo;
⊥	dorso da mão ou dedo ou lado detrás da parte do corpo;
•	ponta(s) de dedo(s);
α	lado do dedo polegar;
↵	lado do dedo mínimo;
Υ	entre dedos (ou, eventualmente, entre partes do corpo);
○	em volta de dedo(s);
⊙	em volta da mão ou de parte(s) do corpo;
∨	parte inferior da mão (punho) ou da parte do corpo;
<	à esquerda (de partes do corpo);
>	à direita (de partes do corpo);
^	parte superior de partes do corpo ou lado da mão correspondente aos dedos, mesmo com dedos encolhidos;
↔	lados direito e esquerdo de partes do corpo.

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 106).

Figura 15 – Indicação de uso de diac.G2 em referência às mãos

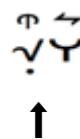


Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 107).

Exemplo: Sinal PODER-NÃO



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2019).

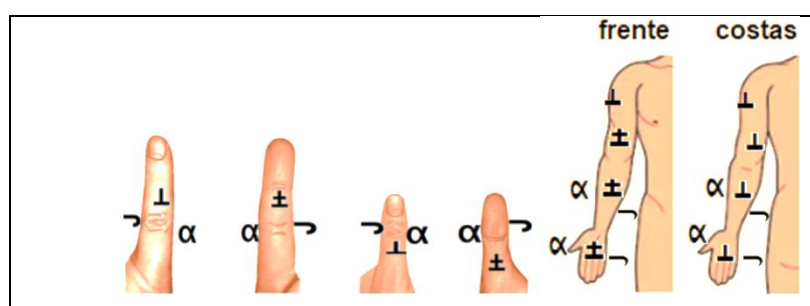


Diacrítico de ponto de toque/proximidade

²² Segundo Lessa-de-Oliveira (2022), esses diacríticos representam os traços *toque/proximidade à mão* |T/PM| ou *toque/proximidade ao corpo* |T/PPC|.

Em sinais realizados com as duas mãos, o diacrítico é colocado sob a letra da configuração da mão esquerda caso o toque aconteça depois do movimento, e sob as configurações de ambas as mãos, se elas se tocam antes do movimento. Se a indicação de toque, em sinais com o toque depois do movimento, for muito necessária, o diacrítico de *toque/proximidade* é marcado sob o caractere de movimento correspondente à mão direita, como no sinal. Em relação a dedos e braços, em posição anatômica – estendidos e aplicados ao tronco com as palmas voltadas para frente –, como referência a esses, os diacríticos $\pm$, $\perp$, α e $\curvearrowright$ correspondem à mesma perspectiva da mão. Entretanto, como o dorso é considerado o ponto de toque básico, o diacrítico $\perp$ praticamente não aparece para braços.

Figura 16 – Diacríticos toque/proximidade (diac.G2) em dedos e braços



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 107).

Quando a indicação do posicionamento das mãos é indispensável, utilizam-se diacríticos de posicionamento das mãos.

Figura 17 – Posicionamento das mãos com e sem diacríticos de posição das duas mãos |PDM|

Para sinais com mãos fora da posição básica, coloca-se entre as letras de configuração de mão, em:

- 1- mãos alinhadas uma à frente da outra (qualquer mão) – diacrítico: — (esquerda à frente: $\bullet\text{—}$, direita à frente: $\text{—}\bullet$);
- 2- mãos alinhadas uma acima da outra (qualquer mão) – diacrítico: I (esquerda acima: $\bullet\text{I}$, direita acima: $\text{I}\bullet$);
- 3- mãos em diagonal no plano transversal (qualquer mão à frente da outra) – diacrítico: Z (esquerda à frente: $\bullet\text{Z}$, direita à frente: $\text{Z}\bullet$);
- 4- mãos em diagonal no plano sagital (qualquer mão acima e à frente da outra) – diacrítico: V (esquerda acima e à frente: $\bullet\text{V}$, direita acima e à frente: $\text{V}\bullet$);
- 5- mãos em diagonal no plano frontal (qualquer mão acima da outra) – diacrítico: / (esquerda acima: $\bullet\text{/}$, direita acima: $\text{/}\bullet$);
- 6- mãos cruzadas – diacrítico: $\times$.

Fonte: Adaptada de Lessa-de-Oliveira (2023, p. 110).

nariz, boca, olhos, entre outras, possuem um formato que lembra o contorno dessas partes do corpo. Dessa maneira, a iconicidade presente nessas letras parece facilitar a memorização e, conseqüentemente, favorece a aquisição dessa escrita. Segundo Lessa-de-Oliveira (2019), houve também uma preocupação com a simplificação do traço, para facilitar a escrita manual. Caracteres de movimentos de mão, diacríticos de movimento de dedos e pontos de toque, entre outros, também apresentam certo grau de iconicidade que parece facilitar a aquisição da Sel.

Os caracteres de locação podem trazer diacríticos subscritos, que indicam os pontos de toque; ou sobrescritos, que indicam as expressões faciais. Os diacríticos relacionados às expressões faciais aparecem em sinais psicológicos, sinais de negação, interrogativos. Também podem aparecer em casos especiais, nos quais a informação da expressão facial ajuda a compor o sinal. Tais diacríticos, em regra geral, são colocados sobrescritos aos caracteres de locação.

Figura 19 – Diacríticos de expressão facial [ExpF]

Plásticas	Psicológicas
 uma bochecha inflada;  bochechas comprimidas;  bochechas infladas;  abrindo olhos;  fechando olho ou olhos;  dentadas / mordida / apertar entre dentes/ mastigar;  soprando;  sugando;  gosto azedo/ fazendo bico;  movimento de lábios ou língua/ oclusão com lábios;  zigue-zague de queixo.	 alegre/ feliz/ animado/ satisfeito/ esperançoso/ corajoso /rindo/ gargalhando;  com medo/ assustado/ nervoso (ansioso);  enojado/ insatisfeito/ com desprezo/ orgulhoso;  irônico/ esperto/ malandro;  triste/ deprimido/ com dor/ angustiado/ preocupado/ penalizado/ com dificuldade/ testa franzida;  zangado/ nervoso (aborrecido)/ com ódio, testa franzida;  surpreso/ boquiaberta/ abobalhado/ boca aberta/ bocejando.
	Gramaticais ²³
	 sinal negativo;  aspecto contínuo;  grau aumentativo/ de intensificação;  grau diminutivo/ de suavização.

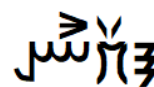
Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 118).

Exemplo: Sinal ZANGADO

²³ Em versões anteriores da Sel havia um diacrítico para ‘expressão facial interrogativa’ que foi eliminado para evitar redundância, pois verificamos ser desnecessário, uma vez que essa expressão é também marcada pela pontuação. Quanto ao diacrítico de ‘aspecto contínuo’, que não se apresenta ainda claramente como expressão facial gramatical distintiva que necessite de uma marcação por diacrítico, esse permanece no quadro dos diacríticos de expressão facial gramatical, mesmo sem termos a certeza de sua necessidade, pois não há nenhum impedimento para seu desuso e eliminação futura, caso não se mostre necessário.



Diacrítico de expressão facial (zangado)



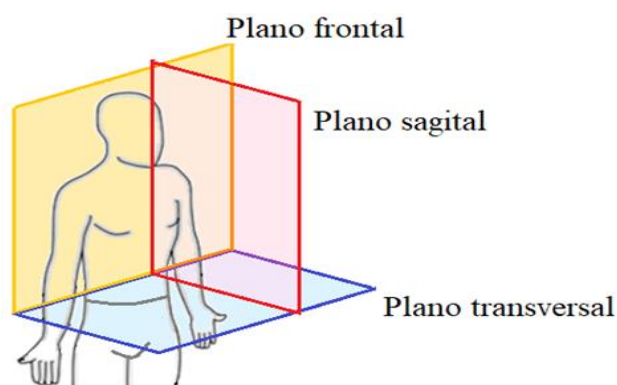
↳ Letra de locação (tórax)

Fonte: Adaptado de Lessa-de-Oliveira (2023, p.119).

4.3 O macrossegmento Movimento (Mov)

O macrossegmento Movimento /Mov/ está dividido em dois tipos: movimento de mão e movimento de dedo. Os movimentos de mão são representados por letras que correspondem a três traços – tipo, direção da trajetória e plano de movimento (sagital, frontal e transversal). Esses três elementos se combinam formando 180 caracteres na escrita Sel.

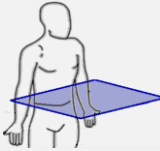
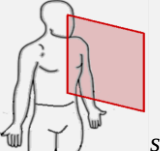
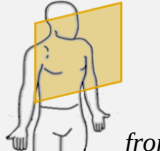
Figura 20 – Planos de movimento



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 72).

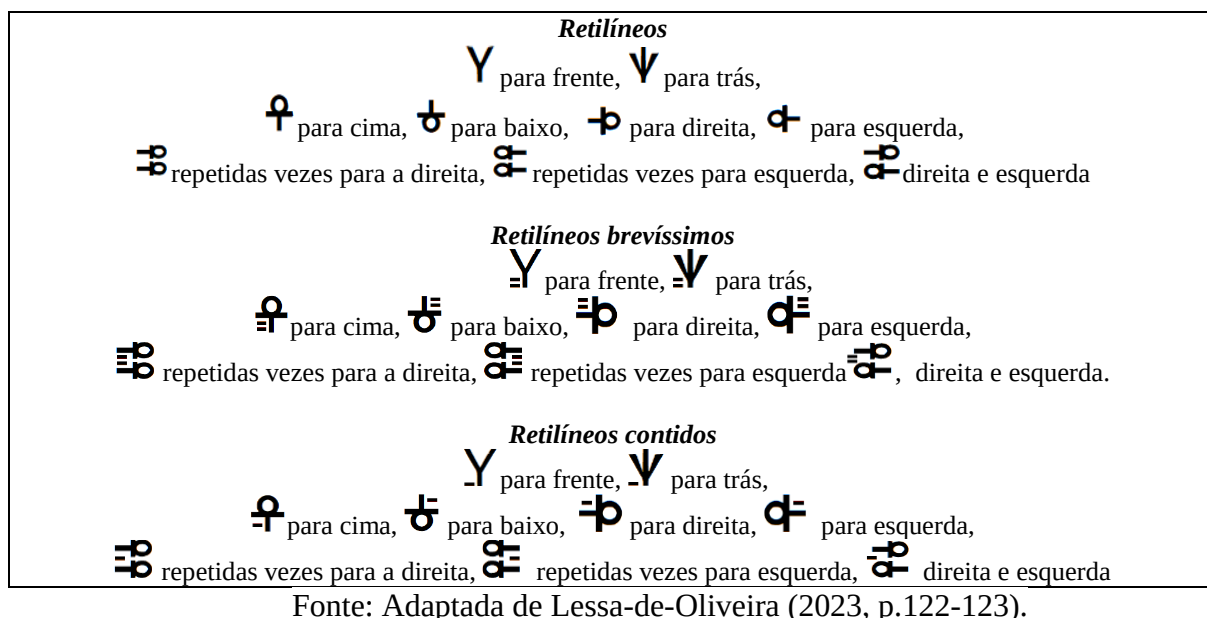
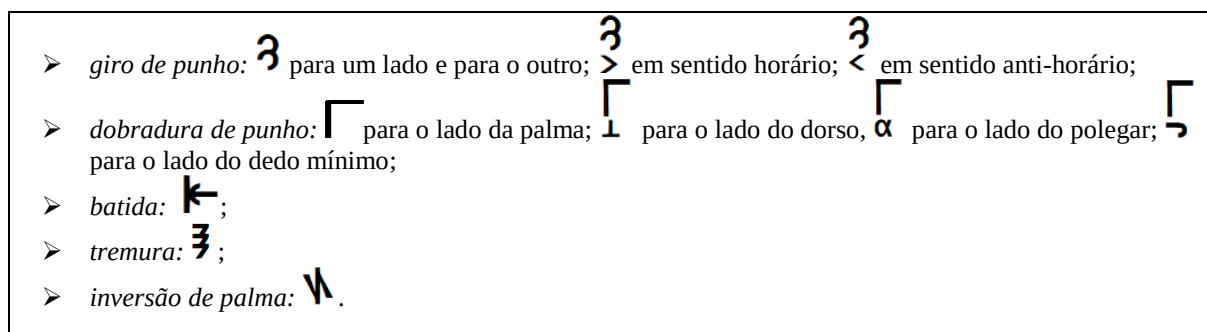
Segundo Ferreira-Brito (1995), o parâmetro movimento é bastante complexo. Podem ocorrer, em distintos sinais, diferentes tipos de movimento: movimento interno da mão, movimento de dedos, movimento do pulso, movimentos em diferentes direções no espaço de sinalização. O sistema de escrita Sel atende à complexidade desse parâmetro de maneira muito interessante, pois possui caracteres e representações para diversos tipos de movimento, respeitando sua diversidade, formas de execução e direções.

Figura 21 – Caracteres de movimentos de mão

Planos→															
Tipos de movimentos ↓		transversal			sagital			frontal							
		Direção →													
		indefi- nida	horá- ria	anti- horá- ria			indefi- nida	horá- ria	anti- horá- ria			indefi- nida	horá- ria	anti- horá- ria	
circular →															
		Direção ↓ →		p. frente	p. trás			p. frente	p. trás			p. cima	p. baixo		
semicircular →	p.esq.					p.cima					p.esq.				
	p.dir.					p.baixo					p.dir.				
curvo →	p.esq.					p.cima					p.esq.				
	p.dir.					p.baixo					p.dir.				
angular →	p.esq.					p.cima					p.esq.				
	p.dir.					p.baixo					p.dir.				
angular duplo →	p.esq.					p.cima					p.esq.				
	p.dir.					p.baixo					p.dir.				
diagonal →	p.dir.					p.cima					p.dir.				
	p.esq.					p.baixo					p.esq.				
sinuoso →															
	p.dir.					p.cima					p.dir.				
zigue-zague →															
	p.dir.					p.cima					p.dir.				

Fonte: Adaptada de Lessa-de-Oliveira (2023, 169-170).

Os movimentos de mão retilíneos são representados por letras que indicam também a direção da trajetória, e não somente o tipo de movimento. A partir das letras de movimentos retilíneos, foram criadas as letras dos outros tipos de movimentos de mão que trazem amalgamados os traços – tipo, direção da trajetória e plano de movimento. Assim, são representados somente por sua letra específica. Alguns movimentos não precisam de planos, nem apresentam direção de trajetória.

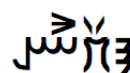
Figura 22 – Movimentos retilíneos**Figura 23 – Movimentos que não ocorrem em planos**

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 126).

Exemplo: Sinal ZANGADO



Diacrítico de expressão facial (zangado)



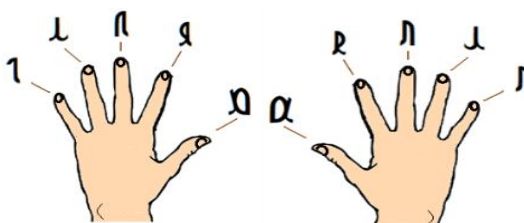
↳ Letra de locação (tórax)

Movimento que não ocorre em planos
(tremura)

Fonte: Adaptada de Lessa-de-Oliveira (2023, p. 119).

O movimento de dedo é representado na escrita Sel por caracteres que correspondem a cada um dos cinco dedos da mão: polegar, indicador, médio, anelar e mínimo. Tais caracteres podem aparecer isolados ou combinados, dependendo de quais dedos estarão envolvidos no movimento. Juntando os dedos e as formas combinadas, existem 20 caracteres de dedos para cada mão.

Figura 24 – Caracteres de dedos



Fonte: Adaptada de Lessa-de-Oliveira (2023, p. 121).

Exemplo: Sinal POR QUE



⌂
d h g · r t
α

↳ Caractere de movimento retilíneo para baixo

Fonte: Adaptada de Lessa-de-Oliveira (2023, p. 117).

Figura 25 – Combinação dos caracteres cinco dedos

Mão esquerda:

$$1_{(d5)} + L_{(d4)} + n_{(d3)} + d_{(d2)} + a_{(d1)} = \text{uwn} \text{ (ds5-4-3-2-1)}$$

Mão direita:

$$a_{(d1)} + r_{(d2)} + n_{(d3)} + L_{(d4)} + r_{(d5)} = \text{anrr} \text{ (ds1-2-3-4-5)}$$

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 121-122).

Figura 26 – Letras de dedos e formas combinadas da mão direita

MÃO DIREITA				
α polegar (1),	β indicador (2),	γ médio (3),	δ anelar(4),	ϵ mínimo (5).
$\alpha\beta$ poin (1-2), $\alpha\gamma$ pomé (1-3), $\alpha\delta$ poan (1-4) , $\alpha\epsilon$ pomi (1-5) $\beta\gamma$ imé (2-3), $\beta\delta$ mean (3-4), $\beta\epsilon$ imi (2-5), $\gamma\delta$ imean (2-3-4), $\alpha\beta\gamma$ poimé (1-2-3), $\alpha\gamma\delta$ pomean (1-3-4), $\alpha\delta\epsilon$ poami (1-4-5) $\alpha\beta\gamma\delta$ poimean (1-2-3-4), $\alpha\beta\gamma\epsilon$ pomeami (1-3-4-5) $\beta\gamma\delta\epsilon$ imeami (2-3-4-5), $\alpha\beta\gamma\delta\epsilon$ poimeami (1-2-3-4-5).				

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 121).

Os tipos de movimentos de dedos devem ser representados obrigatoriamente pelos seus diacríticos, colocados sobrescritos às letras de dedos.

Figura 27 – Diacríticos de movimentos de dedos

$\cup$ abrir gradativamente; $\vee$ abrir; $\gg$ abrir mais de uma vez; $>$ abrir lateralmente; $\sphericalangle$ abrir e fechar; Γ dobrar dedo; $\mathbb{F}$ dobrar dedo mais de uma vez;	$\cap$ fechar gradativamente; — fechar; $\equiv$ fechar mais de uma vez; I fechar lateralmente; $\times$ movimento tesoura; ∇ zigue-zague; $\times$ esfregar.
---	--

Fonte: Lessa-de-Oliveira (2022, p. 122).

Exemplo: Sinal COMPRAR



Diacrítico de movimento de dedo - abrir



Fonte: Lessa-de-Oliveira (2023, p. 131).

$\alpha\beta\gamma\delta\epsilon$

Os traços fonológicos (mão, locação, movimento) presentes nos sinais das diferentes LS apresentadas acima mantêm correspondência com aqueles encontrados na Libras. Nesse sentido, as configurações de mão encontradas nesses sinais, a locação e os movimentos realizados podem ser representados pela estrutura MLMov da Sel. Isso nos comprova a aplicabilidade e a funcionalidade da Sel em outras LS.

Podem haver casos nos quais sejam necessárias pequenas adaptações na escrita. Se pensarmos, por exemplo, nas línguas de sinais de países árabes, pode haver algum parâmetro mais específico que não esteja presente na Sel. Nesse caso, seria necessário apenas elaborar uma representação correspondente, seja letra ou diacrítico. Dessa forma, percebemos que a Sel pode ser uma ferramenta muito interessante, viável e satisfatória para identificar traços distintivos em diferentes línguas de sinais já que, por meio dela, é possível perceber as especificidades dos parâmetros fonológicos de cada sinal, em cada LS, e identificar características paramétricas bem particulares.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi impulsionada por questões levantadas durante reflexões acerca da sintaxe da Libras, mais precisamente sobre a ordem de constituintes em sentenças dessa língua. Buscando alcançar nossos objetivos, optamos por realizar uma pesquisa de caráter transversal e utilizamos um método misto (experimental e naturalístico) para realizar a coleta de amostras. Como esta pesquisa foi elaborada e desenvolvida, em parte, durante o período da pandemia da Covid-19²⁴, aproveitamos o recurso de gravação da plataforma virtual Zoom para coletar parte das amostras. Isso possibilitou incluir informantes que se encontravam em diferentes lugares do Brasil. Além disso, coletamos outra parte das amostras por meio de gravação de vídeo utilizando câmera profissional.

No tocante à abordagem, esta pesquisa é qualitativa e quantitativa. Em sua abordagem qualitativa, buscamos investigar, no que concerne ao fenômeno da ordem de constituintes em sentenças lineares da Libras, se a ordem básica dessa língua é a SVO, quais ordens de constituintes são possíveis e quais elementos e/ou mecanismos sintáticos podem estar relacionados ou não à flexibilidade da ordem de constituintes. Analisamos a natureza dos verbos utilizados nas produções sinalizadas e seu comportamento nas sentenças construídas. Ademais, observamos se fatores como oralização, perfil dos pais (surdos ou ouvintes) dos sujeitos informantes e idade de aquisição da Libras (na infância - período ideal ou crítico; após a infância - período não ideal ou tardio) podem determinar diferenças nas ordens de constituintes, em sentenças produzidas por surdos em processo de aquisição dessa língua. Em relação às sentenças não lineares (simultâneas), verificamos em que condições esse tipo de construção ocorre na Libras e se algum mecanismo de ordem estaria nela envolvido.

Quanto à abordagem quantitativa, esta pesquisa buscou verificar a frequência com que as possíveis ordens de constituintes na Libras ocorreram na sinalização dos diferentes informantes, a partir da interpretação dos dados numéricos resultantes da coleta de amostras realizada, estabelecendo percentuais para as ordens encontradas nos diferentes grupos formados.

²⁴ Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), a Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Nesse período, vivemos em isolamento social e interrompemos o contato físico. Assim, na área da educação, algumas atividades como aulas, palestras, eventos, pesquisas, entre outras, passaram a ser realizadas por meio de plataformas virtuais como a Zoom e a Google Meet.

5.1 Informantes e *corpus* da pesquisa

O *corpus* desta pesquisa se constituiu de amostras de falas em Libras gravadas em vídeo com a utilização de câmera profissional, e por meio do recurso de gravação da plataforma virtual Zoom. Considerando os objetivos propostos e as questões levantadas para desenvolver as discussões da nossa pesquisa, optamos pela escolha de sujeitos informantes com diferentes perfis e idades. Acreditamos que, dessa forma, seria possível investigar melhor especificidades do fenômeno da ordem de constituintes em sentenças da Libras, a exemplo de fatores como estágios de aquisição, oralização e perfil dos pais; e a relação destes com esse fenômeno.

Para participarem da pesquisa, convidamos pessoas com as quais já possuíamos um contato prévio, tanto por amizade quanto por trabalho. Apenas duas delas não eram conhecidas. Observamos o perfil de cada informante e, com base em suas declarações ou na declaração de seus responsáveis, formamos cinco grupos, quatro deles com dois integrantes, e um deles com um integrante, totalizando nove pessoas, conforme mostramos no quadro 6.

Quadro 6 – Grupos de Informantes

GRUPOS	QUANTIDADE DE PARTICIPANTES POR GRUPO	DESCRIÇÃO DO GRUPO
GRUPO 1	2	Crianças surdas, filhas de pais surdos, não oralizadas, em estágios de aquisição da Libras
GRUPO 2	2	Filhos ouvintes de pais surdos, adultos e fluentes em Libras, oralizados, com aquisição da Libras na infância
GRUPO 3	2	Surdos adultos fluentes em Libras, filhos de pais surdos, um oralizado e outro não oralizado, com aquisição da Libras na infância
GRUPO 4	2	Surdos adultos fluentes em Libras, filhos de pais ouvintes, oralizados, com aquisição da Libras tardia
GRUPO 5	1	Surdo adulto fluente em Libras, filho de pais ouvintes, oralizado, com aquisição da Libras na infância

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Para preservar a identidade dos informantes, decidimos identificá-los por meio de siglas, que foram definidas da seguinte maneira: surdo adulto (SA), criança surda (CrS), ouvinte adulto

(O). Para diferenciá-los, acrescentamos uma numeração após a sigla e incluímos Or para os informantes oralizados e NOr para os não oralizados. Para indicar o período de aquisição da Libras, inserimos ACr para aquisição crítica e AT para aquisição tardia. Assim, para exemplificar, o surdo adulto 1, não oralizado, com aquisição crítica da Libras recebeu a seguinte denominação: SA1.NOr.ACr. Vejamos no quadro 7 o perfil mais detalhado de cada informante.

Quadro 7 – Perfil dos informantes da pesquisa

SIGLA	ORALIZAÇÃO	PERÍODO DE AQUISIÇÃO DA LIBRAS	PERFIL DOS PAIS	ESCOLARIDADE
CrS1	NOr	ACr em curso	Pai e mãe surdos	Educação básica em curso
CrS2	NOr	ACr em curso	Pai e mãe surdos	Educação básica em curso
O1	Or	ACr	Pai e mãe surdos	Ensino médio completo
O2	Or	ACr	Pai e mãe surdos	Ensino superior completo com pós-graduação
SA1	NOr	ACr	Pai e mãe surdos	Ensino superior completo com pós-graduação
SA2	Or	ACr	Pai e mãe surdos	Ensino superior completo com pós-graduação
SA3	Or	AT	Pai e mãe ouvintes	Ensino superior completo com pós-graduação em curso
SA4	Or	AT	Pai e mãe ouvintes	Ensino superior completo com pós-graduação
SA5	Or	ACr	Pai e mãe ouvintes	Ensino superior completo com pós-graduação

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os informantes CrS1.NOr.ACr e CrS2.NOr.ACr moram com pais surdos. Um deles estuda em uma escola para surdos e mora com a mãe, que é fluente em Libras. O outro vive com pai e mãe, ambos fluentes em Libras, e estuda em uma escola de ensino regular, com presença de tradutor/intérprete na sala de aula. Os informantes O1.Or.ACr e O2.Or.ACr são

filhos de pai e mãe surdos fluentes em Libras. Como adquiriram a Libras e a LP como L1, na infância, tais participantes são bilíngues que possuem domínio de ambas as línguas.

Os informantes SA1.NOr.ACcr e SA2.Or.ACcr conviveram com pai e mãe surdos fluentes em Libras. Há outros familiares surdos nas duas famílias. Como possuem um perfil bastante parecido, acreditamos que seria interessante comparar os dados desses informantes, no intuito de investigar, entre outras questões, se a oralização poderia determinar diferenças nas ordens de constituintes nas sentenças produzidas por eles. Outra questão importante no perfil dos integrantes desse grupo se refere à formação acadêmica. Ambos possuem ensino superior e pós-graduação em nível de mestrado, o que indica que tiveram acesso à modalidade escrita da LP durante um período considerável da sua escolarização. Dessa maneira, é provável que se encontrem em um estágio avançado de interlíngua, considerando a LP. Assim, nos questionamos se a formação acadêmica de ambos, o acesso e a experiência deles com a LP poderiam exercer algum tipo de influência na formação de sentenças, e na ordem de constituintes nelas encontradas.

Os informantes SA3.Or.AT e SA4.Or.AT são surdos filhos de pais ouvintes que tiveram contato com a Libras tardiamente. O informante SA3.Or.AT teve contato com essa língua na adolescência, aos 15 anos de idade, mas não ocorreu a aquisição, pois o contato foi por um curto espaço de tempo. Aos 21 anos de idade teve novo contato com a Libras, e a partir daí desenvolveu-se o processo de aquisição. A L1 desse informante foi a LP, na modalidade oral e escrita, e ele possui uma experiência significativa com essa língua, demonstrando se encontrar em estágio avançado de interlíngua. O informante SA4.Or.AT também adquiriu a Libras em período não ideal, e teve acesso a LP na modalidade oral e escrita.

O informante SA5.Or.ACcr possui uma característica bastante peculiar: apesar de ser filho de pais ouvintes que desconheciam a Libras, iniciou seu contato com essa língua na infância, aos 2 anos de idade, em uma classe bilíngue para surdos, onde as aulas eram ministradas em Libras. Como mencionamos anteriormente, estudos apontam que 95% das crianças surdas nascem em famílias ouvintes que não conhecem a LS. Por isso, elas adquirem essa língua tardiamente. Nesse sentido, esse informante faz parte de um grupo de indivíduos surdos restrito, pois apesar dos seus pais serem ouvintes que desconheciam a Libras, ele teve a oportunidade de acessar a Libras na infância. O contato de SA5.Or.ACcr com a Libras na classe bilíngue permaneceu até a conclusão do ensino fundamental I (5º ano). Segundo o informante, por volta dos 5 ou 6 anos de idade ele já conseguia se comunicar em Libras. Ao ingressar no ensino fundamental II, foi colocado em uma classe regular, onde passou a estudar com ouvintes e não contou com tradutor/intérprete de Libras. Assim, seu contato com essa língua diminuiu,

e ele passou a desenvolver mais a oralização. Aos 15 anos de idade começou a adquirir maior fluência na Libras.

5.2 Variáveis da pesquisa

As variáveis desta pesquisa são:

Independentes:

- Oralização;
- Perfil dos pais dos informantes: surdos ou ouvintes;
- Idade de aquisição da Libras: na infância (crítica) ou após a infância (tardia).

Dependentes:

- Presença ou ausência de determinados tipos de ordem de constituintes;
- Frequência de ordem de constituintes;
- Presença ou não de ordem de constituintes em construções sintáticas envolvendo simultaneidade.

5.3 Teste piloto

Com o objetivo de validar os instrumentos delineados para a nossa pesquisa, realizamos um teste piloto com surdos adultos fluentes em Libras, individualmente. As produções foram registradas por meio de gravação em vídeo utilizando câmera profissional.

O teste piloto foi realizado com base em duas etapas. Na primeira etapa, apresentamos aos informantes temas diversos (educação, família, trabalho, amizade, entre outros) no intuito de possibilitar uma sinalização mais informal em Libras, mais naturalística, para que eles tivessem a oportunidade de expressar suas ideias e opiniões de forma espontânea e descontraída. Essa etapa funcionou satisfatoriamente, não sendo necessário realizar nenhuma modificação.

Na segunda etapa, realizamos três testes experimentais. O primeiro teste consistiu em apresentar aos informantes sinais de diferentes tipos de verbos em Libras, para que eles pudessem produzir frases. Durante a aplicação desse teste, percebemos que os informantes tomaram um tempo para refletir, na tentativa de estruturar as frases mentalmente, para então

produzi-las em Libras. Em alguns casos, um dos informantes afirmou não conseguir formular frases com alguns sinais apresentados. Isso nos fez perceber a necessidade de fazer uma alteração nesse teste, para a coleta de amostras que seria realizada posteriormente, pois da maneira como foi executado, tornou-se mecânico e estruturado.

Para realizar o segundo teste, selecionamos sinais de distintas categorias gramaticais (nome, verbo, adjetivo, pronome, advérbio, etc.). Em seguida, formamos grupos de três sinais de categorias diferentes, de maneira que os mesmos pudessem ser combinados para formar uma frase em Libras. Cada grupo de sinais foi apresentado aos informantes, e solicitamos que cada um deles formasse uma única frase utilizando todos os sinais. Durante a aplicação desse teste, percebemos que alguns tiveram dificuldades, pois os sinais eram muito específicos e precisavam aparecer na mesma frase. Isso dificultou o processo. Assim, decidimos cancelar esse teste, e não utilizá-lo em nossa coleta de amostras.

No terceiro teste, apresentamos aos informantes uma sequência de imagens, sem texto escrito, que possibilitassem a elaboração de uma narrativa em Libras. Em seguida, guardamos as imagens, de maneira que cada um pudesse construir sua narrativa acessando os registros mentais que foram feitos de cada imagem visualizada. Esse teste funcionou muito bem, e por isso, foi mantido para a realização da nossa coleta de amostras.

5.4 Coleta de amostras

Antes de realizarmos a coleta de amostras e o teste piloto, nosso projeto de pesquisa foi apresentado ao Comitê de Ética da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) para passar por uma análise, pois iríamos lidar com pessoas, que seriam nossos sujeitos informantes. Assim, o projeto de pesquisa foi registrado na Plataforma Brasil, que gerou a inscrição CAAE de número 52692921.3.0000.0055. Após a aprovação do mesmo pelo Comitê de Ética, de acordo com o parecer de número 5.244.926, entramos em contato com os informantes para consultá-los sobre o interesse em participar da pesquisa. Nesse sentido, foram realizadas reuniões presenciais e virtuais (por meio da plataforma Zoom) com os prováveis informantes, no intuito de explicar os objetivos da pesquisa, como ela seria realizada, em que consistia a coleta de amostras, entre outras informações pertinentes. Assim, mediante o aceite para participar da pesquisa, os informantes foram definidos e passamos ao passo seguinte, que foi a escolha dos dias e horários nos quais iríamos realizar a coleta de amostras com cada um deles, de maneira individual.

A coleta de amostras foi realizada em duas etapas. A primeira etapa ocorreu conforme descrevemos no teste piloto. Apresentamos temas diversos aos informantes e explicamos que eles poderiam falar o que quisessem sobre cada tema, de maneira geral ou individual, compartilhando suas experiências. Assim, alguns expressaram suas opiniões fazendo abordagens relacionadas às condições do nosso país e à realidade da comunidade surda brasileira; outros compartilharam sobre suas próprias vivências. No caso das crianças surdas, apresentamos os temas não de forma sistemática como fizemos com os adultos, mas por meio de diálogos, pois acreditamos que dessa forma fluiria mais naturalmente. Assim, as crianças sinalizaram e contaram suas experiências com os estudos na escola, falaram das suas famílias, dos amigos, sobre o que gostam de comer e fazer, entre outros. Em momentos pontuais, foram feitas perguntas ligadas aos temas, para estimular a conversação. Tais perguntas não foram elaboradas anteriormente. Elas foram surgindo espontaneamente, a partir do próprio diálogo que ia sendo construído e das informações que as crianças forneciam.

A segunda etapa foi realizada a partir da aplicação de dois testes experimentais. O primeiro teste foi realizado conforme descrevemos no teste piloto, com uma alteração: pedimos que os informantes sinalizassem não uma frase, mas o que quisessem utilizando cada sinal. Assim, a sinalização se tornou mais fluida. Na preparação desse teste, elaboramos uma lista de sinais com diferentes tipos de verbos em Libras, conforme mostramos no quadro 8, seguindo a classificação proposta por Quadros e Karnopp (2004), e Faria-Nascimento e Correia (2011).

Quadro 8 – Verbos utilizados no teste 1

VERBOS SIMPLES	VERBOS COM CONCORDÂNCIA	VERBOS ESPACIAIS	VERBOS MANUAIS
PASSE ar	AJUD ar	CHEG ar	ESCOV ar ^{DENTES}
BRINC ar	D ar	IR	CORT ar ^{CABELO}

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Após elaborarmos a lista, produzimos cartas com imagens dos sinais dos verbos escolhidos. No momento de aplicação do teste, apresentamos as cartas produzidas, uma de cada vez, a cada informante. Os sinais foram apresentados alternadamente, entre um tipo de verbo e outro. Durante as produções, alguns informantes construíram frases, outros fizeram comentários sobre os sinais, outros apresentaram exemplos nos quais os sinais poderiam ser utilizados. Esse teste foi realizado, entre outros objetivos da pesquisa, para analisarmos o comportamento dos diferentes tipos de verbos nas sentenças da Libras, no intuito de verificar

se eles estariam relacionados com a flexibilidade ou não de determinadas ordens de constituintes.

Para realizar o segundo teste, apresentamos uma sequência de imagens, sem texto escrito, conforme realizamos no teste piloto. Como buscávamos observar construções simultâneas e lineares, tivemos o cuidado de escolher imagens que favorecessem a ocorrência de ambas construções. Na aplicação do teste, mostramos a mesma sequência de imagens escolhida a cada informante, e depois a guardamos. Os informantes construíram a narrativa satisfatoriamente, sem necessidade de consultar as imagens. Apenas uma criança surda solicitou que as imagens ficassem à sua disposição para consulta, enquanto ela elaborava sua narrativa.

O registro da coleta de amostras foi realizado de duas formas: presencialmente, por meio de gravação em vídeo utilizando câmera profissional; e virtualmente, utilizando o recurso de gravação de tela da plataforma Zoom. A utilização desse recurso virtual foi muito interessante, pois nos possibilitou incluir pessoas que se encontravam em diferentes locais do Brasil, no intuito de atender ao perfil dos informantes delineado para a pesquisa. Dessa forma, esses informantes enriqueceram nossa coleta de amostras e nos forneceram dados muito importantes.

Durante a coleta de amostras realizada por meio da plataforma Zoom, ocorreu a perda de conexão da internet em alguns momentos, e em outros a imagem ficou congelada. Isso atrapalhou a compreensão de alguns sinais utilizados durante a sinalização dos nossos informantes. Como a visualização de todos os sinais era estritamente necessária para podermos identificar a ordem de constituintes nas sentenças, descartamos as construções produzidas durante pausas e perda de conexão, para não comprometer a nossa análise. Apesar dos contratempos que tivemos, a coleta de amostras foi bastante produtiva e satisfatória.

5.5 Ferramentas de anotação

5.5.1 Elaboração de glosas

Como o grupo de pesquisa GPEGAL/UESB, ao qual este trabalho está vinculado, já possui algumas regras para realizar anotação por glosas, aproveitamos as existentes e incluímos outras mais relacionadas ao nosso objeto de estudo. Nesse sentido, as regras que seguimos foram as seguintes:

1- Para anotar os sinais produzidos pelos informantes, utilizamos sempre a grafia em caixa alta. Exemplo: SURD|o/a|.

2- Para os casos nos quais necessitamos grafar a datilologia, separamos as letras por hífen. Exemplo: C-O-D-A.

3- No caso dos sinais compostos, que são formados por mais de um sinal, utilizamos a grafia em caixa alta e inserimos o símbolo ^ entre os sinais para indicar que eles formam um novo sinal.

Exemplo: ARMÁRIO ^ FRIO (GELADEIRA).

4- Quando foi necessário indicar que não há desinência de gênero na Libras, ou seja, que o sinal serve tanto para homem quanto para mulher, acrescentamos as possibilidades entre barras verticais, separadas por uma barra inclinada.

Exemplo: EL|e/a|.

5- Nas sentenças que contém verbos autossaturados, optamos por sobrescrever o argumento envolvido na ação verbal com letras maiúsculas, entre barras.

Exemplo: COMER^{MAÇÃ} |.

6- Para indicar ações construídas (AC), gestos e/ou classificadores (CL), optamos por sobrescrever a informação, entre barras, antes do sinal.

Exemplos: ^{|CL PESSOA|}AND|ar|, ^{|AC|}SUB|ir|^{|TRONCO ÁRVORE|}

7- Quando ocorreram construções simultâneas, nas quais os articuladores manuais executaram sinais diferentes ao mesmo tempo, construções com preservação e fragmento de sinais, inserimos os sinais executados nessas construções entre colchetes []. Nas construções em que identificamos a preservação, indicamos o sinal executado pela mão que se torna passiva com a sigla MP, e o(s) executado(s) pela mão ativa com a sigla MA. Tais siglas aparecem antecedendo os sinais.

Exemplo: [MP: ÁRVORE MA: SUBIR]. Nesse exemplo, temos uma construção com preservação do sinal ÁRVORE, indicada pelos colchetes. Esse sinal foi executado pela mão ativa, que permaneceu no espaço e se tornou passiva, enquanto o sinal SUBIR foi executado pela outra mão, que se tornou ativa. O sinal preservado no espaço é indicado pela sigla MP (mão passiva), e o(s) sinal(ais) executado(s) pela mão ativa é indicado pela sigla MA.

8- Nas construções simultâneas em que ambas as mãos executaram o mesmo sinal ao mesmo tempo, utilizamos a sigla 2MA para indicar que as duas mãos são ativas. Quando as mãos ativas executaram sinais diferentes ao mesmo tempo, utilizamos a sigla MA₁ antes do(s) sinal(is), para indicar que o(s) mesmo(s) foi(foram) executado(s) pela mão ativa 1; e a sigla MA₂, para indicar o(s) sinal(is) executado(s) pela mão ativa 2.

Exemplo 1: [2MA: ^{|CL PESSOA|}ENCONTRAR]. Nesse caso, temos uma construção simultânea em que ambas as mãos são ativas (indicadas pela sigla 2MA) e executam o mesmo sinal, no mesmo momento.

Exemplo 2: [MA₁: EU MA₂: SENTIR]. Nessa construção, temos as duas mãos ativas executando sinais diferentes ao mesmo tempo. Uma mão (MA₁) executa o sinal EU, enquanto a outra (MA₂) executa o sinal SENTIR.

9- Em construções de tópico, utilizamos os caracteres < >_{top} no sinal que foi topicalizado.

Exemplo: <DOCE>_{top} GOST|ar| ABACAXI CAJU MARACUJÁ.

10- Algumas expressões não manuais (ENM) importantes que marcaram determinadas construções, como elevação de sobrancelhas, franzir da testa, inclinação da cabeça, indicação de intensidade, entre outras, foram destacadas nas sentenças. Escolhemos destacá-las com a sigla ENM sobrescrita entre barras, antes dos sinais que essas expressões acompanham.

Exemplo: ^{|ENM|}PASSE|ar/io| EU ^{|ENM|}AM|ar/or|.

11- Para indicar o sinal realizado pelo classificador (CL) de pessoa, executado com a configuração da mão em cê-encolhido, nas sentenças em que esse recurso foi utilizado para estabelecer referentes no espaço de sinalização, optamos por inserir a sigla ‘^{Loc}PESSOA’, antes do sinal, indicando que se trata de um localizador.

Exemplo: ^{Loc}PESSOA MÁRCIA.

12- No caso dos verbos com concordância, que ocorreram em algumas sentenças, foi importante salientar a direcionalidade do verbo com a marcação do sujeito e dos objetos. Nesse sentido, inserimos S, entre barras e sobrescrito antes do verbo, para indicar o sujeito; OA, entre barras e sobrescrito após o verbo, para indicar seu objeto alvo; e OT, entre barras e sobrescrito após o verbo, para indicar seu objeto tema.

Exemplo: ^{|S|1=>}AVIS|ar/o|^{=>3|OA|}.

13- No caso dos verbos manuais classificadores de instrumento, inserimos o(s) complemento(s) do verbo e o adjunto (quando ocorreu) sobrescritos, após o verbo.

Exemplos: ESCOVAR^{|DENTES|}, CORTAR^{|CABELO COM MÁQUINA|}.

14- No caso dos sinais que não apresentam definição categorial morfêmica, inserimos possibilidades de categorização entre barras.

Exemplo: CASA|r/mento|.

15- Nas construções em que ocorreram sinais que podem ter mais de um significado, inserimos uma barra (/) para indicar possibilidades de tradução.

Exemplo: SINALIZ|ar/ação|/LÍNGUA-DE-SINAIS. Nesse caso, o sinal executado pode ser compreendido, por exemplo, como sinalização ou língua de sinais.

5.5.2 A ferramenta de anotação ELAN

Por ser uma ferramenta de anotação que permite adicionar uma quantidade ilimitada de anotações textuais a gravações de áudio e/ou vídeo, o ELAN têm sido muito utilizado por pesquisadores de línguas de sinais. Desenvolvido pelo *Max Planck Institute of Psycholinguistics* (Instituto Max Planck de Psicolinguística), da Holanda (FELÍCIO, 2014, p.1), o ELAN permite criar diversas camadas ou trilhas para incluir anotações, e possibilita acrescentar a tradução de uma anotação específica, um comentário ou uma descrição. As anotações podem ser visualizadas quantas vezes for necessário e os vídeos podem ser visualizados quadro a quadro. Com essa ferramenta, também é possível identificar movimentos sutis. Devido a essas e outras vantagens, decidimos, inicialmente, utilizar o ELAN como ferramenta de anotação.

Considerando os objetivos da nossa pesquisa, criamos trilhas nas quais pudéssemos anotar informações importantes, como a trilha ‘Ordem de constituintes’, na qual inserimos os tipos de ordens encontradas; a ‘Transcrição em Libras’, onde anotamos as sentenças por meio de glosas em português, a ‘Tradução em português’, para anotar a tradução das sentenças em português; entre outras. Após criar as trilhas, importamos alguns vídeos de informantes e iniciamos a nossa análise, fazendo as anotações relevantes. No entanto, em um determinado momento, sentimos que o tempo empregado nos procedimentos do ELAN poderia ser melhor aproveitado se a anotação fosse feita manualmente. Dessa maneira, decidimos fazer uma tentativa e, como conseguimos economizar tempo dessa forma, interrompemos o uso do ELAN e seguimos fazendo as anotações manualmente, que posteriormente foram digitadas.

5.6 Apresentação dos dados

Em relação à estrutura utilizada para apresentar os dados, optamos por inserir tirinhas de imagens sequenciais correspondentes aos sinais que foram executados durante a produção das sentenças pelos informantes. As tirinhas não foram consideradas como figuras, mas sim como sentenças. Por esse motivo, elas foram numeradas como sentenças.

Abaixo de cada imagem que compõe as tirinhas, inserimos a escrita em Sel do/s sinal/sinais executado/s. Em seguida, utilizamos as glosas para transcrever as sentenças sinalizadas em Libras. Por fim, inserimos a tradução em português, correspondente a cada tirinha de imagens, abaixo das sentenças transcritas. Salientamos que, em determinadas construções, há distintas possibilidades de tradução mantendo o mesmo conteúdo semântico,

como a sentença ‘Eu tenho orgulho de sinalizar’, que também poderia ser traduzida como ‘Eu me orgulho de sinalizar’. Nesse sentido, apresentamos uma possível tradução para o português, considerando aquela mais próxima da mensagem na língua-fonte.

6 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS

Para realizar a análise dos dados, inicialmente, observamos a estrutura argumental do predicado nas sentenças produzidas durante as duas etapas da coleta de amostras, identificando os sinais utilizados em cada uma delas. Em seguida, verificamos, entre os sinais, qual o melhor candidato a verbo. Após a identificação do verbo, observamos sua natureza, ou seja, de que tipo de verbo se tratava, segundo a classificação proposta por Duarte (2003), por Quadros e Karnopp (2004) e Faria-Nascimento e Correia (2011). Posteriormente, observamos a grade temática de cada verbo e os papéis temáticos atribuídos a cada um dos argumentos (agente, tema, locativo, entre outros). A partir daí, verificamos as funções sintáticas exercidas pelos argumentos em cada sentença, observando as ocorrências de sujeito (S) e objeto (O), para então definir o tipo de ordem de constituintes presente em cada caso, considerando a sequência de execução de cada sinal.

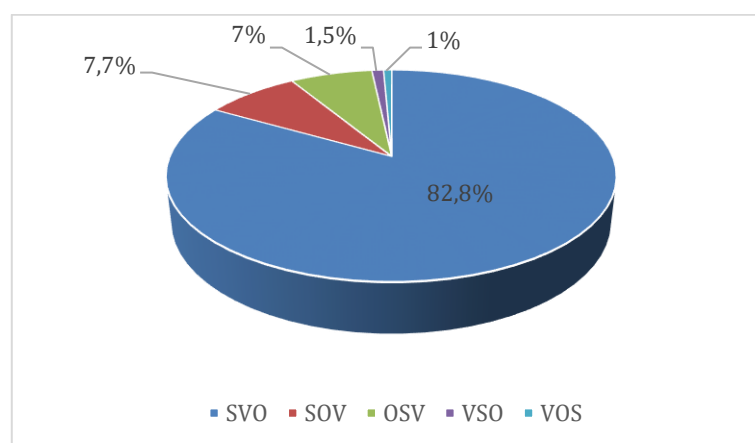
Durante a análise dos dados, percebemos que a indistinção categorial dos sinais da Libras por marca morfofonológica ficou evidente na produção sinalizada dos nossos informantes, pois de fato, não identificamos sinais que possuíssem uma marca categorial de forma morfêmica, ou seja, não há um morfema no sinal que especifique a que categoria ele pertence. Lavras e Lessa-de-Oliveira (2020, p. 3) defendem que a identificação e delimitação de categorias gramaticais na Libras não acontece facilmente, pois “geralmente, em línguas sinalizadas, não se observa, *a priori*, nenhuma modificação morfofonológica nos sinais, quando estes ocupam uma posição nominal, verbal, adjetival e adverbial na frase”. As autoras citam diferentes pares de sinais de nomes e verbos, utilizados por elas em um teste experimental, que fundamentam essa discussão: TESOUR|ar| e TESOUR|a|, BRINC|ar| e BRINC|quedo|, COM|er| e COM|ida|, CHOR|ar| e CHOR|o|, CAS|ar| e CAS|amento|, entre outros. Isso quer dizer que há sinais na Libras que podem ser tomados como verbo ou como nome, e a distinção da categoria desses sinais dependerá não de traços morfofonológicos distintivos, mas sim da estrutura sintática da sentença na qual esses sinais estão inseridos.

A ausência de marcação morfofonológica da categoria nos sinais leva a ocorrência de casos nos quais existe uma ambiguidade categorial em certos contextos sintáticos, que não permite afirmar com exatidão qual seja a categoria do sinal. Nesse sentido, destacamos algumas ocorrências desse tipo de ambiguidade nas produções dos nossos informantes, apresentando-as em nossas discussões. Elaboramos glosas em português que mostram as duas possibilidades de interpretação para o sinal (nome ou verbo), a exemplo do sinal CAS|ar/amento|, que pode ser compreendido como verbo (CAS|ar|) ou como nome (CAS|amento|). Salientamos que alguns

desses sinais também estão presentes na nossa fundamentação teórica, mas decidimos utilizar essa abordagem somente na análise dos nossos dados pois, teoricamente, discutimos as construções realizadas na perspectiva de outros pesquisadores que, em seus trabalhos, consideraram alguns sinais com essa característica como verbos ou nomes.

Durante a produção dos informantes, a linearidade e a simultaneidade estiveram presentes em distintas situações, em ambas as etapas da coleta de amostras. Encontramos sentenças lineares e simultâneas com características diversas, e identificamos diferentes ordens de constituintes nas sentenças analisadas, tanto nas produções dos adultos quanto nas produções das crianças. Das seis possibilidades de ordem de constituintes propostas por Greenberg (1963) — considerando todos os argumentos pronunciados — cinco delas foram encontradas em nossos dados: as ordens **SVO**, **SOV**, **OSV**, **VSO** e **VOS**. Apresentamos no gráfico 1 a ocorrência de cada uma delas.

Gráfico 1 – Ocorrência de ordens de constituintes encontradas



Fonte: Elaborada pelas autoras.

De acordo com o gráfico 1, a ordem de constituintes mais frequente na sinalização dos nossos informantes, considerando sentenças com todos os argumentos pronunciados, foi a **SVO**, seguida da ordem **SOV** e **OSV**, respectivamente. Das 413 sentenças analisadas, 342 apresentaram a ordem **SVO** (82,8%); 32, a ordem **SOV** (7,7%); 29, a ordem **OSV** (7%); 6, a ordem **VSO** (1,5%); e 4, a ordem **VOS** (1%). Não identificamos nenhuma sentença de ordem **OVS** em nossos dados. Tais resultados parecem confirmar a nossa hipótese, que as ordens de constituintes, bem como a frequência com que elas ocorrem, tendem a ser diversificadas na Libras. Quanto aos fatores específicos, que podem influenciar nos tipos de ordens de

constituintes, bem como na frequência com que elas ocorrem na Libras, discutiremos sobre eles posteriormente, em nossa análise comparativa.

Como mencionamos anteriormente, as construções simultâneas estiverem bastante presentes nas produções dos nossos informantes. Identificamos diferentes processos de estruturação nesse tipo de construção, como aquelas nas quais verificamos simetria e sincronismo nos articuladores manuais, onde os sinais apresentaram os mesmos parâmetros fonológicos; construções nas quais cada articulador manual executou um sinal específico, ao mesmo tempo; construções com preservação de sinal, onde a simultaneidade e a linearidade coocorreram no espaço de sinalização. Em algumas dessas construções, não foi possível estabelecer uma ordem de constituintes, conforme mostraremos adiante, o que parece confirmar a nossa hipótese, que é possível existir um mecanismo sintático de estruturação de sentenças que não seja propriamente o de ordem. Por outro lado, identificamos construções envolvendo linearidade e simultaneidade, nas quais foi possível estabelecer ordem.

Quanto aos contextos sintáticos, envolvendo tipos de verbos, presença ou não de topicalização, construções com foco, entre outros, mostraremos no decorrer da nossa discussão que alguns deles parecem determinar a flexibilidade ou não da ordem de constituintes na Libras.

Em relação aos tipos de verbo que podem ser encontrados em sentenças da Libras, os verbos simples, verbos com concordância, verbos espaciais e verbos manuais, segundo classificação de Quadros e Karnopp (2004) e Faria-Nascimento e Correia (2007); considerando todos os argumentos pronunciados, apresentamos no quadro 9 as ordens de constituintes identificadas por tipo de verbo, nas produções dos nossos informantes.

Quadro 9 – Ordens de constituintes por tipo de verbo

ORDEM DE CONSTITUINTES	VERBOS SIMPLES	VERBOS COM CONCORDÂNCIA	VERBOS ESPACIAS	VERBOS MANUAIS
SVO	X	X	X	X
SOV	X	X	X	-
OSV	X	X	X	X
OVS	-	-	-	-
VSO	X	X	-	-
VOS	X	-	-	-

Fonte: Elaborada pelas autoras.

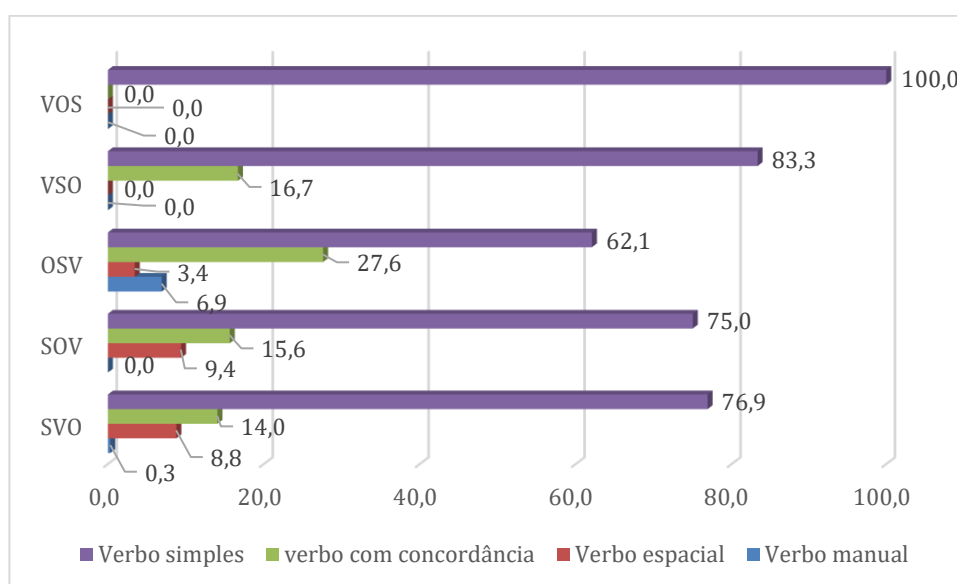
De acordo com o quadro 9, as ordens **SVO** e **OSV** ocorreram com todos os tipos de verbos. A ordem **SOV** ocorreu com verbos simples, verbos com concordância e com verbos espaciais; enquanto a ordem **VSO** ocorreu com verbos simples e verbos com concordância. A

ordem **VOS**, por outro lado, foi identificada somente em sentenças com verbos simples. Dessa maneira, as ordens **VSO** e **VOS** parecem apresentar mais restrições, ou seja, elas parecem não possuir flexibilidade como as demais, enquanto as ordens **SVO** e **OSV** parecem ser as mais flexíveis. Em nossos dados, a ordem **SOV**, por sua vez, parece apresentar certa flexibilidade, e aparentemente possui restrições com verbos manuais.

Observando o comportamento dos verbos, nas diferentes ordens de constituintes identificadas, de acordo com o quadro 9, os verbos simples parecem licenciar diferentes posições, podendo ocorrer no início, no meio (posposto ao sujeito) e no final das sentenças. Os verbos com concordância, por sua vez, também parecem licenciar diversas posições, mas parecem apresentar mais restrições que os verbos simples, pois ocorreram no início, mas anteposto ao sujeito e objeto, nessa ordem; no meio, posposto ao sujeito, e no final da sentença. Já os verbos espaciais não foram identificados no início, mas sim no meio, posposto ao sujeito, e no final da sentença; enquanto os verbos manuais parecem ser os que menos licenciam posições, pois ocorreram apenas no meio da sentença, posposto ao sujeito; e no final, posposto ao objeto e sujeito, nessa ordem.

O gráfico 2 nos mostra, quantitativamente, a ocorrência de cada ordem de constituintes por tipo de verbo, nas produções dos nossos informantes.

Gráfico 2 – Ocorrência das ordens de constituintes por tipo de verbo



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Entre as sentenças de ordem **SVO** (342), 263 delas envolveram verbos simples (76,9%); 48, verbos com concordância (14%); 30, verbos espaciais (8,8%) e 1, verbos manuais (0,3%).

Em sentenças de ordem **SOV** (32), 24 ocorreram com verbos simples (75%); 5, com verbos com concordância (15,6%); 3, com verbos espaciais (9,4%) e nenhuma com verbos manuais (0%). Com a ordem **OSV** (29), 18 sentenças envolveram verbos simples (62,1%); 8, verbos com concordância (27,6%); 1, verbo espacial (3,4%); e 2, verbo manual (6,9%). No caso das sentenças de ordem **VSO** (6), 5 delas envolveram verbos simples (83,3%) e 1 envolveu verbo com concordância (16,7%). Já as sentenças de ordem **VOS** (4), todas as ocorrências envolveram verbos simples (100%).

Os verbos simples foram os mais frequentes em todas as ordens analisadas, sendo encontrados em 314 sentenças das 413 analisadas (76%). Os verbos com concordância ocuparam a segunda posição entre os mais frequentes, identificados em 62 sentenças (15%). Já os verbos espaciais e os verbos manuais foram os menos frequentes, encontrados em 34 sentenças (8,2%) e 3 sentenças (0,7%), respectivamente. Salientamos que os dados apresentados se referem a cada tipo de verbo ocupando a posição de verbo principal da sentença. Os verbos manuais foram identificados em diferentes construções, mas, em algumas situações, eles não ocuparam a posição de verbo principal, mas sim de objeto do verbo. Ademais, os verbos manuais ocorreram em diversas sentenças com argumento nulo, como mostraremos na discussão do teste experimental 1 da etapa 2. Em várias produções, o complemento/objeto que acompanha o verbo manual (como CABELO, no caso do verbo CORTAR^[CABELO]) não foi pronunciado, mas sim realizado na própria ação verbal, na autossaturação de predicadores.

6.1 Etapa 1

A etapa 1 foi desenvolvida, como mencionamos anteriormente, a partir da discussão sobre diferentes temas. Essa etapa nos permitiu identificar distintas ordens de constituintes, fornecendo dados para verificarmos a ordem básica da Libras, considerando as sentenças com todos os argumentos pronunciados. Por meio dos dados dessa etapa, foi possível observar fatores como período e estágios de aquisição, oralização e perfil dos pais, no intuito de analisarmos se os mesmos podem determinar diferenças nas ordens de constituintes encontradas na Libras. Ademais, observamos os elementos e mecanismos sintáticos que constituíram as sentenças produzidas por nossos informantes, como tipos de verbos, topicalização, construções com foco, etc., para analisarmos se eles podem determinar a flexibilidade ou não da ordem de constituintes na Libras. Também encontramos distintas construções simultâneas, e analisamos se nelas havia algum mecanismo de estruturação que não fosse propriamente o de ordem.

Como mencionamos anteriormente, a ordem **SVO** foi a mais frequente nas produções dos nossos informantes, e ocorreu com todos os tipos de verbos, apresentando uma maior incidência com verbos simples. Enquanto falava sobre sua relação com a língua de sinais, um dos nossos informantes destacou:

(64)



EU T|er| ORGULH|ar/o| SINALIZ|ar/ação|/LÍNGUA-DE-SINAIS

‘Eu tenho orgulho de sinalizar’

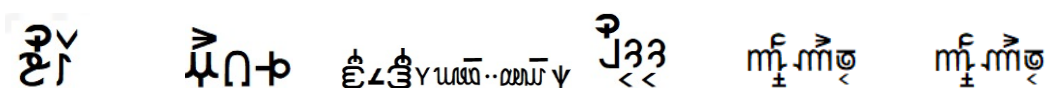
Em (64), o sinalizante executa, inicialmente, o sinal EU, seguido do sinal T|er|, depois o sinal ORGULH|ar/o| e por fim o sinal SINALIZ|ar/ação|. T|er| ocupa o lugar do verbo nessa sentença, e é considerado um verbo simples, ancorado no corpo. Segundo a concepção gerativista, TER, em sentenças como (64), é um verbo leve. De acordo com Duarte (2003), o verbo leve sofre um esvaziamento lexical que não é total, sendo preservada a sua grade temática correspondente à de verbo pleno. Dessa forma, em situações como essa, o verbo não está com seu significado pleno de posse. Pela grade temática, sabemos que o verbo T|er| seleciona ao menos dois argumentos: um argumento externo e um argumento interno. EU é argumento externo de T|er|, e recebe o papel temático de ‘agente’. Como a grade temática desse verbo está preservada, podemos dizer que o sinal ORGULH|o|, como nome, é o argumento interno de TER, e recebe papel temático de ‘tema’, formando um predicado complexo com esse verbo leve. Sendo argumento externo, o sinal EU exerce a função de sujeito, e ORGULH|o|, a função de objeto tema.

O sinal SINALIZ|ar/ação| é selecionado por ORGULH|ar/o|, e recebe deste o papel temático de ‘tema’, tornando-se objeto desse predicator. Sendo o sinal ORGULH|ar/o| um nome, por ocupar a posição de argumento do verbo leve TER, o sinal SINALIZ|ar/ação| é argumento desse nome e figura como seu complemento. Em português, o complemento de ‘orgulho’ nesse contexto é oracional (de sinalizar), mas poderia ser preenchido por um nome, caso ocorresse um possessivo (de minha sinalização). Se em Libras ocorrer esses mesmos tipos

de estrutura, o sinal SINALIZ|ar/ação| é aí um verbo. Assim, temos uma sentença linear com todos os argumentos pronunciados com ordem de constituintes **SVO**.

A ordem **SOV** foi a segunda mais frequente nas produções dos nossos informantes, e ocorreu com verbos simples, verbos com concordância e verbos espaciais. Entre as sentenças analisadas, destacamos uma que foi produzida com o verbo simples TER-NÃO.

(65)



[MP: TRABALH|ar/o| MA: SE PESSOA] FORM|ar/ação| [MP: FORM|ar/ação| MA: TER-NÃO] BARREIRA BARREIRA

‘Se a pessoa não tiver formação haverá barreiras’



Na sentença (65), observamos um fenômeno interessante que ocorreu em diferentes produções dos nossos informantes: o que Liddell (2003) chama de ‘fragmentos de sinais’. Nesse fenômeno, há preservação de parte de um sinal executado no espaço de sinalização, enquanto outros sinais são realizados. É o que percebemos no primeiro e segundo quadrinhos dessa sentença, nos quais a mão passiva (MP) permanece no espaço de sinalização com o fragmento do sinal TRABALH|ar/o|, enquanto a sinalizante produz com a mão ativa (MA) os sinais SE e PESSOA, e no quarto quadrinho, a preservação do sinal FORM|ar/ação|. Se considerarmos a preservação do sinal como parte de uma construção simultânea, conforme aponta Miller (1994), a linearidade e a simultaneidade ocorreram juntas, pois sinais foram executados em sequência, linearmente; enquanto há simultaneidade com a preservação de sinais. Por outro lado, os ‘fragmentos de sinais’ podem ser analisados como processos morfofonológicos e/ou morfossintáticos, a exemplo da descontinuidade de morfemas, que é muito usual nas línguas naturais. Considerando a sequência de execução dos sinais, temos uma sentença de ordem **SOV**.

Observamos a anterioridade do objeto ao verbo também em verbo direcional e de três lugares como D|ar|, conforme o exemplo abaixo.

(66)

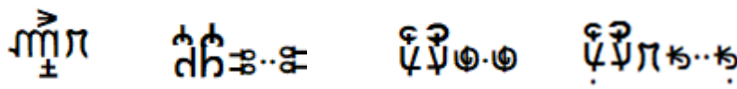


a. 

FAMÍLIA <M|eu/inha| PAI MÃE SURD|o/s|> EL|e/s|-D|ois|

‘(Ter), na família, meu pai e minha mãe surdos, os dois, ...

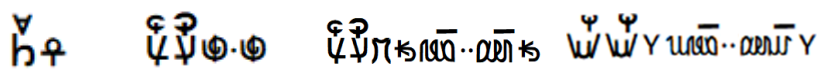


b. 

M|eu/inha/im| TAMBÉM PRESENT|e| |S|3=>D|ar|=>1|OA|

... para mim, também me deram um presente.’



c. 

[MP: D|ar| MA: DEUS] PRESENT|e| |S|3=>D|ar|=>1|OA| MARAVILHOS|o/a|

‘Deus me deu um presente maravilhoso’

Nesse exemplo, o trecho (66a) é uma sentença coordenada ao trecho (66b), cuja ordem de constituintes é **O^{alvo}O^{tema}V**. Essa ordem é diferente daquelas propostas por Greenberg (1963). Isso nos mostra que é possível encontrar outras possibilidades de combinação entre os

(69)



MUD|ar/ança| [MP: MUD|ar/ança| MA: EU PROFISS|ão/ional|]

‘Eu mudei de profissão’

Em (69), temos inicialmente o sinal MUD|ar/ança|, que, a priori, pode ser um nome ou verbo, mas parece pertencer à categoria dos verbos, pois é aquele que reúne as características necessárias para ocupar o lugar de eixo verbal na sentença; seguido do sinal EU; e por fim, PROFISS|ão/ional|. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), consideramos MUD|ar/ança| um verbo simples. Segundo Duarte (2003), esse verbo é transitivo, e por sua grade temática, seleciona dois argumentos: um externo, nesse caso, o sinal EU, que funciona como sujeito; e um interno, o sinal PROFISS|ão/ional|, que funciona como objeto tema. Dessa maneira, temos uma sentença de ordem **VSO**. Algo interessante ocorreu nessa sentença: o fragmento do sinal MUD|ar/ança|, que percebemos no segundo quadrinho, foi aproveitado para executar o sinal PROFISS|ão/ional| (terceiro quadrinho). Tal fato parece atender ao princípio da economia que ocorre em todas as línguas naturais. Martinet (1963 *apud* CORREIA, 1995) explica a economia dos sistemas linguísticos, focando no fato de que a dupla articulação da linguagem contribui para esse princípio. Miller (1991 *apud* CORREIA, 1995) chama a atenção para a grande economia resultante da ‘segunda articulação’, capaz de dar conta das possibilidades combinatórias dos fonemas de uma língua.

Segundo Martinet (1993), a dupla articulação da linguagem consiste em uma organização específica da língua, onde todo enunciado se articula em dois planos. A primeira articulação se constitui nas experiências a transmitir, nas necessidades que se deseja revelar a outra pessoa. A segunda articulação se refere à forma como vários segmentos sonoros do contínuo vocal se distinguem e se articulam entre si, para distinguir unidades lexicais. Dessa forma, em (69) parece ocorrer o aproveitamento de um fonema (o fragmento do sinal MUD|ar/ança| na MP) para realizar uma combinação com outro fonema (a MA configurada em ‘um’) no intuito de gerar um outro sinal (PROFISS|ão/ional|). Esse fenômeno aconteceu em diversas outras produções dos nossos informantes. Ao discutir sobre trabalho, abordando

prováveis motivos pelos quais os surdos escolhem o curso de Letras-Libras para se qualificar, um dos informantes produziu uma sentença que também parece atender a essa economia articulatória na Libras.

(70)



a.

SE POR-EXEMPLO OUTR|a/o| SURD|o/a|

‘E se, por exemplo, outro surdo...



b.

FORM|ar/ação| [MP: FORM|ar/ação| MA: OUTR|o/a| CURS|ar/o|] DIFÍCIL VAGA

... se formar em outro curso, é difícil conseguir uma vaga (de trabalho)’.

Em (70b), temos uma construção com preservação. O fragmento do sinal FORM|ar/ação| no terceiro quadrinho de 70b, que permaneceu no espaço de sinalização, foi aproveitado para a execução do sinal CURS|ar/o|. A configuração da mão em ‘ésse’ resultante do fechamento de dedos na execução do sinal FORM|ar/ação|, é a mesma configuração da MP do sinal CURS|ar/o|. Nesse caso, houve aproveitamento do fonema que constitui o sinal FORM|ar/ação| para realizar a execução do sinal CURS|ar/o|. Esse fato parece indicar uma economia articulatória. Acreditamos que esse fenômeno está relacionado com aspectos fonéticos, pois mesmo em línguas orais, ocorre junção de palavras, inclusive modificando alguns fones. Nesse sentido, a frase é, na verdade, um contínuo fonético.

Outros informantes também apresentaram construções com preservação de sinal no espaço de sinalização, de ordem **VSO**, que parecem caracterizar um contínuo fonético. Ao falar

sobre educação, explicando o momento em que saiu de uma classe bilíngue para estudar em uma classe inclusiva, na qual não havia intérprete de Libras, um informante desabafou:

(71)



a. $\text{L1} \cdot \text{L2}$ b. $\text{L1} \cdot \text{L3}$ $\text{L1} \cdot \text{L4}$ $\text{L1} \cdot \text{L4}$

[MA₁: EU MA₂: SENT|ir|imento]] [MP: EU MA: PAREC|er|ido| EU BURR|a/o|]

‘Eu me senti parecido a um burro’

‘Senti que parecia um burro’

Em (71a), percebemos uma CS em que ambas as mãos são ativas e executam sinais específicos – EU e SENT|ir| – que, no padrão, são sinais realizados apenas com uma mão, respectivamente, como L1 e L2 , mas que foram realizados, ao mesmo tempo, cada um por uma das mãos, EU+SENT|ir| – $\text{L1} \cdot \text{L2}$. Em seguida, a mão que executou o sinal EU permanece preservada no corpo do sinalizante, tornando-se passiva, enquanto a outra mão continua ativa, executando os sinais PAREC|er|ido|, EU e BURR|o/a| sequencialmente, como mostramos em (71b) – EU+PARECIDO – $\text{L1} \cdot \text{L3}$ e EU+BURRO – $\text{L1} \cdot \text{L4}$. Dessa maneira, vemos novamente uma construção envolvendo simultaneidade e linearidade. Observando a sequência de sinais executados pela mão ativa, a partir do segundo quadrinho, temos uma sentença que parece estar encaixada de ordem **VSO** – [SENT|ir| [PAREC|er| EU BURRO]].

Assim como a ordem **VSO**, as sentenças de ordem **VOS** também ocorreram com menor frequência na produção dos nossos informantes, e todas elas envolveram verbos simples. Enquanto um informante abordava o tema ‘educação’, e explicava sobre a importância de seguirmos a Constituição Federal de 1988, que garante os direitos dos alunos, ele cita algo necessário.

(72)



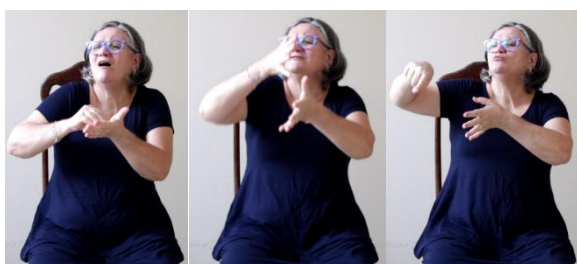
PRECIS|ar| DESENVOL|ver/vimento| ALUN|o/a|

‘O/a aluno/a precisa se desenvolver’

Na sentença (72), temos inicialmente o verbo simples PRECIS|ar|, e em seguida os sinais DESENVOL|ver/vimento| e ALUN|a/o|, que são selecionados pelo verbo como argumentos interno e externo, respectivamente, sendo o primeiro o objeto tema e o segundo, o sujeito da sentença. Essa sequência de execução dos sinais pode caracterizar a ordem **VOS** dessa sentença linear. No entanto, essa sentença admite outras análises, podendo ser interpretada no português como ‘O aluno precisa se desenvolver’, ‘É preciso que o aluno se desenvolva’, ‘É preciso o desenvolvimento do aluno’, entre outras possibilidades. Pelo fato de não existir contraste categorial no sinal DESENVOL|ver/vimento|, talvez a ordem seja o fator que vai fazer a distinção, se nome ou verbo. Dessa maneira, pode-se supor a ordem **VO**, considerando o favorecimento da ordem **SVO**, sendo **V** o predicado PRECIS|ar|, monoargumental, com sujeito atemático; e **O**, o argumento interno DESENVOL|ver/vimento| ALUN|o/a|.

Além de sentenças com todos os argumentos pronunciados, também identificamos sentenças com argumentos nulos e não pronunciados, que resultaram distintas ordens de constituintes. Enquanto falava sobre os professores das escolas de ensino regular, nas quais há alunos surdos, uma das informantes destacou:

(73)



FALT|ar/a| LÍNGUA-DE-SINAIS [MP: LÍNGUA-DE-SINAIS MA: EL|es/as]

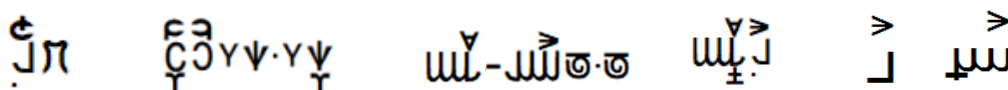
FALT|ar/a| LÍNGUA-DE-SINAIS [MP: LÍNGUA-DE-SINAIS MA: EL|es/as]

‘A eles falta-lhes a língua de sinais’

A sentença (73) se inicia com o sinal FALT|ar/a|, que parece ocupar o lugar de verbo da sentença. Em seguida, temos os sinais LÍNGUA-DE-SINAIS (que também pode ser compreendido como LIBRAS ou SINALIZ|ar/ação|) e EL|es/as|. O verbo FALT|ar| é simples (QUADROS; KARNOPP, 2004) e inacusativo (DUARTE, 2003). Dessa maneira, é possível considerá-la uma sentença de ordem **VS** em predicado inacusativo, na qual EL|es/as| é o argumento externo, que funciona como sujeito, e LÍNGUA-DE-SINAIS, o argumento interno, que fica ‘in situ’. Percebemos também em (73) a preservação de fragmento do sinal LÍNGUA-DE-SINAIS no espaço de sinalização.

Ao falar sobre sua comunicação em língua de sinais, um informante produziu uma sentença linear com objeto não pronunciado.

(74)



EU COMUNIC|ar/ação| LÍNGUA-DE-SINAIS ^{|Apontação|}MÃOS VINTE QUATRO HORAS
 ‘Eu me comunico em língua de sinais, com minhas mãos, vinte e quatro horas por dia’



Na sentença (74), entre os sinais executados, o que melhor ocupa a posição de verbo é COMUNIC|ar/ação|. Este, que é um verbo simples pela classificação de Quadros e Karnopp (2004), se apresenta, nesse contexto, selecionando apenas o argumento externo com papel de ‘agente’, ocupando a função de sujeito da sentença. Pela grade temática do verbo COMUNIC|ar|, sabemos que ele pode selecionar até três argumentos: externo (agente/sujeito), interno (tema /objeto tema) e interno (alvo/objeto alvo). Nesse sentido, EU é o argumento externo de COMUNIC|ar|, recebendo papel temático de ‘agente’. Entretanto, parece se tratar de um verbo com mais de uma grade, pois em (74) ele se comporta como um verbo monoargumental inergativo (DUARTE, 2003).

O sinal LÍNGUA-DE-SINAIS não é selecionado pelo verbo. Trata-se de um adjunto adverbial de modo. ^[Apontação]MÃOS também não é selecionado pelo verbo, esse sinal funciona como um adjunto adverbial de instrumento. Da mesma forma, VINTE QUATRO HORAS também não é selecionado pelo verbo, sendo um adjunto adverbial de tempo. É interessante observar que os adjuntos em Libras não são formados por sintagmas preposicionais, como acontece no português pois, na sinalização, não há presença das preposições que ocorreriam no português (‘em’ língua de sinais, ‘com’ minhas mãos). Não considerando COMUNIC|ar|ação| um verbo inergativo, temos nessa sentença linear, um argumento não pronunciado (o objeto). De qualquer forma a ordem de constituintes dessa sentença é **SV**.

Enquanto falava sobre o que sua avó estava fazendo, uma informante produziu as seguintes sentenças.

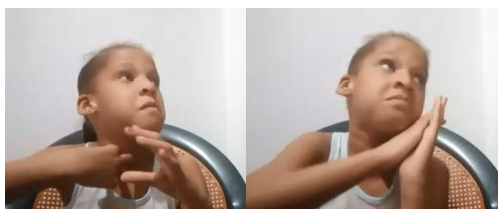
(75)



a.

VOV|ó/ô| SINAL-PESSOAL LÁ COZINH|ar|

‘Vovó (sinal pessoal da avó) está, lá em cima, cozinhando,...’



b.

c.

d.

[MP: COZINH|ar| MA: POD|er|-NÃO] [DORM|ir|] [MP: DORM|ir| MA:

^[S]3=>1|OA|]RESPOND|er|

‘...me respondeu que não posso cozinhar, (que devo) dormir’

Em (75a) e (75b), identificamos sentenças com argumentos nulos, que resultam em diferentes ordens de constituintes, envolvendo verbos com diferentes características. Em (75a), temos uma sentença de ordem **SV**, onde o sujeito é VOV|ó/ô| e o sinal, COZINH|ar|, é verbo simples. Já em (75b), temos outra sentença formada pelo sinal PODER-NÃO, que exerce a função de verbo, e um fragmento do sinal COZINH|ar|, realizado na sentença anterior e que parece apenas na mão de base, mas como um novo item lexical, agora com função de objeto tema de POD|er|-NÃO. Em (75c), o sinal DORMI|ir| é o verbo de uma oração seguinte, cujo argumento externo/sujeito está nulo. Em (75d), o sinal ^{|S|3=>}RESPOND|er|=^{|OT|=>1|OA|} é o verbo de concordância, que seleciona como objeto tema as duas orações anteriores, (75a) e (75c), que são coordenadas entre si, deixa nulo o sujeito e o objeto alvo. Como o sujeito está nulo, mas faz referência com o pronunciado anteriormente, em (75a), identificamos no trecho dessas três últimas orações, uma sentença complexa, coordenada entre (75b), (75c) e subordinada entre (75d) e as duas anteriores. Assim, temos para a sentença subordinada a ordem **O^{tema}(S)V(O^{alvo})**. Essa sentença parece confirmar que, em construções envolvendo verbos com concordância, é possível ocorrer a omissão do sujeito e do objeto, gerando, por exemplo, a ordem **(S)V(O)** (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Em relação aos elementos e mecanismos gramaticais de estruturação de sentenças, como construções de tópico, presença de concordância, construções com foco, entre outros, foram encontradas diferentes ocorrências envolvendo tais mecanismos, tanto na produção das crianças quanto na produção dos adultos. Como discutimos anteriormente, Quadros (2011) afirma que esses mecanismos são sempre associados ao uso de marcação não manual específica. Por outro lado, Dias (2015) defende que a marca não manual associada às construções de tópico (levantamento de sobrancelhas) não parece ser indispensável para que usuários da Libras produzam e compreendam sentenças desse tipo. Nossos dados parecem corroborar o que Dias afirma, pois não identificamos o uso dessa marca não manual em todas as construções de tópico produzidas por nossos informantes.

Enquanto falava sobre si e sua família, uma informante produziu sentenças com diferentes mecanismos sintáticos e características bastante peculiares. Entre as construções identificadas, uma delas parece ser uma construção de tópico.

<PRÓPRIO DOCE LANCHE>_{top} DOCE AZUL GOST|ar|-NÃO

‘Dos doces de lanche, do doce azul não gosto’



As sentenças (77) e (78) parecem corresponder a uma construção de tópico. Entre as estratégias identificadas por Orsini e Vasco (2007), em (77) parece ocorrer a ‘anacoluto’. No quadro 5, apresentamos um exemplo desse tipo de construção no PB bem parecido com a sentença produzida pela nossa informante. Como explicam os autores, na estratégia anacoluto, o tópico não estabelece nenhuma relação argumental com o verbo, não estando, portanto, vinculado a qualquer função sintática na sentença-comentário. Ocorre somente uma relação semântica, na qual o interlocutor anuncia o tópico sobre o qual irá falar (que em (77) parece estar representado pelo sinal DOCE), para depois realizar um comentário através de uma sentença completa. Nessa perspectiva, em (77), GOSTAR ABACAXI CAJU MARACUJÁ é o comentário, e temos, portanto, uma sentença-comentário linear, com sujeito nulo, de ordem **(S)VO**. Em (78) parece ocorrer a mesma estratégia de construção de tópico presente em (77), mas aqui o verbo simples GOST|ar|-NÃO aparece posposto ao objeto (DOCE AZUL). Nesse caso, temos uma sentença-comentário de ordem **(S)OV**. Essas possibilidades de posicionamento do verbo (anteposto ou posposto ao objeto) que ocorreram em (77) e (78) parecem indicar que os verbos simples apresentam flexibilidade de ordem nesse tipo de sentença.

Entre as construções com foco, o tipo mais frequente na sinalização dos nossos informantes foi o foco de ênfase. Nas produções identificadas, o foco envolveu verbos, nomes, adjetivos, advérbios, sintagmas, etc. Esse tipo de construção foi identificado na produção dos adultos, mas também nas sentenças produzidas pelas crianças, ocorrendo em vários momentos da sinalização delas. Isso indica que elas parecem já ter adquirido essa propriedade gramatical paramétrica da Libras. Segundo Quadros (2019), as construções com foco duplicado estão associadas a marcações não manuais enfáticas, dependendo do tipo de estrutura duplicada. A autora defende, ainda, que as estruturas que duplicam elementos de qualquer sentença estarão associadas, ao menos, à marcação de movimento de cabeça afirmativa intensificada. No entanto, nas produções dos nossos informantes, essa marcação não aparece em algumas construções desse tipo, o que indica que ela pode não ser obrigatória ou indispensável na Libras.

(79)



DEPOIS TENT

TENT

COPI

DESENH

TENT

DEPOIS TENT|ar/ativa| COPI|ar/a| DESENH|ar/o| TENT|ar/ativa|

‘Depois tentarei copiar o desenho, tentarei’



(80)



VAI MUD

VAI MUD

VAI MUD

VAI MUD

VAI MUD

VAI MUD|ar/ança| RIO-DE-JANEIRO VAI MUD|ar/ança|

‘Vai mudar para o Rio de Janeiro, vai mudar’



Em (79) e (80), parecem ocorrer construções com foco de ênfase. Em (79), o elemento duplicado é o sinal TENT|ar/ativa|, que pode ser nome ou verbo; em (80) ocorre duplicação do sintagma VAI MUD|ar/ança|. Nessas construções, não observamos marcação de movimento de cabeça afirmativa intensificada. Em relação à ordem de constituintes dessas sentenças, desconsiderando os elementos duplicados, temos em (79) e (80) a ordem **(S)VO**.

Entre as construções simultâneas produzidas, ocorreram algumas envolvendo simetria e sincronismo nos articuladores manuais. Nesse tipo de construção, há correspondência nos traços fonológicos de ambas as mãos (mesma configuração de mão, locação, movimento). Identificamos uma dessas construções na sinalização de uma das nossas informantes.

(81)



h9v

h9v

SURD[o/a/s] [2MA: ^[CL PESSOA]ENCONTR[ar/o]]

‘Dois surdos se encontraram’

Na sentença (81), a sinalizante executa, inicialmente, o sinal SURD[o/a]. Em seguida, posiciona ambas as mãos no espaço de sinalização com a configuração de mão que indica classificadores de pessoa (mãos direita e esquerda configuradas em ‘zê’) para referenciar dois surdos. Logo depois, ela executa o sinal ^[CL PESSOA]ENCONTR[ar/o], através do movimento das mãos que acontece em sincronia, uma em direção à outra. Como mencionamos anteriormente, há sinais da Libras que podem funcionar tanto como verbo quanto como nome e o que define sua categoria é o contexto sintático. É o caso do sinal ^[CL PESSOA]ENCONTR[ar/o], que embora possa ocorrer como nome ou como verbo, é interpretado em (81) como verbo, porque, dos dois sinais presentes na sentença, ^[CL PESSOA]ENCONTR[ar/o] é o único a apresentar as condições argumentais para ocupar a posição de eixo verbal.

Segundo a classificação de Quadros e Karnopp (2004), ^[CL PESSOA]ENCONTR[ar/o] é um verbo simples. Conforme análise gerativista de Duarte (2003), este é um verbo simétrico, e pode apresentar duas ou três variantes semanticamente equivalentes. Devido a sua natureza simétrica, esse tipo de verbo pode fazer alternância estrutural, ou seja, os argumentos interno e externo podem se alternar. Para exemplificar, tomemos as sentenças em português ‘Carlos encontrou-se com Paula’ e ‘Paula encontrou-se com Carlos’. Nelas, ocorre alternância de argumentos, pois as posições ocupadas por ‘Carlos’ e ‘Paula’ na sentença se alternam. No entanto, ambas as sentenças possuem o mesmo valor semântico, já que a alternância dos argumentos não modifica o seu significado. Os verbos simétricos também podem apresentar uma variante estrutural com coordenação de DP na posição de sujeito, como em ‘Carlos e Paula se encontraram’, ou ainda um sujeito plural ‘Eles se encontraram’.

Pela grade temática de ENCONTR[ar], esse verbo s-seleciona ao menos dois argumentos: um externo, que recebe papel temático de ‘agente’, exercendo a função de sujeito, e um paciente, que sofre a ação do verbo e recebe o papel temático de ‘tema’, exercendo a

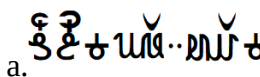
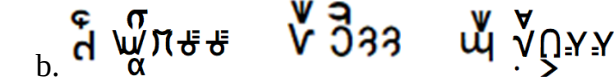
função de objeto. Ao que parece, trata-se de um verbo autossaturado, em que pelo menos um dos argumentos se encontra incorporado ao sinal junto com a raiz predadora. O sinal SURD[o/a/s] foi certamente selecionado como um desses argumentos. Mas, como se trata de um verbo simétrico, o item lexical SURD[o/a/s] apresenta as condições semânticas para a posição de qualquer um dos dois argumentos. A princípio, parece estarmos diante de uma ambiguidade sintática. Entretanto, considerando estruturas de línguas como o português, em que um verbo simétrico como esse tem o objeto direto preenchido pelo pronome reflexivo ‘se’, talvez possamos equiparar a função de argumento incorporado+classificador à do pronome reflexivo ‘se’, isto é, função de objeto, ficando a posição de sujeito para o sinal SURD[o/a/s]. Assim sendo, temos aí a ordem **SV**.

Segundo Vermeerbenger, Leeson e Crasborn (2007, p.2 *apud* SYAVOSHI, 2009, p.4), a construção [2MA: ^[CL PESSOA]ENCONTR[ar/o/]] pode ser considerada uma sentença simultânea que envolve classificadores, cada um em um lado diferente, mostrando a relação locativa de dois referentes. Em nossa análise, como acabamos de demonstrar acima, vemos aí um outro fenômeno, o da autossaturação de predador, no qual verbo e objeto ocorrem ao mesmo tempo.

As CS nas quais cada articulador manual executa um sinal específico ao mesmo tempo, também foram identificadas em nossos dados. Enquanto um informante falava sobre as aulas que ele tinha em Libras, ministradas por professor (a) sinalizante na classe bilíngue em que estudou, enumerou algumas disciplinas:

(82)



a.  b. 

EXPLIC[ar/ação] AULA [MA1: ^{ENUMERAÇÃO}UM DOIS TRÊS MA2: PORTUGUÊS CIÊNCIAS HISTÓRIA]

‘Explicava a aula de português, ciências, história’



6.2 Etapa 2

6.2.1 Teste experimental 1

O teste 1 foi realizado, entre outros objetivos, para analisarmos o comportamento dos verbos nas sentenças da Libras, no intuito de verificar se eles estariam relacionados com a flexibilidade ou não de determinadas ordens de constituintes. Conforme apresentamos no quadro 8, foram identificadas distintas construções envolvendo diferentes tipos de verbos, com ordens de constituintes específicas. A seguir, destacamos algumas das sentenças que ocorreram para cada tipo de verbo apresentado aos informantes, segundo classificação de Quadros e Karnopp (2004) e Faria-Nascimento e Correia (2011).

6.2.1.1 Sentenças com verbos simples

Os verbos simples foram identificados nas cinco ordens de constituintes encontradas em nossos dados: **SVO**, **SOV**, **OSV**, **VSO** e **VOS**. Esse tipo de verbo parece permitir diferentes posicionamentos do sujeito e do objeto na sentença. Assim, parece não haver muitas restrições em ocorrências com verbos simples. Vejamos algumas sentenças com esse tipo de verbo.

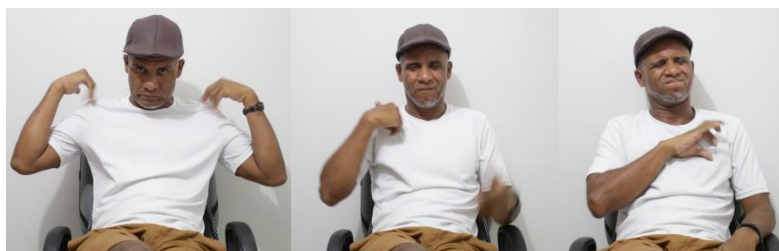
(84)

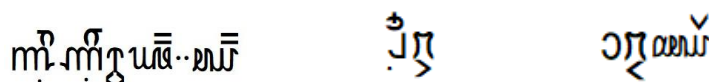


EU ADOR_[ar/ação] PASSE_[ar/io]

‘Eu adoro passear/passeio’

(85)





 $\langle^{[ENM]}PASSE|ar/io\rangle_{top} EU^{[ENM]} AM|ar/or|$

 ‘Passeio/passear, eu amo muito’

Nas sentenças (84) e (85), identificamos os sinais ADOR|ar| e PASSE|ar| que podem ocupar o lugar dos verbos simples. Nessas sentenças, ocorre ambiguidade categorial com o sinal PASSE|ar/io|. Em (84), o sinal ADOR|ar|ação| se apresenta como o melhor candidato a verbo, porque pode selecionar EU como argumento externo, na função de sujeito; e PASSE|ar/io| como argumento interno, na função de objeto tema. Assim, temos uma sentença linear, que possui todos os seus argumentos pronunciados, de ordem **SVO**. Já em (85), o sinal PASSE|ar/io|, embora possa selecionar EU como argumento externo, não pode selecionar AM|ar/or| como argumento interno, até por ser ‘passear’ um verbo inergativo. Assim, ‘passear’ não pode ser o verbo principal dessa sentença, pois o sinal AM|ar/or| ficaria sem posição sintática aí. Como a posição de objeto do verbo AM|ar/or| pode ser preenchido tanto por um DP (PASSE|io|) como por uma oração (PASSE|ar|), permanece a ambiguidade categorial desse sinal.

Em (85), o informante utiliza os sinais EU e PASSE|ar/io| identificados em (84), mas a posição desses constituintes se modifica, o que nos indica a flexibilidade da ordem, com o posicionamento do objeto anteposto ao verbo em (85), e posposto ao verbo, em (84). Em (85), o sujeito foi posicionado entre os sinais que possuem categoria indefinida. Assim, temos uma construção de ordem **OSV**.

Fischer (1973 *apud* QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2008, p.16), em sua análise da ordem de constituintes em ASL, afirma que a ordem **OSV** resulta de topicalização e é derivada da ordem básica dessa língua, a **SVO**. Para Quadros *et al.* (2008, p. 17), a Libras mostra variações similares na ordem de constituintes em relação à ASL, embora talvez apresente menos restrições. Outra questão comentada por Quadros (1999) sobre a ordem de constituintes **OSV** é que ela surge apenas quando a sentença tem algo a mais, como as marcas não manuais (direção do olhar, movimento de cabeça, elevação das sobrancelhas, entre outras) e a concordância. Quadros *et al.* (2008, p.11) e Quadros (2019) afirmam que a elevação das sobrancelhas é a marca normalmente associada ao tópico de uma sentença. No entanto, não encontramos essa marca não manual em todas as construções de tópico que apareceram em nossos dados, como mostramos anteriormente. Por outro lado, em (85), há marcas não manuais específicas no momento em que o informante executa o sinal topicalizado (PASSE|ar/io|). Vejamos uma imagem ampliada que corresponde ao momento exato da execução desse sinal.

Figura 32 – Sinal topicalizado PASSE|ar/io|

ယံ့ယံ့ၼ်းၼ်း..ၼ်း

Na imagem, ocorrem as marcas não manuais inclinação da cabeça para a frente, elevação das sobrancelhas, franzir da testa e leve arregalamento de olhos. Isso quer dizer que parece estarmos diante de uma construção com topicalização. Como explicamos anteriormente, segundo Orsini e Vasco (2007), na construção envolvendo topicalização, o tópico se vincula a uma categoria vazia, no interior da sentença-comentário, exercendo, portanto, uma função na oração. Nesse sentido, poderíamos imaginar essa sentença da seguinte forma: $\langle^{[ENM]}PASSE|ar/io|\rangle_{top}$ EU $\text{---}^{[ENM]}AM|ar/or|$ ('Passeio, eu _ amo muito').

Ao apresentarmos o verbo simples BRINC|ar| aos nossos informantes, foram produzidas diferentes sentenças. Como esse sinal pode corresponder tanto ao verbo 'brincar' como aos nomes 'brinquedo' e 'brincadeira', na produção que apresentamos a seguir, esse sinal não ocupou a posição de verbo principal da sentença.

(86)



ၼ်း

ၼ်းၼ်း

ၼ်းၼ်းၼ်း

ၼ်းၼ်း

ၼ်းၼ်း

EU GOST|ar/o| BRINC|ar/adeira/quedo| QUAL VIDEOGAME

'A brincadeira da qual eu gosto é videogame'



Na sentença (86), encontramos os sinais GOST|ar/o| e BRINC|ar/adeira/quedo| que apresentam indistinção categorial morfêmica. Nessa sentença, temos a sequência de sinais EU (pronome), GOST|ar/o| (nome ou verbo), BRINC|ar/adeira/quedo| (nome ou verbo), QUAL (determinante relativo) e VIDEOGAME (nome). Trata-se, por nossa análise, de uma sentença complexa relativa. Consideramos que o sinal GOST|ar/o| aí presente ocorre como verbo, (verbo simples), pois seleciona dois argumentos: um externo com papel de experienciador, ocupando a posição de sujeito da oração relativa – o sinal EU –, e um interno com papel de tema, ocupando a posição de objeto – BRINC|adeira/quedo| QUAL. Propomos para a sentença em (86) a seguinte análise. A posição de objeto de ‘gostar’ é a posição relativizada, pois é ocupada por um DP – BRINC|ar/adeira/quedo| QUAL – cujo núcleo é um determinante relativo – QUAL – (pronome relativo para a gramática tradicional - GT), que aparece posposto ao nome BRINC|adeira/quedo|, o qual funciona aí como o constituinte relativizado (o antecedente pela GT), sendo, portanto, um nome. Esse constituinte relativizado, acompanhado de sua oração relativa, ocupa, no âmbito da oração matriz (ou principal), a posição de sujeito. Como a oração matriz é uma *Small Clause*, o constituinte relativizado + sua oração relativa (EU GOST|ar| BRINC|adeira/quedo| QUAL) é o sujeito e o DP ‘VIDEOGAME’ é o predicado dessa *Small Clause*. Essa é uma estrutura semelhante à de uma oração relativa em português com duas diferenças, de acordo com nossa análise: (a) na relativa, não ocorre o movimento do constituinte relativizado (BRINC|adeira/quedo| QUAL) para o início da oração, isto é, esse constituinte fica *insitu*; e (b) a oração matriz se mantém como uma *Small Clause*, sem a ocorrência de um verbo copulativo (verbo ser). Assim, temos, no âmbito da oração relativa, uma sentença linear de ordem **SVO**. Já no âmbito da oração matriz, como se trata de uma *Small Clause*, a ordem é **SPrdS** (sujeito+predicativo do sujeito), sendo o sujeito um sujeito oracional.

O sinal ESTUD|ar/o| foi utilizado por um dos nossos informantes em uma sentença envolvendo advérbio de intensidade.

(87)



ᑭᑭ

ᑭᑭᑭᑭ

ᑭᑭᑭᑭ

ᑭᑭᑭᑭᑭᑭ

EU AM|ar/or| MUIT|o/a| ESTUD|ar/o|

‘Eu amo muito estudar.’

Em (87) temos os sinais EU (pronome), AM|ar/or| (verbo ou nome), MUITO (advérbio de intensidade) e ESTUD|ar/o| (verbo ou nome). Tomamos o sinal AM|ar/or| como aquele que apresenta as condições para ocupar a posição do verbo. AM|ar| é um verbo simples e transitivo. Nesse contexto sintático, o sinal ESTUD|ar/o| apresenta ambiguidade categorial, pois tanto pode ser um nome (estudo) quanto um objeto oracional (estudar). Quanto ao sinal MUITO, esse funciona aí como um adjunto adverbial de intensidade e, nesse caso, está interrompendo a relação de adjacência entre o verbo AM|ar| e o seu complemento ESTUD|ar/o|. Como os adjuntos não são contados na identificação da ordem dos constituintes, temos uma sentença linear de ordem **SVO**.

Como mencionamos anteriormente, Quadros e Karnopp (2004) discutem sobre advérbios de tempo e frequência, explicando que a posição deles pode variar na sentença, mas não podem interromper a relação de adjacência entre o verbo e o objeto. Em (87), temos o advérbio MUIT|o/a|, que não é de tempo nem frequência, mas sim de intensidade, interrompendo a relação de adjacência do verbo e seu complemento, aliás da mesma forma que ocorre na versão dessa sentença em português. Além desse tipo de sentença, encontramos outras nas quais advérbios de tempo interromperam a relação de adjacência entre o verbo e seu complemento.

Enquanto perguntava à sua mãe se já havia ajudado seu pai, uma das informantes produziu a seguinte sentença com o verbo com concordância AJUD|ar| e o advérbio de tempo JÁ:

(88)



ᵐᵒᵒ ᵐᵒᵒ ˩

ᵐᵒᵒ ˩

ᵒᵒ ˩

|S|1=>AJUD|ar||=>3|OA|

JÁ

EL|e/a|?

‘Já o ajudei?’

Outra informante produziu uma sentença com o mesmo advérbio de tempo, quando explicava sobre seu encontro, na infância, com uma criança surda.

(89)



lá

dois

de

julho

eu

já

LÁ DOIS-DE-JULHO EU ENCONTR|ar/o| JÁ CRIANÇA

‘Lá na Dois de Julho eu já encontrei uma criança’



Em (88), temos uma sentença linear de ordem **(S)VO**, na qual o advérbio de tempo JÁ foi posicionado entre o verbo AJUD|ar| e o seu complemento EL|e/a|. Na sentença (89), temos uma sentença linear de ordem **SVO**, na qual o mesmo advérbio foi posicionado entre o verbo simples ENCONTR|ar/o| e seu complemento CRIANÇA. Contrariamente ao que afirmam Quadros e Karnopp (2004), essas sentenças mostram que parece ser possível que os advérbios de tempo interrompam a relação de adjacência entre o verbo e seu complemento em Libras.

6.2.1.2 Sentenças com verbos com concordância

Os verbos com concordância, por sua vez, foram identificados em sentenças produzidas por nossos informantes com as ordens dos tipos **SVO, SOV, OSV** e **VSO**. Dessa forma, esse tipo de verbo também parece apresentar certa flexibilidade na ordem de constituintes, podendo ocorrer no meio, na posição inicial ou final da sentença. Vale ressaltar que os verbos com concordância são primordialmente bitransitivos (DUARTE, 2003), com exceção de verbos de concordância locativa e verbos de movimento direcional (DIR). Os estudos mostram que a relação S-V-O é obrigatória, considerando que O é o argumento dativo/meta. Já o argumento tema é realizado com mais flexibilidade. Identificamos o uso de verbos com concordância em distintas sentenças, nas quais observamos a direcionalidade desse constituinte durante sua execução.

(90)



a. EU $|S|1=>AVIS|ar/o|=>3|OA|$

‘Eu avisei...

b. EU TER COM|promisso/binar|

... que eu tenho um compromisso’



Em (90a) e (91b) temos duas orações lineares, que compõem uma sentença complexa, em que (90b) é uma oração subordinada com função de objeto do verbo da oração matriz. Assim, temos o sinal $|S|1=>AVIS|ar|=>3|OA|$, tomado como um verbo, e nesse caso é um verbo com concordância (verbo direcional, pois apresenta direcionalidade em sua execução), verbo de transferência de informação/declarativo, e ditransitivo; e o sinal $T|er|$, que na sentença (90b) EU $T|er|$ COM|promisso/binar| se comporta como um verbo (simples) leve. Pela sua grade temática, AVIS|ar| seleciona dois argumentos: um externo com papel de agente, que ocupa a posição de sujeito (EU), e dois internos, um com papel de tema e outro com papel de alvo, que ocupam posições de objetos. A posição de objeto tema é ocupada pela oração em (90b), como mencionamos, e a posição de objeto alvo apresenta um constituinte nulo. Nesse caso, temos uma sentença linear com ordem de constituintes **SVO**. Já o verbo $T|er|$, em (90b), seleciona um argumento externo com papel de fonte, que ocupa a posição de sujeito, e um argumento interno, com papel de tema, que ocupa a posição de objeto (COM|promisso/binar|). Nesta sentença, o sinal COM|promisso/binar| é um nome selecionado pelo verbo leve $T|er|$. Como a grade temática de $T|er|$ está preservada, podemos dizer que COM|promisso/binar| recebe papel temático de ‘tema’, exercendo a função de objeto tema. Nesse caso, trata-se de uma sentença linear de ordem **SVO**.

Em sentenças lineares envolvendo o verbo com concordância $D|ar|$, verbo de transferência material, identificamos diferentes ordens de constituintes.

(91)



<PRESENT|e/ear|>_{top} EU GOST|ar/o| |S|¹=>D|ar/oação|^{=>3|OA|} M|inha/eu| SOBRINH|a/o|

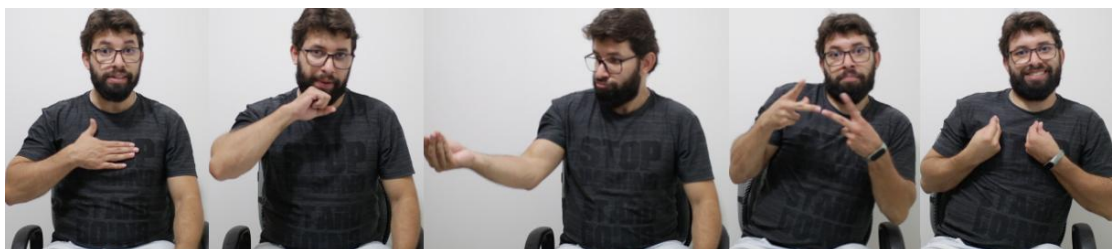
‘Presente, eu gosto de dar a meu (minha) sobrinho (a)’



A sentença (91) envolve uma estrutura com dois predicados: GOSTAR e DAR – ou seja, podemos analisá-la como um período composto. A correferência entre os dois sujeitos indica que se trata de uma estrutura de controle de sujeito. Portanto, supõe-se que o sujeito da oração encaixada seja uma categoria do tipo PRO. A ordem é então **SVO**, em relação à oração principal com o verbo GOSTAR. Na oração subordinada, temos **(S)V(O)**, com o objeto topicalizado.

Outro informante produziu uma sentença com o verbo D|ar|. O interessante é que a sequência de sinais executados por ele gerou uma outra ordem de constituintes, o que nos mostra que os verbos com concordância parecem ser flexíveis e produzirem distintas ordens em Libras.

(92)



M|eu/inha| MÃE |S|³=>D|ar/oação|^{=>1|OA|} PRESENT|e/ear| |S|³=>D|ar/oação|^{=>1|OA|}

‘Minha mãe me deu um presente, deu a mim’



Em (92), tomando o sinal  (D|ar/ação|) como verbo ($|S|_3 \Rightarrow D|ar| \Rightarrow 1|OA|$), um verbo com concordância e ditransitividade, este seleciona M|inha| MÃE como argumento externo, e PRESENT|e| (nome) como argumento interno. MI|inha| MÃE ocupa a posição de sujeito da sentença, enquanto PRESENT|e| ocupa a de objeto tema. O curioso é que, nessa sentença, o sinalizante executa o sinal $|S|_3 \Rightarrow D|ar| \Rightarrow 1|OA|$ também depois do sinal PRESENT|e|. Podemos interpretar que houve aí uma repetição do verbo, como uma segunda oração coordenada à primeira, ou que esse sinal no final seria o pronome de primeira pessoa numa forma oblíqua, semelhante a ‘a mim’. Conforme mencionam Quadros e Karnopp (2004), essa sentença parece ser uma construção com foco de ênfase, na qual o elemento duplicado é o verbo D|ar|, pois o sinalizante parece enfatizar a informação por meio da duplicação do verbo, que ocorre no final da sentença. Trata-se de uma sentença linear de ordem **SVO**^{tema}**O**^{alvo}.

6.2.1.3 Sentenças com verbos manuais e verbos espaciais

Os verbos manuais e os verbos espaciais, nas sentenças produzidas pelos nossos informantes, parecem apresentar menor flexibilidade que os verbos simples e com concordância. Os verbos manuais ocorreram somente em sentenças com ordens **SVO** e **OSV**. Em sentenças com esse tipo de verbo, Quadros e Karnopp (2004) explicam que o sujeito e objeto são movidos para a posição de tópico. Faria Nascimento e Correia (2011) defendem que os verbos manuais indicam a ação e o lugar onde a ação ocorre, e Lourenço e Silva (2015) explicam que tais verbos apresentam concordância com o objeto da sentença, sendo realizados no local onde o objeto sintático foi referenciado. Isso significa que, se o objeto da sentença for alterado, o verbo manual será executado próximo ao referente que representa esse objeto, que é seu argumento interno. Assim, verbos manuais como CORTAR^[CABELO], CORTAR^[UNHAS], e outros, são executados próximo ao local onde se referencia o objeto.

Quadros e Karnopp (2004) argumentam que os verbos manuais finalizam as sentenças. No entanto, em algumas sentenças produzidas pelos nossos informantes, os verbos manuais não ocuparam a posição final. Contrariamente ao que afirmam Quadros e Karnopp, Lourenço e Silva (2015) defendem que nem sempre a ordem ocupada por verbos manuais é a final. Alguns dos nossos informantes produziram sentenças envolvendo verbos manuais de instrumento. Vejamos.

(93)



h̥n

ʔɕɣɕ

h̥ɕɕ

EU SEMPRE ESCOV|ar/ação|^[DENTES]

‘Eu sempre escovo os dentes’

(94)



a. ɕh̥ɕɕ·ɕɕ

ɕɕɕ

h̥ɕɕ

ʔɕɕ

PORQUE SE ESCOV|ar/ação|^[DENTES] NÃO-TER

‘Porque se não escovar os dentes...



b. h̥ɕɕ

h̥ɕɕ

h̥ɕɕ

SUJ|o/eira| AMARELO SUJ|o/eira|

...ficam sujos e amarelados’

Nas sentenças (93) e (94a) foi utilizado o sinal ESCOV|ar/ação|^[DENTES], que consideramos verbo em ambas as sentenças. Em (93), esse sinal ocupa a posição final da sentença, após o advérbio de frequência SEMPRE. Assim, temos uma sentença linear de ordem SV, na qual o objeto (DENTES) é realizado junto com o verbo no mesmo sinal, ocorrendo a autossaturação do predicator. Já em (94a), o sinal ESCOV|ar/ação|^[DENTES] se encontra

imediatamente anteposto ao verbo NÃO-TER, ou seja, ele não finaliza a sentença. Essa ocorrência parece corroborar o que Lourenço e Silva (2015) afirmam. Ao que parece, NÃO-TER seleciona ESCOV|ar/ação|^[DENTES] como seu argumento interno, e este funciona como objeto tema. Assim, temos uma sentença linear de ordem **OV**. Em (94b) há repetição do sinal SUJ|o/eira|, que funciona como um adjunto, no final da sentença. Nesse sentido, parece ocorrer uma construção com foco de ênfase, cuja duplicação envolve um nome, se compreendermos esse sinal como SUJEIRA; ou um adjetivo, se o tomarmos como SUJ|o/a|.

Uma das nossas informantes produziu uma sentença com outro verbo manual, o TRANÇAR^[CABELO].

(95)



᳚᳚᳚᳚᳚᳚᳚᳚

᳚᳚

᳚᳚᳚᳚᳚᳚᳚᳚

᳚᳚᳚᳚᳚᳚᳚᳚

BONECA EU TRANÇAR^[CABELO] BONECA

‘Eu tranço o cabelo da boneca’



Em (95), parece ocorrer outra construção com foco de ênfase, com a duplicação do sinal BONECA (nome) no final da sentença. Deixando de lado a repetição do sinal, a informante produz uma sentença linear de ordem **OSV**, pois temos inicialmente o sinal BONECA, selecionado pelo verbo manual TRANÇAR^[CABELO] como argumento interno, que funciona como objeto; depois o sinal EU, selecionado como argumento externo, que funciona como sujeito; e TRANÇAR^[CABELO], verbo da sentença.

Diferente do que ocorre com outros verbos manuais como CORTAR^[UNHAS] e ESCOV|ar/ação|^[DENTES], que são executados próximo aos referentes que representam seus objetos (UNHAS e DENTES, respectivamente), observamos que o verbo TRANÇAR^[CABELO] foi executado no espaço de sinalização. Nesse caso, tal verbo não se refere ao próprio cabelo da sinalizante, mas sim ao cabelo da boneca. Ao executá-lo no espaço, a informante referencia o local do objeto alvo, como se houvesse uma boneca imaginária à sua frente, e executa o movimento do verbo também próximo ao referente. Vemos, como afirmam Lourenço e Silva (2015), a concordância do verbo manual com o seu objeto. Também percebemos nessa

construção, um certo grau de iconicidade ocorrendo na sintaxe espacial, na execução do verbo TRANÇAR^[CABELO], assim como ocorre em (93) e (94), na execução do verbo ESCOVAR^[ar/ação]^[DENTES]. Com este último verbo, o grau de iconicidade parece ser maior, pois se aproxima mais da ação real de escovar os dentes. Isso quer dizer que a iconicidade pode estar presente em distintas construções envolvendo verbos manuais, em maior ou menor grau de intensidade.

Enquanto um informante explicava de que forma gosta de cortar o cabelo, identificamos uma sentença envolvendo o verbo manual classificador de instrumento CORTAR na qual foi possível observar a mudança da configuração da mão para indicar o instrumento utilizado na ação.

(96)



a.      

PRIMEIRO [MP: PRIMEIRO MA: CORT|ar/e|^[CABELO] |COM MÁQUINA|
CORT|ar/e|^[CABELO] |COM MÁQUINA| CORT|ar/e|^[CABELO] |COM MÁQUINA|]
‘Primeiro, corta o cabelo com a máquina, vai cortando, cortando...’



b.    

DEPOIS [MP: DEPOIS MA: CORT|ar/e|^[CABELO] |COM TESOURA| CABELO
CORT|ar/e|^[CABELO] |COM TESOURA|]

... depois, corta o cabelo com a tesoura, vai cortando’



Nas construções (96a) e (96b), observamos a mudança da configuração de mão para indicar o instrumento que realiza a ação do verbo manual e transitivo CORT|ar|. Em (96a), a mão assume a configuração em ‘esse’ para indicar o cabelo cortado com máquina. Já em (96b), vemos a configuração em ‘vê’, que indica o corte com a tesoura. Em ambos os casos, temos a

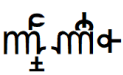
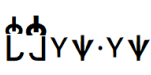
ação do verbo $CORT|ar|$ sendo realizada próximo cabelo, ou seja, o verbo e seu argumento ocorrem simultaneamente, caracterizando a autossaturação de predicadores. Conforme Lessa-de-Oliveira (2023), nesse fenômeno, o objeto do verbo fica incluído na sua realização. Nessas construções, parece ocorrer a inclusão, no mesmo sinal, do verbo $CORT|ar|$, do seu argumento interno (objeto tema) CABELO, e do adjunto adverbial de instrumento, que, em (96a), é MÁQUINA e, em (96b), TESOURA. No caso de $CORT|ar/e||^{CABELO}|^{COM\ TESOURA}|$, esse sinal também poderia ser compreendido como $TESOUR|ar||^{CABELO}|$ (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2023). Para $CORT|ar/e||^{CABELO}|^{COM\ MÁQUINA}|$, não temos um verbo equivalente no português, com o sentido de ‘cortar’. No entanto, em Libras, poderíamos pensar em algo como $MAQUIN|ar||^{CABELO}|$, visto que, nessa língua, sinais como esse podem ser categorizados como nome ou verbo.

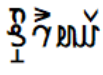
Quanto à ordem de constituintes dessas construções, em (96a), o objeto tema CABELO está incluído na realização do verbo $CORT|ar|$. Como o sujeito não foi pronunciado, restando somente o verbo, não há uma ordem para ser estabelecida. Já em (96b), o objeto tema CABELO ocorre incluído no verbo, mas também é pronunciado após o mesmo. Nesse caso, a ordem é **VO**. Vale ressaltar que, mais uma vez, identificamos a preservação de sinal no espaço de sinalização, em ambas as construções. As frequentes ocorrências desse tipo de construção, nas produções dos nossos informantes, parecem indicar que esse fenômeno é bastante comum na Libras.

Como mencionamos, os verbos espaciais ocorreram apenas com as ordens **SVO**, **SOV** e **OSV**. Não encontramos nenhuma sentença com as ordens **VSO** e **VOS** envolvendo esse tipo de verbo. Essa restrição pode ser comparada à que ocorre com verbos com concordância. Os verbos espaciais envolvem os verbos de movimento (CHEGAR, IR, VIR, etc.), que são inacusativos. Segundo a literatura, eles são inacusativos bi-argumentais. Dessa maneira, nossos dados parecem indicar que os verbos espaciais não são flexíveis para todas as ordens, ou seja, são mais restritivos. No entanto, é necessário que outras investigações sejam realizadas, para confirmar essa questão. A seguir, destacamos algumas sentenças com os verbos espaciais CHEGAR e IR.

(97)



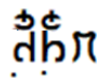
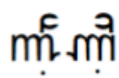
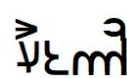
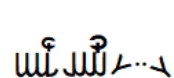


EU/M|inha/eu| CHEG|ar/ada| TRABALH|ar/o| POD|er|-NÃO ATRASA|r/do|

‘Minha chegada ao trabalho não pode atrasar’



(98)

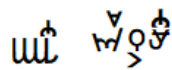






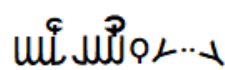
EU CASA PAI CHEG|ar|

‘Eu cheguei na casa do meu pai’



(99)

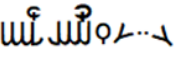






[MP: PISTA^{POUSO}] MA: AVIÃO] EU CHEG|ar|

‘Eu cheguei ao aeroporto’

Em (97) o verbo POD|er|-NÃO seleciona o DP ‘M|inha| CHEG|ada| TRABALH|o|’ como argumento externo, que exerce a função de sujeito. Como argumento interno, esse verbo seleciona uma oração subordinada constituída somente pelo sinal ATRAS|ar|, verbo inacusativo e simples, que seleciona um argumento interno nulo (seu sujeito) com o mesmo referente do sujeito da oração matriz. A ordem da sentença matriz é **SVO**.

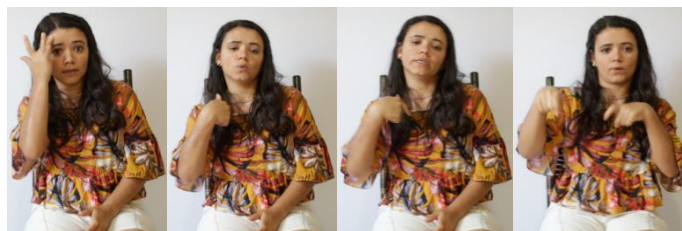
Em (98) e (99), temos o sinal , que pode ser traduzido como o verbo CHEG[ar] ou [ir], que é espacial e, ao nosso ver, um transitivo de dois lugares²⁵, selecionando, além do sinal EU como argumento externo, na função de sujeito, também um argumento interno locativo (CASA PAI em (98) e AEROPORTO em 99)), que assume a função de objeto locativo. Nas duas sentenças, observamos uma anteposição do objeto locativo ao verbo, resultando nas ordens **SOV** em (98) e **OSV** em (99). Sabemos que em português, o Caso do objeto locativo é atribuído pela preposição, sendo, portanto, um caso oblíquo. Considerando a hipótese de Lessa-de-Oliveira (2023), talvez possamos assumir que o Caso esteja sendo atribuído a esse objeto locativo, em sentenças como essas em Libras, de forma espacial, através da direção do movimento do verbo para o ponto no espaço de sinalização onde estão imaginariamente a CASA PAI em (98) e AEROPORTO em (99).

Ainda não temos muitos estudos com explicações sobre o funcionamento do sistema de Caso na Libras. Mas podemos levantar alguns indícios, alguns caminhos de análise. Por exemplo, em sendo observada uma recorrência ou obrigatoriedade dessa anteposição do objeto em contexto sintático como esse, é possível considerarmos a possibilidade de a ordem estar relacionada ao sistema de atribuição de Caso da língua, talvez como consequência da atribuição deste. Como se trata de verbos espaciais, a realização do objeto locativo em determinado ponto no espaço de sinalização e a realização do verbo tomando esse ponto como referência pode talvez ser um recurso de marcação de Caso com esse tipo de verbo, que leva a tal anteposição do objeto ao verbo. Isso nos mostra que os verbos espaciais parecem possuir certa flexibilidade nas sentenças e podem aparecer antes ou depois do objeto.

Com o verbo [ir], alguns informantes produziram sentenças com características distintas.

²⁵ Embora estejamos admitindo para esse sinal também a tradução ‘chegar’, não o estamos considerando inacusativo pelo fato de esse verbo apresentar direcionalidade que marcação espacialmente de seu argumento interno locativo. Assim, assumimos o constituinte locativo como argumento e não como adjunto, em sentenças como ‘eu cheguei na casa de meu pai’ e ‘eu cheguei ao aeroporto’, considerando que como categoria nominal - a chegada à casa de meu pai’ ou ‘a chegada ao aeroporto’ - vemos um complemento nominal formado por esse argumento. Em Libras, essa relação argumental parece ser marcada na sintaxe espacial.

(100)



AMANHÃ EU IR ROÇA

‘Amanhã eu irei à roça’

(101)



EU COM/JUNTO [2MA: ^{LOC PESSOA} |ir|]

‘Eu vou com ele’

Em (100) e (101) identificamos o verbo espacial e intransitivo |ir|. Em (100), |ir| seleciona EU como argumento externo (sujeito) e ROÇA como seu complemento circunstancial de lugar (objeto locativo). AMANHÃ é um adjunto que indica tempo. Dessa forma, temos uma sentença linear de ordem **SVO**. Em (101), |ir| também seleciona EU como argumento externo (sujeito) e objeto locativo é nulo, sendo sua ordem de constituintes a mesma de (100), **SV(O)**. No entanto, algumas diferenças interessantes ocorrem nas duas construções. Na execução do verbo |ir| em (101), as duas mãos do sinalizante estão configuradas em ‘zê’, lado a lado, representando duas pessoas. Temos, portanto, dois classificadores de pessoa. O movimento curvo das duas mãos, de um ponto a outro, para a frente e ao mesmo tempo, passa a ideia de um deslocamento que interpretamos como a ação do verbo |ir|. Nesse sentido, |ir| é um verbo espacial, mas também parece se comportar como um verbo manual classificador de entidade. Em (101), que pode ser considerada uma CS com simetria e sincronismo nos articuladores manuais, temos mais uma vez o fenômeno da autossaturação de predicadores.

Como discutimos anteriormente, as distintas sentenças analisadas na etapa 1 e no teste experimental 1 ofereceram indícios que parecem confirmar a nossa hipótese de que determinados contextos sintáticos, como aqueles que envolvem certos tipos de verbo, podem determinar a flexibilidade ou não da ordem de constituintes na Libras.

6.2.2 *Teste experimental 2*

No teste experimental 2, apresentamos uma sequência de imagens sem texto aos informantes e pedimos que, a partir delas, eles produzissem uma narrativa em Libras. Nas produções, foram identificadas sentenças lineares com diferentes ordens de constituintes, construções simultâneas com características diversas, e construções com preservação e fragmento de sinal. Em relação às sentenças lineares, considerando todos os argumentos pronunciados, foram identificadas as ordens de constituintes **SVO**, **SOV** e **OSV**. As ordens **VSO** e **VOS** não ocorreram no teste experimental 2.

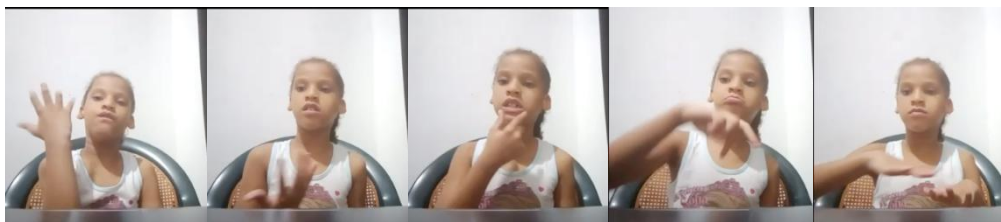
A sintaxe espacial da Libras foi percebida em vários momentos deste teste, pelo estabelecimento de referentes no espaço de sinalização, pelo uso da pronominalização e da concordância verbal, entre outros aspectos. A iconicidade também esteve presente, e pôde ser percebida na sintaxe espacial, tanto na constituição de sinais, quanto na própria execução dos mesmos. Ao visualizarem uma das imagens da sequência apresentada para a produção da narrativa, a que mostramos abaixo, os informantes produziram sentenças com distintas características.

Figura 33 – Imagem 1 da sequência apresentada para construção da narrativa



Fonte: Disponível no google imagens.

(102)



ÁRVORES GRAMADO HOMEM AND|ar| CHÃO

ÁRVORES GRAMADO HOMEM AND|ar| CHÃO

‘Em meio a árvores e gramado, um homem anda pelo chão’

(103)



a. HOMEM b. AND|ar| MA: AVISTAR] ÁRVORE

HOMEM ^[CL PESSOA]AND|ar| [MP: ^[CL PESSOA]AND|ar| MA: AVISTAR] ÁRVORE

‘Um homem estava andando e avistou uma árvore’

Em (102), ao produzir uma sentença linear de ordem **SV**, a informante apresenta diferentes elementos da imagem que está visualizando, a partir da articulação dos sinais e do estabelecimento de referentes no espaço de sinalização que compõem a sintaxe espacial dessa produção. Ela realiza a marcação dos referentes ÁRVORES, GRAMADO e CHÃO em pontos no espaço, e executa o sinal do verbo AND|ar|, que possui direcionalidade no movimento. O sinal CHÃO, que desempenha a função de adjunto adverbial de lugar, parece receber seu papel temático locativo e seu Caso nessa marcação espacial e icônica, em que o verbo caminhar é necessariamente realizado sobre o ‘chão’ imaginário marcado no espaço de sinalização. Para estabelecer outros referentes (nuvens, casa) no espaço de sinalização, a informante executou os sinais em determinados lócus que parecem ter seguido sua posição real, na imagem apresentada.

Já em (103), observamos a presença da linearidade e simultaneidade coocorrendo no espaço de sinalização. Inicialmente, temos em (103a) a execução do sinal HOMEM, e em seguida, a realização do verbo AND|ar|. Esse verbo foi utilizado em (102), executado com a configuração de mão em ‘vê’. Em (103a), AND|ar| se apresenta como verbo manual

classificador de entidade, com outra configuração de mão ('zê'). Esse tipo de verbo, conforme Faria-Nascimento e Correia (2011), exprime o deslocamento de uma entidade e incorpora a configuração de mão do CL da entidade que irá representar. Como mencionamos anteriormente, para Almeida e Lessa-de-Oliveira (2014), esse é o fenômeno da autossaturação de predicadores, no qual ocorre a incorporação de argumentos. Especificamente em (103), percebemos a junção do predador AND|ar| e seu argumento externo HOMEM em um único sinal (^{|CL}PESSOA|AND|ar|). O sinal que é executado em seguida, AVIST|ar|, é realizado com a mão ativa, enquanto ocorre a preservação do sinal ^{|CL PESSOA|}AND|ar| (sem o movimento) no espaço de sinalização, executado pela mão passiva. Nesse sentido, percebemos a linearidade e a simultaneidade coocorrendo no espaço tridimensional. Considerando a execução dos sinais, em (103a), temos uma sentença linear de ordem **SV**, e em (103b), uma construção com preservação de sinal cuja ordem é **(S)VO**.

Conforme discutimos, a visualização de um sinal é tridimensional, e se realiza no espaço e no tempo (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019). Em (102), visualizamos os sinais tridimensionalmente, por meio do estabelecimento de referentes no espaço de sinalização, um após o outro; e pela direcionalidade do verbo, estruturando uma sentença linear de ordem **SV**. Nessa construção, além da sintaxe espacial, também identificamos a presença da iconicidade durante a sinalização, na execução do verbo AND|ar| e no sinal CHÃO. Em (103), também percebemos elementos que caracterizam a sintaxe espacial da Libras, como o estabelecimento de referentes no espaço de sinalização e a direcionalidade do verbo manual.

Durante a produção da narrativa, as construções compostas por linearidade e simultaneidade com preservação de sinal ocorreram em muitos momentos, e em várias delas observamos a sintaxe espacial e a iconicidade da Libras. Um dos nossos informantes fez uso desse recurso durante a maior parte da produção da sua narrativa. As sentenças (104), (105) e (106) são trechos dessa produção.

(104)



ÁRVORE [MP: ÁRVORE MA: HOMEM ^{|CL PESSOA|}AND|ar|]

‘Havia uma árvore. Um homem estava andando...

(105)



𐄎 𐄎𐄎 𐄎 𐄎𐄎 𐄎 𐄎𐄎 𐄎 𐄎𐄎
 [MP: ÁRVORE MA: V|er| TER MAÇÃ V|er|^[MAÇÃ]]
 ‘... e viu que nela havia maçã, ele viu’

(106)



𐄎 𐄎𐄎 𐄎 𐄎𐄎 𐄎 𐄎𐄎 𐄎 𐄎𐄎 𐄎 𐄎𐄎
 [MP: ÁRVORE MA: VONTADE EU FOME QUERER COM|er/ida|]
 ‘Que vontade...Eu estou com fome, quero com|er/ida|.’

Na sentença (104), observamos alguns elementos que caracterizam a sintaxe espacial da Libras, como o estabelecimento do referente ÁRVORE no espaço, logo no início da sinalização. A MA que executou esse sinal se torna MP, e permanece no espaço de sinalização, enquanto a outra mão, que passa a ser ativa, executa linearmente todos os demais sinais que compõem as sentenças (104), (105) e (106). Com a preservação do sinal no espaço, temos linearidade e simultaneidade coocorrendo nessa produção, e as sentenças produzidas parecem ir se encaixando na construção, conforme vão sendo produzidas.

A autossaturação de predadores também ocorre em (104), no verbo manual classificador de entidade (^[CL PESSOA]ANDAR). Considerando os sinais executados linearmente, temos em (104) uma construção com preservação de sinal na ordem **SV**. Já a sentença (105) parece se tratar de uma construção com preservação de sinal envolvendo foco de ênfase, na qual o elemento duplicado no final da sentença é o verbo com concordância V|er|. A ordem de constituintes nesse caso, desconsiderando a repetição do sinal, é a **(S)VO**. Em (106), temos outra construção com preservação de sinal cuja ordem de constituintes é a **(S)VO**.

Segundo Curiel e Cvejanov (2006, p.102), na língua de sinais argentina, ocorre o mesmo fenômeno de preservação do sinal no espaço que observamos na Libras. As autoras consideram esse tipo de produção como CS de preservação do tópico (MILLER, 1994), na qual o tópico é inicialmente marcado pela ordem de constituintes - aparecendo usualmente em um lugar periférico da sentença e coincide com a posição inicial - e por expressões não manuais. As autoras concluíram que, após a marcação do tópico, os sinalizantes de LSA utilizam construções simultâneas de preservação, nas quais mantêm-se expressões não manuais como movimento de cabeça para baixo, olhos arregalados e levantamento de sobrancelhas. Nas sentenças em Libras com preservação de sinal que destacamos acima, durante a execução dos sinais, também observamos expressões não manuais ocorrendo simultaneamente, como movimentos de cabeça, elevação de sobrancelhas, olhos arregalados, padrões de boca, entre outras.

Na produção da narrativa de uma informante, identificamos um tipo de CS na qual as duas mãos produzem dois itens lexicais diferentes, ao mesmo tempo (MILLER, 1994); seguida de uma construção com preservação de sinal.

(107)



a.   b.  

[MA₁: MAÇÃ MA₂: V_{er}] [MP: MAÇÃ MA: LAGARTA^[MAÇÃ]]

‘Viu, dentro da maçã, uma lagarta’

Em (107a), observamos que ambas as mãos são ativas e executam, ao mesmo tempo, os sinais MAÇÃ e VER, verbo com concordância. Trata-se de uma CS na qual não é possível estabelecer uma ordem de constituintes. Já em (107b), temos a preservação do sinal MAÇÃ, na qual a mão que anteriormente realizou o sinal MAÇÃ é preservada no espaço, enquanto a MA executa o sinal LAGARTA. Em (107a) e (107b), o sinal MAÇÃ parece ser um adjunto locativo, pois indica o lugar onde a lagarta está situada. Apesar da CS que ocorre em (107), se considerarmos o sinal MAÇÃ como adjunto locativo, e a execução dos sinais VER e LAGARTA (argumento interno de VER, que funciona como objeto tema), é possível indicar

uma ordem de constituintes. Como o sujeito foi pronunciado anteriormente, a ordem seria **(S)VO**.

(108)



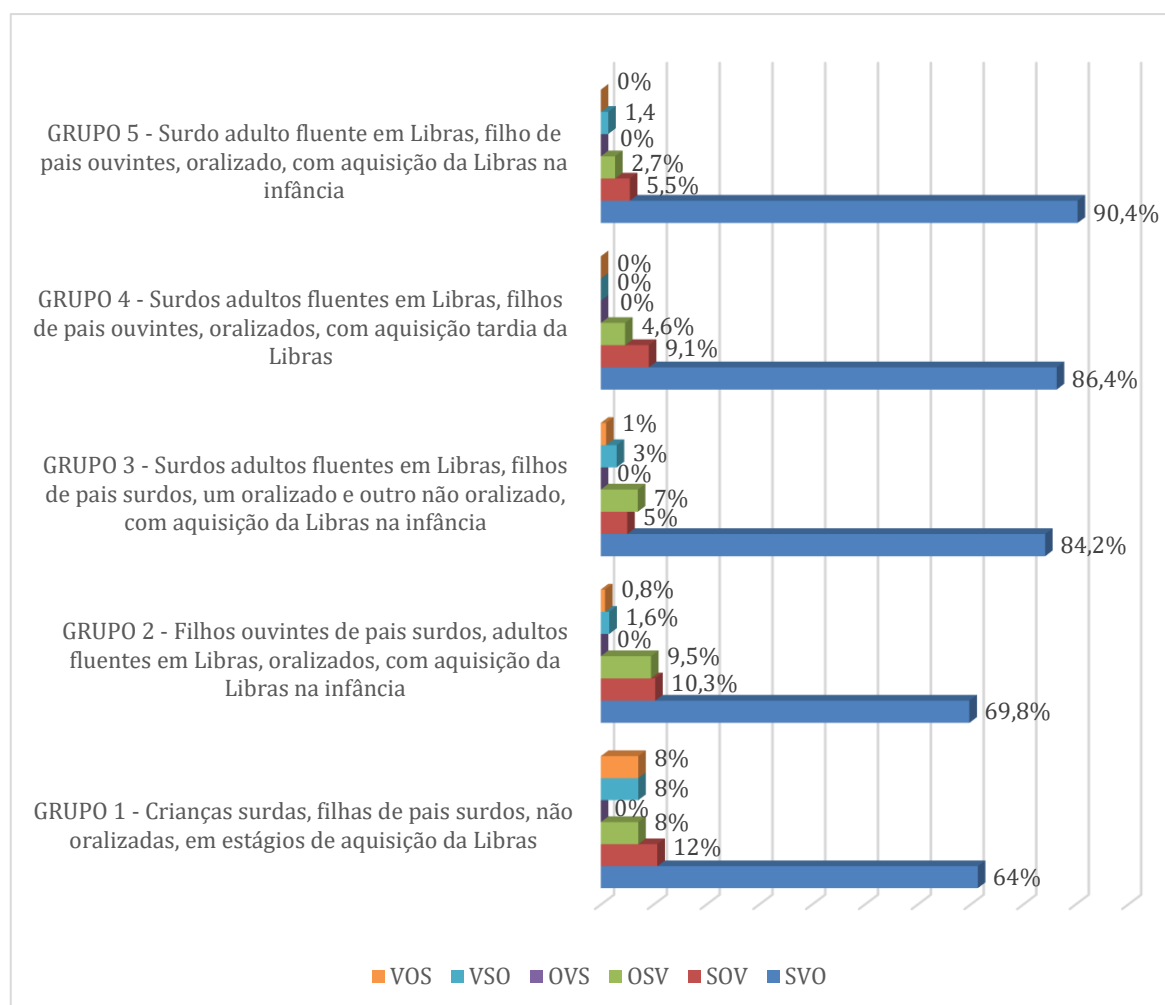
[MP: MAÇÃ MA: COBRA^[DENTRO DA MAÇÃ] EU V_{|er|}]

‘Eu vi uma cobra dentro da maçã’

Em (108), temos outra construção com preservação de sinal, na qual identificamos o mesmo verbo com concordância que ocorreu em (107) – V_{|er|}. No entanto, em (107), o verbo aparece posposto ao seu argumento externo – EU –, que funciona como sujeito. Já o argumento interno do verbo, COBRA, que funciona como objeto tema, está posicionado anteposto ao sujeito e ao verbo. Dessa maneira, temos uma construção com ordem de constituintes **OSV**.

6.3 Análise comparativa

Como discutimos anteriormente, nas produções dos nossos informantes, tanto dos adultos quanto das crianças, identificamos diferentes construções. O gráfico 3 nos mostra, qualitativa e quantitativamente, as ordens de constituintes identificadas nas sentenças da Libras, por grupo de informantes, considerando todos os argumentos pronunciados e as ordens encontradas entre aquelas propostas por Greenberg (1963).

Gráfico 3 – Ordens de constituintes em sentenças da Libras por grupo de informantes

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A ordem **SVO** identificada nas produções de todos os informantes foi a mais frequente em todos os grupos. A ordem **SOV** teve maior incidência que a ordem **OSV** nos grupos 1, 2, 4 e 5. Somente no grupo 3 ela foi menos frequente que a ordem **OSV**. A ordem **VSO** foi identificada nas sentenças produzidas por informantes dos grupos 1, 2, 3 e 5, constituídos por crianças surdas, FOPAS e surdos adultos. Todos os integrantes desses grupos tiveram a aquisição da Libras na infância, em período ideal. Já a ordem **VOS** ocorreu somente nos grupos 1, 2 e 3, que são constituídos por filhos de pais surdos, com aquisição da Libras na infância. O grupo 4, no qual não identificamos as ordens **VSO** e **VOS**, é composto por informantes surdos adultos, oralizados, filhos de pais ouvintes, com aquisição tardia da Libras.

Em percentuais, no grupo 1, em 25 sentenças analisadas, a ordem **SVO** foi identificada em 64% delas; a **SOV**, em 12%; a **OSV**, 8%; a **VSO**, 8% e a **VOS**, 8%. No grupo 2, em 126 sentenças analisadas, a **SVO** ocorreu em 69,8%; a **SOV**, em 10,3%; a **OSV**, em 9,5%; a **VSO**,

em 1,6%; e a **VOS**, em 0,8%. No grupo 3, os resultados foram: **SVO**, 84,2% das 101 sentenças analisadas; **SOV**, 5%; **OSV**, 7%; **VSO**, 3% e **VOS**, 1%. No grupo 4, encontramos para a ordem **SVO**, 86,4% das 88 sentenças analisadas; **SOV**, 9,1% e **OSV**, 4,6%. Já no grupo 5, a ordem **SVO** ocorreu em 90,4% das 73 sentenças analisadas; a **SOV**, em 5,5%; a ordem **OSV**, em 2,7%; e a ordem **VSO**, em 1,4%.

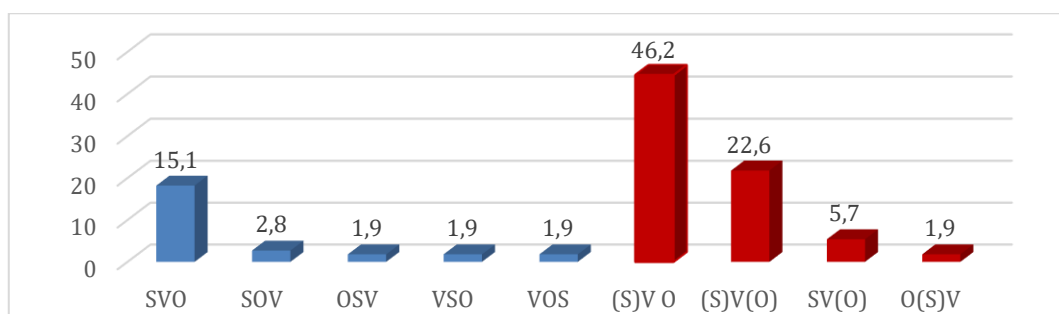
Algumas questões interessantes do gráfico 3 nos chamaram a atenção. As ordens **VSO** e **VOS** não foram identificadas no grupo 4, formado por surdos adultos fluentes, filhos de pais ouvintes, com aquisição tardia da Libras. A ocorrência da ordem **OSV** foi maior do que a **SOV** no grupo 3, constituído por surdos adultos, filhos de pais surdos, que adquiriram a Libras na infância. Nos demais grupos (1, 2, 4 e 5), a ordem **SOV** teve maior incidência que a ordem **OSV**. Um ponto interessante nesses contrastes é que as ordens **VSO** e **VOS**, que não foram encontradas no grupo 4, mantêm a relação **VO**. Portanto, o que parece variar é a posição de **S**, já que ele se encontra ora posposto ao verbo, entre este e o objeto (**VSO**); ora posposto ao verbo e objeto, nessa ordem (**VOS**).

Os informantes dos grupos 2, 4 e 5 têm certas características em comum: são todos adultos fluentes em Libras e oralizados. Os informantes dos grupos 4 e 5 possuem algumas similaridades: são surdos adultos fluentes em Libras, oralizados e filhos de pais ouvintes. Apenas uma questão os diferencia: os informantes do grupo 4 tiveram aquisição da Libras em período não ideal, enquanto o informante do grupo 5 adquiriu essa língua na infância, em período ideal. Já os informantes dos grupos 1, 2 e 3 possuem dois fatores em comum: todos são filhos de pais surdos e tiveram a aquisição da Libras em período ideal. Isso quer dizer que a Libras é sua língua materna, apesar de alguns deles serem oralizados e outros, não.

De acordo com o gráfico 3, nos dados dos adultos (informantes que compõem os grupos 2, 3, 4 e 5), a ordem de constituintes **SVO** foi a mais frequente, seguida das ordens **SOV** e **OSV**, respectivamente, enquanto as ordens **VSO** e **VOS** tiveram menor frequência. Nos dados das crianças surdas em estágios de aquisição, considerando as sentenças com todos os argumentos pronunciados, a ordem **SVO** foi a mais frequente, seguida das ordens **SOV** e **OSV**; e por fim, as ordens **VSO** e **VOS**. Tais resultados parecem confirmar a nossa hipótese de que sinalizantes fluentes tendem a apresentar com maior incidência as ordens **SVO**, **SOV** e **OSV**, sendo a ordem **SVO** a mais frequente.

Como mencionamos hipoteticamente, sinalizantes em estágios de aquisição tendem a apresentar, inicialmente, ordens com argumentos nulos como **(S)VO**, **SV(O)**, **O(S)V**, **(S)V(O)**, com maior frequência que ordens do tipo **SOV** e **OSV**. Nesse sentido, apresentamos no gráfico 5 a frequência dessas ordens nas produções das crianças surdas em estágios de aquisição.

Gráfico 4 – Ordens de constituintes encontradas nas produções das crianças surdas em estágios de aquisição em percentuais



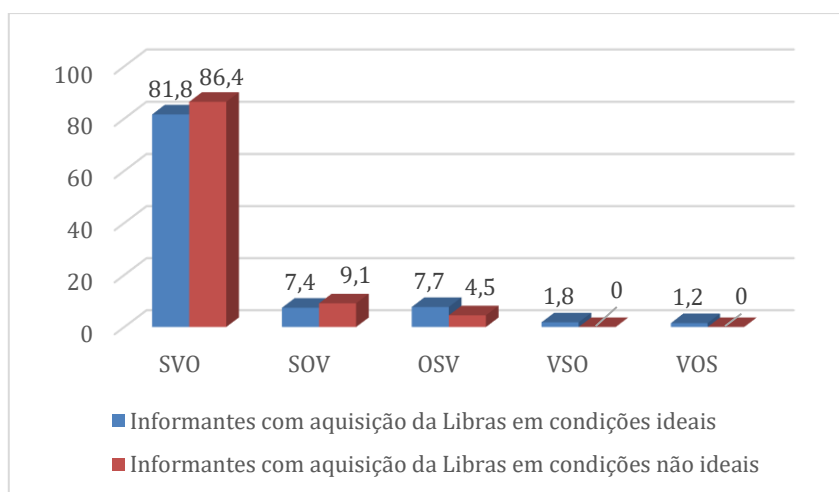
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Nas produções das crianças, foram analisadas 106 sentenças, entre aquelas com todos os argumentos pronunciados e aquelas com argumentos nulos. Considerando as ordens de constituintes com argumentos nulos, as encontradas nos dados das crianças foram: **(S)V O** (49 sentenças – 46,2%), **(S)V(O)** (24 sentenças – 22,6%), **SV(O)** (6 sentenças – 5,7%), **O(S)V** (2 sentenças – 1,9%). Em relação às ordens com todos os argumentos pronunciados, a **SVO** foi identificada em 16 sentenças (15,1%), a **SOV** em 3 sentenças (2,8%), a **OSV** em 2 sentenças (1,9%), a **VSO** em 2 sentenças (1,9%) e a ordem **VOS** em 2 sentenças (1,9%). De acordo com os dados, a frequência da ordem **O(S)V** não foi maior que as ordens **SOV** e **OSV**. No entanto, apesar de termos identificado uma maior frequência das ordens **(S)V O**, **(S)V(O)** e **SV(O)** em relação às ordens **SOV** e **OSV**, conforme mencionamos em nossa hipótese, chamamos a atenção ao fato de que as crianças surdas que participaram da nossa pesquisa não estão em estágios iniciais de aquisição. Ao contrário, os dados parecem indicar que elas já apresentam sentenças com estruturas gramaticais muito similares à gramática do adulto, conforme discutimos anteriormente. Nesse sentido, não tivemos dados suficientes para comprovar ou não a nossa hipótese, pois seria necessário coletar amostras de crianças surdas em estágios iniciais de aquisição, o que não foi possível em nossa pesquisa. Assim sendo, acreditamos que a ordem de constituintes nas sentenças produzidas por crianças surdas, em diferentes estágios de aquisição, é uma outra questão interessante que carece de mais investigações na Libras.

De acordo com os gráficos 3 e 4, a ocorrência de diferentes ordens de constituintes nas sentenças produzidas por nossos informantes, e a maior ou menor incidência de cada uma delas, parece corroborar a nossa hipótese de que as ordens de constituintes na Libras tendem a ser diversificadas, bem como a frequência com que elas ocorrem.

Analisando as ordens de constituintes encontradas na sinalização dos nossos informantes, considerando o período de aquisição da Libras – ideal ou não ideal –, o gráfico 5 nos mostra a ocorrência de cada uma delas.

Gráfico 5 – Ordens de constituintes identificadas em sentenças produzidas por informantes com aquisição da Libras em condições ideais e não ideais



Fonte: Elaborada pelas autoras.

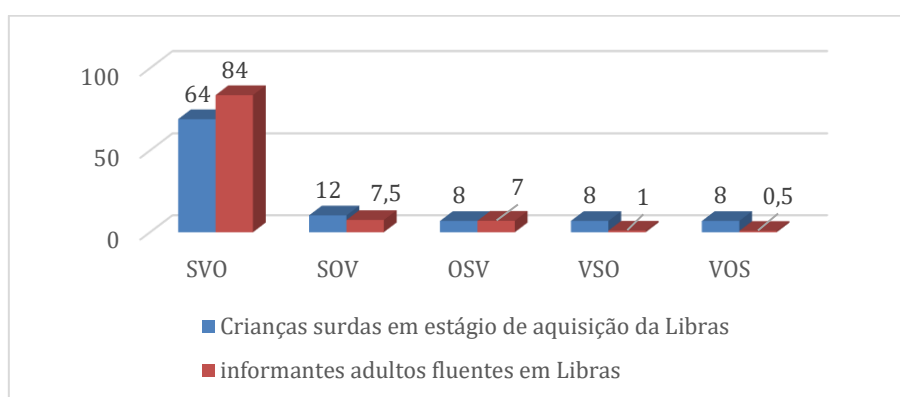
De acordo com os dados do gráfico 5, as ordens identificadas nas produções dos informantes com aquisição da Libras em condições ideais foram as seguintes: **SVO** (266 das 325 sentenças analisadas, 81,8%), **SOV** (24 - 7,4%), **OSV** (25 - 7,7%), **VSO** (6 - 1,8%) e **VOS** (4 - 1,2%). Já as ordens identificadas nas produções dos informantes com aquisição em condições não ideais foram: **SVO** (76 de sentenças 88 analisadas, que representa 86,4% das sentenças), **SOV** (8 - 9,1%) e **OSV** (4 - 4,5%). As ordens **VSO** e **VOS** não foram identificadas nas produções dos informantes com aquisição da Libras em condições não ideais. Tais dados mostram diferenças nas ordens de constituintes encontradas, bem como na frequência com que elas ocorreram, comparando-se os dois perfis de informantes. Essas ordens, como mencionamos anteriormente, mantêm a relação **VO**, e o que parece variar é a posição do sujeito (**S**). A posição de **S** parece ser um fator de flexibilização, e inversamente, a relação **VO** é mais rígida.

Vale ressaltar que os dados das crianças surdas em estágios de aquisição foram inseridos nessa análise. Isso se deve ao fato de que, apesar de não terem finalizado o processo de aquisição, elas estão adquirindo a Libras em período ideal e, segundo nossos dados, produzem as ordens de constituintes que os informantes adultos com aquisição em período ideal apresentaram, conforme mostramos no gráfico 3. Esse fato indica que as crianças surdas participantes da nossa pesquisa parecem apresentar uma gramática particular próxima à

gramática do adulto. Dessa maneira, os dados que apresentamos parecem corroborar nossa hipótese, quando defendemos que o período de aquisição da Libras – ideal ou não ideal –, pode determinar diferenças nas ordens de constituintes e na frequência com que elas ocorrem.

Em relação ao fator ‘estágio de aquisição’, o gráfico 6 nos mostra as ordens de constituintes identificadas nas sentenças produzidas pelas crianças surdas em estágios de aquisição e aquelas produzidas pelos informantes adultos fluentes (surdos e ouvintes).

Gráfico 6 – Ordens de constituintes identificadas em sentenças produzidas por crianças surdas em estágios de aquisição e informantes adultos fluentes



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Conforme observamos no gráfico 6, as ordens de constituintes com todos os argumentos pronunciados **SVO**, **SOV**, **OSV**, **VSO** e **VOS** foram identificadas tanto nas produções das crianças surdas em estágios de aquisição, quanto nas produções dos informantes adultos fluentes, com o predomínio da ordem **SVO**. Com base em nossos dados, o fator ‘estágio de aquisição’ parece não determinar diferenças nas ordens de constituintes quanto aos tipos encontrados nas sentenças da Libras. No entanto, chamamos a atenção para o fato de que as crianças surdas que participaram da nossa pesquisa não estão em estágios iniciais de aquisição, visto que já produzem sentenças com características bastante similares às aquelas produzidas por adultos fluentes. Nesse sentido, acreditamos que seria necessário observar o comportamento das ordens de constituintes em sentenças produzidas por crianças surdas em diferentes estágios de aquisição, iniciais e finais, compará-las entre si e com adultos fluentes. Dessa maneira, é possível obter dados mais consistentes, que possibilitem uma análise mais coerente, sobre a possibilidade ou não do fator ‘estágio de aquisição’ poder determinar diferenças nas ordens de constituintes, quanto aos tipos encontrados na Libras. Por outro lado, nossos dados parecem indicar que há diferenças na frequência com que as ordens ocorrem. Chegamos à essa conclusão

ao observarmos os percentuais de ocorrência de cada ordem, comparando ambos os grupos analisados.

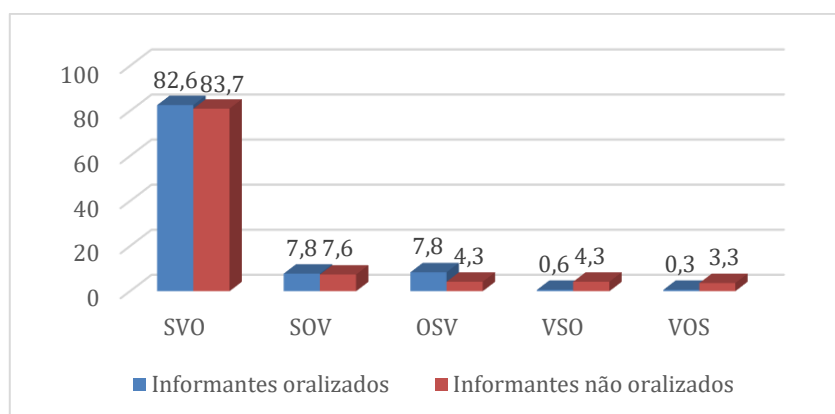
Nas produções das crianças em estágios de aquisição, foram identificadas, das 25 analisadas, 16 sentenças com a ordem **SVO** (64%), 3 sentenças com a ordem **SOV** (12%), 2 com ordem **OSV** (8%), 2 com ordem **VSO** (8%) e 2 com ordem **VOS** (8%). Nas produções dos informantes adultos fluentes, identificamos, entre as 388 sentenças analisadas, 326 sentenças com ordem **SVO** (84%), 29 com ordem **SOV** (7,5%), 27 com ordem **OSV** (7%), 4 com ordem **VSO** (1%) e 2 com ordem **VOS** (0,5%).

Apesar da ordem **SVO** ter sido a mais frequente em ambos os grupos, nas produções das crianças, de acordo com os dados, elas apresentaram, em proporção, um percentual consideravelmente menor para essa ordem, quando comparamos suas produções com as dos adultos (64% e 84%, respectivamente, ou seja, uma diferença de 20%). Nas sentenças com ordem **SOV**, também percebemos uma diferença na frequência, mas menos significativa (12% e 7,5%, para crianças e adultos, respectivamente, que corresponde a 4,5%). A frequência da ordem **OSV** foi de 8% nas produções das crianças e 7% nas sentenças dos adultos, uma diferença pouco significativa de 1%. Já nas ocorrências das ordens **VSO** e **VOS** percebemos algo interessante: a frequência de ambas foi significativamente maior nas produções das crianças do que nas produções dos adultos (8% para ambas as ordens, no caso das crianças; e, respectivamente, 1% e 0,5% nas produções dos adultos, representando uma diferença de 7% para a ordem **VSO** e 7,5% para a ordem **VOS**).

As diferenças identificadas nas frequências das ordens de constituintes, nas produções das crianças surdas e adultos fluentes, considerando o estágio de aquisição, nos fizeram levantar alguns questionamentos que julgamos interessantes: (a) As crianças surdas, ao alcançarem o estágio final da aquisição, atingindo a gramática adulta de sua língua, poderão apresentar uma maior incidência da ordem **SVO** - como notamos nos dados dos nossos informantes adultos fluentes - do que apresentam em outros estágios de aquisição? (b) Considerando a posição inicial do sujeito na ordem mais frequente, a **SVO**; sua ocorrência entre o verbo e o objeto, na ordem **VSO**; e após o verbo e objeto, na ordem **VOS** (ordens menos frequentes nas produções dos adultos), existirá alguma tendência de crianças surdas produzirem um maior número de sentenças posicionando o sujeito entre verbo e objeto, e após o verbo e o objeto, durante os estágios de aquisição? e (c) Após finalizada a aquisição da língua, as ordens **VSO** e **VOS** se tornam menos frequentes nas produções das crianças, como vimos nos dados dos adultos, dando lugar a um maior número de sentenças de outras ordens?

Em relação ao fator ‘oralização’, o gráfico 7 nos mostra as ordens de constituintes que ocorreram em sentenças produzidas por informantes oralizados e não oralizados.

Gráfico 7 – Ordens de constituintes em sentenças produzidas por informantes oralizados e não oralizados



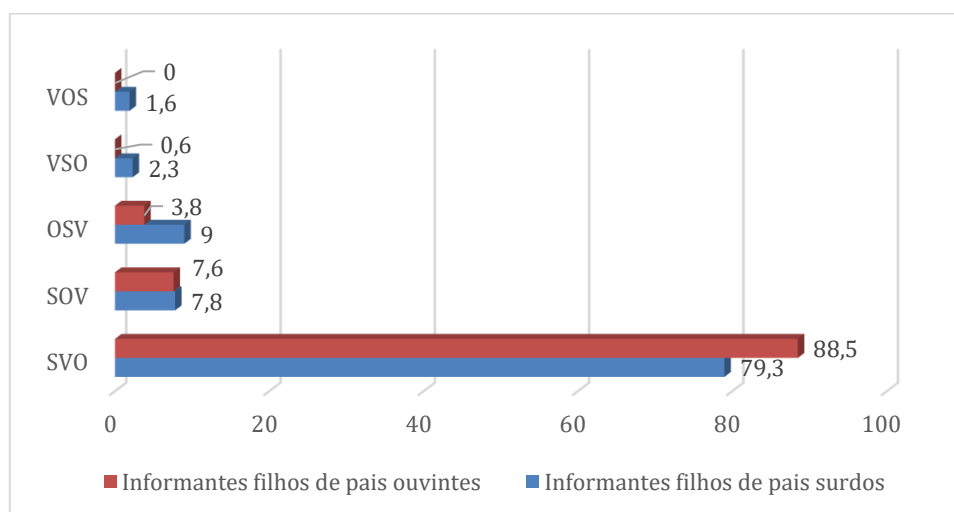
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Considerando o fator oralização, o gráfico 7 nos mostra que as ordens de constituintes **SVO**, **SOV**, **OSV**, **VSO** e **VOS** foram identificadas em ambos os grupos de informantes, oralizados e não oralizados. A ordem **SVO** ocorreu em 82,6% das sentenças produzidas por informantes oralizados, representando 265 de 321 sentenças analisadas; e em 83,7% daquelas produzidas por informantes não oralizados, 77 de 92 sentenças. As ordens **SOV** e **OSV** representam, respectivamente; 7,8% (25 sentenças) e 7,8% (25 sentenças) das produções dos informantes oralizados; enquanto os não oralizados produziram 7,6% (7 sentenças) e 4,3% (4 sentenças) das sentenças com essas ordens, respectivamente. As ordens **VSO** e **VOS** também apresentaram diferenças na ocorrência entre os informantes, representando, respectivamente, 0,6% (2 sentenças) e 0,3% (1 sentença) das sentenças produzidas por informantes oralizados; e 4,3% (4 sentenças) e 3,3% (3 sentenças), respectivamente, das sentenças produzidas por informantes não oralizados. A partir desses dados, concluímos que a oralização parece não determinar, especificamente, diferenças nas ordens de constituintes quanto aos tipos que ocorrem nas sentenças da Libras, já que informantes oralizados e não oralizados produziram todos os tipos de ordens identificadas em nossos dados. Em contrapartida, as diferenças nas ordens foram percebidas na frequência com que elas ocorreram, conforme mostramos acima, nos dados quantitativos, mesmo assim apresentando alteração mais significativa apenas entre as três ordens menos frequentes – **OSV**, **VSO** e **VOS**. Nesse sentido, os dados parecem

confirmar a nossa hipótese de que o fator ‘oralização’ pode determinar diferenças nas ordens de constituintes, na frequência com que elas ocorrem.

Em relação ao fator ‘perfil dos pais – surdos ou ouvintes –’, apresentamos, no gráfico 8, as ordens de constituintes nas sentenças produzidas por informantes filhos de pais surdos e filhos de pais ouvintes.

Gráfico 8 – Ordens de constituintes nas sentenças produzidas por informantes filhos de pais surdos e filhos de pais ouvintes



Fonte: Elaborada pelas autoras.

O grupo de informantes filhos de pais surdos está constituído por FOPAS adultos fluentes em Libras, crianças surdas em estágios de aquisição e surdos adultos fluentes, totalizando 6 participantes. No grupo de informantes filhos de pais ouvintes, temos 3 participantes, todos surdos adultos fluentes. Ao observarmos o gráfico 9, percebemos que as sentenças produzidas por nossos informantes apresentaram ordens de constituintes diversificadas, assim como foi diversa a frequência com que elas ocorreram. Os filhos de pais surdos produziram sentenças com as ordens **SVO** (203 de 256 – 79,3%), **SOV** (20 – 7,8%), **OSV** (23 – 9%), **VSO** (6 – 2,3%) e **VOS** (4 – 1,6%). Por outro lado, os filhos de pais ouvintes produziram sentenças com as ordens **SVO** (139 de 157 – 88,5%), **SOV** (12 – 7,6%) e **OSV** (6 – 3,8%) e **VSO** (1 – 0,6%). Dessa maneira, podemos concluir que há uma diferença interessante de 9,2% entre a quantidade de sentenças de ordem **SVO** produzidas por filhos de pais surdos e aquelas produzidas por filhos de pais ouvintes. A ordem **SOV** apresentou uma diferença, mas não tão marcante, pois representa somente 0,2%. A ordem **OSV** apresentou uma diferença de 5,2%; enquanto a ordem **VSO**, uma diferença de 1,7%. A ordem **VOS** só foi identificada nas

sentenças produzidas pelos filhos de pais surdos. Isso quer dizer que eles parecem trabalhar mais o sujeito, movendo-o para diferentes posições. Por outro lado, em nossos dados, os outros grupos parecem ser mais rígidos com o S. Mais uma vez, vemos o padrão **VO** preservado, e maior mobilidade de S. Como a ordem **VSO** ocorreu apenas com verbo simples e com concordância, e a ordem **VOS** somente com verbos simples, conforme mostramos no quadro 9; talvez o tipo de verbo pode exercer alguma influência na mobilidade do sujeito. Salientamos que são necessárias novas investigações, que busquem confirmar ou não essa questão.

Como as ordens **VSO** e **VOS** parecem não ser muito produtivas na Libras, ocorrendo com frequência bem menor que as ordens **SVO**, **SOV** e **OSV**, talvez o *input* influencie, em alguma medida, na marcação paramétrica realizada pela criança na infância, durante a aquisição. Nesse sentido, os filhos de pais surdos, sejam eles surdos ou ouvintes, que vivenciaram/vivenciam a aquisição da Libras em período ideal; podem ter maior probabilidade de receber, no *input*, as diferentes possibilidades de organização de constituintes nas sentenças da Libras, já que estiveram/estão em contato com essa língua diariamente, no convívio com seus pais. Dessa maneira, tais dados parecem confirmar a nossa hipótese de que o perfil dos pais – surdos ou ouvintes - pode determinar diferenças nas ordens de constituintes, bem como na frequência com que elas ocorrem.

Em relação às construções não lineares na Libras, como aquelas que envolvem simultaneidade com presença ou não de simetria e sincronismo nos articuladores manuais, identificamos várias delas, nas produções dos nossos informantes. As construções que envolvem preservação de sinal foram muito frequentes em nossos dados, e estiveram presentes em produções de todos os informantes. Nessas construções, identificamos um mecanismo de estruturação de sentença que nos permitiu estabelecer uma ordem de constituintes, como discutimos anteriormente. Por outro lado, em construções simultâneas, nas quais cada articulador manual executou, ao mesmo tempo, um sinal específico; não é possível estabelecer uma ordem de constituintes. As diferentes construções encontradas em nossos dados (sentenças lineares, construções simultâneas, construções com preservação de sinal), nos mostram que há distintos mecanismos sintáticos de estruturação de sentenças na Libras; e que em algumas delas, é possível estabelecer uma ordem de constituintes, enquanto em outras, não.

Quanto aos contextos sintáticos, que podem envolver topicalização e outras estratégias de construção de tópico, construções com foco, entre outros, identificamos diferentes ocorrências, tanto nos dados das crianças surdas, quanto nos dados dos adultos fluentes. Construções de tópico envolvendo distintas estratégias como anacoluto, topicalização e deslocamento à esquerda foram encontradas em produções de alguns informantes. Entre as

construções com foco, aquelas que envolvem foco de ênfase, nas quais constituintes aparecem duplicados em uma mesma sentença, foram as mais frequentes, e identificadas em produções de todos os informantes. Conforme demonstramos, em tais construções, foram identificadas diferentes ordens de constituintes, o que parece confirmar a nossa hipótese, que determinados contextos sintáticos parecem determinar a flexibilidade ou não da ordem de constituintes na Libras.

Como discutimos anteriormente, o uso de espaço tridimensional é extremamente marcante na Libras e esteve presente na sinalização de todos os informantes, inclusive nas produções das crianças em estágios de aquisição. O estabelecimento de pontos ou referentes no espaço de sinalização foi um dos mecanismos mais utilizados pelos sinalizantes para construir sentenças. Em muitas deles, houve grande similaridade, tanto nas produções das crianças quanto nas dos adultos. Isso nos mostra que essa propriedade paramétrica parece já ter sido adquirida pelas crianças em estágio de aquisição, informantes dessa pesquisa, de maneira consistente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou investigar a ordem de constituintes na língua brasileira de sinais (Libras), a partir de um estudo da sinalização de diferentes informantes. Utilizamos uma metodologia de caráter transversal, mista (naturalística e experimental), com abordagem qualitativa e quantitativa. Participaram da nossa pesquisa, informantes com diferentes perfis e idades.

Para realizar a coleta das amostras naturalísticas, foram apresentados aos informantes temas diversos, no intuito de estimular diálogos livres e mais informais em Libras. Para a coleta de amostras experimentais, realizamos dois testes. No primeiro, apresentamos verbos com diferentes características em Libras (verbos simples, verbos com concordância, verbos espaciais e verbos manuais), no intuito de observar o comportamento dos mesmos nas produções sinalizadas. No segundo teste, apresentamos uma sequência de imagens sem texto que possibilitou a produção de uma narrativa. Nosso objetivo foi observar as características das sentenças construídas. O registro das produções sinalizadas aconteceu por meio de gravação em vídeo, utilizando uma câmera profissional, e através do recurso de gravação da plataforma virtual Zoom.

A partir dos resultados obtidos, constatamos que a sintaxe espacial e a tridimensionalidade da Libras possibilitam diferentes construções envolvendo linearidade e simultaneidade nessa língua. Identificamos sentenças lineares, nas quais os constituintes se organizam de maneira sequencial; construções com preservação de sinal, nas quais a linearidade e a simultaneidade coocorrem no espaço de sinalização; e construções simultâneas, nas quais os constituintes são realizados ao mesmo tempo.

Nas sentenças lineares e nas construções com preservação de sinal, foi possível determinar uma ordem. Percebemos que a ordem de constituintes na Libras é flexível, e encontramos cinco das seis combinações possíveis de sujeito (S), objeto (O) e verbo (V) propostas por Greenberg (1963), considerando todos os argumentos pronunciados: **SVO**, **SOV**, **OSV**, **VSO** e **VOS**. Quando retiramos o sujeito dessas sentenças, observamos uma ampla frequência da estrutura **VO**, mas também encontramos estruturas **OV**. Isso quer dizer que a Libras possui os dois padrões: **VO** e **OV**. Nossos dados mostraram, portanto, que tanto o núcleo à direita quanto o núcleo à esquerda estão ativos nessa língua.

Entre as ordens destacadas, nas produções dos adultos a **SVO** foi a mais frequente, seguida das ordens **SOV** e **OSV**. As ordens **VSO** e **VOS** foram as que ocorreram com menor frequência, enquanto a ordem **OVS** não foi identificada em nossos dados. Nesse sentido, tais

dados parecem confirmar a nossa hipótese, que sinalizantes fluentes tendem a apresentar com maior incidência as ordens **SVO**, **SOV** e **OSV**, sendo **SVO** a mais frequente. Além das ordens com todos os argumentos pronunciados, encontramos sentenças com argumentos nulos e não pronunciados, nas produções das crianças e dos adultos, que geraram diferentes ordens: **SV**, **VO**, **OV**, **(S)OV**, **(S)VO**, **SV(O)**, **(S)V(O)**. Identificamos também sentenças com ordens diferentes daquelas propostas por Greenberg (1963) — **SVO^{tema}O^{alvo}**, **SPrdS**, e outras — que nos mostram outras possibilidades de ordenação de constituintes em sentenças da Libras.

Em relação à nossa hipótese, de que sinalizantes em estágios de aquisição tendem a apresentar, inicialmente, as ordens com argumentos nulos **(S)VO**, **SV(O)**, **O(S)V**, **(S)V(O)**, com maior frequência que ordens do tipo **SOV** e **OSV**, não foi possível confirmá-la, pois não conseguimos inserir em nossa pesquisa, crianças em estágios iniciais de aquisição da Libras, para então analisar suas produções e verificar a veracidade ou não da nossa hipótese. Nesse sentido, consideramos importantes e necessárias pesquisas que possam investigar o fenômeno da ordem de constituintes na Libras também nessas condições. Quanto à frequência com que as ordens de constituintes identificadas ocorreram nas sentenças analisadas, percebemos uma maior ou menor incidência de determinadas ordens nas produções dos nossos informantes, como discutimos anteriormente. Tais resultados parecem confirmar a nossa hipótese de que as ordens de constituintes na Libras, bem como a frequência com que elas ocorrem, tendem a ser diversificadas.

Ao analisarmos o período de aquisição da Libras — ideal ou não ideal —, concluímos que esse fator parece ser capaz de determinar diferenças nas ordens de constituintes e na frequência com que elas ocorrem nas sentenças da Libras. Por outro lado, nossos dados indicaram que o fator ‘estágio de aquisição’ parece não determinar diferenças nas ordens de constituintes quanto aos tipos encontrados, considerando todos os argumentos pronunciados. No entanto, esse fator parece influenciar na frequência com que as ordens ocorrem. Em relação à oralização e ao perfil dos pais dos informantes — surdos ou ouvintes —, nossos dados indicaram que a oralização parece não determinar, especificamente, diferenças nas ordens de constituintes quanto aos tipos encontrados nas sentenças da Libras, mas sim na frequência com que essas ordens ocorrem. Já o perfil dos pais parece determinar diferenças tanto nos tipos de ordens de constituintes, quanto na frequência com que elas ocorrem.

No tocante às construções não lineares, presentes em algumas produções dos nossos informantes, identificamos mecanismos sintáticos que possibilitaram uma estruturação de sentenças que parece não ser propriamente o de ordem, pois nelas os sinais foram executados simultaneamente, por ambas as mãos. Em algumas dessas construções, percebemos a

ocorrência da simultaneidade com simetria e sincronismo nos articuladores manuais, ou seja, ambas as mãos apresentaram os mesmos parâmetros fonológicos (configuração de mão, locação, movimento). Em outras, cada articulador manual executou um sinal específico, ao mesmo tempo. Nesse sentido, os dados encontrados parecem mostrar que existem diferentes mecanismos sintáticos de estruturação de sentenças. Em alguns, é possível estabelecer uma ordem, em outros, não.

Os contextos sintáticos de estruturação de sentenças analisados nesta pesquisa, envolvendo tipos de verbos, construções de tópico, construções com foco, a concordância, entre outros, indicam que parece haver uma relação entre eles e a flexibilidade ou não da ordem de constituintes na Libras. Em relação aos tipos de verbos, de acordo com os nossos dados, os verbos simples parecem ser os mais flexíveis na Libras, visto que licenciaram as cinco ordens encontradas (**SVO**, **SOV**, **OSV**, **VSO** e **VOS**), considerando todos os argumentos pronunciados. Os verbos com concordância, por sua vez, foram identificados em sentenças com as ordens **SVO**, **SOV**, **OSV** e **VSO**. Isso quer dizer que tais verbos apresentaram uma maior liberdade de ordenação nas sentenças, mas não mais que os verbos simples.

Os verbos espaciais foram identificados nas ordens **SVO**, **SOV** e **OSV**, consideradas as mais frequentes na Libras. Já os verbos manuais, segundo nossos dados, parecem ser os que mais apresentam restrições, pois foram identificados somente em sentenças com as ordens **SVO** e **OSV**. Algo interessante nos chamou a atenção, sobre as ordens **VSO** e **VOS**: a primeira foi identificada somente em sentenças envolvendo verbos simples e verbos com concordância; enquanto a segunda, somente em sentenças com verbos simples. A baixa frequência dessas ordens nas produções dos nossos informantes, considerando a quantidade de sentenças analisadas, nos fez refletir se realmente não há possibilidade de que elas ocorram com os demais tipos de verbos ou se existe algo a mais, na própria natureza dos verbos, que estabelece restrições. Dessa maneira, essas questões também constituem um tema interessante para novas investigações.

Quanto às construções de tópico, nas produções dos nossos informantes, identificamos sentenças com diferentes estratégias, considerando a tipologia apresentada por Pontes (1987) e discutida por Orsini e Vasco (2007). Foram identificadas construções de tópico com as estratégias anacoluto, topicalização e deslocamento à esquerda, nas quais encontramos diferentes ordens de constituintes. No caso das construções com a estratégia anacoluto, como nelas o tópico não estabelece nenhuma relação argumental com o verbo e, portanto, não exerce função sintática na sentença-comentário (ORSINI; VASCO, 2007), identificamos a ordem de constituintes a partir dos argumentos presentes na sentença-comentário. Nas construções com

topicalização, como o tópico se vincula a uma categoria vazia na sentença-comentário, e exerce uma função na oração, analisamos a ordem de constituintes considerando esse constituinte. Em construções com deslocamento à esquerda, verificamos as ordens dos constituintes dos argumentos da sentença-comentário, já que, em nossos dados, essas construções foram identificadas com pronome-cópia na sentença-comentário, vinculado ao tópico. Em relação às construções com foco, as mais frequentes nas produções dos nossos informantes foram as construções com foco de ênfase. Entre os elementos duplicados, encontramos verbos, advérbios, sintagmas, adjetivos, nomes. Em nossos dados, não identificamos nenhuma construção com foco contrastivo.

A análise dos nossos dados também nos mostrou que a ordem de constituintes parece ser um dos mecanismos de atribuição de Caso na Libras, assim como ocorre em algumas línguas orais. Como as funções sintáticas são estabelecidas nas sentenças pelo sistema de Caso, e tais funções são cruciais para nossa análise, abordamos esse tema em nossa discussão. No entanto, optamos por não discutir a atribuição de Caso em nossa pesquisa, pois, além de ser um tema bastante denso, ainda não sabemos claramente como essa atribuição acontece na Libras e parece não haver muitos trabalhos consistentes que tratam dessa temática nessa língua. Dessa forma, acreditamos que esse fenômeno constitui um profícuo e interessante campo para futuras pesquisas e investigações.

O Sistema de escrita de Libras (Sel), desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012; 2023), se mostrou uma ferramenta extremamente interessante para a realização da transcrição dos dados da nossa pesquisa. Utilizando esse sistema com foco nos aspectos fonético-fonológicos, foi possível perceber diferenças em sinais que possuem o mesmo significado, mas que apresentaram variações fonológicas no seu uso por diferentes falantes da Libras. Ademais, percebemos que essa escrita também pode ser utilizada com outras línguas de sinais, inclusive servindo como instrumento para identificar traços distintivos em sinais.

Investigar o fenômeno da ordem de constituintes produziu em nós inúmeras indagações. Além das que já mencionamos, uma das questões que não pudemos incluir nesta pesquisa, mas nos interessa saber, está relacionada a crianças surdas, filhas de pais ouvintes, com aquisição tardia da Libras. Quais ordens de constituintes poderemos encontrar nas sentenças produzidas por elas? O perfil dos pais dessas crianças (ouvintes) exerce alguma influência no processo de aquisição da ordem de constituintes da Libras? E o período de aquisição (não ideal), pode determinar alguma diferença nas ordens de constituintes das sentenças elaboradas por essas crianças, em relação às crianças surdas filhas de pais surdos? Essas e muitas outras perguntas foram surgindo durante o desenvolvimento desta pesquisa, considerando suas variáveis, as

construções encontradas, os diferentes perfis e idades dos informantes e as particularidades dos contextos de aquisição. Em relação às construções encontradas na Libras, acreditamos que as CS e as construções com preservação de sinal constituem um campo muito profícuo para o desenvolvimento de novas pesquisas. Parece não haver estudos aprofundados envolvendo esse tipo de construção na Libras. Do mesmo modo, os processos morfofonológicos e/ou morfossintáticos encontrados em nossos dados, a autossaturação de predicadores, a reversão de dominância, entre outros apresentados, também são carentes de investigação na Libras. Esperamos contribuir com as discussões no campo da sintaxe da Libras, gerando em outros pesquisadores o mesmo desejo e a mesma motivação que essa língua e os seus falantes produziram e seguem produzindo em nós.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. P. T.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. **O sinal e a estrutura argumental da Língua Brasileira de Sinais**. Revista Veredas, v. 18, n. 2, Juiz de Fora: UFRJ, 2014.
- AMARAL, M. A. et al. **Para uma gramática da língua gestual portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1994.
- ANDRADE, Alliny de Matos Ferraz. **Causatividade em Libras**. 108f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília – UnB. Brasília – DF. 2015.
- ANDREIS-WITKOSKI, Sílvia. **Introdução à Libras: língua, história e cultura**. Curitiba: UTFPR Editora, 2015.
- ARAÚJO, Nina Rosa Silva de. **A posição de sujeito em sentenças da Língua de Sinais Brasileira**. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2013.
- ARAÚJO, N.R.S.; SOUSA, A.M.; SILVA, S.M.S.O. **Sintaxe em libras: ordem dos constituintes em sentenças construídas por surdos de Rio Branco-Acre**. Revista Philologus, Ano 28, n. 82, Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./mai.2022.
- ARROTÉIA, J. **Papel do marcador ‘aceno de cabeça’ em sentenças não-canônicas**. Apresentação realizada em III Seminário Internacional Abralin, UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Rio de Janeiro. 2003.
- AUGUSTO, M.R.A. **Aquisição da linguagem na perspectiva minimalista: especificidade e dissociações entre domínios**. Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, 2007.
- BAIA, Maria de Fátima de Almeida. **Há tendência para agrupamento segmental em classes naturais no balbucio e nas palavras iniciais?** Gradus, Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório, Vol.1, nº1, dezembro de 2016.
- BAIA, Maria de Fátima de Almeida; AGUIAR, Jéssica Caroline Souza. **Forma e função no desenvolvimento fonológico: quando uma palavra é uma palavra**. Entrepalavras, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 166-189, jan-abr/2020.
- BAKER, C.; COKELY, D. **American sign language: a teacher’s resource text on grammar and culture**. [s.1., s.n] 1980.
- BARBOSA, I.M.; MATOS-CORREIA, D.R.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A.S.C. **Iconicidade e sintaxe espacial em Libras**. In: XIX COLÓQUIO NACIONAL/VII COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO E O XII SEMINÁRIO NACIONAL/II INTERNACIONAL DO HISTEDBR, 2022, Vitória da Conquista. Anais eletrônicos. Vitória da Conquista: Editora, 2022, Vol.14, Nº1. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/issue/view/340/showToc>. Acesso em: 03 março 2023.
- BELLUGI, U.; KLIMA, E. **Properties of Visuospatial Language**. In: Congress Sign Language Research and Application, Conference. Hamburg. Prielwitz (Ed.) 1990.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 26 out. 2022.

BRENNAN, M. 1992. **The Visual World of BSL**: An Introduction by Mary Brennan, in D. Brien (editor) Dictionary of British Sign Language/English. London: Faber and Faber, 1992.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática da língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CANÇADO, M. **Argumentos**: complementos e adjuntos. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 53, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1676>. Acesso em: 20 jan. 2024.

CASTAÑO, D.X.R. **La expresión de las relaciones espaciales em la lengua de señas colombiana**. Maestría en Lingüística – Facultad de Comunicaciones, Medellín, 2020, 137p.

CVEJANOV, S.; CURIEL, M. **Sintaxis y simultaneidad en lengua de señas argentina**: una aproximación descriptiva. Revista de Lengua y Literatura. N. 34. 2006 (99-112p.).

CHOMSKY, Noam. **Syntactic structures**. The Hague: Montauin, 1957.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Teory of Syntax**. Cambridge, Massachucetts: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. **Remarks on Nominalization**. In Jacobs, Roderick A. and Rosenbaum, Peter S. (eds.), Readings in English Transformational Grammar, 184-221. Boston: Ginn, 1970.

CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. The Pisa Lectures. Foris Publications. Dordrecht. 1981.

CHOMSKY, N. **Knowledge of Language**. Praeger. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, N.; LASNIK, H. **Principles and parameters theory**. In: GRUYTER, W. de (ed). Syntax: an international handbook of contemporary research. Berlim, 1993.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. MIT Press. 1995.

CHOMSKY, N. **O Programa Minimalista**. Trad. de Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.

CHOMSKY, N. **Estruturas Sintáticas**. Traduzido por Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi. Editora Vozes: Petrópolis, 2015.

CIRILLO, R. **Locative Sentences in Signed and Vocal Languages: A Comparison.** Academia Letters. Academia Letters, August, 2021.

CORREA, L.M.S. **Aquisição da linguagem:** uma retrospectiva dos últimos 30 anos. In: D.E.L.T.A., vol. 15, N.º Especial. Rio de Janeiro: PUC, 1999 (339-383).

CORREIA, M. **O léxico na economia da língua.** Ciência da Informação - Vol 24, número 3. Lisboa, 1995.

COSTA, M.B; FRANCO, I.F. **A concepção platônica da alma.** Departamento de Filosofia, PUC-Rio: 2008.

DESCARTES, R. **Oeuvres de Descartes** (publiées par Charles Adam & Paul Tannery, 11 vol.) Paris: Vrin, 1996.

DIAS, A. F. A. **A construção de tópico na língua de sinais brasileira:** uma abordagem psicolinguística. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015, 303p.

DIK, S. **Gramática funcional.** Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1978.

DRYER, M. S; HASPELMATH, M. (Eds.), 2013. **The World Atlas of Language Structures Online.** Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível em: <http://wals.info/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

DUARTE, I. **Língua portuguesa:** instrumentos de análise. Lisboa: Universidade Aberta, 2003.

ELAN. **The language archive.** [S.d.] ELAN é uma ferramenta profissional para a criação de anotações complexas em recursos de vídeo e áudio. Disponível em: <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

ENGBERG-PEDERSEN, E. **Space in Danish Sign Language.** The Semantics and Morphosyntax of the Use of Space in a Visual Language. International Studies on Sign Language Research and Communication of the Deaf, vol. 19. Hamburg: Signum Verlag, 1993. 406 pp.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. de; CORREIA, M. **Um olhar sobre a morfologia dos gestos.** Lisboa: UCP, 2011.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces:** Aspects of meaning construction in natural language. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.

FELÍCIO, M.D. **ELAN (Eudico Language Annotator):** Ferramenta para transcrição de dados LIBRAS/Português – um estudo piloto. Instituto Federal de Santa Catarina. SEPEI, 2014. Disponível em: <https://eventoscientificos.ifsc.edu.br/index.php/sepei/sepei2014/paper/viewFile/406/526>. Acesso em: 24 de março de 2022.

FELIPE, T.A. A estrutura frasal na LSCB. *In: Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife: 1989.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA, G.A. **Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira**. 2013. 101p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

FERREIRA, G.A; NAVES, R.R. **Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira (LSB)**. Revista Veredas: Sintaxe das Línguas Brasileiras, v. 18, n.1. Juiz de Fora: UFRJ, 2014.

FERREIRA, Hely César. **A estrutura argumental e a voz reflexiva e reflexiva recíproca na Língua de Sinais Brasileira**. 2021. 229 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

FINGER, Ingrid. A abordagem conexionalista de aquisição da linguagem. *In: QUADROS, Ronice Müller de; FINGER, Ingrid (org.). Teorias de aquisição da linguagem*. 3. ed. Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2017, v.1, p.127-144.

FISCHER, S. **Verb inflections in American Sign Language and their acquisition by the deaf child**. Paper presented at the Winter Meeting of the Linguistic Society of America. [s.l.,s.n.], 1973.

FISCHER, S. Influences on verb order change in American sign language. *In: LI, Charles (ed.). Word order and word order change*. University of Texas Press, 1975.

FISCHER, S.; GOUCH, B. Verbs in American Sign language. **Sign Language Studies**, 18: 17-48, 1978.

FONSECA, A.A; BRANDÃO, A.C.M; SILVA, A.C.O. **Prosódia e sintaxe: um estudo perceptivo sobre estruturas de tópico e sujeito no português brasileiro**. Diadorim, Revista 17, vol.2, p.90-106. Rio de Janeiro, 2015.

FRIEDMAN, Lynn. **Space and time reference in American Sign Language**. Language v. 51, n.4, 1975.

FRIEDMAN, L.A. The manifestation of subject, object and topic in American Sign Language. *In: LI, Charles N. (ed.). Word order and world order change*. Austin: University of Texas Press, 1976.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

GREENBERG, J. H. **Universals of language**. Cambridge: MIT Press, 1963.

GROLLA, Elaine. **Aquisição da linguagem**. Florianópolis: CCE, 2009.

GROLLA, Elaine; SILVA, M. C. F. **Para conhecer Aquisição da Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

HALE, K.; KEYSER, S. J. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. *In: The view from Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger, Kenneth Hale and Samuel Jay Keyser*, eds. Cambridge, Mass: MIT Press, 1993, p. 53-109.

HALE, K.; KEYSER, S. J. Conflation. *In: HALE, K.; KEYSER, S. J. Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2002, p. 47-103.

HOFFMEISTER, Robert James. **Word order in the acquisition of ASL**. Ms. Boston University. 1978.

KARNOPP, L. Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: um estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Instituto de Letras e Artes, PUCRS, 1994.

KATO, M. **Sintaxe e aquisição na teoria de princípios e parâmetros**. Letras de Hoje. Porto Alegre, 1995, v.30, n°4, p.57-73.

KATO, M. Teoria sintática: de uma perspectiva de "-ismos" para uma perspectiva de "programas". **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 1997.

KENEDY, Eduardo; LIMA, Ricardo. **Linguística II**. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2013. 264 p.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de Linguística Gerativa**. 1ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

KLIMA, E. S.; U. BELLUGI. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KRISTEVA, J. **História da Linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1969.

LABORIT, E. **O vôo da gaivota**. São Paulo, Ed. Best Seller/Círculo do Livro, 1994.

LANGACKER, R.W. **A linguagem e sua estrutura**. Alguns conceitos linguísticos fundamentais. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.

LAVRAS, E.S.S.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. **Aspectos da categorização de nome e verbo em Libras**. Revista Signótica. 2020, v.32: e 60885.

LENNENBERG, E. H. **Biological foundations of language**. New York: Wiley. 1967.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. **Revel**, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Componentes articulatórios da Libras e a escrita SEL (Libras articulatory components and SEL writing). **Estudos da Língua(gem)**, [S.l.], v. 17, n.

2, p. 103-122, jun. 2019. ISSN 1982-0534. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5338>. Acesso em: 18 ago. 2021. doi: <https://doi.org/10.22481/el.v17i2.5338>.

LESSA-DE-OLIVEIRA. **Escrita SEL** – Sistema de Escrita para Língua de Sinais. [Blog Internet]. Vitória da Conquista, Brasil. Disponível em: <http://sel-libras.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 de março de 2022.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. **Por uma modalidade escrita da Libras**: estrutura frasal e sinalização, a estrutura fonológica do sinal e a escrita Sel. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, Coleção Linguística em Rede, v. 9, 2023.

LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra A. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, Charles N. (ed.). **Subject and topic**. New York: Academic Press Inc, 1976.

LIDDELL, S. **American sign language syntax**. The Hague: Mouton, 1980.

LIDDELL, S. Four Functions of a Locus: Reexamining the Structure of Space in ASL. In: **Sign Language Research - Theoretical Issues**. Gallaudet University Press. Washington. p. 176-200. 1990.

LIDDELL, S. Real, Surrogate, and Token Space: Grammatical Consequences in ASL. In: **Language, Gesture, and Space**. (Karen Emmorey & Judy Reilly editors) Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. Hillsdale, New Jersey. 1995. 19-42.

LIDDELL, S. K. El uso del espacio en las lenguas de señas: um marco teórico. **Revista Lengua y Habla**, v. 12, 1996.

LIDDELL, S. **Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LILLO-MARTIN, D. C. **Parameter setting**: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International. Ann Arbor. Michigan. 1986.

LIMA-SALLES, H.M.M.; NAVES, R.R. **Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.

LIRA, Magnolia de Souza. **Ordem dos termos em estruturas oracionais na língua de sinais brasileira**: um estudo em narrativas infantis. 2014. 133 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

LOCKE, J. L. **The child's path to spoken language**. Harvard University Press, 1993.

LOEW, R. **Roles and reference in American Sign Language**: a development perspective. Doctoral Thesis. University of Minnesota, 1984.

LOPES, R. Aquisição da linguagem: novas perspectivas a partir do programa minimalista. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. Universidade de Campinas, 2001.

LÓPEZ, E.M.; VARELA, C.R.; GARCÍA, N.B. El orden de los constituyentes em los enunciados declarativos de la lengua de signos española (LSE). Uma perspectiva funcionalista. *In: Anuari de Filologia*. Estudios de Linguística, p.77-121, 2/2012.

LOURENÇO, G.; SILVA, G.M. **Verbos manuais em Libras**: uma análise sob a perspectiva da incorporação. Anais do IX Congresso Internacional da Abralín. Vol. 3. Belém: 2015.

LOURENÇO, G. A assimetria entre verbos de concordância e verbos simples em Língua Brasileira de Sinais. **Revista Entrepalavras**: revista de linguística do Departamento de Letras Vernáculas da UFC, 2017, v.7, n. 2, p.15-37.

LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Trad. De Maria W. Averborg e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MARTINET, A. **Elements de Linguistique Générale**. Paris: Lib. Armand Colin [trad. port. Elementos de Linguística Geral, 9ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1993].

MASSONE, M. I.; CURIEL, M. **Sign order in Argentine Sign Language**. Sign Language Studies, 5/4:63- 93, 2004.

MEIER, R. **A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language**. University of California, San Diego and The Salk Institute for Biological Studies. April. 1980.

MIOTO C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Novo manual de sintaxe**. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

MORAES, J.; ORSINI, M. T. Análise prosódica das construções de tópico no português do Brasil: estudo preliminar. **Letras Hoje**, Porto Alegre. v. 38, n. 4, p. 261-272, dez. 2003.

MORALES-LÓPEZ, E. et al. Ordem das palavras e funções informativas (Tópico e Foco) em Língua de Sinais Espanhola. **Journal of Pragmatics**, p. 474-489, 2011.

NAKANISHI, K. The influence of Japanese word order on Japanese Sign Language. *In*: Brennan, M. y G. H. Turner (ed.). **Word-order issues in sign language**. Working papers, pp. 171-192, The International Sign Linguistics Association, University of Durham, Durham, UK, 1994.

NAPOLI, Donna Jo; SUTTON-SPENCE, Rachel; QUADROS, Ronice Müller de. Influence of predicate sense on word order in sign languages: Intensional and extensional verbs. **Language**, v. 93, n. 3, set, 2017, p. 641-670.

NARANJO, L. F. **La expresión del tiempo en la lengua de señas colombiana**. Universidad de Antioquia, 2014.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**: with a new foreword. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

ORSINI, M. T.; VASCO, S. L. **Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito**. Diadorim (Rio de Janeiro), v. 2, p. 83-98, 2007.

PADDEN, C. **Interaction of Morphology and Syntax in ASL**. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. 1983.

PADDEN, C. **The relation between space and grammar in ASL verb morphology**. In: Sign Language research – theoretical issues. Washington: Gallaudet University Press, 1990. p.118-132.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Sintaxe do Português I**. Resumos III. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo: 2017.

PEREIRA, M. C. da C. et al. **Libras: conhecimento além dos sinais**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PETRONIO, Karen. **Clause Structure in American Sign Language**. Ph.D. Dissertation, University of Washington. 1993.

PETRONIO, Karen; LILLO-MARTIN, Diane. **Wh-Movement and the Position of Spec CP: Evidence from American Sign Language**. Language 73: 18-57. 1997.

PETITTO, L. **On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronouns in American Sign Language**. In Cognition Elsevier Science Publisher B.V. V.27. 1987.

PETITTO, L.; BELLUGI, U. **Spatial Cognition and Brain Organization: Clues from the Acquisition of a Language in Space**. In Spatial Cognition: Brain Bases and Development Siles-Davis, Mark Krijchevsky and Ursula Bellugi (Eds.) Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1988, p.299-325.

PETITTO, L.; MARENTETTE, U. **Babbling in the Manual Mode: Evidence for Ontogeny of Language**. In Science. V.251. American Association for the Advancement of Science, 1991.

PIZZIO, Aline Lemos. **A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construções com tópico e foco**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

PIZZIO, A. L. et al. **Língua Brasileira de Sinais III**. Material didático do curso de Letras LIBRAS a distância. (Revisado), Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisIII/assets/263/TEXT0_BASE_-_DEFINITIVO_-_2010.pdf

PIZZIO, A. L.; de QUADROS, R. M. **Aquisição da língua de sinais**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/aquisicaoDeLingua>

DeSinais/assets/748/Texto_Base_Aquisi_o_de_l_nguas_de_sinais_.pdf. Acesso em: 08 nov. 2022.

PONTES, Eunice. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Pontes, 1987.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de. **A estrutura frasal da língua brasileira de sinais**. In: II Congresso Nacional da Abralín, 1999. Florianópolis. Anais do II Congresso Nacional da Abralín. Florianópolis, UFSC, 2000.

QUADROS, R. M. Gramática da língua de sinais brasileira: os diferentes tipos de verbo e suas repercussões na sintaxe. **Revista Anpoll**, Vol. 1, Nº 16. 2004, p. 289-320.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; RESENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais II**. Tópicos de linguística aplicados à Língua de Sinais: Sintaxe. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão (CCE) e Centro de Educação (CED). Licenciatura em Letras/Libras na Modalidade a Distância, 2008. Disponível em: Acesso em: jun. 2022.

QUADROS, R. M. **Sintaxe das línguas gestuais**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019. 190p. (Linguística para o Ensino Superior).

QUINTO, D. G. **Word order in Mexican sign language** (LSM: Lengua de señas mexicana). Texas: University of Austin (trabajo sin publicar), 1999.

RAMOS, C.R. **Libras: A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros**. Projeto Educação Especial Inclusiva "Módulo Avançado"/Manual do Aluno. Rio de Janeiro: SETRAB / IPPP, 2002.

RAPOSO, E. **Teoria da Gramática: A faculdade da linguagem**. Lisboa: Ed. Caminho, 1992. 527 p.

ROSA, M.C. **As línguas esquecidas: a Linguística repercutia o espírito da época**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Linguística I, Arquivo-17, 2020.

ROYER, Miriam. **Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do corpus da grande Florianópolis**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2019, 152p.

RUTKOWSKI, P.; LOZINSKA, S. Argumento e linearização numa gramática tridimensional: uma perspectiva tipológica da ordem das palavras em Língua de Sinais Polaca (PJM). **Journal of Universal Language**, 17-1, p.109-134, 2016.

SÁNCHEZ, S.V. Iconicidad y metáfora en la lengua de señas uruguaya. **Revista de Estudios de Lenguas de Signos REVLES**, 3. 2021, p. 50-76.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1913].

SCARPA, E.M. Aquisição da linguagem. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (ORG.). **Introdução à lingüística 2**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 203-232.

SCHICK, B. Classifier predicates in American Sign Language. **International Journal of Sign Linguistic**, 1, 1990, p. 15-40.

SELL, Sergio. **Chomsky e o inatismo cartesiano**. Working papers em Linguística, UFSC, n.6, 2002.

SOUSA, D. Um olhar sobre os aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais. **Revista Littera Online**, nº 2, v. 1, p.88-100. São Luís, 2010.

SOUZA, G. L. **Concordância, Caso e Ergatividade em Língua de Sinais Brasileira**: uma Proposta Minimalista. 2014. 161 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SOUZA, G.L.; DUARTE, F.B. **Caso e concordância em Língua Brasileira de Sinais**: Investigando verbos de concordância regular e verbos de concordância reversa. Veredas: Revista de Estudos Linguísticos. Vol.18 (1), Juiz de Fora, 2014.

STEINBACH, M.; PFAU, R. (2007). Grammaticalization of Auxiliaries in Sign Languages. In: PERNISS, P.; PFAU, R.; STEINBACH, M. (ed.). **Visible Variation: Comparative Studies on Sign Language Structure**. Berlin: Mouton de Gruyter, pg. 303-339.

STOKOE, William L. Casterline, Dorothy C.; Croneberg, Carl. **A dictionary o American Sign Language on Linguistic Principles**. First publication 1965. 2 ed. WDC: Silver Sprping. MD Linstok Press, 1976.

STROBEL, K.; FERNANDES, S. **Aspectos Linguísticos da Libras**: Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: http://www.librasgerais.com.br/materiais_inclusivos/downloads/Aspectos-linguisticos-da-LIBRAS.pdf Acesso em: 05/10/2022. SEED/SUED/DEE, 1998.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos**. Florianópolis, 2009.

SYAVOSHI, Sara. **Manual simultaneity in Persian Sign Language**. Master Thesis (Department of Linguistics) - Radboud University Nijmegen, 2009, 48p.

VALLI, C. et al. **Linguistics of American Sign Language**: an introduction. Gallaudet University Press, 2011.

VERMEERBERGEN, M.; LEESON, L.; CRASBORN, O. **Simultaneity in Signed Languages**: Form and Function. Amsterdam: John Benjamins, 2007 a.

VERMEERBERGEN, M.; LEESON, L.; CRASBORN, O. **Simultaneity in Signed Languages**: A string of sequentially organised issues. In: *Simultaneity in Signed Languages* (pp.1-25). Dublin, 2007.

ANEXO

ANEXO A - Sequência de imagens utilizada para a realização do teste 2 (Produção de narrativa)

